



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**



JOÃO BATISTA VICENTE DO NASCIMENTO

**TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA NO BRASIL A PARTIR DO
SÉCULO XX: DO PENTECOSTALISMO AOS BATISTAS TRADICIONAIS NO
SUDOESTE BAIANO**

**JOÃO PESSOA – PB
2022**

JOÃO BATISTA VICENTE DO NASCIMENTO

**TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA NO BRASIL A PARTIR DO
SÉCULO XX: DO PENTECOSTALISMO AOS BATISTAS TRADICIONAIS NO
SUDOESTE BAIANO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências das Religiões.

Linha de Pesquisa: Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos.

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti

**JOÃO PESSOA – PB
2022**

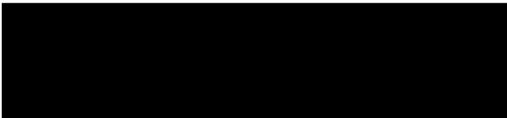
JOÃO BATISTA VICENTE DO NASCIMENTO

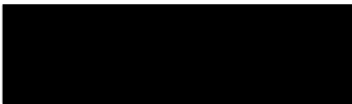
**TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA NO BRASIL A PARTIR DO
SÉCULO XX: DO PENTECOSTALISMO AOS BATISTAS TRADICIONAIS NO
SUDOESTE BAIANO**


Prof. Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti
(Orientador/PPGCR/UFPB)


Profa. Dra. Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Membro-externo/UNEB)


Prof. Dr. Everton Nery Carneiro
(Membro-externo/UNEB)


Prof. Dr. Paulo Cezar Borges Martins
(Membro-externo/UNEB)


Prof. Dr. Lusival Antônio Barcellos
(Membro-interno/UFPB)

Aprovada em 25 de agosto de 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244t Nascimento, João Batista Vicente do.

Teologia da prosperidade e política no Brasil a partir do século XX : do pentecostalismo aos batistas tradicionais no sudoeste baiano / João Batista Vicente do Nascimento. - João Pessoa, 2022.
292 f. : il.

Orientação: Carlos André Macêdo Cavalcanti.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Teologia. 2. Reforma protestante. 3. Política. I. Cavalcanti, Carlos André Macêdo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 2(043)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem confio e encontro paz. Quando olho a natureza ao meu redor e percebo as minhas limitações, mais eu sinto o seu poder. Obrigado Deus por sua eterna bondade.

Aos meus pais, Claudionor Vicente do Nascimento e Lindaura Rosário do Nascimento (*in memoriam*), pela iniciativa de deixar a zona rural rumo à cidade pra colocar os filhos pra estudar. Há mãe, como eu gostaria que antes óbito tivesses a oportunidade de ler e escrever!

À minha esposa Dulciane Figueira (Dulce), parceira e companheira de mais de 30 anos de convivência. Eu não chegaria até aqui sem a sua compreensão, paciência e dedicação em suprir minhas ausências. Reafirmo publicamente o meu amor por você.

Aos meus filhos, Gustavo, Pedro e João. Vocês me ajudaram a entender melhor o sentido da vida. Meu eterno amor.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos. É muito, muito bom ter uma família tão especial assim.

Aos professores, Dra. Sandra Célia, Dr. Everton Carneiro, Dr. Lusival Barcellos pelas preciosas contribuições na minha Qualificação e pela presença na banca de defesa. À Dra. Elizete da Silva que em muito contribuiu na Qualificação, e não menos importante, Dr. Paulo Cezar Martins, que me concede a hora de estar presente na banca final.

Ao Professor Dr. Carlos André. Não encontrei apenas um orientador, mas, um amigo irmão com quem divido essa caminhada em momento tão importante da minha vida.

Aos coordenadores, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela dedicação e comprometimento com o curso.

Aos colegas de curso pela amizade e companheirismo nessa importante caminhada.

Aos colegas de trabalho profs. Dr. João Reis Novais, Dr. Jairo Carvalho, Dra. Gabriela Rocha por dividir ideias e demonstração de cuidado para que minha jornada fosse mais leve.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas - Caetitê-Ba, e ao Colegiado de História pela concessão da licença.

Ao Núcleo de História Social e Práticas de Ensino – NHIPE, através dos seus membros pesquisadores com os quais divido parte das minhas pesquisas e publicações.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde – GEPERCS, através da Profa. Sandra Célia, entusiasta pesquisadora do campo religioso e responsável pelo convite que me fez integrar esse grupo levando-me à pesquisa que ora se apresenta.

À José Renildo Guimarães, presidente da ABASB, pelo acesso às informações.

Aos participantes das igrejas da ABASB por responder aos questionários da pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

ABASB	Associação Batista do Sudoeste da Bahia
AD	Assembleia de Deus
ASTE	Associação de Seminários Teológicos Evangélicos
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBBA	Convenção Batista Baiana
CBN	Convenção Batista Nacional
CEPICR	Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões
DCH	Departamento de Ciências Humanas
EBD	Escola Bíblica Dominical
EUA	Estados Unidos da América
GEPERCS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal da Bahia
IMPD	Igreja Mundial do Poder de Deus
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
JJJ	Jerusalém – Jordão - João
NABA	Associação dos Batistas Americanos
NHIPE	Núcleo de História Social e Práticas de Ensino
OMS	Organização Mundial de Saúde
PSC	Partido Social Cristão
RR Soares	Romildo Ribeiro Soares
SIB	Segunda Igreja Batista de Vitória da Conquista
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
VPC	Vencedores Por Cristo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igrejas Cristãs.....	53
Figura 2: Carro com adesivo “Foi Deus quem me deu”	84
Figura 3: Carro com adesivo “Presente de Deus”	85
Figura 4: Carro com adesivo “Eu sonho e Deus realiza!”	85
Figura 5: Questão 09 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	91
Figura 6: Cessão de encerramento do <i>impeachment</i> Dilma Rousseff.....	116
Figura 7: Igreja da Rua Azusa e William Seymour.....	151
Figura 8: 1º Templo da Assembleia de Deus no Brasil.....	161
Figura 9: Templo da Congregação Cristã no Brasil (primeira onda).....	165
Figura 10 – Templo da Igreja Assembleia de Deus (primeira onda).....	165
Figura 11: Templo Igreja do Evangelho Quadrangular (segunda onda).....	166
Figura 12: Templo Igreja Pentecostal Deus é Amor (segunda onda).....	166
Figura 13: Templo Igreja Universal do Reino de Deus (terceira onda).....	167
Figura 14: Templo Igreja Internacional da Graça de Deus (terceira onda).....	167
Figura 15: Templo Igreja Mundial do Poder de Deus.....	169
Figura 16: Interior do Templo da IUD.....	171
Figura 17: Casa da Benção a Igreja da Família.....	178
Figura 18: Igreja Pentecostal Vale da Benção.....	179
Figura 19: Igreja Evangélica Guarda de Israel.....	179
Figura 20: Igreja Pentecostal Vasos do Oleiro.....	179
Figura 21: Igrejas Universal e Batista Lírio dos Vales.....	179
Figura 22: Igreja Frutos de Deus Transformando Vidas.....	180
Figura 23: Mapa com panorama da localização de igrejas próximas.....	180
Figura 24: Igreja Evangélica Brilho da Paz.....	181
Figura 25: Igreja Evangélica Santidade ao Senhor.....	181
Figura 26: Igreja Evangélica Pentecostal Adonai.....	181
Figura 27: Igreja Eterna Água da Vida.....	181
Figura 28: Igreja Internacional de Adoração e Avivamento.....	182
Figura 29: Assembleia de Deus Ministério Formosa.....	182
Figura 30: Igreja Pentecostal Ardendo em Fogo.....	182
Figura 31: Igreja Evangélica das Nações Altar em Chamas.....	182

Figura 32: Bola de Neve Church.....	183
Figura 33: Plenitude Church.....	183
Figura 34: Santo Nome Church.....	183
Figura 35: Primeira Edição do Baptista Bahiano ano de 1923.....	238
Figura 36: Tertuliano da Silva Gusmão.....	244
Figura 37: Bíblia de Tertuliano da Silva Gusmão.....	245
Figura 38: Interior da Bíblia de Tertuliano da Silva Gusmão.....	245
Figura 39 Imagem dos membros e primeiro templo Batista em Vitória da Conquista – 1905.....	247
Figura 40: Foto do atual templo da Primeira Igreja Batista.....	249
Figura 41: Ata de fundação da Segunda Igreja Batista.....	252
Figura 42: Lista de membros fundadores da SIB.....	253
Figura 43: Templos da Segunda Igreja Batista.....	256
Figura 44: Prédio da SIB.....	257
Figura 45: Templo da Segunda Igreja Batista.....	258
Figura 46: Mapa regional.....	260

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fundamentos Religiosos do Ascetismo Laico.....	56
Quadro 2: Frases coladas nos carros.....	84
Quadro 3: Ciência da Religião ou Ciências das Religiões?.....	104
Quadro 4: Dezesete definições de religião.....	105
Quadro 5: Ondas de igrejas pentecostais.....	164
Quadro 6: Igrejas registradas em cartório.....	168
Quadro 7: Nomes de igrejas localizadas em Vitória da Conquista – Ba.....	184
Quadro 8: Áudio e dimensão visual.....	196
Quadro 9: O desenvolvimento da Dissidência no século XVII.....	215
Quadro 10: Princípios da Teologia Batista no Século 17.....	218
Quadro 11: Princípios da Teologia Batista Americana.....	221
Quadro 12: Fases do nacionalismo e movimentos antissionários.....	232
Quadro 13: Mapa Estratégico CBBA.....	239
Quadro 14: Municípios com Igreja da ABASB.....	261
Quadro 15: Questão 6 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	263

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A Reforma Protestante vista por teóricos brasileiros.....	62
Tabela 2: Questão 10 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	92
Tabela 3: Questão 12 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	94
Tabela 4: Questão 13 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	95
Tabela 5: Questão 10 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	98
Tabela 6: Questão 12 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	100
Tabela 7: Questão 13 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	101
Tabela 8: Horário de cultos localizado na porta da IURD.....	171
Tabela 9: Músicas diversas.....	191
Tabela 10: Síntese da história e tradições batistas.....	230

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Cargo que ocupa na liderança da igreja.....	91
Gráfico 2: Questão 11: Qual o grau você considera a ênfase dada pela igreja da qual é membro em relação à cura de doenças? – pastores e líderes.....	93
Gráfico 3: Questão 06 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	96
Gráfico 4: Questão 07 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	97
Gráfico 5: Questão 08 – Você participa de alguma atividade da igreja? (pode selecionar mais de uma resposta) – membros das igrejas.....	97
Gráfico 6: Questão 09 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	98
Gráfico 7: Questão 11 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	100
Gráfico 8: Questão 15 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	126
Gráfico 9: Questão 16 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	127
Gráfico 10: Questão 17 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	128
Gráfico 11: Questão 14 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	128
Gráfico 12: Questão 15 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	129
Gráfico 13: Questão 16 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	129
Gráfico 14: Questão 2 pesquisa de campo – líderes das igrejas.....	201
Gráfico 15: Questão 2 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	202
Gráfico 16: Questão 14 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	262
Gráfico 17: Questão 3 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	262
Gráfico 18: Questão 4 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	263
Gráfico 19: Questão 5 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	263
Gráfico 20: Questão 7 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	264
Gráfico 21: Questão 18 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	265
Gráfico 22: Questão 19 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	265
Gráfico 23: Questão 20 pesquisa de campo – pastores e líderes.....	266
Gráfico 24: Questão 3 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	266
Gráfico 25: Questão 4 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	267
Gráfico 26: Questão 17 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	267
Gráfico 27: Questão 18 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	268
Gráfico 28: Questão 19 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	268
Gráfico 29: Questão 20 pesquisa de campo – membros das igrejas.....	269

RESUMO

O presente trabalho versa sobre teologia da prosperidade e política no Brasil a partir do século XX, com ênfase nas matrizes religiosas pentecostal, neopentecostal e Batista tradicional no sudoeste da Bahia. Inicialmente, foi apresentado os primórdios do cristianismo, o surgimento da Igreja, a Reforma Protestante e a expansão na Inglaterra, Estados Unidos da América e a chegada ao Brasil. Foram descritas as primeiras vertentes protestantes no Brasil, denominadas de invasão, histórico, de missão e imigração. Estudou-se a teologia da prosperidade e a política com a ascensão de líderes religiosos ao poder político. A teologia da prosperidade é considerada uma acomodação da fé cristã ao ideal capitalista da prosperidade física e material e encontra-se amparada no movimento neopentecostal que chegou ao Brasil no final dos anos 1970 e que rapidamente se expandiu pelo país. Filiados às denominações pentecostais e neopentecostais encontram-se boa parte dos políticos de confissão evangélica no Congresso Nacional, que formam a Bancada Evangélica, com maioria originária das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus, sendo os demais de várias outras denominações. Foi estudado o movimento pentecostal e neopentecostal em suas respectivas fases, e como se expandiu pelas regiões periféricas do Brasil, situação também verificada no sudoeste baiano. Complementando os estudos com a Denominação Batista histórica tradicional, essas vertentes foram apresentadas com o objetivo de se verificar a dinâmica das relações entre igrejas ligadas aos movimentos tradicional, pentecostal e neopentecostal no que concerne à representação política institucional e o doutrinamento ligado à prosperidade. Na estrutura da Denominação Batista, foi escolhida a Associação Batista do Sudoeste da Bahia – ABASB, localizada em Vitória da Conquista - Ba, sudoeste do estado. Foi utilizada uma metodologia histórica de caráter qualitativa, quantitativa e descritiva com algumas ações comparativas em relação às categorias em que o protestantismo brasileiro se apresenta, com fontes bibliográficas, iconográficas e procedimentos subsidiados por questionários semiestruturados com questões abertas e objetivas. Os resultados demonstram que os Batistas não compactuam com a teologia da prosperidade, continuam a defender a separação entre Igreja e Estado, não utilizam o púlpito como palanque político, embora reconheçam a liberdade dos seus adeptos em se candidatar ao pleito político que achar necessário.

Palavras-chave: Reforma protestante; Teologia da prosperidade; Política; Pentecostalismo; Denominação Batista.

ABSTRACT

The present work deals with prosperity and political theology in Brazil from the 20th century, with emphasis on Pentecostal, neo-Pentecostal and traditional Baptist religious matrices in southwestern Bahia. Initially, the beginnings of Christianity, the emergence of the Church, the Protestant Reformation and the expansion in England, the United States of America and the arrival in Brazil were presented. The first Protestant strands in Brazil, called invasion, history, mission and immigration, have been described. Prosperity theology and politics were studied with the rise of religious leaders to political power. Prosperity theology is considered an accommodation of the Christian faith to the capitalist ideal of physical and material prosperity and is supported by the neo-Pentecostal movement that arrived in Brazil in the late 1970s and that quickly expanded throughout the country. Affiliated to the Pentecostal and neo-Pentecostal denominations are many of the politicians of evangelical confession in the National Congress, who form the Evangelical Bench, with a majority originating from the Universal churches of the Kingdom of God and Assembly of God, the rest being from several other denominations. The Pentecostal and neo-Pentecostal movement was studied in their respective phases, and how it expanded through the peripheral regions of Brazil, a situation also verified in southwestern Bahia. Complementing the studies with the traditional historical Baptist Denomination, these strands were presented in order to verify the dynamics of relations between churches linked to the traditional, Pentecostal and neo-Pentecostal movements with regard to institutional political representation and indoctrination linked to prosperity. In the structure of the Baptist Denomination, the Associação Batista do Sudoeste da Bahia (Baptist Association of Southwest Bahia) – ABASB, located in Vitória da Conquista - Ba, southwest of the state, was chosen. A qualitative, quantitative and descriptive historical methodology was used with some comparative actions in relation to the categories in which Brazilian Protestantism presents itself, with bibliographic and iconographic sources and procedures subsidized by semi-structured questionnaires with open and objective questions. The results show that Baptists do not agree with prosperity theology, continue to defend the separation between Church and State, do not use the pulpit as a political platform, although they recognize the freedom of their adherents to apply for the political election they deem necessary.

Keywords: Protestant Reformation; Prosperity Theology; Politics; Pentecostalism; Baptist Denomination.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	16
1.1 A PESQUISA.....	19
II A REFORMA PROTESTANTE E OS PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO NO BRASIL.....	29
2.1 O CRISTIANISMO PRIMITIVO: COMPREENDENDO O SURGIMENTO DA IGREJA.....	30
2.2 A IGREJA OFICIAL E O CATOLICISMO.....	34
2.3 A MODERNIDADE E O CENÁRIO DA REFORMA PROTESTANTE.....	39
2.4 A REFORMA PROTESTANTE.....	48
2.5 PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO NO BRASIL.....	62
2.5.1 O protestantismo de invasão.....	69
2.5.2 O protestantismo histórico	71
2.5.2.1 O Protestantismo de imigração.....	75
2.5.2.2 O protestantismo de missão.....	78
III TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA.....	83
3.1 “FOI DEUS QUEM ME DEU – QUANDO DEUS QUER É ASSIM...”.....	83
3.2 RELIGIÃO E POLÍTICA.....	103
3.2.1 Religião: uma definição (im)possível?.....	103
3.2.2 Política: “por Deus, meu voto é sim!”	115
3.3 “O MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO” – “DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS”.....	137
IV DO PENTECOSTALISMO AO NEOPENTECOSTALISMO.....	147

4.1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL: DESDOBRAMENTOS DA RUA AZUSA.....	147
4.2 O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO BRASIL.....	153
4.3 O NEOPENTECOSTALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: “PARE DE SOFRER!”.....	169
4.4 A MÚSICA (EU)VANGÉLICA.....	186
4.5 “SHOW DA FÉ”	193
4.6 GÊNERO FEMININO: PROTAGONISMO E INVISIBILIDADE.....	197
4.7 ESPERANÇAS E FRUSTRAÇÕES.....	203
V OS BATISTAS HISTÓRICOS TRADICIONAIS.....	207
5.1 A ORIGEM DOS BATISTAS.....	207
5.2 OS BATISTAS NO BRASIL E A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA.....	219
5.3 RUPTURAS E DISSIDÊNCIAS.....	231
5.4 A CONVENÇÃO BATISTA BAIANA.....	237
5.5 A CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA E A CHEGADA DA DENOMINAÇÃO BATISTA.....	240
5.5.1 O surgimento da Primeira Igreja Batista em Conquista.....	242
5.5.2 A Segunda Igreja Batista.....	250
5.6 A ASSOCIAÇÃO BATISTA DO SUDOESTE.....	259
VI CONCLUSÃO.....	270
REFERÊNCIAS.....	275
APÊNDICES.....	288

I INTRODUÇÃO

“Foi Deus quem me deu”; “Quando Deus quer é assim...”; “Por Deus, meu voto é sim!”. As duas primeiras frases são vistas, corriqueiramente, em adesivos colados em diversos automóveis espalhados pelo Brasil. Essas afirmações indicam a relação do credo religioso voltado para a concessão divina do bem material, onde tal proselitismo encontra-se associado à uma corrente religiosa denominada neopentecostal. Uma das principais representantes desse segmento é a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, fundada em 1977, no Rio de Janeiro.¹ Esse movimento tem se expandido ocupando templos de vários tamanhos, nomes dos mais diversos, mas, cuja característica marcante é a relação com os milagres, a concessão de “bênçãos” e o provento divino das necessidades humanas materiais, cuja definição apontada por diversos estudiosos, indica fazer parte da teologia da prosperidade. A teologia da prosperidade possui uma estreita relação com a prosperidade física e material, e pode ser vista através das prédicas de diversos líderes na ênfase dada à bênção da multiplicação financeira por meio da reivindicação das promessas divinas.

“Por Deus, meu voto é sim” é um fragmento das muitas afirmações contidas nas falas no processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff ocorrido de 02 de dezembro de 2015 até 31 de agosto de 2016. No dia 17 de abril de 2016, após seis horas de sessão por votação nominal, o plenário da Câmara autorizou a abertura do processo de *impeachment* por 367 votos a favor, 137 votos contra e 7 abstenções.² Muitos parlamentares aproveitaram a ocasião para falar em nome da família, de suas cidades, seus estados, partidos, igrejas, dentre outros. O Congresso Nacional conta com um grupo que forma a Frente Parlamentar Evangélica, também denominada “bancada evangélica”. “Nas últimas três décadas, líderes neopentecostais lançaram candidaturas, converteram as igrejas em redutos para assegurar o ingresso de evangélicos no legislativo e executivo municipal, estadual e federal.” (DANTAS, 2011, p. 23). A autora afirma que a maioria dessa bancada é originária das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus, sendo os demais de várias outras denominações.

¹ Segundo dados encontrados no site da IURD, tudo começou em um coreto no subúrbio do Rio de Janeiro, onde o então pastor Edir Macedo Bezerra com um teclado, microfone e a Bíblia ia todo sábado ao bairro do Méier e pregava para poucos. O primeiro templo foi erguido onde funcionava uma antiga funerária no bairro da Abolição, cujo primeiro culto foi realizado em 9 de julho de 1977. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/nossa-historia/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

² Conforme dados do Senado Federal (Agência Senado). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

O movimento neopentecostal caracteriza-se como um fenômeno social que se expandiu nas últimas décadas e que é claramente perceptível, seja pela audiência dos programas de rádio e TV ou pelo surgimento dos inúmeros templos espalhados pelo território nacional. Trata-se de uma realidade forjada através dos grandes templos localizados em lugares estratégicos das cidades, que alcançou a zona rural, mas que nas últimas décadas se caracteriza pela predominância urbana e periférica com cenário sendo alterado pela quantidade e variedade de igrejas abertas, algumas inclusive em garagens, na sua maioria sob a égide de um discurso religioso capitaneado pela doutrina da prosperidade vinculado principalmente às camadas de menor poder aquisitivo e de escolaridade mais baixa.

Fora do âmbito do catolicismo e numa perspectiva cristão mais ampla, os pesquisadores do protestantismo brasileiro preferem o termo “protestantes” para agrupar o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, chama de “evangélicos”. Luteranos, anglicanos, episcopais, presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais são tratados como tradicionais (ALMEIDA, 2013). O autor classifica esse grupo tradicional em dois segmentos, o de imigração e o segmento de missão. O de imigração é composto por luteranos e anglicanos, já o segmento de missão, é composto por presbiterianos, congregacionais, metodistas e batistas. Os demais são classificados como pentecostais clássicos e neopentecostais. Vilela (2014), destaca o protestantismo de invasão que teria surgido com a expansão marítima dos franceses na Guanabara no século XVI, realizando ali o primeiro culto protestante nas Américas. Acrescenta-se nesse segmento os calvinistas holandeses que desembarcaram no Nordeste no século XVII.

Dos grupos tradicionais, a escolha foi pelos batistas objetivando analisar a trajetória destes desde a chegada ao Brasil e sobretudo como se posicionam frente a doutrina da teologia da prosperidade e a representação política institucional junto ao poder político do Estado.

Os termos “histórico” e “tradicional” aqui aplicados, encontram-se respaldados na classificação feita na literatura encontrada acerca do protestantismo tradicional de missão e sobre os primeiros batistas que se instalaram no Brasil, também categorizados como históricos por fazerem parte do grupo de protestantes pioneiros no país. Ainda que ligados e influenciados por missionários vindos dos Estados Unidos da América - EUA, a estrutura organizacional dos batistas no Brasil foi desenvolvida a partir da criação da Convenção Batista Brasileira – CBB, fundada em 1907. Esta é utilizada como referência para os batistas históricos e tradicionais. Como houveram rupturas na Denominação Batista, surgindo em 1910 a Missão Batista Independente em Salvador – Ba, e na década de 1960 a Convenção Batista Nacional – CBN, esta última serve para referendar os batistas renovados por conta do movimento de renovação

espiritual ocorrido no período. Assim, a distinção entre tradicionais e renovados ainda é preservada por conta da existência das duas Convenções, motivo pelo qual ao aplicar o termo “tradicional” a ênfase é nas igrejas batistas filiadas à CBB.

Antes, porém, até chegar aos batistas mais especificamente, foi abordado sobre os pentecostais e neopentecostais, vertentes que se expandiram exponencialmente nas últimas décadas e são por maioria tutoras do maior quantitativo de representantes no Congresso Nacional.

Por tais razões, a temporalidade escolhida foi a partir do século XX. Em determinados momentos da análise, haverá um recuo temporal focado na segunda metade do século XIX, motivado pela necessidade de descrever o início oficial do protestantismo no Brasil. E mais ainda, nos apontamentos sobre a categoria protestantismo de invasão, são mencionados os casos dos huguenotes na Guanabara no século XVI, bem como os calvinistas holandeses no Nordeste brasileiro durante o século XVII. Todavia, a temporalidade central da pesquisa vai do século XX até o tempo presente. É dessa época a chegada dos pentecostais e neopentecostais ao Brasil. Mesmo tendo chegado na década de 80 do século XIX, foi somente na primeira década do século passado que os batistas organizaram a sua Convenção. E na região reportada para análise as matrizes utilizadas são todas do século XX.

Quanto a espacialidade, foi escolhida a região sudoeste do estado da Bahia, sendo a cidade de Vitória da Conquista como local principal, tendo em vista que o pesquisador reside nessa cidade e pela viabilidade de acesso às igrejas estudadas. Em 2015, as estimativas do IBGE para a população conquistense eram de mais de 343 mil habitantes³. É a terceira maior cidade do estado da Bahia e serve de referência para cerca de 80 municípios baianos, além de outras cidades do norte de Minas Gerais, região relativamente próxima. Tanto pelo êxodo rural como urbano, costuma receber pessoas oriundas dessas regiões. A cidade de Vitória da Conquista ou Conquista, como normalmente é chamada por seus moradores completou 181 anos em 2021 e sua população católica elegeu Nossa Senhora das Vitórias como padroeira da cidade. Data de 1900 a chegada do protestantismo à cidade através de Tertuliano da Silva Gusmão que foi membro fundador da Primeira Igreja Batista. Posteriormente, outras igrejas ligadas ao ascetismo protestante que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX se instalaram na cidade.

³ Informações sobre cidades e estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/vitoria-da-conquista.html>. Acesso em: 26 set. 2019.

Tanto dos acontecimentos ocorridos no Brasil quanto na região sudoeste, foi possível apresentar dados paralelos da inserção protestante pentecostal, neopentecostal e batista tradicional. Situações comuns perceptíveis no ambiente de tais vertentes religiosas, é que, ao ser recebido como “irmão”, acalentado pelo abraço, por compartilhar dificuldades comuns, pela expectativa de mudança de vida, a igreja termina por exercer um importante papel social na vida dos seus fiéis. Há que se reconhecer a influência do proselitismo que preza pela mudança de vida, incentivo à prática do bem, da disposição em servir, do amor, características discursivas comumente presentes nas prédicas das religiões de confissão cristã. Essas são premissas que, em tese, fazem parte do universo religioso cristão. No caso de algumas igrejas, existe uma política de projetos sociais que acolhem, que trabalham a perspectiva do amparo e apoio aos necessitados, que tentam responder em certa medida às negligências do Estado ou da família.

Por outro lado, ainda é perceptível a prática da intolerância, do abuso de poder, da ganância dos “mercadores da fé”. Em um país juridicamente laico com ramificações e credos religiosos distintos, tão marcado pela injustiça social, é relevante que se possa compreender melhor a sua diversidade religiosa.

Sendo assim, ao analisar as instituições religiosas e suas representações simbólicas, é possível afirmar que, uma igreja ao se constituir como um lugar de pertença abrindo suas portas no campo, na cidade, abrigando pessoas de camadas sociais distintas, termina por exercer um papel social e político significativo, uma vez que, geralmente traz em seu discurso “venha como você está”. Dito de outra forma, em geral, qualquer pessoa tem o seu acesso permitido à uma igreja. Como convivemos com o paradoxo do individualismo em meio ao crescimento populacional, elevado número de pessoas passa por sentimentos de angústia, ansiedade, medo da solidão, numa sociedade que lida diariamente com uma série de problemas psicossomáticos. Talvez resida aí o motivo de muitas dessas pessoas recorrerem ao conforto espiritual, independente de qual seja a sua condição social.

1.1 A PESQUISA

Esse tópico até poderia ser classificado como memorial. Embora se afunile direcionando para as situações específicas e necessárias para a compreensão da pesquisa, essas questões não estão dissociadas da trajetória e do caminho percorrido pelo pesquisador. Assim, me coloco na primeira pessoa nesse momento a fim de apresentar a minha relação com o tema e como cheguei até aqui.

Tudo começa na graduação quando fiz licenciatura em História na década de 1990 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Uma situação pouco comum, à época (pelo menos no meu curso), alguém de confissão religiosa cristã⁴, fazendo uma graduação em História. Não foram poucas as vezes em que ouvi: “você, fazendo História?” Sim, eu fazendo História, e profundamente realizado por isso! Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a contribuição dos evangélicos para Vitória da Conquista nas décadas de 1980 e 1990, e como era permitido na ocasião, foi realizado em equipe.

Nessa época eu trabalhava em uma instituição bancária, situação que aconteceria por quase dezessete anos. No ano de 2000, fui convidado por uma colega de curso para fazer uma substituição por um período de um ano em uma escola estadual. Aceitei de pronto pois como era uma substituição temporária, isso não foi impeditivo em relação ao meu trabalho como bancário. Aquela experiência me levou à uma conclusão: é isso o que eu quero, quero ser professor por toda a minha vida.

Foi quando comecei a planejar a minha transição do ponto de vista profissional. Em conversa com alguns dos meus antigos professores e definindo em que segmento da educação eu poderia atuar, prospectei a educação superior, situação que me levou a cursar uma pós-graduação lato sensu e logo em seguida o mestrado. Não tendo como conciliar uma pós na área de História, optei por aquilo que era possível. Sendo assim, fiz uma especialização em Gestão e Desenvolvimento de Seres Humanos e Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, ambas ligadas às ciências sociais aplicadas, ou seja, voltadas para a Administração. Uma vez atuando no setor bancário, o aprendizado sobre a gestão corporativa estava atrelado à minha experiência prática.

Foi quando em outubro de 2003, já cursando o mestrado, deixei o setor bancário e iniciei a minha busca na área de educação. Estava plenamente convicto disso, porém, não foi nada fácil pois no interstício entre uma atividade e outra foram oito meses desempregado. Finalmente, após processo seletivo, iniciei minhas atividades como professor em uma Instituição privada de ensino superior. Antes de ser efetivado na universidade pública, trabalhei em duas faculdades particulares, fui professor substituto no Instituto Federal da Bahia – IFBA e na UESB.

Ingressei na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no ano de 2011 após concurso realizado no ano anterior concorrendo à vaga do eixo História da Europa. Desde então, estou

⁴ Por influência familiar desde criança e tendo sido batizado aos 12 anos de idade, passei a ser membro da Denominação Batista.

lotado no Departamento de Ciências Humanas – DCH, campus VI, Caetité – Bahia, no Colegiado de História.

As atividades nas faculdades particulares foram fundamentais para que eu pudesse trilhar o caminho da interdisciplinaridade, pois, por conta da minha formação, tive diversas experiências com disciplinas das ciências humanas e sociais. Além do mais, pude vivenciar um dos pilares importantes do ensino superior, que é o ensino. Faltavam as experiências da pesquisa e extensão completando a tríade dos pilares que sustentam uma universidade. Foi somente a partir da entrada na universidade pública que pude expandir meus horizontes de pesquisa e extensão, pois nas instituições privadas a quantidade de disciplinas sob minha responsabilidade não me davam essa possibilidade.

Efetivado na UNEB, não demorei a apresentar o projeto de pesquisa História e Formação do Pensamento Político na Época Moderna e solicitar a mudança de regime de trabalho para dedicação exclusiva, quando então me desvinculei das instituições privadas. Tendo o pleito atendido, me dediquei ao novo projeto, de onde vem parte das minhas publicações. Com esse projeto, passei a fazer parte do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino – NHIPE, sendo um dos responsáveis pela linha de pesquisa História Política, Relações de Poder, Políticas Educacionais e Religião. Já coordenei o projeto de extensão, Trabalhando Pesquisas e Metodologias. De 2014 a 2018, fui um dos coordenadores do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, A Formação Inicial do Professor de História e sua Atuação na Educação Básica: o ofício do historiador na docência.

No ano de 2013, passei a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde – GEPERCS, vinculado à linha de pesquisa Religião, Cultura Educação, Sociedade e as Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Participei da implantação do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões – CEPICR, que envolvia inicialmente os departamentos de Caetité, Guanambi, Bom Jesus da Lapa e Brumado, onde além de membro, passei a representar o Departamento de Caetité. Tal ação, teve como estratégia o fortalecimento dos estudos no campo da religião e religiosidade na região, cujos resultados já renderam a publicação de livros e realização de colóquios internacionais sobre a diversidade religiosa no Brasil contemporâneo. Das experiências com o projeto sobre política e aproximação com o GEPERCS no campo religioso, surgiu o meu desejo para empreender a atual pesquisa.

Sendo assim, o tema apresentado no processo seletivo foi Religião, teologia da prosperidade e política: trajetórias, discursos e práticas de igrejas protestantes em Vitória da Conquista (1970-2015). Com essa temática, duas igrejas seriam estudadas na cidade escolhida.

Porém, o mundo foi impactado pela COVID-19, quando o campo da pesquisa teve que ser alterado.

No dia 11 de Março de 2020 a Organização Mundial de Saúde – OMS, através do seu diretor-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus declarou que estávamos vivendo uma pandemia do novo coronavírus. Uma pandemia é compreendida quando uma doença infecciosa atinge um patamar em que afeta um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo. E foi o que aconteceu desde então. A OMS então passou a recomendar o isolamento social. Em meados de março do mesmo ano estados e municípios decretaram o fechamento de vários estabelecimentos comerciais, permitindo apenas os chamados serviços essenciais, e a população foi obrigada a usar máscaras para evitar o contágio e transmissão da doença. As coberturas jornalísticas indicaram que o primeiro caso oficial de COVID-19 foi de um paciente hospitalizado no dia 12 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan na China.

O professor do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, Athur Gruber, afirma que vírus da família *Coronaviridae* causam uma variedade de doenças no homem e nos animais, especialmente no trato respiratório. O professor informa que o causador da pandemia de COVID-19 é o Sars-CoV-2:

Sete espécies podem infectar humanos, sendo que três podem produzir doenças graves, o Sars-CoV-2, o Sars-CoV, agente da pandemia de Sars (síndrome respiratória aguda grave) de 2002-2003 e o Mers-CoV, causador da Mers (síndrome respiratória do Oriente Médio). Os coronavírus HKU1, NL63, OC43 e 229E estão associados a doenças com sintomatologia leve. (GRUBER, 2020, p. 01).

Desde a Segunda Guerra Mundial, a sociedade contemporânea não contemplou outro evento que tenha tomado proporção tão gigantesca a ponto de “parar” o mundo como no período da pandemia. Por outro lado, num contexto político conturbado em meio a trocas de ministros da área da saúde, casos de corrupção, lentidão de políticas públicas tanto no reconhecimento da gravidade pandêmica por parte do chefe do poder executivo quanto na compra de vacinas, quando estas chegaram, o país já contabilizava uma escalada de óbitos que no limiar do ano de 2022 alcançou um número superior a 660 mil mortes causadas pelo vírus. A expressão “novo normal” popularizou-se na expectativa de como seria a vida das pessoas nesse contexto e depois dele. O ano de 2022 passou a ser marcado pela retomada do controle da pandemia, motivo pelo qual autoridades públicas passaram a liberar o uso de máscaras e o funcionamento de estabelecimentos públicos e privados, realização de festas eventos, dentro das peculiaridades de cada estado e município.

Como não poderia deixar de ser, a comunidade acadêmica e científica foi duramente atingida nesse contexto. Professores e estudantes passaram a substituir as aulas presenciais pelos estudos remotos. As tecnologias digitais ocuparam um espaço exponencial nas agendas das pessoas e nas instituições de ensino. E para os pesquisadores, principalmente em fase de pesquisa de campo, as dificuldades foram gigantescas.

Comigo não foi diferente. Nesse contexto, não foi possível adentrar da forma que era necessária nas instituições que no primeiro momento, pretendia estudar. Foi quando mudei minha temática para Religião, teologia da prosperidade e política: trajetórias, discursos e práticas da Igreja Batista histórica tradicional. Com esse tema cheguei à Banca de Qualificação. Tendo sido qualificado como aprovado, após ouvir as prestimosas sugestões apresentadas por meus avaliadores, e persistindo algumas dificuldades quanto a pesquisa de campo junto às lideranças da Denominação Batista no âmbito nacional, foram feitas novas alterações, finalmente chegando ao atual tema dessa pesquisa: Teologia da prosperidade e política no Brasil a partir do século XX: do pentecostalismo aos batistas tradicionais no sudoeste baiano. E, para tanto, chegamos ao entendimento a seguir.

Todo estudo científico tem como necessidade estar respaldado metodologicamente. Nesse sentido, Steven Engler e Michael Stausberg (2013), fazem a distinção entre Métodos e Metodologia da pesquisa, onde métodos são técnicas para reunir e analisar dados da pesquisa científica ou acadêmica. Metodologia refere-se tanto às questões técnicas gerais quanto aos métodos como coleção e análise de dados, por exemplo. Simplificadamente, metodologia é o caminho utilizado para se chegar a um determinado lugar.

“As discussões sobre métodos e metodologia são raras na Ciência da Religião, seja no Brasil ou no exterior, seja nas revistas acadêmicas, congressos, livros textos, ou Programas que tratam dessa área.” (ENGLER; STAUSBERG, 2013, p. 63). Os autores complementam que às vezes, essa falta de atenção aos métodos é atribuída ao fato de que a Ciência da Religião não tem um só método, e sim vários, e seria assim uma disciplina “plurimetodológica”. Isso ajuda a explicar o porquê da singularidade e pluralidade ainda existentes em torno do termo. Mas, os autores chamam à atenção para a necessidade de mudança:

[...] Considerando a natureza da disciplina da Ciência da Religião, portanto, esperaríamos encontrar, entre os pesquisadores e estudantes da disciplina, um interesse profundo e duradouro na metodologia, no aperfeiçoamento dos métodos de pesquisa e na criatividade metodológica. Obviamente, este não é o caso. Ao contrário, o uso dos métodos na Ciência da Religião continua sendo relativamente ingênuo e surpreendentemente uniforme, e já é hora de mudar essa situação. (ENGLER; STAUSBERG, 2013, p. 63).

Ora, peremptoriamente a constituição das ciências das religiões é multidisciplinar. Se não é o caso de se encontrar pesquisadores da disciplina focados nas especificidades do método, forçosamente, a base metodológica continua sendo das ciências humanas e sociais. Em outras palavras, a quantidade de cientistas oriundos das ciências humanas contemplados por seus respectivos campos de formação, embora tenham as especificidades dos métodos de suas áreas, há um ponto comum de convergência que é estudo da religião enquanto ciência. Estes compõem uma base não necessariamente ingênua como foi dito, porém, nada impede de se mudar essa situação como foi sugerido a ponto de que as ciências das religiões tenham de fato uma metodologia própria que lhes seja emancipatória e autônoma.

Há que se considerar que algumas áreas possuem menor dificuldade em fornecer subsídios dos seus métodos para as pesquisas no campo religioso. Talvez essas dificuldades sejam menores na Antropologia e na Sociologia, devido à aproximação já existente com análise de grupos sociais, abordagens etnográficas, das análises culturais, diferente do historiador, por exemplo, que numa análise de temporalidades mais recentes como a história do tempo presente ou história do tempo imediato, a limitação em se lidar com as fontes seja maior, pois, em alguns casos os documentos ainda estão sendo elaborados faltando por vezes a temporalidade necessária para uma análise mais fria do documento, permitindo uma dimensão mais racional na análise. Dessa forma, termina por recorrer na maioria dos casos à história oral, documentos iconográficos ou tomar emprestado das ciências sociais a observação participante ou participação observante, abordagens etnográficas, etc. Para o historiador do tempo presente, o método é um desafio permanente, seja para a história de um modo em geral, seja para as especificidades da história das religiões.

Assim, conforme sugerem Malerba e Rojas (2007), essa pesquisa não se limita a enumerações descritivas de autores, obras ou correntes, traz um alargamento sobre os contextos sociais, religiosos e políticos que têm marcado a sociedade brasileira, especialmente ao longo do século XX e no tempo presente. A análise ocorre tanto do ponto de vista nacional como regional. Em diálogo permanente com o referencial teórico apresentado ao longo do texto, discutimos temas como religião e religiosidade cristã, relações de poder, poder político, representações, identidade religiosa, dentre outros. Tal estrutura evidencia a originalidade da pesquisa.

Sousa (2013), assevera que nas últimas décadas pesquisadores de variadas áreas das ciências sociais têm se debruçado sobre o tema do neopentecostalismo e pela crescente visibilidade dessas igrejas, muitos buscam compreender esse fenômeno. No campo político, a historiografia francesa retoma a temática na década de 1980 com influência na história do tempo

presente (RÉMOND, 2003). A congruência das vertentes pentecostais no Brasil das últimas décadas, encontra-se respaldada na ascensão política, ratificadas através do surgimento de elevado número de políticos de confissão evangélica nas configurações do Congresso Nacional. Bitencourt (2015), em vários domínios do campo religioso, aponta a política como um dos mais significativos por conta da “bancada evangélica” que se diz atuar na “defesa” de uma certa moral. Dessas vertentes advém uma maior propagação da teologia da prosperidade. Uma vez que, o protestantismo instalado no Brasil se ramificou em várias vertentes, fui instigado a analisar como o pentecostalismo chegou ao país e como os batistas se posicionam frente a essas questões.

Dessa forma, o problema da pesquisa está desdobrado nos seguintes questionamentos: Considerando que a teologia da prosperidade e a postura de eleger representantes de confissão evangélica que na sua maioria formam a Frente Parlamentar Evangélica é uma prática recorrente nos segmentos pentecostal e neopentecostal, na trajetória da Denominação Batista histórica tradicional, como esta se posiciona frente a teologia da prosperidade e como estão postas as suas representações nas instâncias políticas do país? Em que medida o pentecostalismo, o neopentecostalismo e os batistas tradicionais que se instalaram no Brasil alcançaram o sudoeste baiano?

Frente ao problema, foram formuladas duas hipóteses centrais:

- 1 – A Denominação Batista histórica tradicional, não possui em sua trajetória a prática da teologia da prosperidade como componente doutrinário, não vislumbra a representação política institucional como acontece no pentecostalismo e neopentecostalismo, pois, os batistas continuam defendendo a separação entre Igreja e Estado, mesmo não restringindo que seus membros tenham o pleno exercício da liberdade de se lançarem a qualquer cargo da esfera do poder político;
- 2 – A estrutura do sistema capitalista no formato em que é dado no Brasil, leva considerável parcela da população à uma série de dificuldades econômicas, provocando maior vulnerabilidade entre as pessoas de baixa renda, deixando frágeis os adeptos dos cultos nesses ambientes, a ponto de, sem uma capacidade suficientemente crítica aceitarem mais prontamente a “promessa do céu aqui na terra”. O surgimento das denominações pentecostais e neopentecostais se deu nas regiões centrais dos centros urbanos, posteriormente, expandiu-se tanto para as regiões periféricas das grandes cidades como para pequenas cidades e zona rural, situação ocorrida também no sudoeste baiano. Portanto, em espaços onde a ausência do estado é maior, caracterizado por baixa escolaridade, carência de saúde, ausência de segurança, saneamento básico e elevado índice de desemprego. Nesses locais, a propagação de teologia

da prosperidade tornou-se preponderante por ter encontrado elevado número de pessoas na busca pelo sobrenatural, pelo poder do milagre diante de situações provocadas pelas desigualdades sociais. Sob a égide da irmandade, a igreja tornou-se um lugar de pertença e, conseqüentemente, lideranças religiosas transformaram os membros em eleitores elevando consideravelmente o número de políticos de confissão evangélica.

Eis porque, foi traçado como objetivo geral, identificar a trajetória histórica e a dinâmica das relações entre a Denominação Batista ligada ao movimento histórico tradicional e, pentecostal e neopentecostal no que concerne à representação política e o doutrinamento da teologia da prosperidade. Quanto aos objetivos específicos foi, descrever os adventos da Reforma Protestante e os primórdios do protestantismo no Brasil; analisar a teologia da prosperidade e as relações políticas e religiosas no cenário brasileiro; ilustrar o desenvolvimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil e seus desdobramentos no sudoeste baiano; descrever a trajetória dos batistas tradicionais no Brasil e no sudoeste da Bahia.

Destarte, diante das questões apresentadas, é inevitável a desafiadora tarefa de uma escolha metodológica compatível com os objetivos propostos. “Nada é menos natural do que o modo de ação exigido na participação do campo político: o *habitus* religioso, artístico, científico, o *habitus* do político supõe uma preparação especial.” (BOURDIEU, 2012, p. 169). Essa preparação exige um cuidado metodológico naquilo que Barros (2011), afirma ser a maneira de trabalhar algo, eleger ou constituir materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema. A pesquisa pode ser associada à uma atividade social, que nos une àqueles cuja pesquisa usamos e, da mesma forma, àqueles que usarão a nossa (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2005).

Escolhemos uma metodologia histórica de caráter qualitativa, quantitativa e descritiva com algumas ações comparativas em relação às categorias em que o protestantismo brasileiro se apresenta. Foram utilizadas fontes iconográficas escritas e bibliográficas, documentos institucionais, oralidade, onde os procedimentos metodológicos encontram-se subsidiados por dois tipos de questionários semiestruturados com questões abertas e objetivas. Um dos questionários foi enviado aos pastores e missionários líderes, e o outro aos membros das igrejas batistas integrantes da Associação Batista do Sudoeste, filiados à Convenção Batista Brasileira. Foram feitas consultas aos sites da Convenção Batista Brasileira e Convenção Batista Baiana. “A História Oral possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial possam ser ouvidos [...]” (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 12). Segundo Silveira (2007), a ampliação do conceito de fontes nos estudos históricos passou

a utilizar em larga escala as representações na construção do conhecimento. Vale algumas proposições de Roger Chartier ao afirmar que:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posição e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido construtivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991, p. 183-184).

Dessa forma, o campo escolhido encontra-se nas categorias História Política e História das Religiões. Por conta de parte da temporalidade trabalhada, temos o diálogo com a História do Tempo Presente. Recorremos a Chauveau e Tétard para quem com a história renovada do político, os historiadores do político, constituíram a vanguarda da história do presente, desempenhando científica e intelectualmente, um papel essencial na afirmação da história do presente. “A história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.” (CHAUVEAU; TÉTARD, 1999, p. 15).

Para Rémond (2003), como a história religiosa se beneficiou das contribuições da sociologia religiosa, a história política deve bastante às trocas com a sociologia, direito público, psicologia social, psicanálise, linguística, matemática, informática, cartografia e outros.

Portanto, com exceção da introdução e conclusão, em cada capítulo é apontada a metodologia utilizada na organização dos mesmos a fim de que haja nítida compreensão metodológica, uma vez que, ocorreram necessidades específicas apontadas no início de cada um. O texto desde a introdução até a conclusão, encontra-se estruturado em seis capítulos.

No segundo capítulo, há um levantamento histórico sobre a Reforma Protestante e os primórdios do protestantismo no Brasil. Iniciado com o cristianismo primitivo e o surgimento da Igreja, apresenta o cenário da modernidade e os principais eventos que desencadearam a Reforma Protestante e os primórdios do protestantismo no Brasil. Nesse capítulo são apresentadas duas categorias do protestantismo brasileiro, o protestantismo de invasão e o protestantismo histórico. O protestantismo histórico se desdobra em protestantismo de imigração e protestantismo de missão, apresentados na composição final do capítulo.

O terceiro capítulo trata de dois pontos fundamentais da tese, a teologia da prosperidade e a política. Traz os elementos que caracterizam a teologia da prosperidade onde são inseridas imagens acrescidas de gráficos e tabelas a partir da pesquisa de campo demonstrando o

posicionamento dos Batistas em relação às temáticas referidas. Discute sobre o conceito de religião, a composição da Frente Parlamentar Evangélica e a relação de Jesus com o poder político com base nos escritos dos evangelhos presentes na Bíblia.

No quarto capítulo, discorremos sobre os movimentos pentecostal e neopentecostal e como esses se relacionam com a teologia da prosperidade e a política. Nesse capítulo, apresentamos um perfil socioeconômico de parte considerável do protestantismo brasileiro e como a representação política religiosa se apresenta em detrimento da ausência do Estado. Apresenta a expansão religiosa pelas regiões periféricas e a influência da música e dos meios de comunicação de massa no alcance de novos adeptos ao proselitismo pentecostal. O capítulo é encerrado com um destaque para o protagonismo e invisibilidade do gênero feminino e a relação de esperança e frustrações por parte de um número considerável de pessoas que se dizem religiosas, porém, encontram-se classificadas como desigrejadas, por não terem mais vínculos com instituições religiosas.

O quinto capítulo versa sobre a trajetória da Igreja Batista Tradicional. Categorizada como protestantismo histórico de missão, a Denominação Batista é apresentada a partir dos seus primórdios na Europa e como chegou ao Brasil, o seu surgimento na Bahia e na região sudoeste do estado. Traz como funciona a sua organização bem como se posiciona frente a teologia da prosperidade e a representação política institucional. Esse posicionamento foi levantado a partir da Associação Batista do Sudoeste da Bahia – ABASB, órgão que se encontra vinculado à Convenção Batista Baiana – CBBA e Convenção Batista Brasileira - CBB. A pesquisa de campo foi levantada junto aos pastores, líderes e membros das igrejas da ABASB, cujos resultados foram apresentados ao longo de parte dos capítulos da tese.

Com efeito, cumpre pois acrescentar que, a motivação para o empreendimento e desenvolvimento dessa investigação é inspirada na afirmação de Certeau (2010, p. 123), “quando se é historiador, que fazer senão desafiar o acaso, propor razões, quer dizer, compreender? Mas compreender não é fugir para a ideologia, nem dar um pseudônimo ao que permanece oculto. É encontrar na própria informação histórica o que a tornará pensável”.

II A REFORMA PROTESTANTE E OS PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Este capítulo tem como ênfase os primórdios do cristianismo e sua vinculação com a Reforma Protestante, bem como o surgimento do protestantismo no Brasil. Inicialmente, ao tratar do protestantismo estaremos identificando o lugar de pertença dos segmentos denominacionais que fazem parte da pesquisa, ou seja, a contextualização histórica e o surgimento do protestantismo, uma vez que, as denominações pentecostais, neopentecostais e batistas encontram-se vinculadas ao cristianismo, e mais especificamente ao protestantismo. Como preâmbulo indispensável para os capítulos posteriores, apresentamos a contextualização histórica no que diz respeito aos primórdios do protestantismo no Brasil.

Respalado em uma metodologia histórica, descritiva e exploratória, categorizada pela história social, a narrativa é precedida de cuidadosa exploração das fontes encontradas. Tais fontes, fazem parte de um referencial teórico pertinente às discussões propostas, uma vez que, são analisadas as principais obras de sociólogos, antropólogos, teólogos e historiadores listados ao longo do capítulo, responsáveis por importantes investigações tanto sobre a Reforma Protestante quanto dos primórdios do protestantismo no Brasil.

A pesquisa bibliográfica se caracteriza como um importante subsídio para o pesquisador, uma vez que, como afirma Santos (1999), se caracteriza como o conjunto de materiais que contém informações já elaboradas e publicadas por outros autores. Grande parte dos estudos exploratórios fazem parte desse tipo de pesquisa e tem como vantagem o estudo direto em fontes, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica (OLIVEIRA, 2012).

Dentre as fontes, há uma breve apresentação da Bíblia, considerada livro sagrado para os cristãos, e que, portanto, compõe o quadro das fontes de análise não apenas nesse capítulo, quanto nos demais. A expectativa é de que o mesmo possa trazer os subsídios necessários para a compreensão dos capítulos subsequentes e que compõe o escopo que complementa os estudos ora propostos.

Para tanto, apresenta alguns aspectos relacionados ao surgimento do cristianismo com ênfase na Igreja Primitiva, passando pelo aparecimento do catolicismo e do protestantismo, seus respectivos pontos de cisão, a chegada do catolicismo ao Brasil e sobretudo, o protestantismo em sua fase inicial com o protestantismo de invasão, o protestantismo histórico tradicional, o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão.

2.1 O CRISTIANISMO PRIMITIVO: COMPREENDENDO O SURGIMENTO DA IGREJA

O embasamento teológico que respalda o surgimento do cristianismo, encontra-se na figura de Jesus Cristo, apresentado na Bíblia como filho de Deus, que morreu e ressuscitou, e um dia voltará para buscar os seus fiéis com vistas a uma vida na eternidade. Esse fundamento está expresso nos evangelhos, onde os quatro primeiros livros do Novo Testamento trazem narrativas sobre os ensinamentos de Jesus Cristo, sua trajetória, suas experiências juntamente com suas parábolas.

Embora a Bíblia não seja um livro de caráter científico, suas narrativas contém a base de duas correntes religiosas monoteístas - o judaísmo e o cristianismo. “Durante os cem primeiros anos de vida da comunidade cristã, sua Bíblia foi o Antigo Testamento. Ela usava uma versão grega, denominada de Septuaginta e abreviada com a sigla LXX.” (DREHER, 2013, p. 7). Pode então a Bíblia ser utilizada como fonte de pesquisa? Ela tem um sentido etimológico de pluralidade, ou seja, “livros” que vem do grego *biblion* (livro). Possui uma relação com o *papiro*, planta importada do Egito e desembarcado na cidade fenícia de *Byblos*⁵. O papiro na forma de rolos era utilizado como material de escrita. Essa pluralidade ocorre pela existência dos vários autores ao longo de sua escrita. Está dividida em duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo Testamento foi escrito na sua maior parte em hebraico e alguns textos em aramaico, sendo que o Novo Testamento em grego, embora os acontecimentos narrados neste último, sejam de um período em que a Palestina estava sob domínio do Império Romano, que tinha o latim como língua oficial.

A fé cristã produziu um corpo de literatura que é hoje chamado o Novo Testamento. Essa coletânea inclui escritos sobre a vida de Jesus e a história da igreja cristã primitiva, bem como outra literatura doutrinária. Esses escritos remontam às origens do cristianismo e, juntamente com o Velho Testamento formam a Bíblia Sagrada do cristianismo. (LANDERS, 1986, p. 64).

Sobre a relação com a fonte histórica, não se pode descartar a sua devida utilidade. Em análise do discurso, correntes doutrinárias, tipologia teológica, elaborações filosóficas, literatura poética, representações simbólicas, teologia da libertação, teologia da prosperidade, renovação carismática, renovação espiritual, Igreja Primitiva, são algumas das possibilidades em que a mesma pode ser utilizada como referência. Ademais, trata-se de um dos livros mais

⁵ Informações baseadas no Dicionário brasileiro de teologia organizado por Fernando Bortolletto Filho. São Paulo: Editora ASTE, 2008, p. 105.

lidos na história da humanidade e caracteriza-se pelos escritos normativos para a fé da igreja cristã. “A Bíblia tem uma história transmissiva – oral e escrita – milenar. Cópias de manuscritos, traduções, impressões, revisões e leitura continuada constituem um fenômeno linguístico universal único.” (WIESE, 2008, p. 105).

Algumas narrativas contidas no Antigo Testamento, já indicavam aquilo que na teologia costuma ser chamado de textos proféticos. Em outras palavras, os exegetas dos textos proféticos já apontavam uma hermenêutica messiânica indicando a vinda de um “Salvador”. Dessa forma, o Novo Testamento gira em torno da pessoa de Jesus de Cristo, constituindo-se a base dos ensinamentos e das diversas interpretações características do universo judaico/cristão que acompanharia boa parte do mundo Ocidental até os dias atuais. A própria história da humanidade na perspectiva ocidental, se divide em antes e depois de Cristo. Pode-se acrescentar que:

Por “cristianismo” se entende o conjunto de igrejas, comunidades, seitas e grupos, assim como de ideias e concepções, que se referem às palavras daquele que costuma ser reconhecido como o fundador dessa religião: Jesus de Nazaré. Ainda que com uma grande variedade histórica de crenças e práticas, o cristianismo manteve como elemento comum a profissão de fé em Jesus, filho do único Deus Senhor e Criador, encarnado, morto e ressuscitado, o messias (messianismo) prometido e como tal “cristo”, isto é, ‘ungido’ pelo Senhor (origem no nome “cristão” com o qual logo foram denominados seus seguidores). Assim, o cristianismo é, junto com outras religiões como o islamismo ou o budismo, uma religião historicamente fundada, não apenas no sentido de ter um início em um dado momento da história, mas também no sentido de que sua origem pode ser remetida à ação de um fundador. Deve-se observar que, na autocompreensão cristã, desde as origens, Jesus também foi visto como fundador no sentido de pessoa sempre presente na comunidade dos seus, que deste modo funda continuamente sua igreja. (FILORAMO, 2005, p. 61).

Com base nas definições de Giovanni Filoramo, pode-se afirmar em relação aos primórdios do cristianismo, que, existem duas premissas intrinsecamente relacionadas, o cristianismo primitivo e a Igreja Primitiva. Ao se espalhar as ideias relacionadas a Jesus Cristo, os primeiros grupos que se formavam em torno dessas ideias, foram formando aquilo que hoje conhecemos como igreja. Indelevelmente, corrobora para essa compreensão, a afirmação de que “uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é isso que chamamos uma igreja.” (DURKHEIM, 1996, p. 28). Para ampliar a compreensão sobre o que caracteriza uma igreja, acrescenta-se que:

A igreja é a comunidade dos cristãos, dos seres humanos que foram justificados diante de Deus pela fé somente. É o ajuntamento em torno da Palavra e dos sacramentos em cuja celebração a justificação é recebida e vivida. Esses elementos são, assim, os dados essenciais que constituem essa comunidade humana em igreja. (BIRMELE, 2016, p. 807).

Em sua arguição, o autor ainda acrescenta o artigo 7 da Confissão de Augsburgo datada do ano de 1530, que reconhece a igreja como assembleia de todos os cristãos a quem o evangelho é pregado de forma pura e os santos sacramentos administrados conforme ao evangelho. “A igreja normalmente possui uma estrutura formal, burocrática, com uma hierarquia de funções eclesiais, e, por estar integrada à ordem institucional existente, tende a representar o lado conservador da religião.” (GIDDENS, 2005, p. 433). Para Lopes Júnior (2008), com a aliança entre igreja e estado, essa igreja hierárquica, em suas mais diversas expressões, via-se como expressão do Reino de Deus, e como tal, reguladora dos reinos desse mundo.

Os discípulos de Jesus foram chamados de cristãos pela primeira vez na cidade de Antioquia.⁶ A propósito, quando Jesus inicia seu ministério⁷ aos trinta anos de idade, de início, escolhe doze discípulos para que pudessem segui-lo e auxiliá-lo em seus objetivos. As narrativas dos evangelhos neotestamentários apontam uma sequência de seguidores por conta de suas prédicas e milagres, e o anúncio do Reino de Deus. Segundo Cesar (2008), a palavra evangelho, de origem grega, teve sua raiz utilizada tanto na cultura hebraica quanto grega e tem a designação de “boa notícia”, normalmente trazida pelo mensageiro dos campos de batalha. Ao anunciar o Reino de Deus ou Reino dos Céus, a Igreja Primitiva se apresenta como mensageira desta novidade. Atualmente, tanto cristãos católicos quanto protestantes, se referem ao evangelho como sinônimo de “boas novas de salvação”.

No livro de Atos, tratado dentro do contexto bíblico como livro histórico, encontra-se narrado um evento chamado de Pentecostes ocorrido na cidade de Jerusalém, cidade esta que se tornou ao longo de sua trajetória um importante centro de convergência religiosa. O fenômeno é descrito no capítulo dois como algo sobrenatural. A cidade que naquele momento tinha pessoas de várias partes do mundo conhecido da época, atônita se surpreendeu quando “foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme

⁶ Conforme Atos 11:26.

⁷ Termo corriqueiramente utilizado pelos adeptos do cristianismo.

o Espírito Santo lhes concedia que falassem.” (At. 2: 3-4, BÍBLIA SAGRADA, ALMEIDA, 1990, p. 124).

Esse fenômeno que também é conhecido como glossolalia, é bastante praticado pelas igrejas de vertente pentecostal. Além de pesquisada por linguistas, a glossolalia é utilizada pela psiquiatria para apontar um indivíduo que crê numa língua desconhecida tida por ele como de origem divina. “Não se trata de um fenômeno patológico ou ‘sobrenatural’, mas, sim, de um dom que, embora inabitual nos meios cômicos das igrejas estabelecidas, não é por isso menos ‘natural’.” (HOLLENWEGER, 2016, p. 714). Na glossolalia religiosa, tanto os pentecostais como católicos carismáticos fazem relação com o que chamam de “dom de línguas”. Embora Carvalhaes (2010), aponte em seus estudos a existência da glossolalia mesmo antes do cristianismo, é a partir do Pentecostes registrado em Atos capítulo 2 que no caso das religiões cristãs, esse fenômeno toma uma proporção global. Vale ressaltar que, a glossolalia é parte do fenômeno de possessão ou de êxtase religioso, que ocorre também em outras religiões, como as de matriz africana, por exemplo.

A narrativa contida em Atos aponta para a presença de partos e medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito e partes da Líbia, forasteiros romanos tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes (Capítulo 2: 9-11). Em meio a esses acontecimentos, Pedro profere o seu primeiro sermão que tem como tema central Jesus Cristo e a ressurreição e, como consequência, recomenda aos ouvintes o arrependimento e o batismo. Estima-se pelos relatos bíblicos que naquele momento cerca de três mil pessoas se converteram ao cristianismo. Além dos discípulos, tais pessoas se espalharam ou retornaram às suas cidades de origem anunciando a novidade do momento: Jesus Cristo, a ressurreição e a salvação. Era o início da Igreja e da religiosidade cristã.

O apóstolo Pedro, é visto pelo catolicismo como o primeiro Papa da história da Igreja. Essa assertiva encontra-se relacionada ao diálogo de Jesus com Pedro, quando este por três vezes questiona: “Pedro, tu me amas? Apascenta as minhas ovelhas”.⁸ A ideia de apascentar encontra-se diretamente vinculada com a concepção de sacerdócio, comum entre padres, pastores e líderes da Igreja. Ovelhas, rebanhos, são sinônimos aplicados aos fiéis ou membros congregacionais integrantes do corpo eclesial.

Outro personagem bastante conhecido no universo cristão é o apóstolo Paulo. Quando ainda se chamava Saulo, ocupava o posto de general do exército romano. A personagem bíblica considerado o primeiro mártir cristão e canonizado pela Igreja Católica como santo chamava-

⁸ Esse diálogo entre Jesus e Pedro encontra-se em Atos 21: 15-17.

se Estevão. O comandante da operação que decretou sua morte por apedrejamento foi exatamente Saulo de Tarso. Os escritos de Atos (livro também conhecido como Atos dos Apóstolos), indicam que Saulo a caminho da cidade de Damasco, tinha cartas para prender cristãos e conduzi-los a Jerusalém. Durante essa viagem, teria ouvido a voz do próprio Jesus Cristo indagando sobre o porquê das perseguições aos cristãos. Após ficar três dias sem enxergar, o então general romano se converteria ao cristianismo passando posteriormente a se chamar Paulo⁹, tornando-se o maior pregador do cristianismo aos gentios¹⁰. A influência do apóstolo Paulo sobre a Igreja Primitiva foi tão marcante que parte dos textos do Novo Testamento são cartas de sua autoria, dirigidas aos cristãos espalhados pelas várias cidades que dão nome a essas cartas.

A expansão do cristianismo custaria demasiadamente caro não somente a Estevão, mas também a muitos outros cristãos dos primeiros séculos da era cristã. Em um mundo dominado pelo Império Romano, seria inevitável por parte deste, a tentativa de contenção da novidade que se propagava. Eis porque, Roma empreendera uma série de ações com vistas a impedir o avanço da nova fé. Muitos foram perseguidos e mortos, embora tais ações não fossem suficientes para interromper o avanço da Igreja Primitiva. Com reuniões predominantemente nas casas, em várias cidades se multiplicava o número dos novos seguidores. Quanto mais Roma os perseguia, mais estes se multiplicavam. Dessa forma, a história do cristianismo primitivo se demarca pelo período em que o Império Romano não os reconheciam enquanto adeptos de um novo credo e fé, tão pouco reconhecia a Igreja enquanto instituição religiosa. Esse período compreende os três primeiros séculos depois de Cristo, situação que seria mudada somente a partir do século IV com as ações dos imperadores Constantino e Teodósio.

2.2 A IGREJA OFICIAL E O CATOLICISMO

As ações empreendidas pelo Imperador Constantino tiveram um caráter mais contido, porém, não menos importante para o mundo cristão pois ele tratou de pôr fim às perseguições aos mesmos. O fim das perseguições teve um fator significativo para que pudessem expandir suas crenças sem o peso das prisões e das mortes tão frequentes nos anos anteriores. A postura de Constantino foi importante para que o mundo romano pudesse desenvolver uma certa tolerância em relação à religião que a essa altura dos acontecimentos não mais havia como ser

⁹ Conforme Atos 13: 9.

¹⁰ Termo utilizado no universo do cristianismo para designar os povos não israelitas.

contida. Das fontes bibliográficas de publicação mais longínqua a que tive acesso, trago as afirmações de Enry Vedder:

Cêdo, no quarto século, tornou-se evidente que o christianismo era muito mais forte do que os Cesares, e não podia ser destruído. A demorada contenda findou com a capitulação dos imperadores. Em 311, um edicto de tolerância foi publicado, confirmado em 313, e com a victoria de Constantino, em 323, como único imperador, o christianismo tornou-se praticamente a religião official do império. Não obstante as perseguições a que tinham sido sujeitos, os christãos chegaram a contar, de acordo com os cálculos mais fidedignos, uns dez milhões em toda a extensão do império romano; ou uma décima parte da sua população. (VEDDER, 1934, p. 45-46).

Era um número considerável de cristãos, se levarmos em conta a época e sobretudo as condições de perseguição impostas por Roma. No caso do Imperador Teodósio, as ações desenvolvidas foram mais contundentes e definitivas. Com o Edito de Tessalônica no século IV, criou a Igreja Estatal do Império Romano, medida que fez do cristianismo a única religião autorizada em todo o Império. Era a junção perigosa do poder político com o poder religioso.

Diferentemente da Igreja Primitiva que se expandia a partir dos seus credos e convicções, mesmo sendo forçosamente levada a fazer com que seus seguidores abjurassem da crença que professavam, a Igreja oficial iria experimentar um novo tipo de comportamento. O cristianismo agora era empurrado ao mundo sob domínio romano com a chancela do Estado. Essa amálgama estava longe de ser uma fusão perfeita, e, talvez por isso as diversas faces do cristianismo institucionalizado represente um misto de encantos e desencantos, que os cismas ocorridos não foram suficientemente capazes de acabar e tão pouco encontra-se próximo do fim. “Quando formos tentados a avaliar a Igreja Romana acima do que deveríamos, será hora de perguntarmos a nós mesmos: quantos elementos romanos ainda persistem nela, e até que ponto são válidos hoje em nossa cultura”? (TILLICH, 2015, p. 25).

As cisões envolvendo o Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente, aos poucos desmoronavam aquele que fora até então o maior Império da história da humanidade. Enquanto Constantino e seus sucessores empreendiam estratégias com vistas à preservação do Império Oriental, aos poucos o lado ocidental iria sucumbir diante das invasões bárbaras e das novas configurações sociais determinantes para formação do mundo medieval. Em meio à estrutura feudal que se desenhava a partir de então, uma medida tomada pela Igreja foi demasiadamente importante para a organização da sua estrutura enquanto instituição. Trata-se da criação do clero regular, em oposição ao clero secular. De certa forma, o clero secular permitia aos líderes religiosos uma ação mais “livre” no que diz respeito ao seu

condicionamento religioso. Tal conduta, dentre outras coisas, abriu precedente para a ascensão social, permitindo inclusive, que alguns chegassem a se tornar senhores feudais devido à posse de terras e das novas formas de poder que marcariam a sociedade da era medieval.

Evitando conter possíveis falta de controle sobre tais situações, a Igreja cria então o clero regular. Regular tem a ver com regras, atividades normativas, formas de organização, consequentemente com uma nova forma na ordem religiosa. Tal regulação foi decisiva para que a Igreja pudesse desenvolver a partir dali o embrião do seu corpo burocrático administrativo. A Igreja teve com esse fundamento a criação daquilo que seria posteriormente decisivo para o desenvolvimento do seu corpo hierárquico eclesial. Nesse sentido, é possível perceber que, ao poder fragmentado que é característico no período medieval, a Instituição Igreja foi a que melhor conseguiu incorporar um poder institucional amplo e, ao mesmo tempo, centralizado em torno de uma burocracia administrativa tendo na figura do Papa a melhor representação desse poder central, apesar do Grande Cisma ocorrido no século XI.

O Cisma que aconteceu no século XI foi responsável pela principal divisão ocorrida dentro da Igreja desde o seu início até o período em questão. Tal ruptura, separou a Igreja em duas: Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, momento em que respectivamente os líderes da Igreja de Roma e da Igreja de Constantinopla se excomungaram mutuamente.¹¹

Com efeito, a utilização do nome Igreja Primitiva, refere-se ao período de expansão do cristianismo até a legalização da Igreja por Teodósio no século IV. A utilização simples do nome Igreja ou Igreja Romana, reporta-se mais especificamente até o Cisma Oriente/Ocidente, e a referência Igreja Católica ou Igreja Católica Romana do século XI em diante. Pode-se acrescentar que:

No século XII, a igreja dominava sobre o Ocidente. O domínio impressionava, pois regulamentava a vida das pessoas. Deus, o Pai, dera autoridade a Jesus, este a Pedro, que a transmitira a seus sucessores. Através deles, o próprio Deus governava o mundo. Quem duvidasse, duvidava do próprio Deus. Mas o ser humano, em sua piedade, quer saber ele mesmo o que deve ser segundo a vontade divina. Julga que as bênçãos divinas devem se espelhar na prática do dia a dia. E, quanto mais ausente esta prática estiver da vida dos altos dirigentes da igreja, tanto mais a necessidade de concretização das bênçãos divinas é procurada. Foi essa a situação na vida da igreja no século XII e de Francisco de Assis. A partir dessa situação devemos entender Pedro Valdo e Francisco de Assis. Sua leitura de Bíblia e prática de vida, levou-os a

¹¹ Desde o Cisma ocorrido em 1054, somente em fevereiro de 2016 que os principais líderes das referidas Igrejas voltaram a se encontrar. O encontro aconteceu em Cuba entre o Papa Francisco (líder da Igreja Católica Romana) e o patriarca Kirill (líder da Igreja Ortodoxa Russa).

profundas críticas a uma igreja que esquecera o Cristo pobre. Às suas críticas, a igreja reagiu com a Inquisição. (DREHER, 2013, p. 28).

Destarte, tendo essa centralidade religiosa e conseqüentemente política marcante na época medieval, a Igreja Católica Apostólica Romana tornou-se a grande protagonista da influência na cultura religiosa do mundo Ocidental, apesar das reformas religiosas que se sucederiam nos séculos posteriores. Tal influência se reverberou nos mandos e desmandos praticados pela mesma em eventos importantes como as Cruzadas, Tribunal da Inquisição, caça aos “hereges”, respaldada por uma moral cristã determinada por esta Instituição. Tal comportamento também repercutiu na sua aproximação com a posse da terra tornando-a extremamente forte no tripé, poder político, poder religioso e poder econômico. Segundo (Seffner, 1993), de todas as instituições medievais, a Igreja Católica Romana era seguramente a mais poderosa. Esta arrecadava impostos, intervinha nos feudos, influenciava na escolha de reis, fazia decretos, promovia guerras contra os “infiéis e pagãos”, etc. Segundo Weber (2016), o cristianismo foi e continuou sendo uma religião urbana, burguesa durante todos os períodos do seu desenvolvimento externo e interno, tanto na Idade Média como no puritanismo.

Dawson (2014)¹², considera que a existência da Igreja Católica é uma das grandes realidades objetivas da história. O autor afirma de forma contundente que sem ela é impossível descrever a história do cristianismo bem como a história de nossa civilização, uma vez que, o catolicismo é uma das maiores forças formadoras da história e deixou sua marca em muitas das instituições características da civilização ocidental. Outrossim, o autor acrescenta que:

O fato do catolicismo estar profundamente imiscuído na história e na cultura europeia do passado se tornou fonte de antagonismo, e não de unidade, já que os protestantes, em especial, os calvinistas e puritanos da Inglaterra e dos Estados Unidos, vieram a considerar todo o passado cristão de um milênio como uma idade das trevas de superstição religiosa e idolatria, de barbarismo cultural, de onde emergiram as igrejas reformadas. (DAWSON, 2014, p. 87).

¹² Ao apresentar a Edição Brasileira da obra “A Formação da Cristandade” de Christopher Dawson, o Professor Manuel Rolph Cabeceiras faz uma crítica a Peter Burke, quando este em “O que É História Cultural?” ao apresentar as fases da história cultural, quando faz uma breve menção a Dawson, demonstra um imenso desconhecimento a respeito da obra e do pensamento dawsoniano. Manuel Rolph aponta Christopher Dawson como um dos autores que muito tem a dizer para aqueles que pertencem aos domínios da história, por ser um dos pioneiros no diálogo com as Ciências Sociais, particularmente com a Antropologia e a Sociologia, muitas décadas antes da História Nova. Afirma que quem quer que se interesse tanto pela história do cristianismo, bem como pela história da cristandade, sairá beneficiado pela leitura d’A Formação da Cristandade, dada a sua importância e relevância na historiografia do cristianismo.

Ora, por que a mesma teria se tornado fonte de antagonismo? Por mais que os protestantes de língua inglesa tenham taxado o passado cristão de um milênio em idade das trevas, essa não foi uma expressão cunhada inicialmente pelos protestantes. Já no período renascentista, convencionou-se atribuir à Idade Média esse caráter de “trevas”. O renascimento da cultura greco-romana e as descobertas em meio ao sujeito antropocêntrico, elevava a estima humanista ao status de modernidade. Essa expressão seria novamente evocada no século XVIII pelos iluministas num período que ficou conhecido como século das luzes. Aliás, a expressão “trevas” equivocadamente depreciativa e pejorativa, não é exclusiva da ordem religiosa puritana inglesa.

Mas, o antagonismo se reverbera não apenas por conta do controle cultural e da força política e econômica da época. O protagonismo da Igreja Católica foi tão marcante, que ela exercia influência direta na própria formação da pirâmide social do medievo. Ferreira (2003), afirma que a sociedade estamental, que vigorou na Idade Média na Europa, estabeleceu-se como ordem social do início ao fim do sistema feudal.

A pirâmide social da sociedade feudal europeia era organizada, de modo simplificado, da seguinte forma: no topo da escala, ou primeiro estado, a nobreza e o alto Clero da Igreja Católica; no meio da escala, ou segundo estado, de onde posteriormente nasceu a burguesia, os comerciantes, os artesãos, os camponeses livres e o baixo clero; e, na base da pirâmide, o chamado terceiro estado, a maioria que vivia sob as diversas formas de servidão. O exercício do poder político e o prestígio social eram totalmente vinculados à posse da terra, fonte primeira e última de toda a estrutura desse sistema de organização social. (FERREIRA, 2003, p. 125).

Como se vê, o empoderamento da igreja medieval no contexto da sua relação política, religiosa e econômica, promovia um comportamento bastante distinto da Igreja Primitiva. Aos poucos, esse distanciamento evidenciava o abismo moral entre o que se vivia e o que se dizia crer. “Ao longo de todo o período medieval ocorreram movimentos, nascidos no seio da própria Igreja, no sentido de reformá-la e fazê-la aproximar-se dos princípios originais das comunidades cristãs primitivas.” (SEFFNER, 1993, p. 6). Doravante, houve uma mudança de comportamento, o que levou aos movimentos reformistas iniciados dentro da própria Igreja, a culminar nas mais importantes dessas reformas, a Reforma Protestante e a Reforma Católica, ambas ocorridas no século XVI. Através da citação abaixo, é possível observar um certo retrato a refletir algumas nuances característicos da igreja medieval:

Ao admitir tudo o que os padres da Igreja nos séculos III e IV e tudo o que os teólogos posteriores disseram a respeito do cisma e da heresia como os maiores dos males; ao admitir que em todo o verdadeiro cisma e heresia alguns homens devem ser responsabilizados individualmente, é fato que homens e mulheres comuns, dificilmente, têm alguma parcela dessa culpa. Imperadores, reis e bispos tomaram decisões e os súditos não sabiam nada além de que tal decisão tinha sido tomada. Eram corporalmente arrebatados, numa espécie de esmagadora maioria sociorreligiosa que mudava as relações eclesiásticas com o restante do mundo cristão, sem que eles mudassem as próprias crenças ou tradições. (DAWSON, 2014, p. 88).

Apesar de alguns teóricos denominarem de movimento de Reforma Protestante e Contra-Reforma, preferimos designar de reformas, visto que, desde o Cisma de 1054, ocorreram outros movimentos reformistas, embora alguns de menor expressão, mas que refletiam a inquietude dos atores sociais envolvidos em relação à instituição da qual faziam parte. Sendo assim, vamos compreender melhor o contexto da modernidade e o ambiente em que se deu a Reforma Protestante.

2.3 A MODERNIDADE E O CENÁRIO DA REFORMA PROTESTANTE

Neste momento diria: bem-vindo à modernidade! Do ponto de vista factual, para localizarmos temporalmente, seria aquilo que a historiografia francesa costuma designar como marco histórico a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos no século XV até a Revolução Francesa no século XVIII. Didaticamente, os acontecimentos mais marcantes ocorridos na Europa neste período, terminam sendo o ponto de referência para a grande maioria dos pesquisadores das ciências humanas e sociais no Brasil.

Como preâmbulo, pode-se dizer que a modernidade é marcada por uma época centrada em relações econômicas capitalistas e no desenvolvimento científico, com o fortalecimento da burguesia que postulava impor-se politicamente. Cria-se estados centralizados com a Igreja Católica perdendo a hegemonia que até então desfrutava onde alguns elementos se destacam, tais como, a separação entre fé e razão e a emancipação do sujeito como ponto de partida e centro do conhecimento, com a ideia de felicidade tomando conotações como liberdade, tão cara em épocas anteriores, vista agora como direito, até com a possibilidade de escolha de profissão, religião ou forma de vida. Quatro elementos fundamentais são constitutivos da primeira modernidade: no plano cultural, o Renascimento; no plano religioso, as Reformas; no plano político, o Estado absolutista; no plano econômico, o Capitalismo.

Começamos pelo último destes. Se, pretensiosamente, fosse possível caracterizar a modernidade com uma palavra-chave, provavelmente, a que melhor se encaixaria seria capitalismo. Uma das proposições a respeito dos estudos vinculados ao capitalismo e o campo religioso encontra-se nas obras “História Geral da Economia” e “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber. Independente das críticas ou elogios, elas servem de subsídio para discussões no campo das transformações econômicas e religiosas da sociedade moderna e os rumos que essa tomaria em direção à contemporaneidade. Weber ainda faz ensaios comparados de sociologia da religião estudando outras religiões que não apenas as oriundas do cristianismo do ponto de vista da ética econômica presente nessas religiões. Catani (1983), já no corpo introdutório do seu livro destaca duas teorias que procuram explicar o que é o capitalismo. Uma a partir do pensamento de Max Weber que é chamada de culturalista, e a outra, histórica, de Karl Marx por conta dos diferentes pontos de vista dos quais partem para explicar o mesmo conceito. Catani (1983), argumenta que a teoria de Weber busca explicar o capitalismo através de fatores externos à economia, quando sustenta que o capitalismo se constitui a partir da herança de um modo de pensar as relações sociais legada pelo movimento de reforma na Europa – do protestantismo de Lutero e mais ainda do calvinismo. Neste modo de pensar, a ideia principal refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão ou vocação na busca da salvação individual. A posse de riquezas pelo trabalho e poupança seria um sinal de que o indivíduo pertenceria ao grupo dos “predestinados”.

Etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim *Tripallium*¹³, um instrumento de tortura formado por três (*tri*) paus (*pallium*). Em outras palavras, o trabalho estava associado a castigo. Porém, com as vicissitudes do protestantismo, o trabalho seria visto de uma outra maneira – passaria a dignificar o homem. O conjunto dessas ideias formaria o fundamento de uma ética elaborada pela reforma, implicando aceitação de princípios, normas de conduta, formando a expressão de uma mentalidade, e de um “espírito” capitalista. Por este motivo, a concepção de Weber sobre o capitalismo é conferida a fatores culturais. Catani (1983), destaca a segunda corrente teórica partindo de uma perspectiva histórica, que define o capitalismo como sendo um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da idade moderna e que encontrou sua plenitude no desenvolvimento industrial inglês culminando com a Revolução Industrial.

A religião é um desses componentes culturais que exerce total influência sobre os aspectos sociais. Seja pela manifestação das crenças individuais ou coletivas, ou até mesmo por

¹³ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tripálio>. Acesso em: 29 abr. 2020.

aqueles que não possuem nenhum tipo de crença ou que se denominam ateus, ou que se consideram agnósticos, que de alguma forma se comportam discordando, criticando, convivendo de forma pacífica ou não, e que dificilmente conseguem se comportar como se fosse um arreligioso.

Um dos campos conceituais presentes na teoria da história e vinculado a Escola dos *Annales*, encontra-se a temporalidade e esta pode ser debatida na perspectiva do tempo da curta, média e longa duração, conforme postulação de Fernand Braudel (CARDOSO; VAINFAS, 2011). O capitalismo pode ser enquadrado na categoria de longa duração. E nessa longa duração encontra-se a transição do feudalismo para o capitalismo. Um período que vai do século XIV ao século XVIII, é denominado de transição, dentre outras coisas, pelo fato de que essa transição não aconteceu de forma hegemônica. É preciso que se considere as características e as peculiaridades de cada lugar, embora os países que respectivamente foram palco da dupla revolução que transformou radicalmente o mundo moderno, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, para estudar esse assunto temos que lembrar com uma certa frequência de Inglaterra e França. Para compreender alguns aspectos dessa transição, destaca-se o texto que diz:

Vários historiadores tomam o desenvolvimento do comércio como a principal causa da desintegração da sociedade medieval, particularmente do seu regime de trocas e de seus costumes. A importância do comércio não pode ser colocada em dúvida. No entanto, convém lembrar que a expansão comercial não ocorreu por acidente nem se deveu a fatores externos da economia europeia, como, por exemplo, a intensificação dos contatos com os árabes. [...] As condições para o desenvolvimento do comércio foram criadas pelas transformações econômicas ocorridas no interior da Europa. O crescimento da produtividade agrícola proporcionou um excedente de alimentos e de mão-de-obra para os mercados locais e internacionais. A utilização mais racional da energia e dos transportes tornou possível e lucrativa a concentração da indústria nas cidades, a produção em larga escala e a venda dos produtos em mercados mais amplos e mais distantes. As modificações ocorridas na agricultura e na indústria constituíram os requisitos necessários para a expansão das trocas e do comércio. Essa expansão, por sua vez, revigorou o desenvolvimento da indústria e das cidades. Várias cidades comerciais e industriais foram fundadas em decorrência da expansão do comércio, sobretudo o comércio de longa distância. O crescimento dos centros urbanos, submetidos à dominação dos mercadores capitalistas, provocou uma série de mudanças importantes tanto na indústria como na agricultura. Tais mudanças, sobretudo as que afetaram a agricultura, resultaram no enfraquecimento e, finalmente, na dissolução completa dos vínculos tradicionais que mantinham a coesão da estrutura social e econômica da sociedade feudal. (HUNT; SHERMAN, 2008, p. 25).

Essas informações por si só, trazem um quadro bastante representativo das profundas transformações que impactaram a Europa no período de transição. O excedente de produção, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do comércio. Na migração do homem do campo para a cidade, efervesceu-se o surgimento e desenvolvimento dos centros urbanos, que aliás, denominados de burgos, fez brotar o embrião da burguesia, futura detentora do capital e dos meios de produção. Vale acrescentar, a circulação de moeda, a criação de casas de câmbio e o desenvolvimento da atividade monetária, de fundamental importância nesse momento para viabilizar a circulação de mercadorias através das relações de poder de compra e venda.

Mas, “de onde vem o dinheiro?” Essa foi uma das perguntas levantadas por Leo Huberman para tratar da “História da riqueza do homem”, obra publicada originalmente em 1936, e de um aspecto extremamente didático e compreensível. Como explica o autor, que tipo de dinheiro é capital e qual não é? Afirma que quando um pastor vendia sua lã a dinheiro, a fim de comprar pão para comer, não estava usando esse dinheiro como capital. Mas quando o negociante pagava o dinheiro da compra de lã com a esperança de vendê-la novamente a um preço mais elevado, usava o dinheiro como capital. Complementa que:

[...] Quando o dinheiro é empregado num empreendimento ou transação que dá (ou promete dar) lucro, esse dinheiro se transforma em capital. É a diferença entre comprar para uso (fase pré-capitalista) e comprar para vender com o objetivo de ganhar (fase capitalista).

Mas o que é que o capitalista compra para vender com lucro? Entradas de teatro? Lã? Carros? Chapéus? Casas? Não. Não é nenhuma dessas coisas, e ao mesmo tempo é parte de todas elas. Converse com um trabalhador na indústria. Ele lhe dirá que o patrão lhe paga salário pela sua capacidade de trabalhar. É a força do trabalho do operário que o capitalista compra para vender com lucro, mas é evidente que o capitalista não vende a força de trabalho de seu operário. O que ele realmente vende – e com lucro – são as mercadorias que o trabalho do operário transformou de matérias-primas em produtos acabados. O lucro vem do fato de receber o trabalhador um salário menor do que o valor da coisa produzida.

O capitalista é dono dos meios de produção – edifícios, máquinas, matéria prima, etc.; compra a força de trabalho. É da associação dessas duas coisas que decorre a produção capitalista. (HUBERMAN, 1986, p. 144).

Essa explicação de Huberman (1986), permite interface com a segunda corrente das teorias apresentadas por Catani (1983), que explicam o capitalismo postulada por Karl Marx, onde depreende-se que o capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, mas também um sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como objeto de troca. Elizete da Silva (2014), em outra análise afirma que na segunda metade do século XIX, Marx e Engels formularam uma explicação teórica da

história designada de materialismo histórico, em que, voltados para a economia e filosofia política não objetivavam estudar a religião, porém, com os problemas sociais e políticos, tiveram que enfrentar a face sagrada de tais questões.

Outrossim, no debate ideológico do século XIX, as teorias socialistas apareceram como instrumento de luta representantes do contraponto ao capitalismo e, também, de combate à estrutura social burguesa em curso. Marx, principal representante da crítica ao capital liberal burguês, teve a partir de suas ideias uma série de pensadores que se renderam a esse tipo de crítica. Dessa corrente, encontra-se a que afirma que as contradições do capitalismo criariam as condições para o surgimento do socialismo. O capitalismo avançou, esteve em uma bipolaridade pós segunda guerra no século XX, e atualmente, paradoxalmente encontra-se hegemônico e em crise. Mészáros (2011), afirma que nesse plano como em vários outros, os problemas se acumulam e as contradições tornam-se cada vez mais explosivas. Estudiosos apontam uma crise na produção do conhecimento pelo qual, caminhos alternativos em relação ao capitalismo parecem estar limitados. Como não é o caso aqui, discutir propriamente dito as alternativas ao sistema capitalista, e, passadas essas tratativas da temática, vamos discorrer um pouco sobre a Renascença, um dos ingredientes mais importantes da modernidade.

Invariavelmente, o termo Renascença, nos remete à uma questão preliminar que precisa ser respondida: (Re)nascença do quê? A resposta é muito simples, porém, a abrangência é ampla quando se tenta decifrar o que realmente significou a Renascença e seu nascedouro na Itália, seus desdobramentos na Europa e sobretudo suas repercussões no mundo moderno. Significa o renascimento da Antiguidade Clássica, especialmente da cultura greco-romana, com impactos na cultura, na sociedade, na política, na economia, na religião e na nova forma de vida do homem moderno. Não por acaso, que, dentro do movimento renascentista encontramos o termo Humanismo, que evidencia as questões antropocêntricas e o espírito do individualismo que doravante iria marcar os sujeitos da modernidade.

Recorremos a Peter Burke, um dos historiadores ingleses da contemporaneidade de renome internacional, que, dentre suas várias publicações, notabilizou-se por suas proposições, dedicação e vasto conhecimento da História Cultural. Burke (2008), na obra “O Renascimento”, se utiliza de vários pensadores e um deles especialmente chama à atenção. Trata-se de Jacob Burckhardt que em sua *Civilisation of the Renaissance in Italy* (1860), teria definido o período em dois conceitos: “individualismo” e “modernidade”. Interpretando a obra de Burckhardt, Peter Burke destaca o sentido mitológico e metafórico dado por este ao Renascimento onde “as personagens desta história, quer sejam heróis como Alberti e Miguel Ângelo, ou vilões como

os Bórgias, são todas extraordinárias. A própria história explica e justifica o mundo moderno.” (BURKE, 2008, p. 10-11). O autor segue destacando que:

As metáforas não eram uma novidade no tempo deste autor. Dos meados do século XIV em diante que um crescente número de académicos, escritores e artistas, em Itália e noutros lugares, começou a usar a imagética da renovação para assinalar uma nova era, uma era de regeneração, restauração, reabilitação, rememoração, renascimento, ou ressurgimento, em direcção à luz, após aquilo a que foram eles os primeiros a chamar a “Idade das Trevas”. (BURKE, 2008, p. 11).

Ressalvando que as metáforas não eram uma novidade naquele tempo, destaca o valor das narrativas e dos acontecimentos que marcaram as transformações culturais em curso. Burke ressalva que a recuperação da Antiguidade não tinha o mesmo significado para todos os grupos sociais.

Tinha significados diferentes para florentinos, romanos, venezianos, e assim sucessivamente. Este ponto torna-se particularmente óbvio se considerarmos o desenvolvimento do movimento ao longo do tempo. No século XIV assistimos a um aumento do interesse pelo passado clássico por parte de uma mão-cheia de entusiastas, entre os quais se destaca Petrarca, que, longe de ser um dos ‘primeiros homens verdadeiramente modernos’, pertenceu à cultura medieval tardia, ainda que rejeitasse alguns dos seus elementos. No século XV, o movimento já envolve importantes membros da classe governante, incluindo papas (Nicolau V e Pio II), príncipes (tais como os regentes de Ferrara, Mântua e Urbino) e, claro, Lorenzo de Médici, o governante oficioso de Florença. (BURKE, 2008, p. 45).

Em um período que vai um pouco mais adiante, ou seja, de 1500 a 1800, Peter Burke também estuda a “Cultura Popular na Idade Moderna”, onde, apesar da imprensa (uma das importantes descobertas da época renascentista), segundo ele a longo prazo solapar a cultura oral e tradicional, também nesse processo, registrou parte dela através dos folhetos e brochuras que estavam saindo do prelo. Essa cultura popular, reflete o cotidiano e as tradições de pessoas mais simples, porém, não menos importantes ao longo da história cultural da humanidade. “A cultura surge de todo um modo de vida, e os camponeses dos inícios da Europa moderna não tinham um modo de vida uniforme. Alguns viviam em aldeias, como na Inglaterra; alguns em cidades, como no sul da Itália; alguns em herdades isoladas, como na Noruega.” (BURKE, 2010, p. 58).

Jean Delumeau, também estudioso do Renascimento, destaca a situação curiosa em que, enquanto este definiu-se como um movimento em direção ao passado, contrasta com a

modernidade que se apresentava a caminho do progresso. Destaca Petrarca como criador da noção de “tempos obscuros” ou “barbárie” e “trevas” em relação ao medievo, o considera como o iniciador da revolução intelectual do Renascimento. Destaca a ressonância estética do termo devido aos humanistas e artistas da época.

[...] Para lá de fronteiras e de escolas, havia tendências profundas que impeliam toda a arte europeia para novas direções. Abandonando gradualmente os caminhos do idealismo, os artistas abriam os olhos para a realidade quotidiana, tomavam dela a medida – e daí a busca da perspectiva -, interessavam-se pelo homem, pelo seu corpo, pela sua face – mesmo quando feia -, descobriram a paisagem. Estava nisso um aspecto essencial do Renascimento; mas de modo algum privativo da Itália. (DELUMEAU, 1994, p. 92).

As fases do Renascimento conforme mostra Nicolau Sevcenko, num procedimento quase habitual entre os historiadores se divide em três: *Trecento* (século XIV); *Quattrocento* (século XV); *Cinquecento* (século XVI). A primeira fase corresponde ao pré-renascimento ou fase inicial quando serão difundidos os princípios do pensamento humanista.

Na Itália, esse período é representado por criadores dos mais ilustres, como Dante, Petrarca e Boccaccio na literatura, Cimabue, Duccio e Giotto na arte. Nessa fase ainda estão presentes, e muito fortes, os elementos medievais, mas os fermentos da transição agem com maior eficácia, caminhando para a caracterização de um novo estilo de composição, afinado com novos conteúdos e dirigido a sensibilidades modernas. A evolução na arte é muito característico a esse respeito. (SEVCENKO, 1988, p. 49).

O segundo período, chamado de *Quattrocento*, é tratado como a época de grandes realizações do Renascimento. É a época da hegemonia de Florença em relação a cultura italiana e europeia. É o período de ascensão dos Médici. Foram grandes protetores dos artistas e Lourenço de Médici foi considerado o maior colecionador de obras de artes do seu tempo. Vale ressaltar que, muitos dos renascentistas tiveram estreita relação com os mecenas que desempenharam um papel importante no financiamento e sustento das artes na Renascença.

Lourenço fundou a Academia Platônica de Florença. Era um grande poeta e deu o tom à produção cultural florentina durante todo o seu período de governo. Esse foi também o período de fastígio econômico e político da cidade. Florença conquista e mantém sob jugo quase toda região da Toscana; em 1406 submete Pisa e passa a utilizar-se de seu porto; em 1421 compra o porto de Livorno e sua rica burguesia passa a desfrutar de lucros imensos no comércio com Veneza. As classes dominantes florentinas concorrem num luxo exibicionista, entre si e as demais cidades. A instalação da cúpula da Catedral de Santa Maria dei Fiori, encomendada ao arquiteto Brunelleschi,

consagra com o mais significativo dos monumentos renascentistas a glória e a hegemonia da burguesia florentina. A cidade dá-se até ao luxo de exportar artistas e criadores geniais como o próprio Leonardo da Vinci. (SEVCENKO, 1988, p. 50).

O último período, o *Cinquecento*, no século XVI, ficou conhecido como o período em que as obras artísticas atingiram seu mais elevado grau de elaboração. “A noção de urbanismo foi dada – melhor, restituída – à Europa pela Itália, o país do Ocidente que tinha nessa época mais cidades e que mais perto estava do passado greco-romano.” (DELUMEAU, 1994, p. 266). Mas, apesar do sucesso artístico, no período do *Cinquecento*, as cidades italianas passaram a ter terríveis dificuldades econômicas passando a enfrentar graves conflitos sociais. Em meio à essas dificuldades, a França invade a Itália em 1494, sendo expulsos um ano depois com ajuda de uma coligação de tropas espanholas e alemãs. Segundo Sevcenko (1988), a essa altura, só o papado em Roma conseguia reunir recursos para manter o equilíbrio necessário. Tal equilíbrio não durou por muito tempo. Com a Reforma luterana, as ações dos papas Júlio II e Leão X, que criaram em torno do trono papal uma atmosfera de luxo, requinte e sofisticação cultural, bem como as obras para a edificação da nova Basílica de São Pedro, dentre outras coisas, teria um custo e os desdobramentos que redundaram nas transformações do século XVI.

Indubitavelmente, os efeitos do movimento renascentista foram vistos em outros países da Europa. Consubstanciada na literatura com vistas à uma produção vernácula, no desenvolvimento das artes, da arquitetura, na abertura de universidades, no desenvolvimento da medicina através de nomes como Eustáquio, Falópio, Della Torre e Mundinus, no desenvolvimento científico, obviamente os intelectuais renascentistas não deixaram de acreditar em Deus, ou que estivessem tentando se tornar mais importante que a divindade. Ao defender a separação entre a filosofia e a teologia, não estavam tratando de uma separação literal entre fé e razão, mas, considerando seus respectivos lugares onde a ênfase em um, não significava necessariamente a supressão do outro. Esse espírito racionalista refletia o individualismo que emergia, não num sentido egoico do ser, mas do sujeito aspirante de respostas baseadas nos pressupostos da razão.

De modo geral, refletia as inquietudes do sujeito epistemológico da modernidade. Paulo Ghiraldelli Júnior, nos remete aos escritos filosóficos quando afirma que os gregos tentando explicar racionalmente o mundo, o fazem através da pergunta “O que é a realidade”? Trazem os fundamentos da racionalidade para a explicação da realidade. Já os modernos, no lugar de indagar sobre o real, passaram a querer saber como é possível o conhecimento do real (GHIRALDELLI JR., 2003). Esse sujeito epistemológico, apresenta-se inspirado no

antropocentrismo, no individualismo, nas concepções libertárias que vão dos renascentistas aos iluministas da modernidade.

Bem entendido, um dos integrantes importantes da modernidade e não menos importante para a compreensão da época, encontra-se a figura do Estado. Tomo emprestado o termo utilizado por João Carlos Brum Torres (1988), quando se utiliza das “Figuras do Estado Moderno” para analisar a sua dimensão simbólica através das imagens, figuras e representações sociais do poder. Essa analogia será desenvolvida mais adiante quando estaremos tratando da temática Política e sua relação com a religião. Não será demais dizer, todavia, que ao poder político descentralizado característico da época medieval, a alternativa foi o poder centralizado na época moderna, configurado no absolutismo monárquico. Para tanto, nada melhor do que um ingrediente divino que pudesse justificar tal situação. Dito de outra forma, o absolutismo monárquico foi forjado na ideia do “direito divino de governar” ou “direito divino dos reis”.

A sua organização foi marcada pela elaboração de um corpo burocrático administrativo, respaldado por leis que garantissem a legalidade do poder político, a consolidação de cobranças tributárias e um aparato de força através da criação de exércitos permanentes em meio ao desenvolvimento de um sentimento nacionalista. Com a economia sob controle, flertava com uma ascendente burguesia mercantil, ao passo que, no campo religioso, as relações permaneciam escusas, mas, intrinsecamente próximas. Rubem Alves já dizia:

Basta abrir os nossos jornais e tomar ciência das tensões entre Igreja e Estado, Igreja e interesses econômicos. A argumentação é a mesma. As ideias se repetem. Que a religião cuide das realidades espirituais, que das coisas materiais a espada e o dinheiro se encarregam! (ALVES, 1984, p. 47).

Se em outro momento nos referimos à primeira modernidade, é necessário que se faça a devida distinção. A primeira modernidade, que podemos demarcar entre os séculos XV e XVI, foi marcada pelo surgimento do movimento renascentista, o surgimento do capitalismo com destaque para o comércio e das práticas mercantilistas cujo modelo era determinado pelo controle do Estado. Estado este, que, em meio às expansões marítimas e comerciais, tentava ampliar seus domínios políticos, econômicos e territoriais. No plano religioso, as Reformas do século XVI, marcaram decisivamente a nova configuração do expansionismo cristão. A teoria heliocêntrica e as descobertas de Nicolau Copérnico e Galileu Galilei, trouxeram novos horizontes não apenas aos navegantes, mas, quanto à própria visão de mundo.

Com relação à segunda fase da modernidade, com destaque para os séculos XVII e XVIII, no plano político, vimos o surgimento das revoluções burguesas que marcaram o fim do

Antigo Regime configurando então como alternativa, o Estado liberal burguês. No plano econômico, tivemos a Revolução Industrial que foi um marco para a consolidação da burguesia. Quanto a religião, foi decisiva nas revoluções inglesas do século XVII, expansiva em suas novas ramificações, inclusive com a chegada na América do Norte e ampliada pelo catolicismo jesuítico nos novos territórios ibéricos. No campo científico e nas luzes de novas ideologias, destacamos o racionalismo cartesiano, o empirismo inglês e o *laissez faire* dos fisiocratas. Assim, as grandes mudanças em curso, são impulsionadas pelas transformações do pensamento questionando inclusive os dogmas religiosos e o predomínio destes sobre as pessoas.

2.4 A REFORMA PROTESTANTE

Reconhecemos que depois dos movimentos reformistas medievais, o de maior proporção e repercussão foi a Reforma Protestante desencadeada a partir do momento em que Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg na Alemanha em 1517. Com o advento do dia de todos os Santos, que é comemorado pela tradição Católica em primeiro de novembro, estrategicamente, Lutero por saber que a cidade de Wittenberg estaria cheia de fiéis para os festejos, na véspera, em 31 de outubro de 1517, fixou suas 95 teses onde no dia seguinte um elevado número de pessoas teria acesso às mesmas. Nessas teses, Lutero promove uma série de críticas tendo como referência a venda de indulgências, situação que toma conotação como um protesto contra os abusos do clero, desdobrando-se numa proposta de reforma do catolicismo romano.

Nesse momento, as doutrinas da Igreja Católica Apostólica Romana são questionadas publicamente, onde as ideias do reformador se sustentam naquilo que compreendia como retorno às escrituras sagradas. Os princípios fundamentais da Reforma Protestante estavam amparados em cinco solas: *sola fide* (somente a fé); *sola scriptura* (somente a escritura); *solus Christus* (somente Cristo); *sola gratia* (somente a graça); *solus Deo gloria* (glória somente a Deus). (NASCIMENTO, 2019, p. 122).

Imediatamente, Martinho Lutero teve que lidar com a força e autoridade da Igreja Romana quando o Papa Leão X, exigiu que ele fosse a Roma se retratar. Após ter recusado, foi excomungado e como consequência, a Igreja ordenou a queima de suas obras, situação que o levou a editar nova publicação traçando um programa de reforma religiosa. Lutero “sentia-se capaz de discutir assuntos concernentes às questões religiosas e políticas, responsabilizando,

inclusive, as autoridades seculares a cumprir bem seu papel e suas funções.” (ANJOS, 2013, p. 56).

Ainda hoje, interpelar a autoridade religiosa constitui-se um problema para quem o faz. Afinal, quem ousa questionar a autoridade do Papa, do Bispo, do Padre, do Pastor, do Pai de Santo, da Mãe de Santo? Normalmente, quem passa por tais experiências é visto como subversivo, rebelde, insubordinado ou coisa parecida. Nesse sentido, as cisões e dissidências vão acompanhar a história do cristianismo não apenas nos períodos mencionados até aqui. Trata-se de eventos relacionados à sua própria história. Sobre os cismas, Antônio Lopes Ribeiro descreve:

A história do cristianismo foi marcada por duas grandes cisões. A primeira, conhecida como “Cisma do Oriente”, se deu em 1054, culminando com a separação entre as Igrejas Católicas do Ocidente e do Oriente, estabelecendo-se dois catolicismos: um romano e outro ortodoxo. A segunda se deu com Martinho Lutero, no século XVI, ficando conhecida como Reforma. Esta segunda cisão promoveu uma divisão profunda no cristianismo, que ao longo dos tempos se pluraliza. Isso se tornou um grande problema no que se refere à credibilidade do cristianismo face às religiões não cristãs: como apresentar a verdade evangélica à diversidade religiosa se o próprio cristianismo encontra-se profundamente dividido? Como falar da unidade cristã desejada por Jesus (Jo 17, 21), se as igrejas se digladiam como verdadeiros inimigos, no campo religioso cristão? (RIBEIRO, 2013, p. 152).

Essas afirmações caracterizam elementos importantes no que diz respeito a conduta moral da Igreja em relação às suas prédicas e seu corpo doutrinário. Como trata-se de Instituição com sua respectiva organização, é natural a existência de um corpo doutrinário, afinal, toda instituição está de certa forma sujeita a algum tipo de regulamento, estatuto, dogma, regimento, etc. Se tomarmos emprestado por exemplo, as ideias contratualistas de teóricos como Hobbes, Locke e Rousseau, vamos perceber que toda organização ou poder social depende de um tipo de ordenamento que implica em responsabilidades recíprocas. Para tanto, o cientista das religiões precisa aguçar sua sensibilidade para a percepção dessas relações.

No caso da Igreja, o agravante que enseja suas cisões, encontra-se relacionado com seus códigos de conduta. A Igreja, seja a Católica ou Protestante, trabalha com questões espiritualistas que indicam um comportamento moral, ético, com a ideia de santidade e dualismos do tipo: bem e mal, salvação e perdição, céu e inferno, trevas e luz, pecado e santidade, Deus e o Diabo, sagrado e profano, etc. Esse dogmatismo religioso é responsável pelo abismo criado em torno da sua própria existência. Normalmente, os eventos de dissidências estão associados ao pseudo afastamento dos sujeitos daquilo que dizem crer. As relações de

poder são colocadas a prova quando “em nome de Deus”, muitas vezes, atitudes são tomadas para oprimir, manipular, controlar, matar e explorar pessoas que em muitos casos terminam sendo vítimas desse mecanismo controlador.

Dessa forma, a credibilidade do cristianismo é colocada em cheque inclusive pelas várias ramificações existentes após os acontecimentos reformistas. Essa pluralização a que Ribeiro (2013) se refere, reflete parte dos desdobramentos da Reforma Protestante. Uma das reivindicações dos apoiadores da Reforma era a livre interpretação da Bíblia bem como a tradução da mesma para as línguas vernáculas, haja visto que, no catolicismo medieval a língua predominante era o latim, o que em muitos casos era um empecilho para que os fiéis pudessem se aproximar efetivamente dos textos bíblicos. Se por um lado o controle dos textos bíblicos pela Igreja Católica era algo danoso à sociedade medieval, por outro, a busca pela livre interpretação da Bíblia pelos protestantes, não impediu que tal corrente praticasse, em muitos casos, seus desmandos e abusos frente as novas formas de propagação e difusão das doutrinas bíblicas. “É necessário observar, todavia, algo que muitas vezes tem sido esquecido, o fato de a Reforma não ter implicado a eliminação do controle da Igreja sobre a vida cotidiana, mas a substituição do controle vigente por uma nova forma.” (WEBER, 2001, p. 19-20).

Felipe Fernández-Armesto e Derek Wilson (1997), na obra “Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000” sugerem que a compreensão da Reforma deve ser feita sem a paixão ou partidarismo que por vezes pode ser tentador ao olhar de quem se debruça sobre tal temática. Nesse sentido, os autores Fernández-Armesto, um católico, e Derek Wilson, protestante, se uniram com o objetivo de trazer informações consistentes a partir de uma análise abrangente, densa e que avalio como muito bem elaborada.

Já no início da obra, Fernández-Armesto; Wilson (1997), afirmam que atualmente as igrejas estão sendo duramente interpeladas sobre o que elas têm a oferecer às sociedades carentes do ponto de vista moral, por exemplo, seria um cálice contendo remédio ou veneno? O que as divide ou as une? Estão pregando evangelhos diferentes, e, serão elas efetivamente religiões diferentes? Como se vê, as questões éticas ainda encontram-se no epicentro dessas instituições.

Muitas (ou a maioria) das diferenças entre as congregações cristãs de hoje podem ser, e efetivamente são, atribuídas à Reforma – uma série de movimentos que, tradicionalmente, se afirma terem sido desencadeados por um teólogo dissidente da Saxônia, em 1517, e que dividiriam a Igreja Ocidental em duas facções mutuamente excludentes e hostis entre si, comumente denominadas “católica romana” e “protestante”. Aqueles que tomaram parte na Reforma, alguns anos depois, perceberam que se tratou de

uma reforma de poder inédito para mudar a Igreja, o mundo e a alma dos devotos. (FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, 1997, p. 16).

Outrossim, os autores se posicionam afirmando que o objetivo do livro é subverter as visões tradicionais sobre a importância da Reforma, onde as origens da diversidade cristã não está baseado em quaisquer eventos do passado da Igreja, mas, na própria natureza do cristianismo. Colocam a Reforma não como simplesmente uma série de movimentos restritivos ao passado, mas como um tema que se sobrepõe a toda a história da Igreja e ainda hoje ativo exercendo sua influência verdadeiramente poderosa e com grande repercussão no presente. Alguns autores costumam analisar a Reforma do ponto de vista das divergências e pontos antagônicos. No caso de Fernández-Armesto e Derek Wilson, compreendem que as características decisivas, transformadoras da história cristã no século XVI e a partir dele não foram aquelas que separaram as tradições católicas, protestante e ortodoxa, mas, segundo acreditam, aquelas que essas tradições tinham em comum.

A Reforma, portanto, não introduziu as inovações comumente atribuídas a ela: não rachou uma Igreja monolítica; não introduziu heresias inéditas; não gerou as primeiras igrejas nacionais. Em vez de ser um novo ponto de partida na história da Igreja, derivou de tradições vindas de longa data, uma forma de diversidade já antiga. A Igreja Pós-Reforma ficou mais diversificada do que antes, mas essa diferença foi em grau, em vez de ser em espécie. E nem as novas divisões entre católicos e protestantes foram da natureza que se costuma supor. Os movimentos católicos e protestantes do período têm sido tradicionalmente chamados de “Reforma” e “Contra-reforma”, como que para enfatizar seu relacionamento conflitivo e para caracterizar que um se opunha ao outro. Uma geração recente de historiadores reconheceu que esses movimentos foram paralelos e substituiu o termo “Contra-reforma” por “Reforma católica”; mas a inimizade entre as duas partes – cujos componentes executavam-se uns aos outros e seguiam seus líderes para a guerra nas alianças formadas, pelo menos em parte, dentro de cada linha confessional – continuou a dominar nosso quadro histórico e a dificultar a percepção de quais seriam seus pontos em comum. De certa maneira, a “Reforma” – definida como busca de um cristianismo mais puro, mais em conformidade com os modelos primitivos, ou como um movimento destinado a comunicar as verdades cristãs de forma mais profunda e ampla ao povo cristão – foi menos uma fonte de divisão do que um tema comum que conciliava grupos hostis. Até o termo “Reforma” agora está sendo considerado enganoso para alguns historiadores. A tendência atual da historiografia da Reforma é no sentido de uma reavaliação da experiência dos séculos XVI e XVII, passando-se a considerá-los um “período de transição” – abrangendo tanto os católicos quanto os protestantes e, em menor grau, os ortodoxos – para um cristianismo mais ativo e comprometido do que o que antes prevalecia. (FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, 1997, p. 21-22).

As considerações acima são fortes e reveladoras. As tradições vindas de longas datas e que vão se reverberar nas duas vertentes revelam um ponto comum fundamental: ambas reconhecem em Jesus Cristo o caráter salvífico e redentor. Em que pese a ocorrência da cisão, a hierarquia com suas devidas proporções permaneceu, a condução congregacional em ritos litúrgicos com relativas variações continuou com seu curso tendo em seu entorno o culto coletivo. O dogmatismo e códigos de conduta receberam suas respectivas adequações sem perder o dorso da estrutura regimental. “A maioria dos reformadores concordava quanto à necessidade de erradicar os abusos da conduta clerical que havia surgido devido a um desequilíbrio de função.” (FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, 1997, p. 216). Afirmam isso por entender que as responsabilidades pastorais estavam sendo deixadas de lado, onde muitos sacerdotes estavam mais interessados nas atividades que reforçavam seu poder sobre a comunidade e, em muitos casos eram exploradas com fins lucrativos.

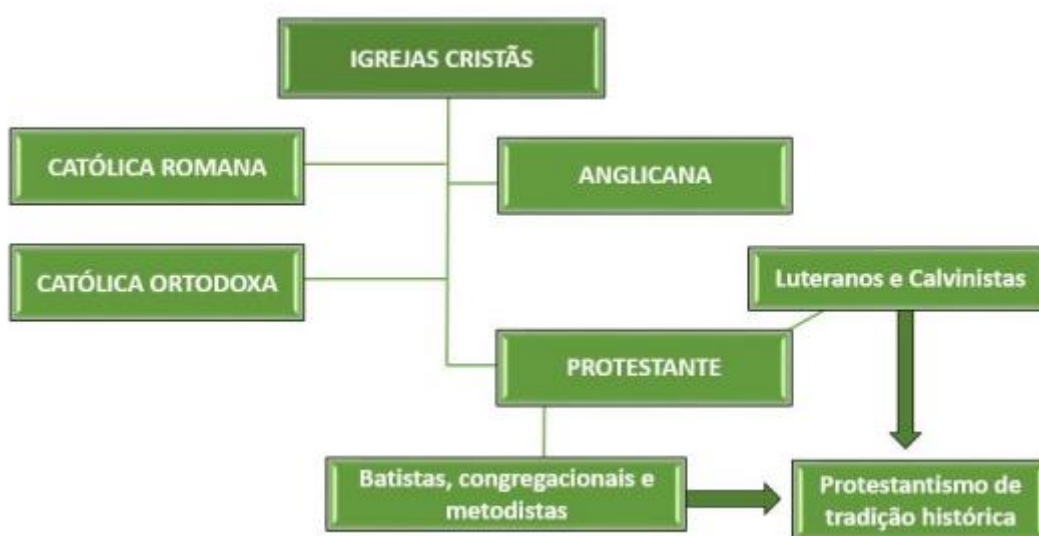
A substituição do termo “Contra-reforma” por “Reforma Católica”, ganha uma conotação mais adequada, haja visto que, como já foi dito anteriormente, existem outros movimentos e atores sociais em questão, que, portanto, nos leva à convicção de que a melhor designação é de Reformas cristãs, exatamente pela pluralidade dos fatos. Eis porque, alguns teóricos já trabalham com “cristianismos” ou, “religiões de cristandade”.

Quanto ao argumento de que o termo “Reforma” agora está sendo considerado enganoso por alguns historiadores e a tendência de reavaliação pela historiografia da experiência dos séculos XVI e XVII, podendo ser tratado como um “período de transição”, há um equívoco inestimável. Não obstante os pontos de aproximação e de poucas mudanças de fato, existem outras situações em que os territórios foram muito bem demarcados. A própria Igreja Católica na sua Reforma se encarregou de fazer o Concílio de Trento de 1545 a 1563, objetivando assegurar a unidade da fé e da disciplina eclesiástica. “Tomou deliberações que mexeram na estrutura do clero e governaram a Igreja durante séculos.” (SEFFNER, 1993, p. 62). Existem pontos desse Concílio que são especificamente para a Igreja Católica. A criação da Companhia de Jesus nesse período foi crucial para o expansionismo missionário católico, com forte influência sobre a Península Ibérica, consequentemente nas Américas portuguesa e espanhola. Essas estratégias foram cruciais para a unidade institucional do catolicismo.

Já em relação ao protestantismo, esse movimento se fragmentou muito mais. Basta dizer que não existe uma figura central no topo da hierarquia como é o Papa para os católicos. Cada uma dessas ramificações possui suas respectivas lideranças. Enquanto os protestantes reivindicavam a livre interpretação da Bíblia, no Concílio de Trento, católicos reforçavam que somente a Igreja podia interpretar as escrituras. As ramificações do protestantismo, logo

conheceram um elevado número de cisões e movimentos distintos. Aboliram o uso de imagens, preservado dentro do catolicismo. Esse é um componente demasiadamente importante se levarmos em consideração a relevância do imaginário e das representações simbólicas nos atos religiosos. A doutrina da predestinação não é consenso dentro do próprio protestantismo e possui um peso muito grande em relação ao modo como se lida com o trabalho, por exemplo. Portanto, os séculos XVI e XVII, representaram um marco tanto do ponto de vista císório quanto do ponto de vista expansionista no universo do cristianismo moderno. No quadro abaixo, é possível uma ramificação preliminar que possibilita a identificação das religiões cristãs:

Figura 1: Igrejas Cristãs



Fonte: Tese de doutorado Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva¹⁴

Um outro autor que merece especial deferência é o alemão Max Weber, que se debruça em apontar aquilo que chama de “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Em sua obra, dentre outras coisas, se propõe a analisar o Calvinismo, o Pietismo, o Metodismo e o que classifica como Seitas Batistas. Essas são algumas das novas correntes religiosas oriundas do movimento reformista e que rapidamente se espalhou pelo mundo Ocidental com forte influência sobre a ordem econômica predominante na época moderna. Nesse sentido, o destaque para algumas das analogias do autor a esse respeito.

¹⁴ Organograma criado por Saulo Duarte Lima Ribeiro (2022, p. 130).

No Capítulo I, ao tratar da “Filiação Religiosa e Estratificação Social”, Max Weber afirma que uma análise da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz um debate na imprensa e literatura católicas e em congressos católicos na Alemanha sobre “o fato de que os líderes comerciais e detentores do capital, assim como da mão-de-obra altamente qualificada, sobretudo do pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, serem preponderantemente protestantes.” (WEBER, 2001, p. 19).

Segundo Max Weber¹⁵, essa preponderância protestante não ocorre apenas quando a diferença de religião coincide com a de nacionalidade e de desenvolvimento cultural, o mesmo ocorre nas estatísticas de filiação religiosa de qualquer parte em que o capitalismo, em sua grande expansão, teve a possibilidade de alterar a distribuição social da população. “Quanto maior a sua liberdade de ação, tanto maior a clareza do efeito apontado”. Inúmeras áreas mais desenvolvidas economicamente, sobretudo a maioria das ricas cidades, aderiram ao protestantismo no século XVI. O autor entende que os resultados dessas circunstâncias até hoje favorecem os protestantes na sua luta pela sobrevivência econômica. À essa compreensão, podem ser acrescentadas as ponderações de Pierre Bourdieu, quando diz:

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho e à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum dos dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e “sistematização” das crenças e práticas religiosas. (BOURDIEU, 2015, p. 34).

Weber destaca algo que considera muitas vezes esquecido, o fato de a Reforma não ter implicado a eliminação do controle da Igreja sobre a vida cotidiana, mas a substituição do controle vigente por uma nova forma. Ou seja, esse controle a que Max Weber se refere associado ao pensamento de Pierre Bourdieu quanto à constituição de um campo religioso moralizante e sistematizador das crenças e práticas religiosas mostram que há na constituição da religião um tipo de controle social. Weber (2001), afirma que o domínio do calvinismo em Genebra e na Escócia no séc. XVI, em grande parte dos Países Baixos entre sécs. XVI e XVII, Nova Inglaterra e por algum tempo na própria Inglaterra no século XVII, seria a forma mais insuportável de controle eclesiástico do indivíduo que até então pôde existir. Max Weber

¹⁵ Parágrafo desenvolvido a partir do Capítulo I – Filiação Religiosa e Estratificação Social – da obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber, p. 19-24.

destaca que os países mais avançados economicamente e suas emergentes classes médias burguesas não apenas falharam na resistência a essa tirania inédita do Puritanismo, mas até a defenderam heroicamente, de uma maneira raramente vista antes. Aponta também a qualificação na formação educacional, onde, o quantitativo protestante foi maior possibilitando uma maior ascensão na empresa comercial, principalmente nas funções de comando, fazendo com que os protestantes estivessem mais interessados na empresa capitalista do que os católicos. Salienta o feito de os protestantes, seja como dirigentes ou dirigidos, seja maioria ou minoria, terem demonstrado uma tendência para o racionalismo econômico, que não pôde ser observado nos católicos em qualquer dessas situações. Eis porque, o autor se impressiona com a grande quantidade de representantes das formas mais espirituais da fé cristã que se espalharam pelos círculos comerciais.

Weber (2001), sublinha dentre as diversas análises a respeito da ideia da “concepção de vocação em Lutero”, o caso de que essa ideia no sentido religioso, era suscetível de interpretações muito diversas em seu significado na conduta secular. “O efeito da Reforma, como tal, em contraste com a concepção católica, foi o de aumentar a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho secular e profissional.” (WEBER, 2001, p. 43). Em outras palavras, a ideia de vocação vai encontrar uma acomodação junto ao condicionamento moral presente nas prédicas da reformada orientação religioso. Essa conduta secular, de certa forma atua como um agente regulador dos sujeitos no sentido de trazer à baila a resignação e aceitação das condições de trabalho presentes no expediente capitalista.

O crescente entrelaçamento nos negócios do mundo é acompanhado de perto pela crescente valorização do significado do trabalho profissional. Todavia, a vocação concreta do indivíduo vai sendo, com isso, interpretada cada vez mais como um dom especial de Deus para a realização desses deveres que é a vontade divina. E, quando, depois dos combates com os espíritos fanáticos e dos distúrbios camponeses, a ordem histórica objetiva, na qual o indivíduo é inserido por Deus, transforma-se cada vez mais para Lutero em decorrência direta da vontade divina, e a sua interpretação encaminha-se para uma coloração tradicionalista baseada na ideia da Providência. Segundo esta, o indivíduo deve fundamentalmente permanecer na profissão e na posição em que Deus originalmente o colocara, e a sua aspiração deve manter-se dentro dos limites dessa sua condição de vida. (WEBER, 2001, p. 46).

A religiosidade protestante possui um proselitismo fortemente marcado por aquilo que seus adeptos costumam chamar de “vontade de Deus”. Não é difícil com isso, um certo comodismo e aceitação muitas vezes quase que incondicional do curso das coisas como sendo algo da plena vontade de Deus. Por conseguinte, se por um lado esse comportamento pode ser

compreendido como uma forma dos congregados aceitarem o curso da vida de maneira mais resignada, portanto, mais afeitos a lidarem com os percalços encontrados ao longo do caminho, por outro, é propício para que líderes mal intencionados possam fazê-lo como mecanismo de manipulação e controle, uma vez que, se arvorando da pseudo conduta de mensageiro divino, pode submeter os seus liderados a um tipo de sofrimento perverso em nome de uma suposta vontade divina.

Max Weber em um determinado momento usa a expressão “protestantismo ascético”. Ele está se referindo a algumas correntes religiosas que no contexto do protestantismo, utilizaram desse tipo de vocação. Dentro de uma concepção filosófica grega, a ascese é uma inclinação para a austeridade e autocontrole do corpo e do espírito. Do ponto de vista religioso, encontra-se vinculado a comportamentos disciplinares morais tendo em vista a realização dos desígnios divinos e o cumprimento das leis sagradas. É uma espécie de desvio das coisas consideradas mundanas para voltar-se para as coisas sagradas, divinas, mesmo que isso represente renúncia aos chamados “desejos da carne”. Nesse sentido, Weber elege os quatro principais representantes históricos do protestantismo ascético: o Calvinismo; o Pietismo; o Metodismo; as seitas que se derivaram do movimento Batista. O autor alerta que nenhum desses movimentos foi completamente independente dos demais, e mesmo a distinção das igrejas não-ascéticas da Reforma nunca é perfeitamente clara. Cita o Metodismo, que surgiu pela primeira vez no século XVIII, no seio da Igreja Oficial da Inglaterra, que não pretendia segundo seus fundadores, formar uma nova Igreja, mas apenas reavivar o espírito ascético dentro da antiga, e no curso do seu desenvolvimento ulterior, principalmente quando se alastra pela América, que se separou da Igreja Anglicana. Dessa forma, destacamos no quadro abaixo, como Max Weber se posiciona e descreve essas principais igrejas e as principais ideias do protestantismo ascético.

Quadro 1: Fundamentos Religiosos do Ascetismo Laico

CALVINISMO
O Calvinismo foi a fé em torno da qual giraram as grandes lutas políticas e culturais dos séculos XVI e XVII dos países capitalistas altamente desenvolvidos – Países Baixos, Inglaterra e França. Naquela época, e, de modo geral, mesmo hoje, a doutrina da predestinação era considerada seu dogma mais característico. Em Calvino, seu interesse religioso não está no homem, mas em Deus. Deus não existe para os homens, mas estes por causa de Deus. E tudo que acontece, até mesmo que parte dos homens seja acolhida para a bem-aventurança, só pode ter algum sentido como meio para a glória e a majestade de Deus. Aplicar padrões de justiça terrena aos Seus desígnios soberanos é desprovido de sentido e é um insulto à Sua Majestade, uma vez que Ele, e apenas Ele, é livre, não está submetido a lei nenhuma. Seus desígnios só podem ser entendidos, ou mesmo conhecidos, por nós, na medida em que seja de Seu agrado nos revelar. Podemos apenas nos ater

a estes fragmentos da verdade eterna. Tudo o mais, inclusive o significado do nosso destino, está envolto em mistério, cuja penetração seria impossível e cujo questionamento seria presunçoso. Sabemos apenas que uma parte da humanidade está salva, e outra, condenada. Pressupor que o mérito humano ou a culpa participem da determinação deste destino seria considerar os desígnios absolutamente livres de Deus, estabelecidos para a eternidade, passíveis de mudança por influência humana, e isto constitui uma contradição impossível. A graça de Deus, uma vez que seus desígnios não podem mudar, é tão impossível de ser perdida por aqueles a quem Ele a concedeu, como é inatingível para aqueles aos quais Ele a negou. Porque mesmo Cristo morrera apenas pelos eleitos, em cujo benefício Deus decretara seu martírio pela eternidade. A relação do calvinista com o seu Deus era realizada em um profundo isolamento espiritual. O mundo existe apenas para a glorificação de Deus, e somente para este fim. O cristão eleito está no mundo apenas para enaltecer esta glória, cumprindo Seus mandamentos o melhor que puder. À questão “sou um dos eleitos?”, a resposta é de que devíamos contentar-nos com o conhecimento de que Deus escolhera, e dependermos desta implícita confiança em Cristo, que é o resultado da verdadeira fé. O Deus do calvinista requeria dos seus fieis não apenas “boas obras”, mas uma vida de boas obras, coordenada em um sistema unificado. A vida do santo era dirigida apenas para um fim transcendental: a salvação. Por esta razão, ela era completamente racionalizada do ponto de vista deste mundo e dominada inteiramente pela finalidade de aumentar a glória de Deus sobre a terra. O calvinismo foi fascinado pela ideia de que Deus, criando o mundo – inclusive a sociedade – deve ter desejado que as coisas fossem objetivamente propositadas, como meio de aumentar Sua glória: não a criatura por si mesma, mas a organização das coisas materiais sob Sua vontade. As energias ativas do eleito, liberadas pela doutrina da predestinação, fluíram, assim, para a luta pela racionalização do mundo. No curso do seu desenvolvimento, o Calvinismo anexou a ideia da necessidade de se provar a fé de cada um na atividade secular. Com isso deu a grupos maiores de pessoas com inclinação religiosa um incentivo positivo para a ascese. Baseando sua ética na doutrina da predestinação, substituiu a aristocracia espiritual dos monges, alheia e superior ao mundo, pela aristocracia espiritual dos predestinados santos de Deus, integrados no mundo. Esta consciência da graça divina por parte dos eleitos e santos era acompanhada de uma atitude com relação ao pecado do próximo, não de compreensão baseada na consciência das próprias fraquezas, mas de ódio e de desprezo por ele por considerá-lo inimigo de Deus e portador dos sinais da condenação eterna. Este tipo de sentimento foi capaz de tal intensidade que resultou às vezes na formação de seitas. Consideramos assim, a doutrina da predestinação como o fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta ética metodicamente racionalizada. Isto pôde ser feito porque a influência desse dogma ultrapassou, na verdade, o único grupo religioso que se manteve estritamente fiel aos princípios calvinistas: os presbiterianos. A doutrina calvinista da predestinação, a seu modo, teve não só uma consciência quase única, como seu efeito psicológico foi extraordinariamente poderoso. A forma de ascetismo calvinista foi ou imitada por outros movimentos ascéticos ou usada como fonte de inspiração ou de comparação no desenvolvimento de seus princípios divergentes.

O PIETISMO

Historicamente, a doutrina da predestinação é também o ponto de partida do movimento ascético conhecido como pietismo. Na medida em que o movimento permaneceu dentro da Igreja Reformada, é quase impossível traçar a linha entre os calvinistas pietistas e os não-pietistas. Quase todos os principais representantes do puritanismo são às vezes classificados como pietistas. Aqueles predestinados para a graça podiam ocasionalmente estar sujeitos ao erro dogmático assim como a outros pecados, e a experiência mostrou que frequentemente aqueles cristãos que quase não tinham orientação da teologia acadêmica exibiam mais claramente os frutos da fé, e ficou evidente que o mero conhecimento da teologia não garantia a prova de fé através da conduta. Assim, a eleição não podia ser aprovada pelo conhecimento teológico. Daí, o Pietismo, com uma profunda desconfiança na Igreja dos teólogos da qual – o que faz parte de suas características – oficialmente ainda pertencia, começou a reunir os adeptos da *práxis pietatis* em conventículos separados do mundo. Ele desejava tornar, a invisível Igreja dos eleitos, visível nessa terra. Sem chegar a formar uma seita separada, seus membros tentaram viver nesta comunidade uma vida livre das tentações do mundo, e ditada em todas as minúcias pela vontade divina, para, assim,

tornarem-se seguros de sua própria redenção, por sinais externos manifestos em sua conduta diária. Deste modo, a *ecclesiola* dos verdadeiros convertidos – isto era comum a todos grupos genuinamente pietistas – desejava, por meio do ascetismo intensificado, gozar a bem-aventurança da comunidade com Deus nesta vida. Esta última tendência tinha algo que se aproximava da *unio mystica* luterana, e muitas vezes levou a uma ênfase maior no lado emocional da religião, do que a aceita pela média dos calvinistas ortodoxos. Do nosso ponto de vista, pode-se dizer que é esta a característica decisiva do Pietismo desenvolvido dentro da Igreja Reformada, pois este elemento de emoção, que era, originalmente, bem estranho ao calvinismo, mas estava relacionado com certas formas religiosas medievais, levou a religião na prática a empenhar-se muito mais no gozo da salvação do que na luta ascética pela certeza do mundo futuro. Além disso, a emoção podia ter tanta intensidade que a religião assumiu um caráter positivamente histérico, resultando na alternância, conhecida por inúmeros exemplos e neuropatologicamente compreensíveis, de estados semiconscientes, de êxtase religiosa com períodos de exaustão nervosa, que eram sentidos como “abandono” de Deus. O efeito era exatamente o oposto da disciplina estrita e temperada sob a qual os homens eram colocados pela sistemática vida de santidade do puritanismo. Significava um enfraquecimento das inibições, que protegiam de suas “paixões” a personalidade racional do calvinista. O desejo de separar o eleito do mundo podia, com forte intensidade emocional, levar a um tipo de vida comunitária monástica de caráter semicomunista como repetidas vezes mostrou a história do Pietismo mesmo dentro da Igreja Reformada. Enquanto não apareceu este efeito extremo condicionado pela ênfase da emoção, enquanto o pietismo reformado se empenhou em assegurar a salvação dentro da rotina diária em uma vocação secular, o efeito prático dos princípios pietistas foi um controle ainda mais estritamente ascético da conduta na vocação, fornecendo uma base religiosa para a ética vocacional ainda mais sólida que a mera respeitabilidade laica dos cristãos reformados normais, considerados pelo pietismo “puro” como uma cristandade de segunda classe. O nome pietismo em si, que surgiu pela primeira vez em território luterano, indica que, na opinião dos contemporâneos, era característico que a *pietas* fosse transformada em um procedimento metódico. O pietismo elaborou ideias que, de modo semelhante ao calvinismo, embora mais brandas, estabeleceram uma aristocracia dos eleitos apoiada na especial graça de Deus. A chamada teologia do Terminismo, que de modo geral, foi atribuída ao pietismo por seus oponentes, supõe que a graça é oferecida a todos os homens, em um momento determinado da vida, ou em algum momento pela última vez. Quem quer que deixe passar este momento, está além da universalidade da graça, está na mesma situação que os negligenciados por Deus na doutrina calvinista. No conjunto, quando consideramos o pietismo alemão do ponto de vista do que nos é importante, devemos admitir uma vacilação e uma incerteza na base religiosa do seu ascetismo, que o torna consideravelmente mais fraco que a férrea consistência do calvinismo, e que é o resultado, em parte, de influências luteranas e, em parte, do caráter emocional. O lugar da autoconfiança, que o eleito procurava obter e continuamente renovar num trabalho vocacional, sem descanso e bem-sucedido, foi tomado por uma atitude de humildade e abnegação. Em lugar da luta racional e sistemática para a obtenção de um conhecimento da salvação futura (extraterrena), surge aqui a necessidade de sentir agora (nesta vida) a reconciliação e a comunhão com Deus. Assim, a tendência da busca do deleite na vida presente, de impedir a organização racional da vida econômica, que depende da previsão do futuro, tem, em certo sentido, um paralelo no campo da vida religiosa. A disseminação desse pietismo emocional do modo de vida dos eleitos puritanos realiza-se por estágios graduais. As virtudes favorecidas pelo pietismo foram mais aquelas dos “fervorosos” funcionários, caixeiros, operários ou empregados domésticos, por um lado, e por outro, do empregador predominantemente patriarcal com sua piedosa condescendência. O calvinismo, em comparação, parece estar mais relacionado com o rijo legalismo e com a ativa empresa dos empreendedores capitalistas burgueses.

O METODISMO

A combinação de um tipo de religião emocional, mas ainda ascético, com uma crescente indiferença pelas bases do ascetismo calvinista, ou um repúdio a elas, é característica também do movimento anglo-americano correspondente ao pietismo continental: o metodismo. O próprio nome já mostra o que impressionava seus contemporâneos como característica de seus adeptos: o caráter sistemático, “metódico” da conduta no sentido da obtenção da *certitudo salutis*. Esta foi,

desde o início, o centro da aspiração religiosa também para este movimento, e assim perdurou. Apesar de todas as diferenças, sua indubitável relação com certas ramificações do pietismo alemão é mostrado, acima de tudo, pelo fato de o método ter sido usado inicialmente para provocar o ato emocional da conversão. E a ênfase sobre o sentimento – despertada em John Wesley pelas influências moravianas-luteranas – levou o metodismo, que desde o início viu a sua missão entre a massa, a tomar um caráter emocional, especialmente na América. A obtenção do arrependimento envolvia, em certas circunstâncias, uma luta emocional de tal intensidade, que levava aos mais terríveis êxtases, que, na América, muitas vezes ocorriam em reuniões públicas. Isso formou a base na crença de uma imerecida posse da graça divina e, ao mesmo tempo, de uma imediata consciência de justificação e perdão. Esta religião emocional iniciou, e não com pequenas dificuldades, uma aliança peculiar com a ética ascética, para todo o sempre imposta pela racionalidade do puritanismo. Sempre que Wesley atacava a ênfase de seu tempo sobre as obras, era apenas para reavivar a velha doutrina puritana de que as obras não são a causa, mas o meio de se conhecer o estado de graça de alguém e, mesmo isto, apenas quando elas são realizadas exclusivamente para a glória de Deus. O despertar geral que por toda a parte se seguiu ao metodismo – como por exemplo na Nova Inglaterra – significou uma vitória para a doutrina da graça e da eleição. Assim, do nosso ponto de vista, a ética metodista, semelhantemente ao pietismo, parece estar fundamentada numa base de incerteza. Todavia, a aspiração a uma vida mais elevada – à segunda “bem-aventurança” – serviu-lhe como uma espécie de paliativo para a doutrina da predestinação. Além disto, sendo de origem inglesa, sua ética prática relacionava-se àquela do puritanismo inglês, cuja revivência aspirava ser. O ato emocional da conversão era metodicamente induzido. E, uma vez obtido, não era seguido por um piedoso gozo da comunhão com Deus, à maneira do pietismo emocional de Zinzendorf, mas a emoção, uma vez despertada, era dirigida para uma luta racional pela perfeição. O entusiasmo emocional tomava a forma de entusiasmo, que era apenas ocasionalmente – mas não poderosamente – arrebatador, mas que, de modo algum, destruiu o caráter racional da conduta. A renovação do metodismo criou, assim, somente um complemento para a sua pura doutrina das obras: uma base religiosa para a conduta ascética, depois do abandono da conduta da predestinação.

AS SEITAS BATISTAS

O pietismo da Europa continental e o metodismo dos povos anglo-saxões são considerados movimentos secundários, tanto em seu conteúdo de ideias, quanto em sua importância histórica. No entanto, encontramos ao lado do calvinismo uma segunda fonte independente do ascetismo protestante no movimento batista e nas seitas que, no decorrer dos séculos XVI e XVII dele se derivaram, quer diretamente, quer por adoção de suas formas de pensamento religioso: os batistas, menonitas, e, principalmente, os quakers. Com elas, chegamos a grupos religiosos cuja ética está em uma base que difere, em princípio, da doutrina calvinista. As mais importantes ideias de todas essas comunidades, que são importantes e cuja influência no desenvolvimento da cultura somente pode ser esclarecida em uma conexão diferente, são algo com que já estamos familiarizados: os crentes da Igreja. Isto significa que a comunidade religiosa – a “Igreja visível” na linguagem das igrejas da Reforma – já não era considerada como um tipo de fundação de confiança para fins extraterrenos, como uma instituição que necessariamente incluísse tanto os justos como os injustos, seja para enaltecer a glória de Deus (calvinista), seja como um meio de trazer aos homens os meios de salvação (católica e luterana), mas apenas como uma comunidade de pessoas que creem na renovação, e somente estas. Em outras palavras, não uma igreja, mas uma “seita”¹⁶. Só isto é que deveria simbolizar o princípio, em si puramente externo, de que apenas os adultos que tivessem pessoalmente adquirido sua própria fé deveriam ser batizados. A justificação através dessa fé era para os batistas – como eles insistentemente repetiam em todas as discussões religiosas – radicalmente diferente da ideia de “trabalho no mundo” a serviço de Cristo, tal como estabelecia

¹⁶ Os batistas não se consideram como seitas. O próprio Max Weber admite isso quando diz: “Naturalmente os batistas sempre repudiaram a designação de “seita”. Eles formam a Igreja, no sentido da Epístola de Efésios (v. 27). Em nossa terminologia, entretanto, eles formam uma “seita”. (...). Para compreender melhor os motivos pelos quais Weber os classifica como seitas, ver mais em “Notas do Autor” (p. 155, nota 173).

o dogma ortodoxo do velho protestantismo. Ela consistia mais na tomada de posse espiritual de Seu dom da salvação. Mas esta ocorria através da revelação individual: pela ação do Divino Espírito no indivíduo, e apenas deste modo. Ela era oferecida a todos, e bastava esperar pelo Espírito e não resistir à sua vinda por um pecaminoso apego ao mundo. Os redimidos, e apenas eles, são os irmãos de Cristo, porque, como Ele, foram sido criados, em espírito, diretamente por Deus. A estrita alienação do mundo, ou seja, de toda relação desnecessária com pessoas leigas, juntamente com a mais estrita bibliocracia, no sentido de se tomar a vida das principais gerações de cristãos como modelo, foram os resultados para as primeiras comunidades batistas, e este princípio de alienação do mundo nunca desapareceu, enquanto permaneceu vivo o velho espírito. O modo de vida bíblico foi concebido pelos primeiros batistas da Suíça e da Alemanha do Sul com um radicalismo similar àquele do jovem São Francisco, com rígido desligamento de todo o gozo da vida, com uma vida moldada diretamente no exemplo dos apóstolos. Esta observância estrita dos preceitos bíblicos está nas bases muito seguras em sua conexão com o caráter pneumático da fé. O que Deus revelara aos profetas e apóstolos não era tudo o que Ele podia e haveria de revelar. A sobrevivência do Verbo não como uma doutrina escrita, mas como a força do Espírito Santo – que fala diretamente a qualquer indivíduo que O queira ouvir – agindo sobre a vida diária do crente, era a única característica da verdadeira Igreja. Desta ideia de continuidade da revelação desenvolveu-se a conhecida doutrina, mais tarde consistentemente elaborada pelos quakers, da importância do testemunho interior do Espírito na razão e na consciência. Isto ocorreu não apenas com a autoridade da Bíblia, mas com a autoridade única da Bíblia, e deu início a um desenvolvimento que eliminaria radicalmente todos os resquícios da doutrina da salvação através da Igreja, até mesmo, como entre os quakers, o batismo e a comunhão. As seitas batistas, juntamente com os predestinacionistas – especialmente os calvinistas estritos – desenvolveram a mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meio de salvação e realizaram, assim, até as suas últimas consequências, a “desmistificação” religiosa do mundo. Apenas a “luz interior” da contínua revelação podia habilitar alguém a entender verdadeiramente até mesmo as revelações bíblicas de Deus. A redenção causada pelo Espírito, se por Ele esperamos e a Ele abrimos nosso coração, pode levar, uma vez que é devidamente causada, a um estado de tão completo domínio sobre o poder do pecado que a recaída – para não falar da perda do estado da graça – torna-se quase impossível. Todas as comunidades batistas desejavam ser “puras” Igrejas, no sentido da inocente conduta de seus membros. Um repúdio sincero do mundo, de seus interesses e uma submissão incondicional a Deus, que nos fala através da consciência, eram os únicos sinais infalíveis da verdadeira redenção, e um tipo de conduta correspondente era indispensável à salvação. O presente da graça de Deus não podia ser merecido, mas apenas aquele que seguisse os ditames de sua consciência poderia ser justificado por considerar-se redimido. Desde que a predestinação foi rejeitada, o caráter peculiarmente racional da moralidade batista apoiou-se psicologicamente, acima de tudo, na ideia da “espera” pela descida do Espírito. A finalidade desta tranquila espera é a superação do impulsivo e do irracional, das paixões e dos interesses subjetivos do homem “natural”. Ele deve calar-se a fim de conseguir profunda tranquilidade de alma que é a única em que pode ser ouvida a palavra de Deus. A eliminação da magia do mundo não permitiu nenhum outro curso psicológico, que não a prática do ascetismo laico. Uma vez que essas comunidades nada queriam ter que ver com os poderes políticos e com seu procedimento, disto resultou a penetração desta moral ascética na vida profissional. Toda a sutil e consciente racionalidade da conduta batista foi assim forçada para vocações apolíticas. Ao mesmo tempo, a imensa significação atribuída pela doutrina batista da salvação ao controle através da consciência, como a revelação de Deus ao indivíduo, imprimiu na conduta deste, e na sua vida profissional, um caráter cuja grande importância para o desenvolvimento de aspectos básicos do espírito do capitalismo, apontou o princípio mais importante da ética capitalista: a honestidade é a melhor política.

Fonte: Adaptado do livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*¹⁷

¹⁷ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2. ed. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001, p. 54-83; 125-158.

Ao estudar os fundamentos religiosos das vertentes acima, Weber admite que seu interesse era “na influência daquelas sanções psicológicas que, originadas da crença religiosa e da prática da religião, orientavam a conduta e a ela prendiam o indivíduo.” (WEBER, 2001, p. 54). Nesse sentido, ele apresenta estes pensamentos religiosos sob a forma de “tipos ideais”, por entender que só é possível compreender tal realidade a partir de suas formas mais lógicas e coerentes.

O pensamento weberiano de “tipo ideal” tem como proposta esclarecer a função lógica e a estrutura dos conceitos nas Ciências Sociais. Weber entende que os conceitos são construídos a partir do sujeito. Eis porque, na relação indivíduo e sociedade, ao contrário de Durkheim que ratifica que o social prevalece sobre o indivíduo, Weber afirma que o indivíduo é que prevalece sobre a sociedade. Sua lógica segue o modelo aristotélico. A partir do momento em que se forma um quadro homogêneo de pensamento, se enfatizará aspectos que se deseja estudar daquele dado objeto de estudo. Nesse sentido, a análise dos princípios orientadores da ascese protestante marcados pelas transformações no campo religioso nos séculos XVI e XVII, podem também ser colocados sob essa perspectiva.

E, para conclusão desse tópico, retomamos os escritos de Felipe Fernández-Armesto e Derek Wilson quando afirmam que:

No canteiro de obras da História, a Reforma foi reduzida a fragmentos, reduzida de um evento de proporções cósmicas a uma série de experiências locais ou individuais. O que antes parecia uma revolução que abalaria o mundo foi reclassificado como uma “transição” dos estilos ou gostos devocionais. Entretanto, a importância dos episódios do passado ainda tende a ser analisada segundo as percepções populares de suas consequências, e a reputação da Reforma continua a deixar rastros nebulosos de efeitos a ela atribuídos. (FERNÁNDEZ-ARMESTO; WILSON, 1997, p. 371).

Tal assertiva, por inferência nos leva a perceber que esses fragmentos se traduzem nas várias ramificações levadas a cabo pelo protestantismo não apenas no limiar dos anos que imediatamente sucederam à Reforma, mas, na sua continuidade mundo a fora através das experiências locais a que os autores se referem. Mesmo assim, desde Lutero passando pelos líderes reformistas que se encarregaram de espalhar a novidade, os laços históricos da Reforma Protestante estão de alguma forma presentes nessas experiências locais, seja pelos estilos devocionais, pelos atos litúrgicos ou pelos vínculos doutrinários. Assim, as reformas religiosas, desde aquelas desencadeadas no seio do catolicismo no período medieval até os movimentos ocorridos no século XVI, tiveram de alguma forma repercussões que se verificam até os dias atuais nos vários lugares onde os cristianismos se fazem presentes.

Ato posto, somado a isto, a expansão Protestante na Inglaterra, a criação da Igreja Anglicana, a chegada dos “puritanos” ingleses na América do Norte iriam lançar as bases para a chegada do cristianismo protestante no Brasil.

2.5 PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Antes de adentrarmos no protestantismo brasileiro propriamente dito e ainda relacionado ao tema anterior, considero pertinente a visão de alguns teóricos brasileiros sobre o que foi a Reforma Protestante. No ano de 2017, quando a comunidade evangélica comemorou os 500 anos da Reforma, a Editora Mundo Cristão lançou uma obra intitulada “Uma nova reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar?”. No prefácio, o Diretor-presidente da Editora Mark Carpenter, explica que estabeleceu duas linhas de questionamentos para o desenvolvimento do livro: passados 500 anos da Reforma Protestante e o cenário que a engendrou, o que seria uma nova reforma nos dias atuais com ênfase no que carece de reforma na atual Igreja; que consequências essa reforma proposta deveria ter para a igreja e sociedade como um todo. O detalhe importante é que foram convidados vários teóricos de diversas linhas do protestantismo brasileiro como presbiterianos, batistas, pentecostais, anglicanos, metodistas, missionários, ortodoxos, missão integral, calvinistas, arminianos, além de acadêmicos, pastores, leigos, homens e mulheres. Não obstante os questionamentos propostos, elegemos uma outra linha, ou seja, o que boa parte desses pensadores afirmam sobre o que foi a Reforma Protestante trazendo evidentemente, uma visão mais endógena acerca da temática por conta do perfil dos autores escolhidos. Dessa forma, destacamos na tabela abaixo parte das ideias desses pensadores:

Tabela 1: A Reforma Protestante vista por teóricos brasileiros

Antônio Carlos Costa	Armando Bispo da Cruz
Revelar ao mundo um Cristo doce foi, acima de qualquer dúvida, a maior contribuição da Reforma Protestante para a felicidade da humanidade. Com Lutero, aprendemos a chamar Cristo pelo nome: Jesus, Jeová é salvação. O homem é emancipado dos terrores da Lei, dos golpes da consciência, dos ardis da religião, da ameaça do inferno, do pavor da morte. Fim da fobia de Deus.	A Reforma fez e faz parte de um movimento contínuo de revitalização da Igreja, que, sob a orientação do Espírito Santo e ao longo de toda a história, faz surgir os personagens, os movimentos e os grupos que ajudam na depuração da eclesiologia. Isso é feito ora preservando a essência do evangelho, ora denunciando os desvios de finalidade provocados pela contaminação política e pela ingerência clerical.
Ciro Sanches Zibordi	Durvalina Bezerra

A Reforma não começou com uma tomada de posição do alto clero mas, sim, com a postura intrépida de monges católicos inconformados com a exploração dos leigos. Naquele tempo, só havia um ingrediente reconhecidamente cristão, a imponente Igreja Católica Apostólica Romana, e, embora houvesse cristãos que resistissem aos dogmas papais, sobretudo entre os clérigos, eles não ousavam se manifestar, até que Lutero e outros reformadores resolveram fazê-lo.	No século 16, as decisões da igreja romana, sob as ordens papais, não consideravam as Escrituras. Além disso, a tradição tinha o mesmo peso de valor doutrinário. Ler o texto bíblico, à época predominantemente em latim, era permitido apenas às autoridades eclesiásticas. O povo ignorante não tinha como conhecer a Palavra. A verdade, porém, se sobrepôs ao erro e aos desvios da fé cristã. Assim, foi o próprio texto bíblico o responsável por provocar toda a indignação.
Ed Renê Kivitz	Luiz Felipe Pondé
O movimento que deu origem ao protestantismo, em suas diferentes formas, foi, portanto, um acontecimento localizado em uma das expressões históricas dentre tantas outras que pretenderam tomar para si a representatividade, quíça exclusiva, do que Jesus chamou “minha igreja”. Jamais existiu algo como um “cristianismo oficial”. O derramar do Espírito Santo sobre “toda a carne” naquele Pentecoste relatado em Atos deu origem a centenas de milhares de comunidades cristãs rumo aos confins da terra, as quais formam um mosaico maravilhoso do que sociologicamente podemos chamar de “cristianismos”.	A Reforma Protestante é todo um universo impossível de ser mapeado de modo simples e sintético. Não acredito em sistematizações que visam a dar um “DNA” para eventos como a Reforma. Podemos, sim, identificar certos traços, mais ou menos marcantes, que unem a Reforma ao longo, complexo, devastador e encantador processo conhecido como “modernidade”.
Luiz Sayão	Maurício Zágari
Os reformadores entenderam que o edifício teológico, eclesiástico e religioso construído no contexto católico tinha se afastado demasiadamente da proposta original do cristianismo primitivo. O movimento, portanto, era de um retorno às raízes, da primazia da Palavra, da valorização do cristianismo primitivo. E não há como fazer isso sem redescobrir o hebraico, a língua, a cultura e a cosmovisão presentes no texto sagrado.	A mola mestra da Reforma foi a necessidade de pôr o coração humano de volta ao seu devido lugar; desconectá-lo do interesse pelas riquezas, motivador das indulgências; afastá-lo da ânsia por grandiosidade e poder temporal; desligá-lo das ambições materialistas, imanentes e fugazes, entre outras necessidades. A Reforma não trata, em primeira análise, dos intrincados meandros do poder imanente; pelo contrário, põe em primeiro plano a urgência de indivíduos mortos em delitos e pecados ganharem vida ao se religarem ao Espírito divino por meio da graça, mediante a fé.
Miguel Uchôa	Pedro Lucas Dulci
Quando, em 31 de outubro de 1517, o monge Martinho Lutero afixou 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, dando início ao movimento conhecido como Reforma Protestante, não fazia ideia de onde chegaria. Sua intenção mais sincera era restaurar a igreja e mantê-la una, santa, católica e apostólica. Não imaginava que aquele ato causaria a formação de tantas igrejas independentes e, em especial, geraria esse caleidoscópio eclesiástico de matriz eventualmente protestante.	A Reforma Protestante é um capítulo muito rico e diversificado da história do Ocidente. Não podemos reduzir os acontecimentos desse período a alguns poucos nomes, histórias marcantes ou ênfases teológicas. Muitas mulheres fizeram parte desse acontecimento moderno, vários relatos e documentos foram perdidos ou abafados pelas narrativas vencedoras, como também uma pluralidade enorme de debates teológicos foi deixada de lado nos manuais de história da igreja.

Ricardo Bitun	Rivanildo Segundo Guedes
O ato histórico propriamente dito de Martinho Lutero, ao afixar suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517, na porta da igreja do castelo de Wittenberg, apenas aprofundou a rachadura existente no interior da Igreja Católica Apostólica Romana. A Reforma foi muito mais ampla do que um mero “racha” no seio da Igreja Católica Romana. Ela é muito mais complexa do que simplesmente uma divergência de opiniões e doutrinas.	A Reforma Protestante representou um grito de libertação religiosa, social, econômica, política e cultural. Em função de um retorno às Escrituras Sagradas, a sociedade europeia da época se viu diante da possibilidade de um salto em seu modo de viver, até então “emperrado” e atrasado por causa do comportamento da Igreja Católica Romana. Os estudiosos chegam a dizer que a democracia e os direitos humanos tiveram o seu nascedouro em 31 de outubro de 1517. A Igreja brasileira é, portanto, herdeira da Reforma Protestante.
Sérgio Queiroz	
Ao exaltar o nome do indivíduo frente à autoridade eclesiástica e às estruturas do poder religioso, a Reforma abriu espaço para muitos outros movimentos posteriores, servindo de impulso para a liberdade humana na busca pelo conhecimento, assim como para a luta contra toda forma de obscurantismo religioso e intelectual.	

Fonte: Adaptado do livro Uma nova reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar?¹⁸

Como se vê, uma das premissas evidentes apresentadas pelos teóricos listados é a questão soteriológica. Ao que parece, muito provavelmente pela formação teológica da maioria dos autores mencionados, eivadas de uma perspectiva pastoral apologética. Depreende-se que, as questões doutrinárias e dogmáticas dificilmente poderão ser desvincilhadas dos estudos relacionados às instituições religiosas. Como afirma Filoramo (2005), as religiões cristãs são religiões de salvação. O cerne da reunião congregacional gira em torno do que fazer para se obter a salvação. Em outras palavras, qualquer instituição religiosa que se professe cristã, terá em seu discurso a pessoa de Jesus Cristo, sua morte, ressurreição e a promessa da vida eterna. Isso não elimina evidentemente as variações doutrinárias e suas diversas vertentes, afinal, desde que se reivindicou a livre interpretação da Bíblia, a hermenêutica bíblica está longe de ser conclusiva.

Bem entendido, é pertinente que se compreenda alguns aspectos do cristianismo no contexto da colônia portuguesa. No curso dos acontecimentos que sucederam aos atos de Lutero e a expansão do protestantismo pela Europa, a Igreja Católica Apostólica Romana precisava de

¹⁸ ZÁGARI, Maurício (Org.). Uma nova reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar? São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 20-195.

medidas diretivas para o enfrentamento do novo cenário e sobretudo por questões internas que diziam respeito a ela mesma e pelo comportamento do seu corpo diretivo.

Segundo Seffner (1993), em 1535 o Papa Paulo III, constituiu um grupo de conselheiros para estudar a grave questão da reforma doutrinal e espiritual da Igreja Católica, que resultou em um documento editado em 1538 no qual se fazia uma avaliação severa à situação da Igreja. Após idas e vindas, com Paulo III já com 80 anos, no final de 1545, dava-se início ao Décimo Nono Concílio Ecumênico da Igreja Cristã, na cidade de Trento (Itália).

Em meio à esse cenário, eis que surge uma figura importante para as missões católicas. Inácio de Loyola, espanhol de nascimento, com experiência militar e ferido em batalha, em seu processo de recuperação, tem uma experiência espiritual, com visões, sonhos e fortes conflitos íntimos. Convertido, Loyola passa a peregrinar e fazer pregações quando reuniu seguidores com os quais fundaria a Companhia de Jesus. Empreendendo várias missões sob a tutela de papas e príncipes, “em 27 de setembro de 1540, o papa Paulo III assina a bula *Regimini militantes ecclesiae* e funda oficialmente a Companhia de Jesus.” (SEFFNER, 1993, p. 66).

E essa é a ponte que inicialmente liga o Brasil Colônia ao universo cristão. Estando a Península Ibérica debaixo de forte influência católica romana, é fácil entender porque a chegada do colonizador é acompanhada pela catequese, a ordem religiosa e pela atividade missioneira. Isto acontece tanto na América portuguesa quanto na América espanhola. Flávia Lages de Castro afirma que os habitantes originais do território eram múltiplos, em tribos, etnias, línguas. Acrescenta:

Das várias línguas, a mais utilizada era o tupi, que não tinha a pronúncia da letra ‘F’, da letra ‘L’ ou da letra ‘R’, o que foi utilizado pelos portugueses como uma forma de depreciação do índio porque, em se partindo de uma comparação com os europeus da época, como os índios não eram cristãos, não tinham fé; como não legislavam, não tinham lei, como não tinham um chefe supremo, não tinham rei. (CASTRO, 2006, p. 297).

O sentido aplicado pela autora pode até ser metafórico, porém, é inteiramente revelador de uma realidade concreta, o comportamento dominador do colonizador português. Sob a tutela da bula papal, o Tratado de Tordesilhas é assinado em 1494 selando a divisão das terras junto ao Reino de Portugal e a Coroa de Castela. Estava oficialmente decretada a empreitada de exploração das terras d’além mar. “Sem fé”, “sem lei”, “sem rei”, pode-se imaginar o “espírito” que movia a saga da coroa portuguesa. Do ponto de vista religioso, vale destacar o que diz Jacqueline Hermann:

Introduzido pelo projeto missionário dos jesuítas, que aqui chegaram em 1549, o catolicismo brasileiro organizou-se segundo as regras da instituição do Padroado, que fez da Coroa portuguesa a responsável pelas missões católicas e instituições eclesiásticas de seus espaços coloniais. Integrada à estratégia ofensiva da Igreja, a missão jesuítica deveria cumprir a tarefa de converter massivamente populações urbanas e rurais do ultramar, aliando a Fé e o Império no grandioso projeto colonizador. (HERMANN, 2011, p. 331).

E assim foi. Inicialmente através do projeto missionário jesuítico, a empreitada católica elevou o Brasil ao status de uma das maiores nações católicas do mundo. O regime do padroado só foi revogado com a Proclamação da República através de decreto Nº 119-A de autoria de Ruy Barbosa no ano de 1890.¹⁹ Com a Constituição de 1891 (primeira da República), pelo menos do ponto de vista jurídico, instituiu-se o Estado laico. Culturalmente, o país ainda possui diversos feriados religiosos católicos além de alguns símbolos religiosos em várias repartições públicas, tendo inclusive no próprio preâmbulo da atual Constituição a menção a Deus.

Foi nesse contexto republicano que o protestantismo pôde ter um cenário mais favorável para se instalar no Brasil, embora tenha ocorrido tentativas anteriores. “Os pesquisadores do protestantismo brasileiro preferem o termo ‘protestantes’ para agrupar o que o IBGE chama de ‘evangélicos’.” (ALMEIDA, 2013, p. 73). Assim, é necessário entender o que significa essa identidade “evangélica” no Brasil. Vitor Hugo Quima Corrêa, afirma que falar sobre o termo evangélico, é tratar de religião, identidade e política. Religião por conta da relação etimológica com a religião cristã e suas teologias. Identidade por ser empregado para identificar heterogêneos grupos cristãos e política porque, esses grupos ao se constituírem histórica e teologicamente em torno do termo, terminam agindo na vida social. (Corrêa, 2017), afirma que os primeiros empregos do termo na língua portuguesa, ocorreram a partir da apropriação e da ressignificação do vocábulo latino *evangelicus* pelos cristãos. Ao fazer a análise das múltiplas facetas de evangélico enquanto signo linguístico, o autor se depara com a relação intrínseca existente na formação de identidades de grupos religiosos. “Vimos no Recenseamento Geral de 1890 [no Brasil]²⁰ e no relatório da Repartição dos Negócios do Império de 1846, que os Luteranos, de forma específica, foram os primeiros a serem identificados como *evangélicos*.” (CORRÊA, 2017, p. 114). Ademais, o autor acrescenta:

Contudo, no Brasil o termo evangélico também designa outros ramos do protestantismo, chegando até a constituir a ideia de um grande protestantismo,

¹⁹ Decreto Nº 119-A, de 7 de Janeiro de 1890. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em: 12 nov. 2021.

²⁰ Grifo nosso.

ou seja, a reunião do conjunto dos grupos protestantes. Neste caso, o termo não é exclusivo de um segmento protestante específico, mas antes, designa uma tradição religiosa específica. (CORRÊA, 2017, p. 114-115).

Em meio à essa tradição religiosa específica, convencionou-se por muito tempo na tradição da cultura brasileira de senso comum, a distinção entre católicos e evangélicos para se referir aos católicos romanos e aos evangélicos cujas raízes históricas estão vinculadas à Reforma Protestante do século XVI. Essa distinção é fruto das relações conflituosas demarcadas historicamente pelas cisões da época moderna. São resultados das relações de poder onde, embora, ambas se utilizem do termo evangélico, disputam concepções como “verdadeiro evangelho”, “Igreja santa”, “verdadeira Igreja”, dentre outros. Acrescenta-se ainda termos como “crente”, “católico”, “descrente”. Esse último muitas vezes utilizado para se referir a ateus, agnósticos, ou até mesmo para designar adeptos de religiões que não são ligadas ao cristianismo.

Para além do senso comum, os avanços nos estudos e pesquisas acadêmicas, tem contribuído para que na atualidade algumas dessas concepções passem por mudanças, principalmente a fim de promover a tolerância religiosa e o diálogo inter-religioso, além de se valer da busca pelas garantias do estado laico onde as várias ramificações religiosas tenham asseguradas suas respectivas expressões, cultos, ritos e liberdade de crenças. Nesse sentido, o estudo da religião enquanto ciência tem sido um vetor importante no intuito de mitigar os males provocados por essa convenção que se instalou ao longo das disputas de espaço religioso como se vê na história do Brasil.

Por outro lado, dentro do próprio meio dito evangélico, tem sido cada vez mais comum o número de adeptos que já não se sentem tão à vontade assim para se apresentarem como tal. Isso é motivado principalmente pela extensa ramificação ocorrida no meio, especialmente a partir do final do século XX para cá. Essa expansão também coincide com a aproximação de parte desses grupos com o poder político. Em um determinado momento, algumas pessoas tanto do meio político quanto esportivo e artístico tentaram por algum tipo de convenção social, se apresentar como evangélico dando um certo tom de crença e conduta moral correta, sem que as suas atitudes demonstrassem efetivamente a *metanoia* que se espera de quem professa ser evangélico/a. Com efeito, quem não se sente tão confortável assim, tem preferido se apresentar como cristão como forma de se identificar como seguidor dos ensinamentos de Cristo, sem o peso das convenções institucionais e do dogmatismo tão comum nas e das instituições religiosas. Outros preferem, cristão evangélico de denominação “X”, como forma de

preservação da identidade religiosa como meio de se distinguir dos grupos com os quais não se identifica.

Outrossim, as cisões hoje tão recorrentes dentro do protestantismo brasileiro, representam muito mais dúvidas do que certezas no tocante à teologia bíblica, uma vez que, qualquer análise ligada às religiões de cristandade, deverá ser feita de alguma forma sem dissociá-las das referências bíblicas enquanto corpo teológico doutrinário. Certos teólogos costumam falar em seitas, sendo que algumas delas são assim denominadas por considerarem que costumam se apresentar enquanto cristãs, porém, qualificam como destoantes do que se avalia como ordenamentos de Cristo. Isso porque, “na linguagem da conversa comum, seja na religião, seja na política, o termo ‘seita’, usado com frequência, é pejorativo.” (SÉGUY, 2016, p. 1644). Acrescenta ainda que na linguagem recorrente, chamamos de seita os grupos cujas crenças, posturas e práticas nós desaprovamos, ou, são rotulados de “sectários” grupos ou indivíduos que caem na reprovação do seu entorno. “Grupo de pessoas que defendem com fanatismo ou intolerância uma crença qualquer. É este o sentido com que se usa o adjetivo sectário.” (ABBAGNANO, 2003, p. 869).

O conceito de evangelho, portanto, embora preserve as raízes etimológicas e o sentido teológico bíblico, não obstante os sentidos históricos de sua aplicação, não mais pode ser aplicado como exclusivo de uma única vertente ou linhagem religiosa. Há que se considerar como cada uma se apropria do termo principalmente na história do tempo presente.

Vamos, pois, conhecer a trajetória inicial dos protestantes no Brasil. Retomando o pensamento de Vasni de Almeida (2013), ele destaca que com algumas diferenças pouco expressivas, a sociologia, a antropologia e a história do protestantismo brasileiro trabalham esse campo em três grupos: os tradicionais; os pentecostais clássicos²¹; os neopentecostais. “Os tradicionais, [são] assim chamados por estarem vinculados às reformas religiosas instauradas por Martinho Lutero, João Calvino e Zwinglio, no século XVI. Entre esses estão luteranos, anglicanos, episcopais, presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais.” (ALMEIDA, 2013, p. 73-74). O autor classifica esse grupo tradicional em dois segmentos, o de imigração e o segmento de missão. O de imigração é composto por luteranos e anglicanos, já o segmento de missão, é composto por presbiterianos, congregacionais, metodistas e batistas. Embora Almeida (2013), destaque essa segmentação, outros autores já fariam essa abordagem desde as últimas décadas do século passado. O protestantismo de missão, Cândido Procópio Camargo (1973), na década de 1970 classifica como protestantismo de conversão. Antônio

²¹ Existem autores que utilizam apenas o termo “pentecostais”.

Mendonça (2008), acrescenta o protestantismo de invasão, que se deu no período colonial. Portanto, antes de descrever acerca do protestantismo histórico, vamos rapidamente entender o que foi esse protestantismo de invasão.

2.5.1 O protestantismo de invasão

Antônio Gouvêa Mendonça, sociólogo e pastor presbiteriano, dentre as suas várias publicações, uma em especial ganhou notoriedade em meados da década de 1980, “O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil”. Mendonça (2008), objetivou mostrar que a inserção do protestantismo na sociedade brasileira deu-se num momento histórico-social propício; que a aceitação do protestantismo ocorreu na camada “livre e pobre” da população rural; que a expressão do protestantismo foi facilitada pela expansão do café. Ao enumerar algumas obras de caráter confessional e com as devidas ressalvas, do mesmo modo ele destaca outras de relevância para o momento em que o protestantismo brasileiro começa a ser estudado como uma realidade social.

A ocupação da colônia por parte de Portugal não foi um processo simples. A coroa portuguesa viu-se ameaçada por tentativas de piratas, corsários e invasores que enxergavam no extenso território a possibilidade de instalar seus domínios. Como parte desses invasores eram oriundos de países sob influência dos grupos reformados, a Igreja Católica foi obrigada a agir em defesa dos seus interesses. Segundo Mendonça (2008), a resistência portuguesa aos invasores era sempre feita não somente em nome de sua soberania política e de seus interesses comerciais, mas também na defesa da fé contra as heresias. Dessa forma, fica compreensível o porquê dessa categorização de protestantismo de invasão, própria do período colonial, momento em que a colônia portuguesa se viu ameaçada pela invasão estrangeira.

A primeira tentativa de manifestação de uma colonização protestante no Brasil deu-se pouco depois do início da colonização portuguesa (1532), com a chegada da expedição de Villegaignon em 1555, que, sob o amparo de Coligny, pretendia fundar a França Antártica e construir um refúgio onde os huguenotes pudessem praticar livremente o culto reformado. [...] Com a expulsão de Villegaignon e a destruição da colônia da Guanabara (1560), estava findo o primeiro intento protestante de se estabelecer na América do Sul. (MENDONÇA, 2008, p. 38-39).

Os huguenotes eram protestantes franceses perseguidos na segunda metade do século XVI durante as guerras religiosas na França, sendo de maioria calvinista. Citando Jean de Léry (1972); Erasmo Braga e Kenneth G. Grubb (1932), Antônio Mendonça afirma que restaria

àqueles fervorosos huguenotes, o prestígio de terem organizado, sob céus da América, a primeira igreja protestante segundo o modelo da Igreja Reformada de Genebra e aqui realizado o primeiro culto em março de 1557. O insucesso do protestantismo de invasão, caminha ao lado da impossibilidade de permanência francesa na colônia. Todavia, uma dúvida é possível, o que os autores chamam de primeira igreja protestante, não passaria de realização de cultos ou no máximo tentativa de organização institucional? Essa questão será retomada com os estudos de Jaqueline de Souza mais adiante.

Mendonça (2008), aponta uma outra situação quando afirma que a mais séria e duradoura tentativa de implantar uma civilização protestante no Brasil foi no período holandês, com o estabelecimento de reformados no Nordeste Brasileiro.

Durante quinze anos (1630-1645), Pernambuco e outras áreas do Nordeste brasileiro foram protestantes. Embora Maurício de Nassau fosse bastante tolerante com os católicos, o esforço dos “predicantes” logo conseguiu reunir flamengos, ingleses e franceses moradores no Recife e, com eles, organizar a primeira igreja²². Procurando aprender a língua geral, os pregadores holandeses não perderam de vista os indígenas, os africanos e os portugueses. Abriram guerra à imoralidade reinante entre os locais e mesmo entre os próprios holandeses. (MENDONÇA, 2008, p. 39-40).

Na dúvida suscitada anteriormente e com a narrativa de Antônio Mendonça (tendo em vista os autores que ele cita), tanto na experiência da Guanabara, quanto no Recife, existe a referência “primeira igreja”. Essa expressão refere-se de fato à uma primeira igreja local ou à primeira igreja protestante no Brasil? “Consoante às normas reformadas foram organizadas duas classes (presbitérios), uma no Recife e outra na Paraíba e, unindo ambas, o Sínodo, o primeiro a ser instituído no Brasil.” (MENDONÇA, 2008, p. 40). Essa última citação, por sua descrição clerical, nos dá pistas de uma organização institucional, o que poderia ser a primeira igreja protestante no Brasil.

No encontro com uma outra fonte mais recente, encontramos o trabalho de Jaqueline de Souza. Trata-se do livro “A Primeira Igreja Protestante do Brasil: Igreja Reformada Potiguar [1625-1692]” publicado em 2013, que é resultado de uma dissertação de mestrado em um programa de Ciências da Religião. A autora defende a ideia de que a experiência holandesa no Nordeste brasileiro, foi de uma primeira igreja protestante. Já na introdução do seu trabalho, parte do pressuposto de que os potiguaras absorveram a mentalidade reformada dos holandeses e esse é o principal argumento para sustentar que eles formaram aquela que acredita ser a

²² Apud Domingos Ribeiro, 1937, p. 56.

primeira igreja protestante nativo-americana no Brasil do século XVII. Sustentando seus argumentos ao longo da pesquisa, afirma que:

Falar em protestantismo indígena soa estranho nos nossos dias, quanto mais no século XVII. Defender a existência de uma igreja protestante brasileira neste período é um desafio e tanto, sendo ela indígena, torna-se maior ainda. E ela foi a primeira igreja protestante brasileira e primeira não europeia da história. Para um país de raiz católica como o nosso, esse fato aparenta ser bastante surreal, e para os protestantes também. [...] Não foi nos EUA que a primeira igreja protestante americana foi fundada, e sim no Brasil, o que não deveria ser de se admirar, pois nosso país tem um histórico colonial protestante, até 1654, muito maior do que o dos EUA. (SOUZA, 2013, p. 91).

Essas assertivas ajudam a dirimir a dúvida levantada anteriormente quando nas tratativas sobre a experiência francesa. A própria Jaqueline de Souza ao se referir à França Antártica em decorrência dos acontecimentos na região Sudeste, afirma que “[...] lá foram realizados o primeiro culto das Américas, a primeira Ceia do Senhor, a primeira Confissão de fé e surgiram os primeiros mártires.” (SOUZA, 2013, p. 91).

Pode-se concluir que, os primeiros cultos protestantes nas Américas, ocorreram através dos franceses quando na tentativa de se estabelecer no Rio de Janeiro na então colônia da Guanabara, e que, a primeira tentativa de uma igreja protestante reformada aconteceu através dos holandeses no Nordeste brasileiro junto aos indígenas potiguara. Com os conflitos políticos, a resistência portuguesa não permitiu que estes se estabelecessem nos territórios invadidos e a não permanência dos franceses e holandeses, também significou o desaparecimento dessa igreja protestante, voltando a ressurgir apenas no século XIX. Por essas questões políticas, esse protestantismo também ficou conhecido como protestantismo de invasão.

2.5.2 O protestantismo histórico

Também conhecido como protestantismo tradicional, o protestantismo histórico é demarcado por seu surgimento oficial no Brasil no século XIX e tem suas raízes no contexto da imigração germânica e anglo-saxã bem como através dos missionários oriundos especialmente do Estados Unidos da América. Se desdobra em protestantismo de imigração e protestantismo de missão. O protestantismo de imigração aconteceu através de luteranos e anglicanos que se instalaram no país logo após a vinda da família real e os novos tratados comerciais que foram assinados com a chegada da coroa portuguesa. O protestantismo de missão, também chamado de protestantismo de conversão, é caracterizado pelas estratégias missionárias implantadas no

Brasil nos anos 80 do século XIX, através de missionários estadunidenses que se utilizaram das ações expansionistas oriundas do protestantismo que se instalou nos EUA, sob a égide das ideias puritanas que acompanharam os imigrantes ingleses que se instalaram no país a partir das guerras civis ocorridas na Inglaterra no século XVII. O destaque é para os congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas.

O historiador francês Émile-Guillaume Léonard, foi considerado o pioneiro na historiografia do protestantismo brasileiro. Sua obra “O protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social” publicada em 1963, representou um divisor de águas entre o que seria até então, as obras consideradas confessionais, e que, portanto, ressaltavam um proselitismo institucional, agora trazia a baila com os escritos de Léonard, uma produção de caráter acadêmico científico que foi resultado de suas pesquisas num período de três anos quando esteve no Brasil. Corroboram com essa assertiva, o prefaciante de sua obra Isaac Nicolau Salum e a historiadora Elizete da Silva.

No prefácio da obra, Isaac Nicolau Salum afirma que o grande mérito de Émile Léonard foi de ser um trabalho pioneiro, documentação rigorosa pois foi o primeiro trabalho com sistematização de fontes, lúcidas intuições, exposição muito agradável. A distinção importante apontada no prefácio, o episódio de que em 1961 foi criado o Fundo de Educação Teológica, pouco depois a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos – ASTE, que surgiu como consequência da criação do Fundo com o objetivo de editar cinquenta obras na área, sendo que, a primeira escolhida foi a do professor Léonard. As publicações iniciais que depois gerou o livro, aconteceram em oito números sucessivos na Revista de História da Universidade de São Paulo - USP, de janeiro de 1951 a dezembro de 1952. Na introdução, Émile Léonard afirma que seu livro não trata de uma história confessional. Seu propósito é de um estudo de eclesiologia e história social religiosa.

Os apontamentos iniciais do autor, indicam um certo esvaziamento do clero católico nas primeiras décadas do século XIX, com reverberações na segunda metade do mesmo século por conta da expulsão dos jesuítas do país. “A insuficiência numérica do clero brasileiro se fez acompanhar de um enfraquecimento de sua vida espiritual.” (LÉONARD, 2002, p. 35). Esse enfraquecimento é visto como resultado de uma diminuição real do zelo apostólico, da dissolução dos costumes e o indiferentismo religioso de uma parte dos sacerdotes no Brasil. Essas demandas foram vistas em vários relatórios dos núncios pontificais. Um outro documento analisado por Émile Léonard, foi a narrativa de viajantes como o pastor metodista norte-americano Daniel Parish Kidder, que percorreu o Brasil durante a minoridade de D. Pedro II distribuindo Bíblias e reunindo documentário para seus *Sketches of residence and travel in*

Brasil (Londres e Filadélfia, 1845), traduzido por Moacyr N. Vasconcelos sob o título de “Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil”. Kidder registra uma conversa sua com um clérigo que não havendo ultrapassado o diaconato, exercia a profissão de advogado:

Disse-nos que o catolicismo estava quase abandonado no Brasil, como no resto do mundo. Asseguramos-lhes de que havíamos tido abundantes provas de sua existência e influência, mas ele parecia considerá-las apenas exterioridades vazias. Explicou-nos que era nulo o espírito de religião, tanto no clero quanto no povo. (...) Perguntamos-lhes que notícia daríamos ao mundo religioso com respeito ao Brasil. - Diga que estamos em trevas, atrasados, quase abandonados. – Mas que desejam a luz? – Que nada sejamos. Que esperamos em Deus, o pai das luzes, respondeu-nos o sacerdote.²³

Léonard (2002), analisa essas declarações reunidas por Kidder como vindas de burgueses certamente dados a intelectuais. Ele compara a uma burguesia que nessa época na Europa seguia espontaneamente a filosofia de Voltaire. Ela é reveladora das dificuldades próprias de se manter uma estrutura religiosa una em um território tão vasto quanto o Brasil. Por outro lado, a expulsão dos jesuítas reflete o quanto o poder religioso pode ser representativo e em certas condições até mesmo ameaçador ao poderio do Estado. Quando o poder religioso imiscui-se no poder econômico, quase sempre encontrará a resistência e oposição do poder político, e vice-versa. Esse é um dos tripés mais perigosos da história da humanidade.

O Brasil politicamente era um país totalmente novo. A emancipação de 1822 pode ter sido política, porém, do ponto de vista econômico ainda era completamente dependente de nações estrangeiras, especialmente da Inglaterra. Além do mais, com a abdicação de D. Pedro I, se viu obrigado a um interstício até que o futuro regente pudesse efetivamente assumir. Nesse período, houve um reformismo de Estado por um regente religioso católico, mas que, também se viu a primeira propagando do protestantismo. Trata-se do regente Feijó, ou Padre Feijó. Em boa parte dos seus estudos, Léonard apresenta comparações com a França. Nesse sentido, apresenta o que teria acontecido na França três séculos antes ao que chamou de reformismo de Estado com a tentativa de renovar as igrejas nacionais por meio de medidas oficiais. Ao se referir ao Brasil, ele afirma:

A tentativa foi retomada três séculos mais tarde, no Brasil, pelo regente Feijó. Sobre esse ponto, igualmente, seria inútil insistir com leitores brasileiros que conhecem detalhadamente através de muitos livros a vida e obra desse homem de Estado. Sacerdote e intelectual, aproveitou-se da autoridade que lhe

²³ Apud *Sketches of residence and travel in Brasil* (Londres e Filadélfia, 1845), volume I, p. 261; 266 e volume II, p. 144 (LÉONARD, 2002, p. 37).

atribuíam suas funções de deputado de São Paulo (1826), ministro da Justiça (1831), senador do Rio (1833), e finalmente regente (1835-1837), para elevar a nível espiritual do país. Sabe-se como tentou legitimar, pela autoridade, o casamento dos padres. Foi particularmente apoiado nesse projeto pelo seus compatriotas paulistas: assim em 30 de junho de 1833, conseguiu que a Assembleia provincial solicitasse do bispo da diocese, que aliás participava da ideia, a autorização do casamento dos padres. Dois anos mais tarde, regente, pediu ao Marquês de Barbacena, então em Londres, que “providenciasse a vinda para o Brasil de duas corporações de Irmãos Morávios, que se dedicasse a educar nossos indígenas”. Os Morávios eram os membros da ínfima comunidade protestante que se havia encarregado, desde então, da primeira e já importante atividade missionária organizada do protestantismo. Não haveria então missionários católicos a quem confiar a evangelização dos índios e o prosseguimento da bela obra civilizadora dos jesuítas? Compreende-se porque esse projeto, apesar de não realizado, foi apresentado, pelo arcebispo da Bahia, D. Romualdo Seixas como um dos principais argumentos de uma oposição diante da qual Feijó acabou por renunciar ao poder. Mas o que caracteriza a atmosfera espiritual na qual ele vivia, e que talvez seja, ainda, em parte, a dos brasileiros da velha estirpe é que, cem anos mais tarde, seus historiadores nada encontraram de extraordinário no fato de um sacerdote recorrer, em nome do Estado, a missionários protestantes. (LÉONARD, 2002, p. 45-46).

Não é de se causar estranheza a oposição enfrentada pelo regente Feijó. O casamento dos padres é uma temática recorrente na história da Igreja, mas que, o posicionamento é o mesmo com as velhas respostas para uma questão sempre atual. Ademais, Feijó tinha uma preocupação com a questão educacional em um país quase analfabeto. O questionamento sobre não haver missionários católicos a quem confiar a evangelização, como pano de fundo social, repercute uma fronteira existente entre os limites da religião oficial e os enfrentamentos tão comuns entre católicos e protestantes ao longo da história do cristianismo brasileiro. Silva (2020), afirma que a intenção de Feijó não era romper com a Igreja, queria uma reforma que não fosse puramente religiosas, teológica, mas, essencialmente política e moral. Do interior do Brasil profundo até as extensões das capitais provinciais, dos distritos às atuais capitais dos estados, esse conflito se estendeu por esse país, e conta em certa medida na atualidade, com esforços de promotores do diálogo inter-religioso a fim de diminuir os males provocados por esse antagonismo histórico.

Uma outra obra relevante para o entendimento dos primórdios do protestantismo no Brasil, é o livro do sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo, “Católicos, protestantes, espíritas”, publicado em 1973, ou seja, 10 anos depois da publicação de Émile Léonard. Camargo (1973), é enfático ao afirmar que as instituições religiosas cristãs constituíram importante dimensão ideológica da exploração colonial e instrumento dos interesses das nações dominantes, desde o século XVI até o século XX. Ouso acrescentar que essa dimensão

ideológica de exploração em congruência com as nações dominantes, não se dissipou, existe para além da colônia e em temporalidade muito mais ampla, inclusive no tempo presente. Sobre o comportamento católico, Cândido Procópio afirma que:

O modelo de ação da hierarquia católica revela perplexidade face aos desafios da vida urbana brasileira. Por um lado, mantém a tradição conservadora e anti-modernista que caracterizou, de modo predominante, a estratégica católica no século XIX. Por outro lado, tímidos ensaios de acomodação às exigências dos novos tempos, inspiraram orientações renovadoras. A ruptura da Cristandade e da ordem social que lhe servia de base levou a Igreja do Brasil, como aliás ocorreu na Europa durante o século XIX, a procurar impedir transformações sociais ligadas à revolução industrial e ao processo de urbanização. A política predominante da Igreja foi marcada por orientação nitidamente conservadora. Procurou, de fato, conservar ao máximo os padrões tradicionais de comportamento, especialmente os relativos à família, limitar as aspirações de mudança quanto ao papel da mulher, organizar escolas para educar as elites econômicas, desencorajar movimentos operários reivindicatórios e pregar a harmonia das classes sociais. O anticomunismo ferrenho, a par de um proselitismo ativo contra protestantes e espíritas, marcou o estilo da pastoral dessa fase. (CAMARGO, 1973, p. 34).

Esse comportamento católico e a ordem social em curso, possibilitavam um ambiente fértil para que a empresa protestante se instalasse no Brasil. Uma das formas de propaganda do protestantismo registrada por Léonard, foi que desde a Independência eram distribuídas Bíblias, primeiro pela Sociedade Bíblica Britânica, e depois pela Sociedade Bíblica Americana, “que se valiam especialmente dos bons ofícios de comerciantes em viagem que colocavam caixas de Escrituras Sagradas à disposição de quem as desejasse[...]”. (LÉONARD, 2002, p. 48). Algumas vezes essas Bíblias eram deixadas abertas nas alfândegas para quem pudesse se interessar.

2.5.2.1 O Protestantismo de imigração

Um dos polos que agrupava o protestantismo histórico brasileiro foi o de imigração, já apontado aqui por sua constituição através dos luteranos e anglicanos. Cândido Procópio Camargo, embora destaque esse tipo de protestantismo, se reporta em detalhes apenas aos luteranos, quando indica um protestantismo introduzido principalmente no Sul do país a fim de cumprir de início, funções de preservar o patrimônio cultural e o sistema de interesses de migrantes alemães e de outras minorias étnicas. Camargo (1973), antes da análise do luteranismo, afirma que as duas primeiras capelas protestantes que surgiram no Rio de Janeiro,

nos primórdios do século XIX, foram fundadas por anglo-saxões e alemães aqui radicados, atendendo apenas a população de imigrantes. Essa “liberdade de culto”, passa a acontecer em decorrência do tratado de 1810 com a Inglaterra.

Contrariamente a outras denominações protestantes aqui implantadas após trabalho missionário, os alemães de crença luterana permaneceram durante cerca de 40 anos totalmente desvinculados das organizações eclesásticas de origem. Embora fossem criadas nesse período inicial numerosas comunidades religiosas, entre as quais se pode citar, em primeiro lugar, respectivamente nos anos de 1823 e 1824, as de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, ficaram elas praticamente isoladas, não contando com pastores ordenados e quase sem contato com as igrejas luteranas da Alemanha (apud FISCHER, 1970, p. 09). Somente a partir de 1886 estas começam a enviar ministros para cá, fundando-se então a Igreja Evangélica Alemã do Brasil, agrupando, no Rio Grande do Sul, 48 comunidades e 17 párocos. (WILLEMS, 1946, p. 470 apud CAMARGO, 1973, p. 106).

Essa organização que constitui o Sínodo do Rio Grande do Sul, passou a agregar outras comunidades luteranas instaladas no Brasil. Cândido Procópio, relata ainda a instalação do Sínodo Luterano do Missouri, fundada nos Estados Unidos e aqui instalada a partir de 1904, vindo a se constituir na Igreja Evangélica Luterana do Brasil. O autor acrescenta que em 1950, as várias organizações em que se subdividiavam os luteranos foram reunidos na Federação Sinodal, nome este que mais tarde passaria a ter a designação de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Afirma que o luteranismo brasileiro acabou se estabelecendo em posição de maior independência e autonomia face às organizações estrangeiras de origem. O Sínodo de Missouri encontrou melhores condições de expansão em função da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa nas igrejas e escolas, decretada pelo governo após a Segunda Guerra Mundial. Assim, o autor conclui:

Ao analisar o protestantismo de imigração, tomando como ponto de referência seu mais expressivo grupo, o dos luteranos, pode-se concluir que as comunidades religiosas por eles constituídas procuraram, de início, preservar, pela manutenção da língua, tradições e vínculos de dependência com a igreja de origem, sólida identificação cultural, formando, desse modo, subculturas no país receptor. (CAMARGO, 1973, p. 110).

Se por um lado, Cândido Procópio Ferreira toma como referência os luteranos, vamos encontrar em Elizete da Silva, uma das pioneiras nos estudos sobre o protestantismo na Bahia, sólida pesquisa acerca dos anglicanos com a obra “Cidadãos de outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia”, tese de doutorado defendida na USP em 1998, transformada em livro no

ano de 2017. Na contextualização histórica em que se deu a chegada dos anglicanos, encontra-se o bloqueio continental imposto por Napoleão no início do século XIX, fazendo com que a família real portuguesa viesse para o Brasil. A Inglaterra por sua vez, encontraria na colônia portuguesa na América um importante escoadouro de sua produção industrial. Silva (2017), destaca os aspectos formais dessa aliança, quando antes mesmo de chegar àquela que seria a sede da monarquia portuguesa, estando ainda em Salvador, D. João VI, cumpre parte do acordo abrindo os portos brasileiros às “nações amigas”. Dito de outra forma, em troca da proteção inglesa ao território português por conta da ameaça francesa, a família real quebra o monopólio comercial entre a colônia e a metrópole, possibilitando à Inglaterra e aos poucos aliados da época ampliar os seus negócios na América. “Os interesses britânicos na transferência da corte de D. João para o Brasil culminaram na assinatura de dois tratados em 1810: o Tratado de Aliança e Amizade e o do Comércio e Navegação.” (SILVA, 2017, p. 24).

Além das transformações político-econômicas e sociais, o episódio da transferência da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, afetou sobremaneira o campo religioso brasileiro. Como nação oficialmente protestante, a Inglaterra garantiu para os seus súditos privilégios de caráter religioso, sem precedente na colônia. É evidente que tais privilégios, que se opunham frontalmente ao monopólio da Igreja Católica, só foram concedidos em decorrência do poder econômico que a Inglaterra tinha sobre Portugal. (SILVA, 2017, p. 25).

Essa descrição é reveladora de duas situações bem parecidas e que caracterizam o protestantismo de imigração. Tanto para os alemães quanto para os ingleses respectivamente, o luteranismo e o anglicanismo se instalaram no Brasil com o objetivo de atender aos interesses dos imigrantes que aqui se instalam. A permissividade legal se deu de forma a que não concorresse com a religião oficial católica, tão pouco tivesse um caráter propagandista e expansionista. Essas duas vertentes religiosas de fato voltaram-se para atender às suas respectivas comunidades. Elizete da Silva assevera:

A Igreja Anglicana, estabelecida no Brasil, identificava-se com o protestantismo de imigração: os serviços religiosos eram feitos em inglês para a colônia britânica; a Igreja de São George foi erguida para atender às necessidades espirituais dos ingleses e seus descendentes, sem nenhuma preocupação proselitista. (SILVA, 2017, p. 33).

A autora acrescenta que no decorrer do século XIX, outras capelanias anglicanas foram organizadas como, a Igreja da Trindade na cidade de Recife, e em outras cidades como Belém

e São Paulo. As ações comerciais da Inglaterra na América não se restringiram apenas ao Brasil. A ascensão econômica nessa época sobre outras nações do cone sul, também permitiram concessões para que o anglicanismo se instalasse na América do Sul. “Tal qual ocorreu com o Brasil, em 1825, a Inglaterra e as Províncias Unidas do Rio da Prata assinaram um Tratado de Amizade Comércio e Navegação.” (SILVA, 2017, p. 29).

As igrejas luterana e anglicana formavam um reduto religioso de caráter exclusivista, por representar os interesses de suas respectivas comunidades, assentadas em uma proteção jurídica normatizada pelo Estado brasileiro, em que garantia seu aspecto endógeno e que não fizesse proselitismo contrário à instituição católica. Forjada em uma liturgia de culto de ordem privada, uma vez que, não podiam construir edifícios destinados a cultos tendo a forma exterior de templo, esforçavam-se pela manutenção de suas matrizes culturais, mais especificamente, os cultos eram proferidos nas línguas mães com a preservação dos seus ritos e os símbolos comuns na tradição religiosa alemã e inglesa.

2.5.2.2 O protestantismo de missão

Compondo o quadro do protestantismo histórico, completamos com uma rápida análise dos congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas²⁴. Esses quatro segmentos, são classificados no Brasil como protestantismo de missão. Missão aqui tem um significado muito simples e muito claro, tem a ver com expansão, proclamação, difusão, evangelização. É a expansão do cristianismo a partir do que os protestantes históricos tradicionais entendem por proclamação do evangelho de Cristo anunciando as boas novas de salvação e vida eterna.

Camargo (1973), traz um outro termo bem parecido. Ele chama de protestantismo de conversão. Na verdade, essa expressão não muda as características dos objetivos finais. Em outras palavras, a missão objetivava a conversão. O que os missionários desejavam era a conversão ao novo credo, era formar um novo grupo de “crentes”, que agora pudessem se converter ao cristianismo e de igual modo ser consequentemente propagadores dessa nova confissão.

Conforme os relatos de Léonard (2002), após a propaganda através das sociedades bíblicas inglesa e americana representadas pelo Rev. James Cooley Fletcher, e o acesso desse a D. Pedro II, Fletcher teria convencido o missionário escocês Robert Reid Kalley a vir para o Brasil com o objetivo de começar um trabalho sistemático de propaganda que deveria, alguns

²⁴ A abordagem sobre os batistas será feita em capítulo posterior.

anos mais tarde, constituir a primeira igreja protestante do Brasil. Como se vê, os registros de Léonard, não levam em consideração a experiência holandesa no Nordeste e a Igreja Potiguar do século XVII apontada por Jaquelini de Souza. Émile Léonard afirma que:

Robert Reid Kalley (1809-1888) foi uma personalidade curiosa, característica desses propagandistas anglo-saxões, aristocratas ou burgueses ricos que, por motivos culturais ou de saúde, tornavam-se grandes viajantes, e que utilizavam fortuna e turismo na difusão da fé protestante. (LÉONARD, 2002, p. 56).

Essa constatação acende um alerta sobre o fato de que, nem sempre “em nome de Deus” ou da propagação da fé a ação missionária foi desenvolvida. Se nos primórdios do protestantismo oficial levantou-se suspeitas em alguns desses missionários sobre os reais interesses econômicos e comerciais, em situação relativamente semelhante no século XX, ocorreram possibilidades de agentes secretos estadunidenses estarem disfarçados de missionários ocupando postos estratégicos de observação política em meio ao contexto da guerra fria. A propaganda anticomunista, por exemplo, sempre foi matéria comum no universo protestante brasileiro.

Voltando ao missionário Robert Kalley, Léonard (2002), relata que este era um médico escocês que foi obrigado a se deslocar para a ilha da Madeira por conta da saúde debilitada de sua esposa, fundando por lá em 1838, uma obra de evangelização associada a assistência médica beneficente. Tendo já um bom número de adeptos, sofreu perseguição pelo clero local, tendo deixado a ilha já acompanhado de prosélitos que se recusaram a abandonar a nova fé. Os portugueses que deixaram a ilha da Madeira se instalaram principalmente em Illinois e posteriormente Massachussets e Nova Jersey. “Convidado a enviar alguns ao Brasil, para auxiliar na difusão dos evangelhos, Kalley acabou por vir ele próprio acompanhado de um pequeno número de seus convertidos.” (LÉONARD, 2002, p. 56). Por conta dos problemas enfrentados anteriormente, o missionário agiu com cautela a fim de melhor êxito em sua propaganda. Se instalou em Petrópolis, tornou-se vizinho de D. Pedro II, com quem estabeleceu estreita relação. Porém, os missionários que vieram posteriormente julgaram exagerada sua prudência em relação ao Brasil.

Kalley, em todo caso, batizou no Rio, em 11 de junho de 1858, o primeiro brasileiro que pertenceu, nos tempos modernos, a uma igreja protestante, Pedro Nolasco de Andrade. Esse dia é considerado a data da fundação da Igreja Evangélica, chamada mais tarde Fluminense, primeira comunidade protestante do Brasil, que possuía então catorze membros: o dr. Kalley e sua

esposa, três norte-americanos, oito portugueses e, como brasileiro, o batizado do dia. (LÉONARD, 2002, p. 57).

Na obra “Os Mascates da Fé: História dos Evangélicos no Brasil (1855 a 1900)” de autoria de Lyndon de Araújo Santos,²⁵ é possível identificar uma divergência do ponto de vista do primeiro membro brasileiro batizado em relação ao relato de Léonard. Enquanto este se refere a Pedro Nolasco de Andrade, Santos (2017), afirma que o primeiro batismo de um brasileiro foi do Sr. José Pereira de Souza Louro em novembro de 1857 e aponta agosto de 1858, como sendo a data considerada o início formal da Igreja. O que o autor chama de “Mascates da Fé”, são os colportores, ou seja, vendedores ambulantes de Bíblias, folhetos e literaturas de cunho religioso protestante e evangelístico, que marcou a forma de sustento de alguns missionários na expansão do protestantismo de missão. Não obstante as distinções apresentadas, os registros em destaque aqui, objetivam dar conta do início formal do protestantismo de missão no Brasil, institucionalizado pela Igreja Congregacional, inicialmente denominada de Igreja Evangélica Fluminense. Lyndon Santos explica que há várias denominações e igrejas congregacionais, sendo a maior a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e que formam o grupo de comunidades eclesiais locais derivado da Igreja Evangélica Fluminense.

Em outra fonte analisada, encontramos os registros de Boanerges Ribeiro com a obra “Protestantismo no Brasil Monárquico”, que, a exemplo da obra de Cândido Procópio Camargo, foi publicada no ano de 1973. Ribeiro (1973), afirma que ao iniciar-se o século XIX, não havia no Brasil vestígio de protestantismo, e que, os indivíduos de religião protestante que por aqui passaram não deixaram traço no sistema religioso da sociedade. Destarte, o autor demarca que:

A partir de 1835, igrejas norte-americanas se interessam pela introdução do culto protestante entre brasileiros. Os primeiros pastores aqui enviados com esse propósito dedicam-se à assistência pastoral a cidadãos norte-americanos, bem como ao estudo das possibilidades de propaganda evangélica aos naturais do País. (RIBEIRO, 1973, p. 18).

É nesse contexto que acontece a chegada do Rev. Daniel Parish Kidder em 1837 como missionário metodista e como agente da Sociedade Bíblica Americana. O trabalho de Kidder

²⁵ Embora a obra citada tenha sido publicada em 2017, a sua produção é resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 1995, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. O seu autor é Historiador e Pastor de uma Igreja Congregacional.

rendeu viagens pelo país fazendo a distribuição de Bíblias e um extenso relatório sobre essas viagens. A propósito, esse relatório de Kidder foi uma das fontes utilizadas por Émile Léonard ao longo de sua pesquisa. Kidder foi sucedido 11 anos após a sua saída por um pastor presbiteriano, também já citado aqui, James C. Fletcher.

Em 1863, estabeleceu-se em São Paulo o pregador presbiteriano, Rev. Alexander L. Blackford, com a missão de propagar sua fé entre os brasileiros. No ano seguinte converteu-se ao Protestantismo e ingressou na Igreja Presbiteriana o padre paulista José Manoel da Conceição. Imediatamente fundaram os presbiterianos, na Corte, seu jornal, *A Imprensa Evangélica*, bimestral, e, ainda em 1864, organizaram um concílio, o Presbitério do Rio de Janeiro, que, depois de instalado, admitiu ao pastorado o Rev. José Manoel da Conceição. Em 1867, iniciaram-se no Rio as aulas para os primeiros candidatos ao ministério presbiteriano, com 4 seminaristas, todos de São Paulo, dos quais 3 eram portugueses e um paulista, de Brotas. Em 1866 começava a colonização norte-americana em Santa Bárbara, com imigrantes do Sul dos Estados Unidos. Em 1869, estabeleceram-se em Campinas os primeiros pregadores enviados pela Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, “A Igreja do Sul”. Resultara esta Igreja de cisão na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (que passaremos a denominar “Igreja do Norte”, conforme uso secular), em virtude da Guerra da Secessão. Ainda em 1869, fundaram os missionários da Igreja do Sul, em Campinas, o Colégio Internacional; no ano seguinte os presbiterianos fundaram em São Paulo a Escola Americana (Mackenzie). (RIBEIRO, 1973, p. 19-20).

Além do estabelecimento das propostas missionárias presbiterianas, decorre dessa ação, a aproximação com o sistema educacional com a fundação da Escola, situação que ocorre até os dias atuais, inclusive com educação superior através da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os Metodistas também de igual modo utilizaram estratégias voltadas para o campo educacional. De modo geral, a atitude missionária de leitura da Bíblia, foi utilizada como estratégia de alfabetização dentro das igrejas. Ainda hoje é comum o desejo por parte dos adeptos religiosos não alfabetizados, a capacidade de leitura da Bíblia. De certa forma, pode-se afirmar que no contexto social brasileiro, o protestantismo tem contribuído para diminuir os índices de analfabetismo do país. É nas igrejas históricas tradicionais que se encontram os quadros de maior perfil socioeconômico-cultural.

Camargo (1973), afirma que a conversão às denominações protestantes chamadas históricas, abria possibilidades de alternativa religiosa para a classe média brasileira. A ação relativamente modernizante de igrejas como a Presbiteriana e a Metodista facilitava a legitimação do protestantismo. Embora o autor se reporte à essa abertura junto à classe média, o protestantismo tradicional brasileiro, nasce junto às camadas mais pobres da população. Sobre a fundação de Igreja Metodista e Igreja Batista, Boanerges Ribeiro afirma que:

Em 1867 chegava ao Brasil o pastor metodista norte-americano Junius E. Newman que, em 1871, organizou, com imigrantes de Santa Bárbara, a primeira Igreja Metodista no País, com cultos em inglês. Somente no fim da década, e no Rio, os metodistas receberam convertidos brasileiros. Ainda em 1871, imigrantes em Santa Bárbara reuniram-se e organizaram uma Igreja Batista, também em língua inglesa, a qual passou a solicitar à Junta Missionária Batista de Richmond que lhe enviasse pastor – e que enviasse pastores para a pregação aos brasileiros. Em 1881, chegou o primeiro pastor batista destinado a pregar em português, o Rev. William B. Bagby; a este se reuniu o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, antes convertido entre os presbiterianos e metodistas, e em 1882 ambos organizaram a primeira Igreja Batista nacional, na Bahia. (RIBEIRO, 1973, p. 20).

Embora não aprofundando nos elementos que caracterizam essas denominações (com exceção dos batistas que serão abordados em momento específico), a categoria apontada por Antônio Gouvêa Mendonça denominada de protestantismo de missão, é pertinente e adequada por expressar as disposições missionárias, evangélicas e expansionistas dos primórdios do protestantismo brasileiro. De igual modo, seja pela categoria protestantismo de invasão ou de colônia, bem como o protestantismo de imigração, representam um contexto social e político brasileiro demarcado por temporalidades representativas de um Estado em transição de uma passagem de exploração colonial para uma emancipação política, porém, de dependência econômica forjada através de acordos comerciais e condições internas escravocratas, agrárias e de uma aristocracia rural cafeeira ascendente ao posto de elite dominante.

III TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA

As tratativas a respeito da teologia da prosperidade e da política fazem parte da temática central desta pesquisa. Portanto, este capítulo reporta a respeito das características da teologia da prosperidade e qual segmento do protestantismo de maior aproximação e afinidade. São apresentadas as peculiaridades marcantes da Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como “Bancada Evangélica”, os segmentos religiosos que representam, bem como alguns estudos acerca do que querem na política enquanto representantes religiosos. Dentro do problema da pesquisa, são abordadas questões relacionadas à representação política institucional junto ao poder legislativo.

O cenário político brasileiro tem sido cada vez mais afetado pelo estreitamento das relações entre o poder político e o poder religioso, tornando indispensável repercutirmos tal situação. Esta compreensão será fundamental para as discussões e resultados apresentados ao longo deste e dos demais capítulos onde as hipóteses levantadas estarão abordadas com vistas às respostas ao problema da pesquisa.

Devido ao escopo temático, o tipo apropriado para o referido capítulo é de pesquisa qualitativa ancorada em uma metodologia histórica bem como em discussões de ordem teológica. As fontes são primárias com diversos registros iconográficos acrescidas dos quatro evangelhos, bem como secundárias de ordem bibliográficas. Para as questões de prescrição teológica, a principal fonte foi a Bíblia, livro sagrado para os cristãos, sem fugir, evidentemente, dos aspectos interpretativos e subjetivos pertinentes à *logia* sobre *Teo*.

3.1 “FOI DEUS QUEM ME DEU! QUANDO DEUS QUER É ASSIM...”

Essas frases são vistas, corriqueiramente, em adesivos colados em diversos automóveis espalhados pelo Brasil. Tais afirmações demonstram a relação do credo religioso voltado para a concessão divina do bem material, onde tal propaganda encontra-se associada principalmente ao movimento religioso neopentecostal. A relação com os milagres, a concessão de “bênçãos” e o provento divino das necessidades humanas materiais, segundo alguns estudiosos, indica fazer parte da teologia da prosperidade. Um aspecto curioso e de nítida percepção do discurso da teologia da prosperidade, encontra-se nas frases encontradas em vários veículos que circulam por diversas cidades do Brasil, também vistas em veículos que circulam na cidade de Vitória da Conquista, demonstradas através do quadro e das figuras a seguir.

Quadro 2: Frases coladas nos carros²⁶

Quando Deus quer é assim...	Tudo que eu tenho foi Deus que me deu
Foi Deus quem me deu!	Faço o que posso Deus me dá o que mereço
Deus me prometeu e cumpriu	Deus dê vida longa aos meus inimigos para que possam assistir de pé a minha vitória
Presente de Deus	Desse carro Deus cuida
O homem sonha Deus realiza!!!	Benção de Deus
Deus realiza	Eu sonhei. Deus realizou

Fonte: Carros fotografados pelo autor em Vitória da Conquista (2015/2016)

Figura 2: Carro com adesivo “Foi Deus quem me deu”

Fonte: Veículo fotografado pelo autor

²⁶ Quadro publicado na Revista Lusófona de Ciências das Religiões - ISSN: 1645-5584 - V. 22 (2020), Artigo intitulado “Foi Deus quem me deu – quando Deus quer é assim...”: pentecostalismo e neopentecostalismo na Bahia do tempo presente. (CAVALCANTI; NASCIMENTO, 2020, p. 272).

Figura 3: Carro com adesivo “Presente de Deus”



Fonte: Veículo fotografado pelo autor

Figura 4: Carro com adesivo “Eu sonho e Deus realiza!”



Fonte: Veículo fotografado pelo autor

Esses dados foram levantados com o objetivo de demonstrar a proposição retratada nesse tópico, conforme se verifica na sequência.

É notória, portanto, a exposição das frases associadas ao bem material, ou seja, ter o carro é resultado de uma concessão divina. Será que é assim mesmo? Deus está mesmo preocupado em prometer carros ou outros bens de ordem material às pessoas? De presenteá-las dessa forma? De que os derrotados vejam a vitória dos inimigos? Há, pois, os que propagam e os que acreditam nisto. São os mercadores da fé. E foi dessa forma que no limiar do século XXI ao ver a frase em destaque em uma bela caminhonete “Quando Deus quer é assim...”, e numa outra, “Foi Deus quem me deu!”, o questionamento foi levantado: assim como?

Outrossim, é pertinente que se compreenda melhor o que realmente significa a teologia da prosperidade. A teologia da prosperidade é:

Um movimento carismático interconfessional que enfatiza a saúde física e a prosperidade financeira como evidências básicas das bênçãos divinas na vida cristã. Também conhecido como “Movimento da Fé”, Movimento Palavra da Fé”, “Evangelho da Prosperidade” e Teologia da Confissão Positiva”. Esse movimento começou a popularizar-se no Brasil e em outros países a partir da década de 1970, mas suas raízes norte-americanas remontam à primeira metade do século XX. (TIMM, 2008, p. 966).

Segundo Timm (2008), a teologia da prosperidade é a mais expressiva acomodação da fé cristã ao ideal capitalista de prosperidade física e material. Ele afirma que o precursor dessa teologia foi o pregador itinerante americano Essek William Kenyon (1867-1948). “Kenyon advogava conceitos metafísicos que formariam a base ideológica do movimento da prosperidade.” (TIMM, 2008, p. 966). Entendia que o mundo material é controlado pelo espiritual, e a realidade espiritual pode ser controlada pela mente humana e pela “confissão positiva da Palavra de Deus”.

“De forma geral, a teologia da prosperidade ensina que os cristãos têm direito a bem-estar, saúde e boa situação financeira para que desfrutem na terra os privilégios de serem ‘filhos do Rei’.” (DIP, 2018, p. 81). A autora acrescenta que tal teologia é mais conhecida pelos não crentes e que é alvo de piadas de toda espécie pelo apelo financeiro como forma de “garantir um espaço no céu”. Assevera que é alvo de críticas entre os próprios evangélicos, que acreditam que ela distorce os valores bíblicos. As ideias de eternidade que forjam os fundamentos do cristianismo tradicional são completamente antagônicas ao proselitismo da prosperidade, que preza por proventos e evidências de um cristianismo de benesses tangíveis e imediatas.

Até bem pouco tempo atrás uma fatia respeitável da igreja cristã empurrava todas as bem-aventuranças para o céu e para a eternidade. Dizia-se então que era necessário suportar pacientemente o sofrimento presente (...) A Teologia da Prosperidade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave – basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usamos nosso talão de cheques. (Ultimato, Março/1994:5 Apud MARIANO, 2014, p. 147).

Ricardo Mariano explica que toda religião tem de lidar com o problema do sofrimento imerecido, da miséria e da morte. “As religiões de salvação, como sabemos, invariavelmente prometem aos fiéis a libertação do sofrimento, seja no além ou neste mundo, seja agora ou num futuro messiânico.” (MARIANO, 2014, p. 147-148). Obviamente, essa afirmação carece ser esclarecida. A promessa de libertação do sofrimento tem um propósito contundente nas religiões de salvação: a libertação do pecado. Em Romanos 6:23a²⁷, encontra-se “porque o salário do pecado é a morte”. O pecado é interpretado como destrutivo, causador da morte, situação causadora da separação entre o homem e Deus. Na segunda parte do mesmo texto, o complemento é, “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. (Rm. 6: 23b). Essa parte é promotora daquilo que se chama de evangelho da graça. Revela a promessa da vida eterna mediada pela concepção messiânica redentiva presente em Jesus Cristo. Essa é a base interpretativa desse texto por parte do cristianismo batista histórico tradicional. Acontece que, no caso do neopentecostalismo, essa libertação do sofrimento pode tomar conotações imediatas, ou seja, “o celeste porvir para o terrestre presente”. Nesse sentido, diverge categoricamente do tradicionalismo por conta dessa concepção imediata, materializada nos proventos tangíveis.

Uma outra citação que ratifica ainda mais a prosperidade imediata, está na fala de César Moraes Barreto, pastor da Igreja Bíblica da Paz:

Somos filhos de Deus e fomos criados para o êxito e para a vitória (...) Temos que tomar a firme decisão de viver cada dia em vitória, não permitindo que circunstâncias, problemas e demônios controlem nosso destino (...) Porque estamos em Cristo Jesus, fomos destinados para a vitória aqui nesta vida, não nos céus, ou no milênio ou no arrebatamento. Muitos estão pedindo o arrebatamento não porque amam a Jesus, mas porque vivem em derrotas, decepcionados, por isso desejam ir para o céu (...) Por que muitos cristãos não vivem em vitória? Porque desconhecem aquilo que nos pertence em Jesus

²⁷ Bíblia de Estudo SCOFIELD.

Cristo (...) Deus te vê próspero, com saúde, vitorioso. Esta é a imagem que Deus quer que você tenha. (César Moraes Barreto, pastor da Igreja Bíblica da Paz, *Proclamai*, 2, set./94:5 Apud Mariano, 2014, p. 147).

Ora, considerando o perfil carismático que normalmente acompanha quem faz esse tipo de fala, e, para o ouvinte sujeito às mazelas e desigualdades do capitalismo, esse discurso é totalmente encorajador, motivador, eivado de esperança e incentivo ao apego de uma fé materializada na vitória e no controle imediato do destino. Isso explica porque a teologia da prosperidade se transformou numa séria concorrente à teologia da cruz. O discurso da prosperidade é propositivo em acalantar o moribundo desfalecido pela dor física, é fomentador do sucesso material. Como é dito pelos promotores aos seus seguidores, “você não nasceu pra ser calda, e sim para ser cabeça”. Ainda que pareçam esquecer que tanto a calda quando a cabeça possuem características distintas, mas, devidamente importantes dentro do corpo.

Uma outra situação a ser destacada no discurso religioso cristão, diz respeito àquilo que as pessoas precisam ouvir e aquilo que elas querem ouvir. Uma religião institucionalizada, dogmatizada, invariavelmente, trará em seu expediente aquilo que compreende como corpo doutrinário juntamente com seu compêndio regimental estatutário. E sendo tomada a Bíblia como componente integrante das prédicas diretivas do chamado comportamento cristão, encontrará tanto no tradicionalismo histórico quanto em algumas vertentes do pentecostalismo um discurso normativo voltado para a renúncia, a santificação, para a consciência das “aflições desse mundo”, a chamada luta da carne contra o espírito. Ao fazer discursos dessa natureza, esse corpo diretivo ao pregar uma vida de santidade, estará direcionando sua fala para o que, em tese, as pessoas precisam ouvir com o objetivo de alcançar essa “santidade”. Afinal, a partir de um corpo ordenado e sistematizado, essa instituição tenderá a levar seus seguidores a cumprirem as normas por ela compreendidas como corretas. No neopentecostalismo, essa não parece ser a preocupação. A ênfase está no que os adeptos querem ouvir, e a prosperidade cai como uma luva perfeita nesse quesito. Os discursos nesses ambientes se apresentam como soluções mágicas para corrigir as mazelas desse mundo capitalista. Devo admitir que olhando por esse prisma, a estratégia de Edir Macedo em sua empresa religiosa com o chamado “pare de sofrer”, foi sagaz e extremamente inteligente.

Nos estudos weberianos, segundo (Lakatos e Marconi, 2006), há destaque sobre o poder legal, o poder tradicional e o poder carismático. São dominações que se assentam em interesses forjados em monopólios econômicos, dominações estabelecidas na autoridade. Classifica essas dominações como oportunidade de encontrar uma pessoa determinada pronta a obedecer a uma ordem de conteúdo determinado. No caso do poder carismático ou dominação carismática é

vista onde a autoridade é suportada, graças a uma devoção afetiva por parte dos dominados. Se estabelece em crenças transmitidas por profetas, líderes ou heróis, muitas vezes demagogos, nas ruas, nas tribunas, e até mesmo nas igrejas.

Chamamos de Teologia da Prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome, é rotulado por seus críticos de *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines*, *Positive Confession* entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, o movimento da Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. (MARIANO, 2014, p. 151).

Embora Ricardo Mariano aponte a liderança de Kenneth Hagin, Alberto R. Timm (2008) concede o crédito a Essek William Kenyon como sendo o precursor da teologia da prosperidade. Mariano (2014), vai complementar a informação anterior afirmando que na carreira da Confissão Positiva, Hagin se inspirou em Essek William Kenyon quando chegou até mesmo plagiar vários escritos de Kenyon.

Marcelo Silveira (2007), em sua tese de doutorado, expande essa compreensão quando trata a teologia da prosperidade como uma questão antiga com trajetória nos EUA, Europa e Oriente Médio. Classifica em confissões positiva e negativa – basta o indivíduo ter fé e obterá o que pedir. Para que a negativa tome forma, basta negar a existência do que não se quer. Saúde – doenças não são vontade de Deus para o seu povo. Prosperidade financeira – o cristão não deve ser pobre. Profetas hodiernos – Deus tem dado autoridade aos profetas atuais. Benção e maldição da lei – o povo foi liberto da pobreza, doença e morte espiritual, maldições da lei. Autoridade nas revelações – visões, profecias, entrevistas com Jesus, curas, palavras de conhecimento. O homem como encarnação de Deus – resumo de todas as outras. Acrescenta:

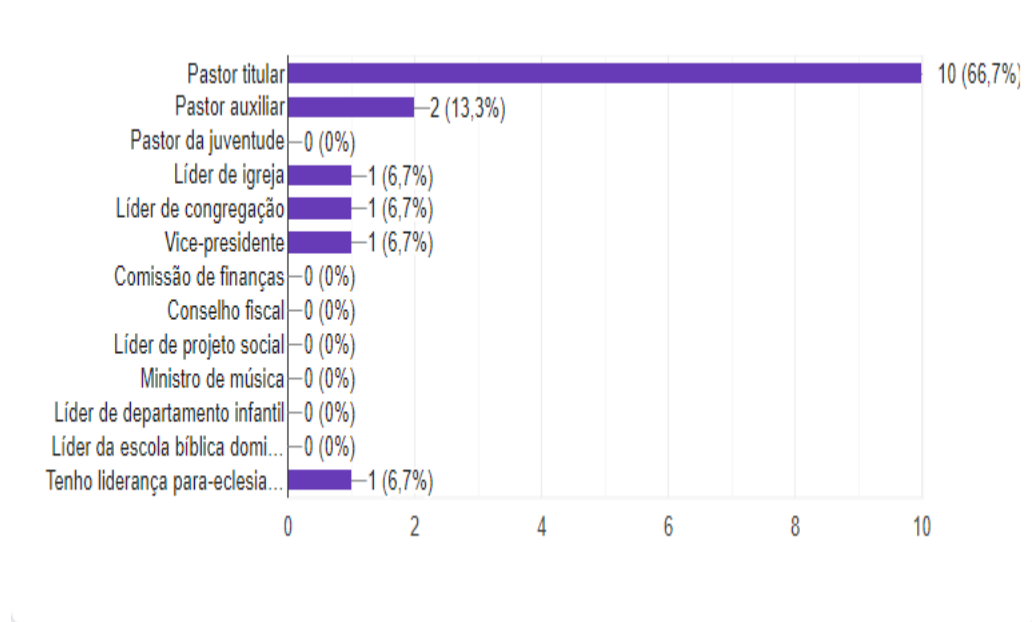
Sempre possui um forte cunho de auto-ajuda e valorização do indivíduo, agregando crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé por meio da confissão da “Palavra” em voz alta e “No Nome de Jesus”, para recebimento das bênçãos almejadas. Por intermédio da Teologia da Prosperidade, o cristão compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer: saúde perfeita, riqueza material, poder para subjugar Satanás, uma vida plena de felicidade e sem problema. Em contrapartida, do próprio cristão é esperado que não duvide minimamente do recebimento da benção, pois isso acarretaria sua perda, bem como o triunfo do Diabo. A relação entre Deus e o fiel ocorre pela reciprocidade: o cristão semeia por meio de dízimos e ofertas, e Deus cumpre suas promessas. (SILVEIRA, 2007, p. 19).

É um tipo de comportamento em que o sujeito chega a barganhar com Deus. Parece não haver limites para quem assim procede. Saulo Duarte Ribeiro, faz as seguintes ponderações:

Os movimentos de confissão positiva são não necessariamente igrejas, mas doutrinas proclamadas por grupos evangélicos cuja missão é trazer uma revelação de Deus que seria o sinal de um “novo avivamento” à igreja evangélica. Consta em literalmente trazer à existência o que se declara com a boca. Na interpretação dos que seguem tal doutrina, a fé pregada nas escrituras se refere a confessar algo com a boca que ainda não é real (por isso está no campo da fé) para que se torne material. (RIBEIRO, 2021, p. 139).

Tendo em vista os fundamentos teóricos que permitem o entendimento a respeito da teologia da prosperidade, passamos a responder um dos questionamentos levantados no problema da pesquisa. Considerando que a teologia da prosperidade e a postura de eleger representantes de confissão evangélica que na sua maioria formam a Frente Parlamentar Evangélica é uma prática recorrente nos segmentos pentecostais e neopentecostais, na trajetória da Denominação Batista histórica tradicional, como esta se posiciona frente a teologia da prosperidade e como estão postas as suas representações nas instâncias políticas do país? Na pesquisa de campo foram elaborados dois questionários, sendo uma para os pastores e líderes das igrejas da Associação Batista do Sudoeste da Bahia – ABASB, e o outro, direcionado aos membros das igrejas. Ao todo, foram apresentadas 20 questões em cada questionário com algumas perguntas comuns e outras específicas para os respectivos públicos alvos. Os questionários foram aplicados nos meses de Março a Maio de 2022. A primeira questão foi sobre a participação na pesquisa. Após apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde foram prestadas as informações sobre a pesquisa e garantia do sigilo dos participantes, 100% dos que responderam concordaram com a participação na mesma. Os resultados são apresentados no decorrer dos capítulos sem que obedeça necessariamente a sequência numérica das questões, mas, de acordo com os temas abordados e respostas ao problema da pesquisa.

A ser retratada de forma mais específica no capítulo V, a ABASB localizada no sudoeste baiano, está presente em 21 municípios. Ou seja, existe alguma igreja ou congregação batista em tais municípios. Dos líderes presentes nesses municípios, foram obtidas um total de 15 respostas, onde em uma mesma igreja pode haver mais de um líder, representando um percentual de 71,43% em relação ao número de municípios. O gráfico abaixo, traz a Questão 08, quando foram perguntados sobre o tipo de ocupação junto às igrejas representadas.

Gráfico 1: Cargo que ocupa na liderança da igreja

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Observa-se que 66,7% da liderança que respondeu à pesquisa ocupa o cargo de pastor titular. Quando perguntado na questão 09 se conhecem a respeito da teologia da prosperidade, esta foi a resposta:

Figura 5: Questão 09 pesquisa de campo – pastores e líderes

9. Você conhece a respeito da teologia da prosperidade?

15 respostas



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

No questionamento seguinte, caso conhecessem a respeito da teologia da prosperidade, foi solicitado, que falassem a respeito. Essa foi uma questão aberta onde dos 15 que responderam positivamente, um não respondeu, portanto, o quadro abaixo, traz à baila o pensamento de pastores e líderes batistas do sudoeste baiano:

Tabela 2: Questão 10 pesquisa de campo – pastores e líderes

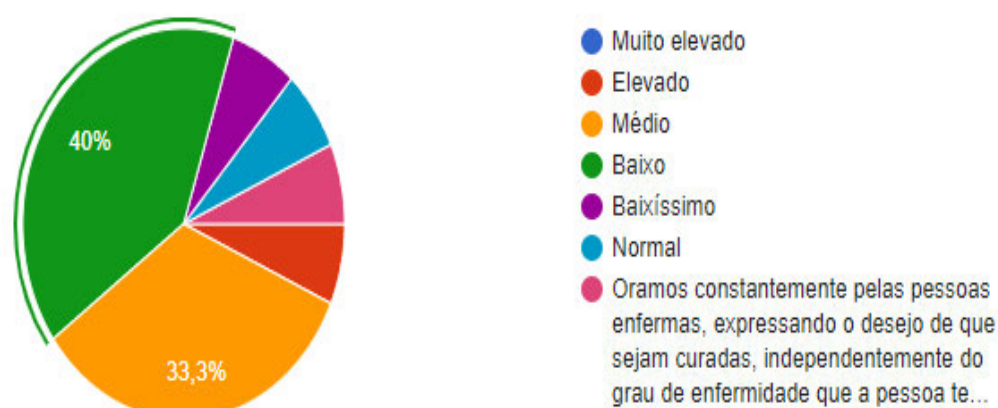
<i>Entendendo que já fomos "abençoados com toda a sorte de bênçãos espirituais", não creio que minha maior preocupação seja essa busca desenfreada, que muitos "crentes" vivem pela obtenção de coisas materiais. Mesmo porque, todas as coisas nos são dadas pelas bondosas mãos do Deus-Provedor (Fl. 4:19). Partindo desses princípios bíblicos, entendo que não devemos fazer essa dicotomia, que em nossa vida há coisas consideradas espirituais e outras materiais, porque todas tem origem na mesma fonte doadora - Deus. A bíblia nos diz que tendo o que comer, beber, vestir e nos cobrir, estejamos com isso contentes (I Tm. 6:10; Mt. 6:31-33; Hb. 12:5).</i>	<i>Minha opinião é que a teologia da prosperidade faz uma negação do evangelho ensinado por Jesus; enquanto Jesus ensina que "no mundo tereis aflições mais tende bom animo" a teologia da prosperidade diz: "aqui seus problemas acabaram, não sofra mais a sua bênção será no tamanho de sua fé.... por diante. Por esses motivos e outros eu entendo que a teologia de prosperidade se distancia do evangelho pregado por Jesus. Mas quero deixar claro que mesmo não concordando respeito a diversidade de pensamento religioso de todos.</i>
<i>Infelizmente muitos estão entrando por este caminho por não entender o evangelho genuíno que nos foi deixado pelo Senhor. Ser considerado alguém próspero, não nos isenta de passarmos por aflições e provações como muitos interpretam, e digo de maneira errônea. Deus não nos prometeu uma vida de luxo, riquezas, facilidades e etc. Ao invés disso ele nos disse que haveríamos de passar por várias aflições, mas nos pediu pra termos bom ânimo, pois venceu as aflições.</i>	<i>A teologia da prosperidade diz respeito a crença de que um servo de Deus, um convertido tem que, necessariamente, ter uma vida de prosperidade, financeiramente e também os defensores desta teologia acreditam que o crente não pode adoecer, e se adoecer será imediatamente curado pelo poder da oração da fé. Esta teologia surgiu com o advento das religiões Neopentecostais, mas deixando suas marcas inclusive nas igrejas históricas.</i>
<i>A prosperidade a qual a bíblia se refere é uma prosperidade espiritual, um crescimento em conhecimento e se aproximando mais de Deus, claro que isto não quer dizer que não poder ser próspero em riquezas, mais isto não é a prioridade</i>	<i>Nada contra quem tem dinheiro. Sou contra, à luz da Bíblia, o uso da fé dos fiéis para extorquir, tirar proveito para enriquecimento ilícito. A teologia da prosperidade nada mais do que uma ferramenta para ensinar a comercialização da fé.</i>
<i>Corrente doutrinária surgida dentro das igrejas evangélicas que dá ênfase ao pensamento positivo, no sentido de que a fé pode trazer a cura para qualquer doença e levar o cristão a uma vida de prosperidade material. Dificuldades que ele venha a encontrar seria sinal da falta de fé em sua vida. Implica também numa atitude de valorização extremada das questões materiais na vida cristã. Sem falar na centralização do ser humano e de seu pretensão poder em exigir bênçãos de Deus.</i>	<i>Teologia que prega o direito que o crente tem sobre as bênçãos de Deus. Direito que pode chegar, segundo o postulado, à exigência e ordenação de que essas bênçãos se cumpram. Crê -se que Jesus levou sobre a cruz todas as enfermidades e concedeu o direito à prosperidade. Segundo os adeptos e pregadores dessa teologia o crente deve ser cabeça e não calda; patrão e não empregado. Essa teologia é serve bem aos exploradores da fé e expoliadores dos incautos que se tornam</i>

	<i>mais pobres e fazem de seus mestres mais ricos.</i>
<i>A teologia da prosperidade é uma distorção do Evangelho de Jesus Cristo e dos valores do Reino de Deus. Ela se propõe a atrair e manipular as pessoas afirmando que as mesmas alcançarão a prosperidade financeira/material cumprindo algumas determinações dos gurus dessa teologia.</i>	<i>É uma teologia profundamente difundida pela igrejas neopentecostais principalmente, que prega a necessidade de dar mais para receber mais. Totalmente contrário à Bíblia. Eles distorcem os ensinamentos e enganam as pessoas. Nós Batistas não cremos nessa prática ou pelo menos deveria ser assim.</i>
<i>Dar algo "para Deus" visando ter retorno é totalmente contra o que a Escritura Sagrada nos ensina. Precisamos honrar ao Senhor também com nossos dízimos e ofertas, mas não buscando ter mais retorno com isso.</i>	<i>A teologia da prosperidade unge, aquilo que Jesus afirmou que não deveria existir entre nós: as preocupações que tem haver com o sistema de valores desse mundo consumista.</i>
<i>De forma bem direta, vejo a referida teologia como uma grande deficiência hermenêutica dos nossos dias. É uma completa falta de entendimento no que tange ao dispensacionalismo bíblico.</i>	<i>Teologia baseada no consumismo, um deus a serviço do homem para abençoar e dar cura...</i>

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor²⁸

Como a teologia da prosperidade se sustenta nos pilares da cura de doenças e bens materiais, as questões de 11 a 13, versam acerca dessa temática. Sendo assim, eis as respostas:

Gráfico 2: Questão 11: Qual o grau você considera a ênfase dada pela igreja da qual é membro em relação à cura de doenças? – pastores e líderes



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

²⁸ Optamos por destacar em itálico as respostas dadas às questões abertas do questionário.

Considerando que a soma dos maiores percentuais (baixo e médio), perfazem um total de 73,3%, a cura de doenças não é a ênfase principal no expediente dos cultos batistas. O recorte na resposta livre “*oramos constantemente pelas pessoas enfermas, expressando o desejo de que sejam curadas (...)*”, reflete a postura batista de que havendo necessidade, a oração pela cura não será descartada.

Na questão 12, foi perguntado: Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à cura de doenças, qual o seu posicionamento? Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 3: Questão 12 pesquisa de campo – pastores e líderes

<i>Deus é soberano para curar ou não.</i>	<i>Jesus curou contudo a fé dos enfermos fazia tudo acontecer. Por diversas vezes o Senhor disse: tua fé te curou.</i>
<i>Não nego a existência, mas, não faço dele um trampolim para o evangelho. Vejo principalmente no livro de Atos que a cura era efetuada por Deus objetivando algo maior, a propagação da palavra. Timóteo sofria muitas dores no estômago e Paulo não o curou. O próprio Paulo sofria dos olhos...</i>	<i>Embora considere que Deus cura ainda hoje e podemos pedir em nossas orações por isso, vejo que a ênfase dada neste assunto em outras igrejas tira o foco da soberania de Deus e de nossa completa dependência aos seus desígnios em nossa vida.</i>
<i>Se a cura se refere à da alma, entendo que devemos fazê-lo. Porém, fazer desse aspecto a primordial necessidade do ser humano, é desconhecer um princípio bíblico ensinado por Jesus: "a tua fé te salvou..." Estas eram Suas palavras toda vez que curava alguém com necessidades físicas (Lc. 18:42).</i>	<i>Como batista, e procurando sempre ser bíblico, acredito que esta ênfase exagerada a cura de doenças é uma forma de se atrair novos convertidos para o reduto. Mesmo acreditando que Deus tem poder para curar todas as enfermidades, mas a sua soberania continua preservado incólume a tudo isso.</i>
<i>Deus é o mesmo de ontem, hoje e eternamente. Ele cura e ouve as orações suplicantes. Existe, também, o dom de cura. Todavia, a ênfase exacerbada tira o foco em Deus e passa ao homem e à sua necessidade. O papel da igreja não é ministrar cura do corpo, mas da alma.</i>	<i>O Senhor Jesus, Ele é o mesmo ontem, hoje e amanhã. Portanto, Ele cura quem Ele quer, quando quer e hora que quiser. As curas realizadas no seu tempo, quando aqui estive, foi devido à necessidade daquele povo, seu povo, que fica atrás de sinais "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;" 1 Coríntios 1:22. A cura que devemos dar ênfase é a da alma, esta é a prioridade do meu Senhor Jesus Cristo.</i>
<i>É uma forma de lidar com os desafios relacionados as enfermidades, mas é também uma maneira de atrair os fiéis com promessas que terão seus problemas resolvidos.</i>	<i>Creio que Deus é soberano para agir conforme a sua vontade, a igreja não faz milagre independente da denominação, nosso papel como igreja é interceder a Deus mas quem faz com que o milagre aconteça é o Senhor Deus.</i>
<i>Existem muitas especulações a respeito, até mesmo aproveitamento, creio que o nosso senhor Jesus pode sim, curar, pois Ele é o mesmo ontem, hoje e eternamente, mais o motivo principal da vinda Dele foi salvar e</i>	<i>Eu creio no Deus que cura por intermédio da fé que temos nele e depositamos nele. Mas não posso fazer disso uma prioridade em minha vida e caminhada com Cristo, a ênfase não é</i>

<i>não curar, todos os textos de curas, Jesus falava, a tua fé te salvou</i>	<i>a cura, a ênfase é quem opera a cura, Cristo é o centro.</i>
<i>O mesmo Deus que curou no passado é o Deus que cura hoje. Ele não muda e nunca mudará, mas a ÊNFASE de qualquer igreja que se diz CRISTÃ precisa ser necessária e unicamente o arrependimento dos pecados e a salvação em Cristo Jesus.</i>	<i>Nós Batistas poderíamos orar mais por isso pois isso acontecia com os apóstolos e com neo cristãos do início da igreja. Não acho errado orar por cura.</i>
<i>Toda polarização é cega e tendenciosa. A missão da igreja tem a ver com algo maior, fazer discípulos de todas as nações. A cura divina é parte disso e não o todo.</i>	

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Na questão 13, foi perguntado: Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à prosperidade financeira (condição financeira e bens materiais), qual o seu posicionamento? Temos as seguintes respostas:

Tabela 4: Questão 13 pesquisa de campo – pastores e líderes

<i>O homem come do suor do seu rosto.</i>	<i>Discordo totalmente.</i>
<i>Não as considero como igrejas fiéis aos ensinamentos de Jesus, elas manipulam a fé das pessoas e os seus líderes estão em busca de riqueza e poder.</i>	<i>Acredito que Deus quer o bom estar e que sejamos prospero porem essa não deve ser a motivação para buscarmos ao Senhor Deus.</i>
<i>Deturpa o ensino do Evangelho, uma vez que coloca a vida material e terrena como sendo mais valiosa que a vida espiritual.</i>	<i>Sou permanentemente contrário a essa prática, por estar em pleno desacordo com os ensinamentos da Palavra de Deus (Ef. 1:3).</i>
<i>Da mesma forma que as curas, é uma forma de se atrair mais prosélitos com promessas de um paraíso aqui na terra, quando a bíblia nos diz que devemos juntar tesouros no céu. Mesmo assim acredito que elas preenchem uma lacuna deixada pelas igrejas históricas e tem feito o Evangelho chegar a outros tipos de pessoas.</i>	<i>A ordem de Jesus foi: ide pregar o evangelho, o próprio Jesus disse que não tinha onde declinar a sua cabeça, e tudo uma questão de fidelidade ao Senhor, Ele nos supre em todas as nossas necessidades. Ele não nos mandou pregar prosperidade.</i>
<i>Sou contra! A ênfase do Evangelho nunca foi e nunca será prosperidade financeira ou material. Não defendo o amor à pobreza. O cristão deve sim correr atrás de uma boa estabilidade financeira, sustentar e dar suporte para sua família, mas isso é totalmente diferente do que a teologia da prosperidade prega.</i>	<i>Como cristão e Batista, não concordo com tal posicionamento, nosso foco é Cristo e não bens ou riquezas. Ele é o dono de tudo e provê para nós aquilo que é necessário para nossa sobrevivência. Não há necessidade de se colocar as riquezas em primeiro lugar, mais uma vez digo, nosso foco é Cristo em primeiro lugar.</i>
<i>Contrário. A ênfase da igreja deve ser a adoração e serviço a Deus. Todavia, Deus faz prosperar os que são dizimistas. A prosperidade não se limita a apenas a bens materiais.</i>	<i>As igrejas que agem assim, só lamento. O meu posicionamento é que voltem-se para a Palavra.</i>
<i>Uma malandragem para enriquecer o clero.</i>	<i>1 Timóteo 4.</i>

Não creio dessa forma que infelizmente ensinam. Nossa prosperidade não é material mais sim espiritual. A questão é que creem no aqui e agora. No palpável. Não no reino vindouro.

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

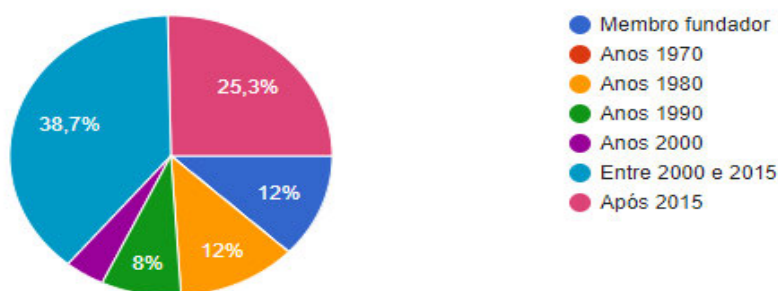
Por fazer parte da liderança e na sua maioria pastores conforme dados do Gráfico 01, o posicionamento apresentado nas respostas, respaldam o pensamento da Instituição Batista na região sudoeste da Bahia.

Tendo essa compreensão junto aos líderes, a próxima análise diz respeito aos membros adeptos das igrejas. O questionário foi enviado às igrejas e congregações que fazem parte da ABASB, e o número total de participantes foi de 75 membros. A exemplo do questionário aplicado aos líderes, a primeira questão foi sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde 100% dos participantes após tomar ciência quanto ao tema, objetivos e demais esclarecimentos sobre a mesma, concordaram em responder ao questionário. Na questão 06, foi levantada a temporalidade como membro da igreja, tendo esse resultado:

Gráfico 3: Questão 06 pesquisa de campo – membros das igrejas

6. Desde quando é membro da igreja?

75 respostas



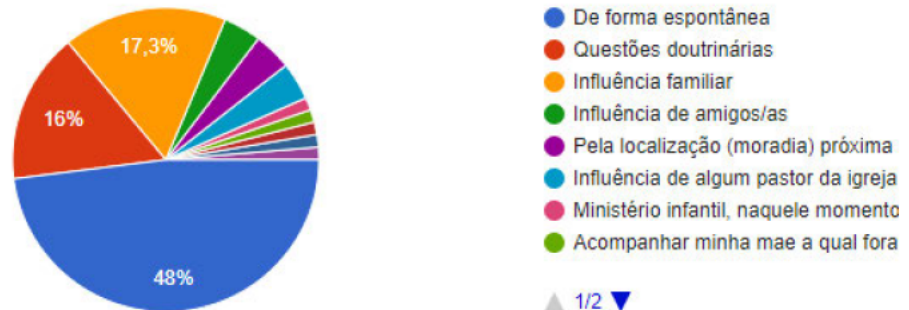
Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Os percentuais indicam que pouco mais de $\frac{1}{4}$ são membros após o ano de 2015. Isso significa que os demais adeptos já possuem um bom tempo de convivência em suas respectivas comunidades. Depreende-se por esses dados que são conhecedores das rotinas, discursos e práticas doutrinárias das congregações a que pertencem. Para se entender os motivos de pertença congregacional, foi elaborado o seguinte questionamento:

Gráfico 4: Questão 07 pesquisa de campo – membros das igrejas

7. Sobre a motivação para tornar-se membro dessa igreja?

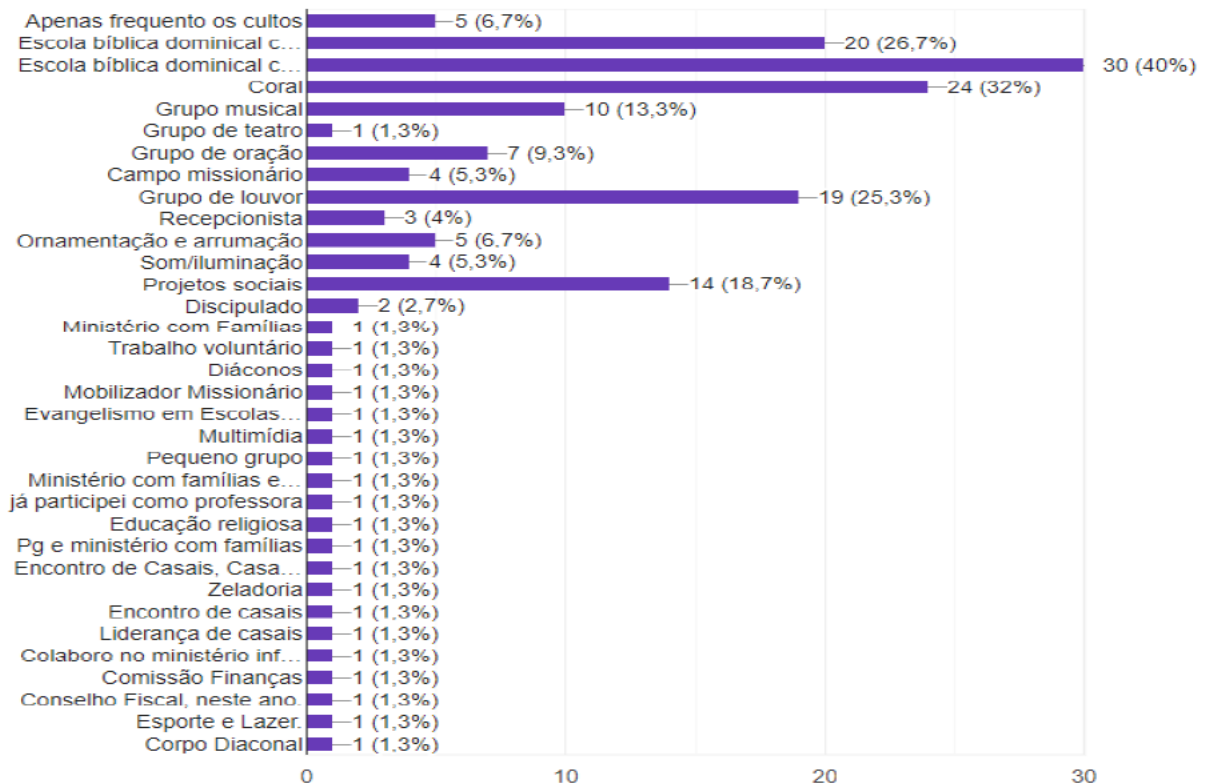
75 respostas



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Na lista de respostas da página 02 que não consta no gráfico acima, tem-se ainda: pedido de carta; insatisfação com a igreja anterior; encaminhamento para um pequeno grupo. Nas respostas à questão 08, percebe-se uma diversidade de atividades exercidas pelos participantes, embora haja um maior percentual voltado para a Escola Bíblica Dominical.

Gráfico 5: Questão 08 – Você participa de alguma atividade da igreja? (pode selecionar mais de uma resposta) – membros das igrejas



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Após conhecer um pouco sobre o tempo e perfil enquanto membro da igreja, foi indagado sobre a teologia da prosperidade. Esses foram os percentuais encontrados:

Gráfico 6: Questão 09 pesquisa de campo – membros das igrejas



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

O percentual dos que responderam positivamente representa uma quantidade significativa para respaldar as investigações. E para os que responderam sim, foi solicitado que falassem a respeito. Nesse sentido, a tabela abaixo repercute boa parte das respostas encontradas.

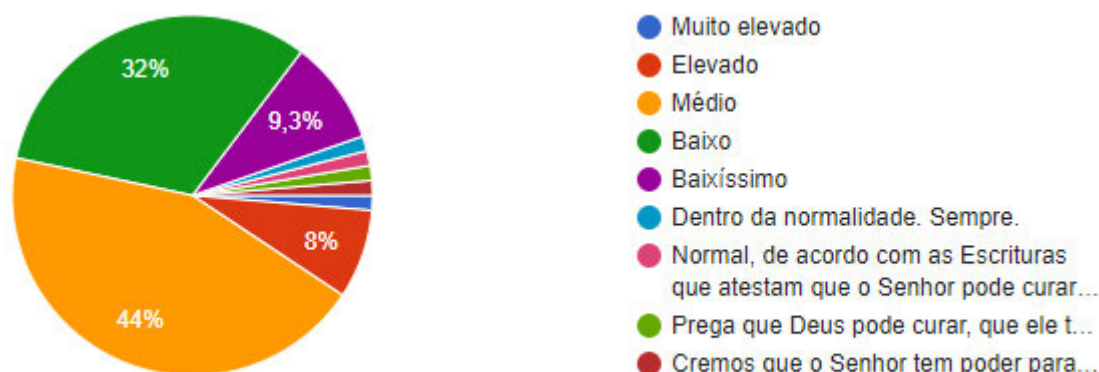
Tabela 5: Questão 10 pesquisa de campo – membros das igrejas

<i>Teologia básica, sem conhecimento e vivência da Bíblia no mais profundo.</i>	<i>A teologia da prosperidade é a comercialização da fé.</i>	<i>Totalmente equivocada diante dos princípios cristãos.</i>
<i>Já fui visitar algumas Igrejas e vi pregação sobre prosperidade não é de minha opinião melhor é buscar o Deus maravilhoso.</i>	<i>Teologia que ensina que quem tem fé em Deus terá riquezas e sucessos materiais. A pobreza, doença e sofrimento são um castigo.</i>	<i>Foca na benção financeira para os cristãos, ensinando que todos os cristãos tem direito ao bem estar material.</i>
<i>Sou crítico a teoria da prosperidade, porque a mesma sobrepõe os valores espirituais. Segundo constato, os pobres que frequentam igrejas que usam esta teoria, se sentem discriminados, pois chegam a ousadia de dizerem que quem</i>	<i>Não compartilho da ideia de que a prosperidade resulta de uma barganha com Deus para aquisição de bens materiais, como se Deus tivesse obrigação de nos dar o que queremos ("Sou filho do Rei"). Prosperidade é estar</i>	<i>Doutrina que prega sobre as bênçãos materiais, tendo esta como foco principal, e passando a ideia de que, quanto mais você dá para a igreja, mais será abençoado financeiramente. Algumas igrejas que pregam a teologia da prosperidade, pregam que</i>

<i>está contra a prosperidade financeira está em pecado.</i>	<i>em paz e vivendo no centro da vontade de Deus!</i>	<i>você pode determinar a sua bênção.</i>
<i>Chamado também de "evangelho fácil", ou o toma lá dá cá, eu sou fiel nos dízimos e nas ofertas, em troca Deus me dá prosperidade financeira!</i>	<i>A busca pelas bênçãos materiais, buscando satisfação de suas necessidades e muitas vezes, só o desejo de possuir riqueza.</i>	<i>É uma teologia direcionada às coisas terrenas esquecendo que somos estrangeiros aqui. Não dou valor algum a esse tipo de mensagem.</i>
<i>Não concordo com essa tal teologia da prosperidade. Enganadora e busca seus próprios interesses.</i>	<i>Uma teologia voltada para obtenção de bens materiais. (Mas todo cristão pode e deve ser próspero espiritualmente.)</i>	<i>Qualquer sofrimento é falta de fé. Que a pessoa tem que ser bem sucedida em todas as áreas da vida inclusive a vida financeira.</i>
<i>É uma corrente de pensamento que vê no progresso em relação aos recursos financeiros um sinal de bênçãos e que, muitas vezes, se direciona apenas com esse objetivo. Muitas vezes, consideram que Deus está a seu serviço...</i>	<i>Corrente que prega que o homem não pode passar por sofrimentos, pois seria falta de fé. Que bens materiais é prova de fé, que Deus quer dar para todos. Quanto mais você contribui, mais bens materiais você terá. Deus está a seu serviço.</i>	<i>Ao meu ver a teologia da prosperidade caminha na contramão de alguns ensinamentos bíblicos doutrinando os fiéis à sua maneira. Muitos escândalos seguem a referida teologia e seus líderes por consequência de sua metodologia de trabalho.</i>
<i>Acho que se trata de uma doutrina que dá mais importância a prosperidade do que qualquer outra coisa. Isso não edifica ninguém.</i>	<i>Foca na prosperidade financeira e saúde física, sendo garantia para pessoa que aceita Jesus.</i>	<i>Acredito que tem como princípio doutrinar acerca da prosperidade a ser alcançada caso o indivíduo siga aquela religião/igreja. Que o indivíduo sempre alçará bênçãos materiais...</i>
<i>Uma teologia que ao meu ver usa versículos isolados com embasamento para pregar as riquezas materiais deste mundo, em que Deus é um deus de barganha, compra-se milagres e prosperidade.</i>	<i>É uma doutrina que defende a ideia da contribuição financeira como moeda de troca com Deus. Além de passar a motivação errada para as contribuições, ela enfatiza mais a prosperidade terrena do que a espiritual.</i>	<i>Pregam e evidenciam o ter acima de outros ensinamentos. Não se preocupam com o aspecto emocional da igreja. Ensinamentos rasos e distorcidos da Bíblia, levando a não pensar no que Cristo nos ensinou.</i>

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Em relação à questão 11, foi perguntado: Qual o grau você considera a ênfase dada pela igreja da qual é membro em relação à cura de doenças? Este foi o resultado:

Gráfico 7: Questão 11 pesquisa de campo – membros das igrejas

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Em relação à pergunta acima, comparando os dados com as respostas das lideranças, enquanto 40% dos líderes consideram a opção “Baixo” e 33,3% a opção “Médio”, os membros das igrejas, 32% optaram pela opção “Baixo” e 44%, pela opção “Médio”. Embora haja uma inversão nos maiores percentuais, a soma total dessas duas opções, em ambos os casos são bem próximas, ou seja, 73,3 % para os líderes e 76% para os membros. Isso demonstra haver uma certa congruência na percepção que ambos os públicos têm a respeito da ênfase dada à teologia da prosperidade em suas respectivas igrejas.

Na questão 12, optamos por uma indagação aberta com o seguinte questionamento: Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à cura de doenças, qual o seu posicionamento? Seleccionamos algumas respostas na tabela abaixo:

Tabela 6: Questão 12 pesquisa de campo – membros das igrejas

<i>Deve ter coerência.</i>	<i>Não tenho posição.</i>	<i>É Bíblico?</i>
<i>Abstenção.</i>	<i>Acredito, eu creio.</i>	<i>Temos que ter cautela.</i>
<i>A cura está na vontade de Deus e não em movimentos.</i>	<i>É bom ter um equilíbrio entre fé e ciência.</i>	<i>Não gosto. Acho que o evangelho não é isso.</i>
<i>A cura de doenças creio que vem pela fé e autocuidado do indivíduo, não é possível só crê sem buscar o cuidado da doença.</i>	<i>As curas podem acontecer mas não devem ser o foco principal da igreja e sim o arrependimento e a salvação em Cristo.</i>	<i>Acredito que precisam ler e meditar mais na Bíblia para entender que nem sempre a solução de Deus para o doente é a cura.</i>
<i>Esse não deve ser o foco da igreja e sim salvar almas pra Cristo.</i>	<i>Interessante, mas, importante mesmo é a cura da alma...</i>	<i>A cura existe e é real, não por mérito do homem, mas de Deus.</i>
<i>Cada igreja tem a sua forma de trabalhar.</i>	<i>Creio na soberania de Deus. Se Ele quiser, cura.</i>	<i>Estão mudando o foco da mensagem do evangelho.</i>

<i>Acho legítimo dar ênfase às curas, algumas igrejas dão mais outras menos e pode haver motivação errada.</i>	<i>A cura existe porém não como eu quero ou como algumas igrejas pregam, mas sim de acordo com plano de Deus em nossas vidas.</i>	<i>Os batistas entendem a cura de doenças como uma ação discricionária de Deus sobre o indivíduo, porém, sem explorar como uma propaganda de suas ações benevolentes junto à comunidade local.</i>
<i>Concordo, é bíblico a cura pela fé.</i>	<i>Essas igrejas usam essa ferramenta para comércio.</i>	<i>Creio que Deus cura, faz milagre, mas segundo o seu querer.</i>

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Para essa questão, é possível observar uma maior aceitação quanto a ênfase dada a cura. Os batistas não são contrários às orações por cura de doenças. Porém, as respostas indicam como foco principal a cura da alma e a soberania de Deus.

Saindo do campo da cura de doenças, indagamos sobre os bens materiais com o seguinte questionamento: Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à prosperidade financeira (condição financeira e bens materiais), qual o seu posicionamento?

Tabela 7: Questão 13 pesquisa de campo – membros das igrejas

<i>Não concordo.</i>	<i>Distantes da palavra.</i>	<i>Discordo totalmente.</i>
<i>Fora dos propósitos de Deus.</i>	<i>Minha posição é contra essa ênfase.</i>	<i>Não gosto e não me sinto bem.</i>
<i>Totalmente errônea essa prática, a bíblia nos diz que termos o que comer, beber e vestir devemos nos dá por satisfeito. Sou totalmente contra.</i>	<i>Penso que a ênfase da igreja deve ser buscar, e fazer, a vontade de Deus. Buscar tão somente prosperidade financeira pode desviar o foco do cristão.</i>	<i>Sou contra esta pregação, porque o bens materiais não levam ninguém a salvação, mas sim o arrependimento, e aceitação do sacrifício do Nosso Senhor Jesus Cristo.</i>
<i>Não acredito no poder da barganha.</i>	<i>A igreja deve dar ênfase a vida espiritual dos membros e levar pessoas a salvação.</i>	<i>A busca é importante e necessária, não a primordial.</i>
<i>Eu não ficaria numa igreja que enfatizasse esse assunto.</i>	<i>Totalmente sem base bíblica. Não é pecado ter dinheiro, mas não é isso que o evangelho prega.</i>	<i>Da mesma forma usam para beneficiar os pastores e comercializam a fé dos membros.</i>
<i>Estão com o foco errado; devemos trabalhar para termos uma vida confortável e aproveitá-la da melhor forma possível, se der pra ser rico, beleza; mas dinheiro nenhum paga o sacrifício de Cristo na cruz para nos salvar; nossa ênfase dever ser sempre o</i>	<i>Deus pode abençoar a quem ele quiser com bens materiais, mas a ênfase do evangelho não é nisso. Somos abençoados por Deus na vida, na família, mesmo sem riquezas materiais. Ao seu servo ele nunca deixa faltar o pão de cada dia.</i>	<i>Jesus não veio prometer riquezas, nem mesmo nasceu em berços de ouro. Entendo que o cristianismo não é sobre isso, sim sobre uma fé que transforma nossos valores morais, princípios éticos e nos faz almejar a riqueza que é vida eterna.</i>

<i>Senhor, ainda que sejamos milionários.</i>		
<i>O meu conceito de prosperidade é bíblico, envolve algo muito mais profundo, que é o íntimo relacionamento com Deus. Assim, uma pessoa pode ser próspera, mesmo sem muito bens materiais.</i>	<i>Não concordo com esse tipo de pregação, pois não encontro na Bíblia sagrada nenhum respaldo para esse tipo de pregação.</i>	<i>Penso que estão deturpando a mensagem do evangelho, pois nosso mestre não tinha nem onde reclinar a cabeça, no entanto, é o criador e sustentador de todas as coisas.</i>
<i>Entendo que Deus nos abençoa de um modo geral, sendo a principal a salvação, mas que todos nós estaríamos sujeito a passar por diversas aflições e a financeira não poderia ficar de fora. Muitas igrejas usam desse expediente para atrair pessoas ambiciosas e muitas vezes de maneira leviana, como profissionais da fé usando o nome de Deus em vão, buscando o enriquecimento as custas dos fiéis.</i>	<i>Este tema é mais delicado. Infelizmente vemos muitas vezes o servir a Deus como moeda de troca: eu sirvo para ter prosperidade, que na verdade é uma expectativa de enriquecimento que não tem base nas Escrituras. Aproveita-se da ganância das pessoas para envolvê-las e arrebanhá-las. Estas igrejas distorcem a Palavra e promovem desserviço ao Reino.</i>	<i>Deus é maior do que os bens que você pode alcançar na terra, não que isso seja menos importante, viver bem é fundamental, e se você conquistou com dignidade, é um merecimento seu e deve ser uma benção. Mas a prosperidade financeira não é medalha para boas obras, ou muita fé, e discordo totalmente quando reduzem Deus a isso.</i>

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Na condição de membros integrantes das igrejas filiadas à ABASB, o posicionamento apresentado nas respostas, respaldam o pensamento da Instituição Batista na região sudoeste da Bahia. A exemplo do que aconteceu nos questionamentos feitos aos líderes, as questões de 09 a 13, também aplicadas aos membros das igrejas foram pensadas com o objetivo de saber até que ponto conhecem sobre a teologia da prosperidade, o uso e prática em suas respectivas igrejas e como se posicionam a respeito.

Nas duas situações, as respostas ajudam a elucidar parte do problema da pesquisa. O posicionamento das igrejas batistas é de postura contrária à prática da teologia da prosperidade. Isso ajuda a ratificar um dos pontos da primeira hipótese quando traz a premissa de que a Denominação Batista histórica tradicional, não possui em sua trajetória a prática da teologia da prosperidade como componente doutrinário. Dito de outra forma, os líderes batistas conhecem sobre essa prática, embora reconheçam que Deus pode curar ou tornar próspero os seus fiéis, não é essa a ênfase doutrinária que norteia as prédicas em suas congregações, isto porque, enquanto batistas compreendem que a cura deve ser a da alma, relacionada com a transformação e salvação dos seres humanos, e esse feito, torna o fiel próspero em relação à vida espiritual, no reino futuro na eternidade. Embora parte dos adeptos membros não conheçam sobre a teologia

da prosperidade, 77,3% responderam conhecer sobre a mesma. Se mostraram um pouco mais afeitos em relação a prática da cura, mas, contrários à ênfase nos bens materiais.

Conclui-se, portanto, que tanto a liderança como os liderados são contrários ao proselitismo da prosperidade que permeia o cotidiano pentecostal e neopentecostal que assim procede, por entender que essa prática se caracteriza como um instrumento de manipulação da fé.

3.2 RELIGIÃO E POLÍTICA

3.2.1 Religião: uma definição (im)possível?

Quando se aborda sobre a temática “religião”, naturalmente surge uma necessidade de conceituação ou definição do que se trata, embora encontremos no senso comum indicações de que refere-se a uma situação em que as pessoas costumam possuir uma noção ou ideia do que seja, mas, com dificuldades de conceituar exatamente o que é. Esta não é uma situação exclusiva do conhecimento popular. Na academia, não raro, nos deparamos com situação parecida. E isto não é demérito algum, do contrário, trata-se de algo inerente às mais variadas culturas e dos povos mais diversos, nos mais distintos lugares.

E ainda, a religião enquanto objeto de estudo, pode ser campo de indagação, ou seja, a religião enquanto ciência, como pode? Dessa forma, compartilho alguns questionamentos levantados pelo teólogo Eduardo R. Cruz quando debate sobre o Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião, momento em que elabora algumas perguntas a respeito:

Basicamente procura-se uma resposta para questões tais como: o que permite dizer-se que a Ciência da Religião é uma ciência? Trata-se de uma ciência, ou de várias ciências coligadas? Ela é uma disciplina autônoma, que merece seu lugar na academia? E, seu objeto, “religião”, também é único e original, ou é múltiplo e derivado? E como a Ciência da Religião se diferencia de outras disciplinas, principalmente a Antropologia da Religião e a Teologia? É parte das “humanidades”, ou é uma ciência em sentido mais estrito, seguindo alguns padrões das Ciências Naturais? (CRUZ, 2013, p. 38).

Seria demasiado ousado ou quase impossível responder todas estas questões. Mas, fazem parte do expediente necessário para a compreensão da religião enquanto Ciência da Religião. Sendo pois o objeto da ciência aqui, a religião, cabe então um outro questionamento: qual é de fato o objeto de estudo da religião? O *homo religiosus*. Portanto, é uma ciência que estuda o ser humano e sua relação com a religião. Trata-se de uma ciência humana e social

amparada em debates teóricos, metodológicos e epistemológicos da Antropologia, da Sociologia, da História, da Geografia, da Teologia, da Psicologia, da Linguística e de outras mais. “(...) É preciso dizer que a expressão ‘Ciência da Religião’ (*Religionwissenschaft*) foi cunhada na segunda metade do século XIX para destacar a emancipação das Ciências Humanas em relação à Filosofia e à Teologia.” (CAMURÇA, 2008, p. 21). Vamos então identificar no quadro a seguir algumas questões vinculadas ao campo da religião no que diz respeito às aplicações no plural e no singular:

Quadro 3: Ciência da Religião ou Ciências das Religiões?

Ciência da Religião	Ciências das Religiões
Pressupõe a existência de um método científico e também de um objeto unitário	Pluralismo metodológico e pluralismo do objeto pela impossibilidade de um mínimo denominador comum
Soluções Intermediárias	
Ciência das religiões	Ciências da religião

Fonte: Giovanni Filoramo e Carlo Prandi²⁹

Se por um lado encontramos teóricos que dispõem sobre a possibilidade do pluralismo, encontramos também autores como Frank Usarski que defende numa perspectiva singular, o termo Ciência da Religião. Em seu artigo sobre “História da Ciência da Religião” o autor se manifesta afirmando que:

O termo Ciência da Religião refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais. (USARSKI, 2013, p. 51).

Pode estar representada no comportamento social, nas manifestações culturais, na organização política, na regulação jurídica, nas ações individuais ou coletivas, criadas, recriadas, sincréticas, endógenas, exógenas. Pode-se até pensar que é campo exclusivo da teologia ou da filosofia, mas, “as teologias e as filosofias não caem do céu como pedras, mas são preparadas no movimento da história, e em todos os domínios desse movimento, que são o

²⁹ Adaptado da obra “As Ciências das Religiões” de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi publicada em 1999 pela Paulus Editora, p. 12. O objetivo dessa adaptação tem caráter ilustrativo.

sociológico, o político e o religioso.” (TILLICH, 2010, p. 166). Pensando na perspectiva do historiador das religiões, têm-se que, “a infinita multiplicidade das experiências feitas pelo *homo religiosus* durante os milênios da história torna-se presente para o historiador das religiões através dos documentos religiosos.” (RIES, 2019, p. 219). Seja por fatores políticos, econômicos ou culturais, dificilmente uma análise conjuntural dessa natureza poderá ser feita sem que de alguma forma elementos da religião não possam ser abordados.

No livro “O que é Religião?” de Robert Crawford, o autor inicia exatamente com essa pergunta – É possível definir religião? Crawford cita pelo menos dezessete teóricos com os respectivos posicionamentos a respeito da temática. Após apresentação das distintas definições, ele afirma que as mesmas “refletem a perspectiva de antropólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, biólogos, teólogos, historiadores, escrituras, e mostram que não existe nenhuma definição universalmente aceita de religião.” (CRAWFORD, 2005, p. 14). Destarte, no quadro abaixo, vamos identificar esses autores com suas definições:

Quadro 4: Dezessete definições de religião

Autor	Definição	Autor	Definição
H. L. Mencken	O cosmos é uma roda gigantesca que faz 10.000 revoluções por minuto. O ser humano é uma mosca doente que entra nela para dar um vertiginoso passeio. Religião é a teoria de que a roda foi projetada e posta a girar para proporcionar o passeio ao ser humano.	Matthew Arnold	É uma emoção ou moralidade tocada pela emoção.
Martin Buber	A religião esconde a face de Deus.	Herbert Spencer	O culto aos ancestrais é a raiz de toda religião.
J. M. Yinger	É um sistema de crenças e práticas de que um grupo de pessoas se serve para enfrentar os problemas últimos da vida humana.	Sigmund Freud	A religião é uma ilusão.
E. B. Tylor	É a crença em seres espirituais.	Bronislaw Malinowski	A religião não nasce da especulação ou da reflexão, menos ainda da ilusão ou de um equívoco, mas, ao contrário, nasce das tragédias reais da vida humana, do conflito entre planos humanos e realidades humanas.
Alfred North Whitehead	Religião é o que o indivíduo faz com sua solidão [...]	Karl Marx	É o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de

	instituições, igrejas, ritos, bíblias, códigos de conduta são os adornos da religião, são suas formas passageiras.		um mundo sem coração, a alma num mundo sem alma; é o ópio do povo.
Peter Connolly	Quaisquer crenças que envolvem a aceitação de uma esfera sagrada, transempírica e qualquer comportamento destinado a afetar a relação da pessoa com essa esfera.	Richard Dawkins	A religião é um vírus.
Arnold Toynbee	É a presença no mundo de algo espiritualmente maior do que o próprio ser humano [...] a meta do ser humano é buscar comunhão com a presença que está por trás dos fenômenos.	Émile Durkheim	Religião é um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, coisas separadas e proibidas, crenças e práticas que unem numa única comunidade, chamada Igreja, todos os que a elas aderem.
Ninian Smart	Religião é um organismo com sete dimensões: ritual, doutrinal, mítica ou narrativa, experimental ou emocional, ética ou jurídica, organizacional ou social, material ou artística.	Aloysius Pieris	Religião é um anseio revolucionário, um impulso psicossocial para gerar uma nova humanidade.
Rudolf Otto	Religião é um sentimento do numinoso, do “totalmente outro”, do <i>mysterium tremendum et fascinans</i> .		

Fonte: Adaptado do livro “O que é religião?”³⁰

O autor apresenta ainda a assertiva de que “a religião é uma forma de vida”, e que a mesma está na maioria das religiões. Embora tenhamos que apresentar posicionamentos de outros autores, também concordamos com a premissa da não existência de uma definição universalmente aceita sobre o conceito de religião. Eis porque, somos levados a considerar as peculiaridades de cada definição apresentada, não significando necessariamente concordar com todas elas. Assim, nunca é demais a lembrança acerca dos primórdios da humanidade quando ao lidar com os elementos da natureza que fugiam ao seu controle, o ser humano passa a conceber a respeito do sobrenatural, começa a desenvolver a perspectiva de algo para além da sua própria existência. É a partir dessa situação que nossas convicções são levadas a pensar a religião. Se não ainda na forma devidamente organizada e institucionalizada, mas, a partir da

³⁰ CRAWFORD, Robert. O que é religião? Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 13-14.

religiosidade, das manifestações individuais e coletivas, ou da espiritualidade dos sujeitos, dos atores sociais envolvidos.

“A palavra ‘religião’ é como um labirinto. Perder-se-á nele quem não trouxer um fio na mão para se orientar.” (GRESCHAT, 2005, p. 17). Essa afirmação lembra a obra “O fio e os rastros” de Carlo Ginzburg (2007), quando na Lenda do Minotauro, Teseu foi mandado a Creta como sacrifício ao minotauro que habitava o labirinto construído por Dédalo. Indo ao Oráculo de Delfos para descobrir se sairia vitorioso, ouviu que deveria ser ajudado pelo amor para vencer. Aparece então Ariadne que entrega uma espada e o fio de lã (fio de Ariadne) a Teseu para que não se perdesse atingindo a sua meta de vencer seu oponente e voltar para levá-la para Atenas para a realização do casamento (condição que levou Teseu a receber a referida ajuda). Ginzburg (2007), faz sua analogia abordando que pouco sabemos sobre os rastros deixados no labirinto. Eu acrescentaria que pouco sabemos sobre o labirinto e a necessidade do fio é vital para avaliarmos as diversas possibilidades. Nesse sentido, um fio condutor a ser apresentado ressoa a distinção entre o teólogo e o cientista da religião. “Os teólogos são especialistas religiosos. Os cientistas da religião são especialistas em religião.” (GRESCHAT, 2005, p. 155). Naturalmente, essa afirmação pode causar controvérsia. Porém, em outras palavras, depreende-se que embora o pesquisador possa ter o seu próprio credo, enquanto cientista ele é pesquisador da religião e isso não pode ser confundido. “Com efeito, os estudos da religião se encontram em complementaridades ao alcançarem, cada um, a correlação elementar entre a dimensão semântica e a experiência vital (*erfahrung*), a vida e a linguagem, a fé e a arte.” (SILVEIRA; MORAES JUNIOR, 2017, p. 77). Eis que o labirinto se apresenta.

Para tratar da questão etimológica, exploramos os estudos de Carlo Prandi (1999), quando são feitas fundamentadas explanações sobre os termos em que a palavra religião se estrutura. Inicialmente, Carlo Prandi analisa a trajetória do termo apontando que em períodos e lugares distintos, com os relatórios e testemunhos que chegavam à Europa, o conhecimento das sociedades extra europeias havia feito enormes progressos. “Nesse clima de entusiasmantes descobertas culturais amplia-se a consciência de que o cristianismo é uma dentre tantas religiões presentes no planeta.” (PRANDI, 1999, p. 254).

Segundo Prandi (1999), nos evangelhos e em todo o cânon não aparecem nem o termo “religião” nem outros equivalentes. Jesus auto define-se como “o caminho, a verdade e a vida”. “Ao termo *religio* os vocabulários latinos atribuem, em geral, significados correntes entre os autores clássicos: ‘escrúpulo’, ‘consciência’, ‘exatidão’, ‘lealdade’ e outros afins.” (PRANDI, 1999, p. 255). O autor aponta para a situação de que nenhum desses termos correspondem à ideia veiculada na nossa cultura pela “religião”. Afirma que *religio* indicava, no mundo latino

pré-cristão, um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão, no máximo, evocava a execução de um rito, que, pelo caráter da religião romana, era orientado por normas rígidas e escrupulosas.

Prandi (1999), segue sua incursão no étimo de *religio* com Macróbrio (séc. V d.C.), quando esse atribui a Sêrvio Sulpício a afirmação de que *religio* deriva de *relinquere* (deixar, abandonar), sem muita repercussão. Cícero por volta de 45 a.C. associa *religio* a *relegere* quando sublinha o caráter da religião romana baseada na escrupulosa observância do rito, na precisão repetitiva dos atos devocionais dirigidos à divindade. Lactâncio (séc. III-IV d.C.), rejeita a leitura ciceroniana afirmando que o termo deriva de *religare* e não de *relegere*. *Religare* sugere estar unidos e ligados ou religados a Deus. Agostinho (séc. IV a.C.), retoma a questão etimológica não se opondo a Cícero propondo uma via intermediária, de *relegere* passa para *religare*, “reeleger”, como retorno a Deus. Em outra obra, Agostinho retoma a leitura de Lactâncio (que acabou se impondo, portanto) e, exortando o homem a tender para Deus, entregando a ele a própria alma, retoma o étimo *religio* a religando. A partir daí, o caminho já estava aberto para a ideia de que *religio* significava uma ligação baseada na submissão e no amor entre o homem e Deus.³¹

Sendo no tempo presente o sentido de *religare* mais comum entre as religiões de cristandade, esse tem na sua prática o uso mais recorrente pelo apelo que se faz nas estratégias de conversão, quando nas prédicas pastorais predominantes no cristianismo tradicional, se utiliza da ideia de transformação de vida, ou transformação de mente, religando o sujeito converso a Deus pela intermediação do credo em Jesus Cristo.

Em um aspecto didático e bastante compreensível, destacamos a distinção entre religião e religiosidade, apresentada pela historiadora das religiões, a professora Elizete da Silva:

Entendemos a religião e a religiosidade como formas de expressão do sagrado, as quais mantêm estreitos vínculos com os demais elementos constitutivos de um sistema cultural e têm se manifestado com variadas nuances e matizes ao longo da História. Nessa perspectiva, destacamos dois conceitos muito discutidos: religião e religiosidade. E qual a diferença básica? A religião é a instituição. É o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia, as doutrinas. E o que é a religiosidade? São as vivências, os sentimentos, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel. (SILVA, 2010, p. 105).

³¹ As informações desse parágrafo foram compiladas da obra: PRANDI, Carlo. As religiões: problema de definição e de classificação (Apêndices). In: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As Ciências das Religiões. São Paulo: Paulus, 1999, p. 255-257.

Assim, esses dois termos intrinsecamente relacionados, tem na definição anterior uma clara distinção de seus respectivos campos de atuação. Ou seja, ao cientista das religiões caberá também a tarefa dessa distinção, ciente de que ao olhar a religião enquanto corpo institucionalizado, deverá olhar o *homo religiosus* enquanto agente, enquanto adepto, sujeito praticante de experiências religiosas cotidianas.

Saindo do étimo ora abordado para o estudo dos primórdios e das primeiras práticas religiosas, encontramos a obra de Émile Durkheim, “As formas Elementares da Vida Religiosa”, quando os seus estudos são direcionados ao sistema totêmico australiano. Sobre essa obra ele afirma: “o que queremos acima de tudo estudar neste trabalho é a religião mais primitiva e mais simples que se pode conhecer.” (DURKHEIM, 1996, p. 90). Assim sendo, Durkheim chega ao totemismo. Ele começa com as principais concepções da religião elementar. A saber, o animismo e o naturismo:

Não existe, por assim dizer, sistema religioso, antigo ou recente, no qual, sob formas diversas, não se encontrem lado a lado como que duas religiões, as quais, embora estreitamente unidas e até penetrando-se mutuamente, não deixam de ser distintas. Uma dirige-se às coisas da natureza, seja às grandes forças cósmicas, como os ventos, os rios, os astros, o céu, etc., seja aos objetos de todo o tipo que povoam a superfície da terra, plantas, animais, pedras, etc.; por esse motivo lhe dão o nome de *naturismo*. A outra, por objeto os seres espirituais, os espíritos, almas, gênios, demônios, divindades propriamente ditas, agentes animados e conscientes como o homem, mas que se distinguem dele pela natureza dos poderes que lhes são atribuídos e, sobretudo, pela característica particular de não afetarem os sentidos do mesmo modo: normalmente não são perceptíveis a olhos humanos. Chama-se *animismo* essa religião dos espíritos. Ora, para explicar a coexistência, por assim dizer universal, dessas duas espécies de culto, duas teorias contraditórias foram propostas. Para uns, o animismo seria a religião primitiva, da qual o naturismo seria apenas uma forma secundária e derivada. Para outros, ao contrário, o culto da natureza é que seria o ponto de partida da evolução religiosa, o culto dos espíritos sendo apenas um caso particular dele. (DURKHEIM, 1996, p. 34).

Como se vê, numa relação vertical ou horizontal, seja da presença do sagrado nos elementos da natureza, seja na manifestação dos seres espirituais transcendentais ou divindades, as manifestações religiosas são próprias e intimamente relacionadas à natureza humana.

Tendo sua formação influenciada pelo tio Émile Durkheim, Marcel Mauss também estuda a origem das religiões analisando as relações simbólicas da vida social, desenvolvendo estudos sobre as funções sociais do sagrado. Respalhando seus estudos a partir de pensadores como Durkheim, Frazer, Lehmann, Tylor, Alfred Lyall, Jevons, Lang, Oldenberg, dentre

outros, postula suas asserções sobre a simpatia, o simbolismo dos ritos mágicos e suas respectivas relações com a religião. Com efeito, vale destacar sua afirmação que diz:

A magia assim entendida torna-se a forma primeira do pensamento humano. Ela teria outrora existido em estado puro e, na origem, o homem não teria sabido pensar senão em termos mágicos. A predominância dos ritos mágicos nos cultos primitivos e no folclore é, pensa-se, uma prova cabal a apoiar essa hipótese. Além disso, afirma-se que esse estado de magia ainda vigora em algumas tribos da Austrália central, onde ritos totêmicos teriam um caráter exclusivamente mágico. A magia constitui assim, ao mesmo tempo, toda a vida mística e toda a vida científica do primitivo. Ela é a primeira etapa da evolução mental que podemos supor ou constatar. A religião resultou dos fracassos e dos erros da magia. O homem, que havia inicialmente, sem hesitação, objetivado suas ideias e seus modos de associá-las, que imaginava criar as coisas assim como sugeria a si mesmo pensamentos, que se acreditara senhor das forças naturais assim como era senhor de seus gestos, acabou por perceber que o mundo lhe resistia; imediatamente, dotou-o das forças misteriosas que se arrogara para si mesmo; depois de ter sido deus, povoou o mundo de deuses. Esses deuses, ele não mais os coage, mas devota-se a ele pela adoração, isto é, pelo sacrifício e pela prece. (MAUSS, 2017, p. 51).

Assim, Mauss compreende a religião como o resultado dos fracassos e erros da magia. A magia é apresentada pelo autor como crenças e representações, ou seja, ideias que correspondem aos atos mágicos ou ritos mágicos que também se relacionam com os ritos simpáticos, conhecidos como simpatia, ritos esses que podem ser considerados tanto mágicos como religiosos.

De uma maneira diferente do que fora apresentado por Marcel Mauss, ao tratar da perspectiva filosófica da cultura humana, encontramos o pensamento de Ernst Cassirer que coloca sobre a filosofia a tarefa de tornar compreensível o mito, a religião, a arte, a linguagem, a ciência. “Na ilimitada multiplicidade e variedade de imagens míticas, dogmas religiosos, formas linguísticas, obras de arte, o pensamento filosófico revela a unidade de uma função geral por meio da qual todas essas criações são mantidas unidas.” (CASSIRER, 2012, p. 120). Apesar desse atributo dado à ação filosófica, Cassirer alerta que os mistérios da fé não podem ser penetrado apenas baseado na razão, embora admita que esses mistérios não contradizem, mas, completam e aperfeiçoam a razão. Numa postura mais crítica em relação à religião afirma que a mesma:

Promete-nos uma comunhão com a natureza, com os homens, com os poderes sobrenaturais e com os próprios deuses. No entanto, o seu efeito é precisamente o oposto. Em sua aparência concreta ela se torna a fonte das mais profundas dissensões e lutas fanáticas entre os homens. A religião alega estar de posse de uma verdade absoluta; mas a sua história é uma história de erros

e heresias. Oferece-nos a promessa e a perspectiva de um mundo transcendente – bem além dos limites de nossa experiência humana – e permanece humana, demasiado humana. (CASSIRER, 2012, p. 122).

Essa oferta de um mundo transcendente sugere trazer resposta à uma questão crucial do pensamento filosófico. Nas questões ontológicas envolvendo o ser humano “quem em sou, de onde vim, para onde vou?” a oferta do transcendente, ainda mais se considerarmos as religiões de salvação com a promessa da eternidade, encontrará abrigo junto aos anseios dos humanos, que, empenham esforços para respostas em relação às suas vidas futuras. A religião que alega estar de posse da verdade absoluta, estará sujeita a encontrar quase sempre pontos e lugares de objeção. Isso porque o relativismo sobre a concepção de verdade, invariavelmente está longe de chegar ao fim. Por exemplo, os próprios ideais éticos das religiões costumam divergir entre si. “Os artigos de fé, os credos dogmáticos e os sistemas teológicos estão envolvidos em uma disputa interminável. Até mesmo os ideais éticos de diferentes religiões são amplamente divergentes e dificilmente conciliáveis entre si.” (CASSIRER, 2012, p. 123).

Como estamos sob forte influência da cultura e do pensamento ocidental, não poderíamos tratar da temática religião sem que houvesse uma relação com o mito e suas representações. Palavra de origem grega, *mythos* ou *mythós*, era utilizada para a explicação dos fenômenos da natureza, sobretudo as origens do mundo e do próprio homem (Marcondes, 2004). Era também utilizado como discurso, assunto, lenda, relato do imaginário. Nesse sentido, as primeiras tentativas de explicação do universo pelos gregos encontram-se amparadas na mitologia, também associada à cosmogonia. Mas, o mito também encontra-se relacionado ao imaginário do sobrenatural, do sagrado, à divindade, aos deuses.

Depreende-se que “o mito fala do ser em sua totalidade e da existência em geral, utilizando-se dos elementos finitos que nos são acessíveis pela sensação.” (TORRANO, 1991, p. 371). Apresenta-se como resultado das inquietações humanas, pelo fato deste ser dotado de capacidade criadora, poder pensar e raciocinar, se debruçar em querer compreender o universo, a origem das coisas e seus respectivos significados. Eis porque, é perceptível no mito os princípios norteadores dessas inquietações, conforme citação abaixo:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da

tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 1995, p. 15).

Ora, essa afirmação de Joseph Campbell, nos revela um fundamento importante – a origem no mito das variações culturais e sociais próprias da natureza humana, ou seja, sua religiosidade, sua forma de compreensão das coisas, sua estética, formas de convivência e até sua própria racionalidade. Mas, como então estabelecer com o mito uma relação com o que se pode chamar de verdade? Vamos então para essa definição do mito a seguir:

É uma mensagem, concretamente uma sílaba, uma palavra, um enunciado, uma sentença, ou até mesmo um longo texto, em verso ou prosa, recebido por um *homo religiosus*, predisposto para tal, em um dado contexto sagrado. O mito é sempre portador de uma Verdade, *alétheia* porque sua fonte é uma divindade [...] (POSSEBON, 2012, p. 19).

Fabricio Possebon, apresenta *Alétheia* como o “não-esquecimento”, o “desvelamento” ou a “revelação” traduzida e entendida como a “Verdade”. Medeiros (2015), afirma que a narração mítica não se explica, ela apenas é. “O mito não se justifica, não se fundamenta, portanto, nem se presta ao questionamento, à crítica ou à correção.” (MARCONDES, 2004, p. 20). Com efeito, pode-se então supor que os povos na história no decurso de suas respectivas crenças, ao consagrarem os seus deuses, expõem suas respectivas verdades. Dessa forma, a religião monoteísta expressa no cristianismo³² torna-se a verdade das religiões de cristandade. Destarte, Mircea Eliade vai chamar de hierofania aquilo que classifica como manifestação do sagrado:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1992, p. 13).

³² O cristianismo aqui vem a termo de forma singular para representar os primórdios da era cristã.

Embora as hierofanias manifestas através das divindades do cristianismo possam ser classificadas dentro do gênero que Fabricio Possebon chama de *alétheia*, ou, verdade revelada, é possível encontrar na literatura bíblica uma outra categoria – *étymon* – verdade provada ou demonstrada. Essa encontra-se amparada no método de Heródoto que se respaldava naquilo que via e ouvia.

Doravante, consideremos também as representações simbólicas presentes na religião. “Os eventos religiosos são ligados aos eventos culturais e, mais particularmente, ao seu aspecto simbólico, já que, desde a mais remota pré-história, o *homo religiosus* é um *homo symbolicus*” (RIES, 2019, p. 173). Julien Ries afirma que Gilbert Durand coloca a ênfase na dinâmica do mito, com seus arquétipos, seus símbolos e seus esquemas.

Danielle Pitta (2005), ao explicar a teoria do imaginário de Gilbert Durand, começa pela análise de uma faculdade que é própria do ser humano: dar sentido ao mundo. Para criar significado, este põe em atividade uma função da mente – a imaginação. Acrescenta que dar significado, implica entrar no plano simbólico.

Modernamente, pode-se considerar que é com o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) que tem início um estudo sistemático e interdisciplinar (a partir de diversas disciplinas ou campos de estudo) sobre o símbolo: isso ocorre com a fundação da *Société de Symbolisme* em 1950, em Genebra, que, a partir de 1962, passa a publicar os *Cahiers Internationaux de Symbolisme*. (PITTA, 2005, p. 13).

Danielle Pitta assevera que Bachelard orienta a ciência para uma mudança de paradigma, propondo estudar o homem em sua capacidade de devaneio. Olhando assim rapidamente sem uma maior reflexão, pode parecer uma proposta estapafúrdia, mas, no mínimo nos tira de zonas de conforto. E por que não pensar esse devaneio também na perspectiva religiosa? Subjetividades, crenças, espiritualidade, imaginário, mito, arquétipos, símbolos, ritos, seja no singular ou no plural. Efetivamente, a proposta de Bachelard não é um caminho sem sentido.

Do devaneio proposto por Gaston Bachelard à teoria do imaginário sistematizada por Gilbert Durand, a contemplação também nos remete ao imaginário religioso. Dito de outra forma, os símbolos, os mitos, os ritos tão recorrentes nos estudos das humanidades, encontram-se desde os tempos mais remotos que as fontes históricas possam oferecer, intimamente ligados ao que a imaginação humana pode alcançar. Portanto, ainda que não exista um conceito universalmente aceito acerca da religião, no étimo, nas representações simbólicas, na história comparada, nos ritos, nos mitos, no imaginário, encontraremos motivação permanente para o desenvolvimento de estudos que versem sobre o ser humano e suas relações com a religião, seja

esta institucionalizada, seja nas formas individuais ou coletivas, seja na própria religiosidade dos sujeitos religiosos. Dessa forma, deslocamos nesse momento nossas discussões para o campo da espiritualidade.

Embora Calvani (2014), considere o conceito de “espiritualidade” historicamente recente, ainda em construção e que ultrapassa as categorias religiosas com as quais estamos acostumados, seria possível dizer, que, a espiritualidade tem sua aproximação com a religiosidade por sua derivação junto a religião. Se na religiosidade encontramos a atitude prática dos sujeitos religiosos, semelhantemente, encontramos na espiritualidade a maneira como o *homo religiosus* exerce a sua relação com o sobrenatural, com o sagrado, com a natureza, com as divindades e consigo mesmo.

“A espiritualidade consiste numa relação pessoal, individual com o sagrado em si ou fora de si, imanente ou transcendente, enquanto na religião a ligação ao sagrado realiza-se por práticas institucionalizadas.” (COUTINHO, 2012, p. 182). O autor apresenta a espiritualidade objetiva e subjetiva. Na espiritualidade objetiva, refere-se à relação do sujeito com algo fora de si, considerado superior, normalmente praticada através das orações. Na espiritualidade subjetiva, assevera:

A espiritualidade subjetiva baseia-se de forma marcada por técnicas orientais, como o ioga, o *reiki* e a meditação. O ioga, através de posturas corporais e do controlo dos ciclos respiratórios, visa estabelecer o equilíbrio entre o corpo e a mente, desenvolvendo a consciência corporal. O *reiki*, pela imposição das mãos, aponta para a canalização da energia vital do universo, melhorando as capacidades físicas e mentais. Embora a meditação possa ser utilizada para contactar ou conhecer o transcendente, como técnica oriental usa-se mais frequentemente para cultivar a disciplina mental, a concentração, a relaxação e a consciência. (COUTINHO, 2012, p. 182).

Outrossim, a espiritualidade pode ser também utilizada para o desenvolvimento de técnicas e meios de canalização energéticas como formas de controle mental, físico e espiritual.

Para Queiroz (2013), espiritualidade pode ser entendida como uma experiência humana no campo da fé. Na identificação da espiritualidade, encontramos os estudos de José Carvalho quando discorre sobre “O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos Estilos de Espiritualidade”. Carvalho (1994, p. 11-16), aponta estilos que chama de religiões universais com a mística letrada, como cristianismo, da judaica, da muçulmana, da oriental e outras tradições letradas menos conhecidas. Afirmar que é esse estilo, de tipo discursivo-literário-confessional, que tem sido classicamente utilizado como parâmetro de avaliação de qualquer realização espiritual. Aponta o segundo estilo, que chama de espiritualidade da possessão

ritualizada, performática, citando como exemplo o candomblé, cuja ênfase litúrgica passa pela dança, domínio do corpo no transe maior ou menor adaptação da pessoa a uma certa trajetória, pelas suas capacidades divinatórias e pela relação que mantém com o orixá, pelo tipo de dialogia que constrói com as entidades que recebe. Carvalho (1994), aponta um terceiro modelo de espiritualidade bem presente no Brasil: o espiritismo. Trata-se de verbalização despersonalizada, característica da mediunidade e da psicografia. Identifica um quarto estilo que chama de meditativo oriental, onde o importante não é essa biografia altamente reflexiva e discursiva do primeiro estilo, nem a ritualização ou dança do segundo, mas as técnicas de controle da mente que possibilitem alcançar um estado superior de consciência. Em alguns novos movimentos religiosos, afirma encontrar um quinto estilo que chama de pragmático de manipulação de energia: uma espécie de religião terapêutica que se apresenta, inclusive, como ciência. É o caso dos novos monoteísmos japoneses, como a Seicho-No-Iê, a Igreja Messiânica e a Mahikari.

Ferdinand Röhr, discutindo sobre Espiritualidade e Educação, afirma que com certa frequência, assistimos pessoas se declarando espiritualistas, com algo em comum nessas pessoas: “a rejeição do materialismo, seja ele político, econômico, filosófico ou ateu em geral; a crença numa força superior ao homem, que confere sentido à vida; e, no mínimo, um distanciamento em relação às religiões formais e tradicionais.” (RÖHR, 2012, p. 13).

Portanto, se considerarmos os dispositivos identificados nos conceitos ora apresentados, ao lidar com os símbolos, com o imaginário, ao se render ao sagrado, ao fazer da oração, o ser humano expressa suas emoções, aguça a sua espiritualidade, desenvolve a sua sensibilidade, a sua religiosidade, o seu bem estar físico, mental e espiritual, expressões encontradas no campo da religião.

3.2.2 Política: “por Deus, meu voto é sim!”

“Por Deus, meu voto é sim” é um fragmento de parte das muitas afirmações contidas nas falas no processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, no qual, muitos parlamentares aproveitaram a ocasião para falar ainda em nome da família, das suas cidades, dos seus estados, partidos, igrejas, dentre outros. O Congresso Nacional conta com um grupo de parlamentares que forma a Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como “bancada evangélica”. Segundo Dantas (2011), A maioria dessa bancada é originária das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus - AD, sendo os demais oriundos de várias outras denominações.

O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma.³³

Figura 6: Cessão de encerramento do *impeachment* Dilma Rousseff



Fonte: Marcos Oliveira/Agência Senado³⁴

Com base nessas premissas, torna-se relevante aprofundar um pouco mais sobre a questão política, e mais especificamente a relação desta com a religião na atualidade, o que certamente trará importantes contribuições para responder ao problema central dessa pesquisa. “Nas últimas três décadas, líderes neopentecostais lançaram candidaturas, converteram as igrejas em redutos para assegurar o ingresso de evangélicos no legislativo e executivo municipal, estadual e federal.” (DANTAS, 2011, p. 23).

Desde que Sócrates e os sofistas deslocaram os estudos filosóficos para o campo da ética, da política e da moral, as questões ligadas à natureza associativista do gênero humano não mais deixaram de ser investigadas. Platão ratifica tal proposição nos estudos da *República*, e Aristóteles

³³ Conforme dados do Senado Federal (Agência Senado). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

³⁴ Idem.

protagoniza a afirmação de que o homem é naturalmente um animal político. (NASCIMENTO, 2017, p. 136).

Sendo o homem um animal político, por sua própria natureza, indubitavelmente já o remete ao universo político. Nesse sentido, antes de qualquer situação de caráter institucional, os sujeitos religiosos ou não, não estão livres de se imiscuir nos contextos políticos. Carneiro (2021), afirma que a política é um canteiro de obras, jamais uma casa, e que está na esfera do mar, sujeita a toda espécie de vento. Além de tratar das questões etimológicas ao buscar na origem grega as matrizes *politeia*, *politiké* e *politikós* quando as relacionam à política em geral, ao que diz respeito aos cidadãos e organização da *polis*, Everton Carneiro traz alguns sentidos aplicados à atualidade:

Atualmente a palavra “política” é usada com algumas orientações de sentido: a) uma atividade específica — o governo — que possui um determinado tipo de profissional, no caso o político; b) um agir coletivo (desde uma manifestação da sociedade civil organizada até uma manifestação espontânea); c) organizações sociais que estabelecem o que se denomina de suas políticas, ou seja, suas ações: política estudantil, política hospitalar, política sindical; d) ou ainda como as diversas instituições desenvolvem suas ações, tais como a política salarial, a política de saúde, a política de vendas, política educacional, política pública e assim por diante. De um modo geral a “palavra” política tem em seu universo de uso de significado desde “governo”, percebido como direção e administração do poder público, passando por uma atividade realizada por especialistas, (profissionais administradores ou eleitos aos cargos) até algo de uma conduta duvidosa, não merecedora de confiança, sendo marcada por atos ilícitos que estão recheados por uma forte desconfiança. (CARNEIRO, 2021, p. 47).

As relações contratualistas da modernidade levaram a um tipo de organização social que reflete a legitimação do Estado nos moldes eletivos praticados pela própria sociedade e consequentemente em meio ao exercício do poder social. Essa situação acontece com os modelos republicanos e democráticos da época moderna e contemporânea, do qual somos diretamente herdeiros.

Se na época medieval, a junção do poder político com o poder religioso ocorrera no seio do catolicismo, da época moderna em diante, essa situação não foi tão diferente nos principais centros onde o protestantismo se desenvolveu. A coisa começa já na própria Alemanha, berço do protestantismo, onde o apoio dos príncipes foi fundamental para que Martinho Lutero tivesse o respaldo necessário ao seu protesto. Partindo para o lado da Inglaterra, Robinson Cavalcanti afirma:

Na Inglaterra, enquanto o anglicanismo afirmava o nacionalismo e a soberania nacional na lealdade da Igreja ao monarca, e os presbiterianos defendiam o fortalecimento do parlamento como meio de democratizar o regime e ampliar a participação da burguesia emergente, os independentes lutavam pela ampliação dos direitos civis, e posteriormente, pela integração das camadas menos favorecidas da população. A evolução do parlamentarismo inglês, de marcada influência protestante, seria o grande laboratório da retomada do processo democrático. (CAVALCANTI, 1988, p. 122).

Essa situação reflete o cenário das revoluções burguesas na Inglaterra no século XVII, fortemente marcada pelo antagonismo religioso cristão e pela ascensão do protestantismo naquele país. São consequências dos acontecimentos desencadeados a partir do século anterior, quando o rei Henrique VIII rompeu com a Igreja Católica fundando a Igreja Anglicana. Trata-se de uma igreja institucionalizada com a chancela do Estado. Já suscita alguns questionamentos: como ficam a divindade, a fé, o *homo religiosus* nessa história? Em meio aos conflitos civis na Inglaterra, o povoamento da colônia na América do Norte ocorreu sob os auspícios da “ética protestante”, uma vez que, boa parte dos primeiros colonos eram oriundos do puritanismo inglês. Dessa forma, o modelo político presidencialista instalado posteriormente nos Estados Unidos da América, seria de grande influência para o sistema político adotado no Brasil republicano. Dentre outras coisas, a declaração de independência dos EUA de autoria de Thomas Jefferson esteve amparada pelos direitos naturais e os ideais de liberdade propostos por John Locke. Forjada desde a colonização pelo imaginário protestante, a população estadunidense representa uma das maiores comunidades evangélicas existentes no mundo na atualidade. E foi dessa parte do mundo que vieram os principais missionários responsáveis pela evangelização protestante no Brasil.

Doravante, convém uma breve exposição sobre a questão da história política dentro da historiografia. Embora essa temática seja possível em várias temporalidades, vamos nos deter ao século XX. Para Falcon (2011), a partir de 1929/30 começou de fato o declínio da história política, cada vez mais conhecida como tradicional. Vainfas (2011) diz que Febvre e Bloch combatiam uma história somente preocupada com os fatos singulares, sobretudo, com os de natureza política, diplomática e militar. Essas afirmações possuem forte relação com o posicionamento da Escola dos *Annales*³⁵, pois as críticas foram incisivas e condenatórias, por conta da forte influência positivista e pela postura adotada pela Escola de privilegiar as estruturas econômicas e sociais. Fato posto, a parte positiva é que esse abandono da história

³⁵ Em 1929 na França, Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, onde ao longo da década de 1930 a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos Annales.

política não durou por muito tempo. “Grosso modo, poder-se-ia localizar no período de 1945 a 1968/70 a crise final da ‘história política tradicional’ e, no período seguinte, a progressiva constituição da ‘nova história política’.” (FALCON, 2011, p. 63).

A retomada dos estudos políticos é inspirada no pensamento de René Rémond que afirma que “o ensino após ter obedecido à convicção de que se devia descartar a política em benefício da economia e das relações sociais, tende hoje a reintroduzir a dimensão política dos fatos coletivos.” (RÉMOND, 2003, p. 21). Em 1996, discutindo aspectos históricos, científicos e culturais da política, Ângela de Castro Gomes (1996)³⁶ faz um balanço dos estudos políticos no Brasil. Ela afirma que a partir dos anos 60, com a disseminação dos cursos de ciências sociais nas universidades, passa a ocorrer um aumento editorial de textos políticos, motivado pelo contato entre historiadores e cientistas sociopolíticos, sinalizando novos tempos interdisciplinares e para o pensamento político. Em outras palavras, a década de 1960 constitui um ponto de inflexão, cujos desdobramentos frutificaram dos anos 1970 em diante.

Se no campo da história, há uma retomada dos estudos sobre a política nas últimas décadas do século passado, a última Constituição representará um marco para a redemocratização do país, período em que também ocorre elevada fragmentação e expansão do protestantismo brasileiro. Tal fragmentação, permitiu também uma mudança de postura onde antes se pensava que política era “coisa do Diabo”, agora passa a ser defendida com algumas correntes elegendo seus representantes que dantes ocupavam os púlpitos para “proclamação do evangelho”, agora, estes são transformados em palanques para promoção do poder político.

Seja no final do século XX ou nas primeiras décadas do século XXI, assistimos os avanços de um protestantismo capitaneado por uma certa moral guardiã da nação e de prosperidade física e material, postulante a ocupar postos políticos estabelecendo relações de poder no mínimo duvidosas e suspeitas por “espiritualizar” situações que demandam um ordenamento social, jurídico, econômico, e, sobretudo político por assim dizer.

Em que medida a representação política pode ou deve acontecer a partir da instituição religiosa? Estaria o sistema religioso cristão fortalecido diante do cenário político e econômico capitalista ou passível de críticas por espiritualizar situações que demandam estudo de uma conjuntura econômica, política e social? O que são essas questões de ordem ética e moral na relação religião e política? Não é demais destacar uma certa relação com esses questionamentos a partir do cenário apresentado por Paulo Cezar Borges Martins:

³⁶ Texto publicado em Estudos Históricos: Historiografia. Rio de Janeiro, v. 9 n. 17, p. 59-84, 1996 com o tema “Política: história, ciência, cultura e etc”. Parte das informações desse parágrafo estão baseadas nos estudos dessa autora.

Significativamente, foi entre as pessoas que viviam debaixo das condições de vida mais degradantes que se encontraram os maiores números de inserção em organizações de cariz religioso; em contrapartida, as camadas sociais mais privilegiadas exibiram as maiores frequências de pertencimento a organizações de cunho político. Tudo, pois, conspirava para confirmar a hipótese de que os segmentos mais empobrecidos não detêm a menor relevância para o alcance das políticas públicas; ademais, ocupacionalmente vinculados ao terciário, tendem, por isso, a ficar fora do alcance da ação dos sindicatos, cujas bases são formadas por operários das indústrias dos setores mais modernos. Tampouco são sensibilizados pelos partidos de esquerda, cujo discurso e formas de arregimentação, válidos no seio das camadas sociais médias esclarecidas e dos trabalhadores organizados dos setores de ponta do capital, basicamente não encontram eco entre os marginalizados. Nesse vácuo, só intervêm com maior constância as agências religiosas que os interpelam com sua mensagem universalista recheada de citações da Bíblia, como a origem comum dos homens, a fraternidade em Cristo, os deveres impostos desde o alto, a de povo escolhido, a da importância dos homens para os propósitos de Deus independentemente de sua condição social, instrução etc., tudo enfim formando uma moldura para a proposta de edificação de uma nova identidade social, a de crente, que, pela graça do batismo no Espírito Santo ou santificação, na linha de Wesley e Parham, distingue-se do mundo. (MARTINS, 2004, p. 101).

Essa alegação apresenta algo contundente. Existe um vácuo que foi deixado ou que possibilitou efetivamente a inserção dos quadros religiosos na esfera do poder do Estado. Como os segmentos mais empobrecidos não possuem relevância para o alcance das políticas públicas, o próprio Estado pode ser responsabilizado por essa situação. Por seus vínculos ocupacionais, ficam fora do alcance sindical e por conseguinte também dos partidos de esquerda. Os espaços geográficos onde essa população empobrecida habita formam uma faixa significativa de prospecção de votos e são locais em que, onde o estado se ausentou, a Igreja chegou.

Uma das questões que envolvem o comportamento dos parlamentares de confissão evangélica, é o chamado fundamentalismo religioso. Não será demais dizer, todavia, que, embora o fundamentalismo religioso a que se reportam diversos segmentos sociais na atualidade sejam passíveis de críticas, este é precedido por outros fundamentos que são comuns dentro do universo cristão e que evidentemente pode sofrer variações principalmente com o passar dos anos.

Elizete da Silva (2017), afirma que o fundamentalismo protestante tomou forma no período de 1875 a 1914, como um protesto contra o modernismo religioso, com a ratificação dos fundamentos da fé explicitados na Bíblia como tendo sempre razão, Jesus de nascimento virginal, sua expiação substitui a nossa, ressuscitou dentre os mortos, virá de novo.

É importante ressaltar que, esses fundamentos não são os principais pontos de dissensões entre as instituições religiosas cristãs. Do contrário, é um dos aspectos mais comuns.

Mesmo compreendendo a Bíblia como tendo sempre razão, os conflitos ficam latentes no que diz respeito às questões interpretativas e de ordem doutrinária. Jesus de nascimento virginal, ressuscitou e virá de novo, são os fundamentos mais pacíficos entre essas instituições e que talvez represente o fundamento mais comum entre cristãos protestantes e cristãos católicos. Os fundamentos religiosos que mais vêm à tona na atualidade não passa por essas questões propriamente ditas, mas, por outras que são suscitadas a partir de uma agenda política que envolve bandeiras levantadas por grupos e movimentos sociais envolvidos em questões como aborto, união homo afetiva, legalização da maconha, dentre outras.

Outrossim, é importante que se compreenda as questões de ordem moral, ética, e o ser humano enquanto “animal político”. Para tanto, tomamos duas publicações de autoria do historiador, antropólogo e sociólogo Paul Freston. São elas “Fé bíblica e crise brasileira: posses e política; esoterismo e ecumenismo”, e “Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política”.

Na primeira publicação que é de 1992, Paul Freston dizia que tudo indicava que os evangélicos teriam considerável influência sobre a história do Brasil nos próximos cinquenta anos. Estando um pouco mais da metade do tempo dessa previsão, o autor se mostra atualizado e assertivo na referida previsão. Mas, qual o tamanho dessa influência no tempo presente? “A ‘bancada evangélica’ na Constituinte e as práticas monetárias de algumas igrejas de origem mais recente abalaram seriamente a credibilidade evangélica nesse campo.” (FRESTON, 1992, p. 08). O tamanho dessa influência se mostra à medida em que se estreitou os laços do poder político e religioso especialmente a partir da redemocratização do país com a Constituição de 1988. As práticas monetárias referidas reverberam a tríade constituída pelo poder político, econômico e religioso, tão caro à sociedade em outras épocas históricas e que se manifesta na história recente do país.

Nesse cenário, aparecem questões éticas instigantes e não menos controversas quando o parlamentar travestido de um discurso moral supostamente cristão tenta impor um comportamento social a partir de sua própria visão de mundo. Não que o parlamentar evangélico não possa dispor sobre sua concepção de mundo no contexto político, porém, quando se trata de mandato legislativo, existem questões de ordem social que precisam ser levadas em conta principalmente quando se trata da legitimidade do poder político. Algumas questões, portanto, carecem ser esclarecidas.

Freston (1992), afirma que alguns cristãos quando pensam em relacionar a sua fé com a política, concluem que a sua preocupação principal deve ser com certas questões morais. Assim, tentam fazer com que a ação política seja um prolongamento dos padrões morais defendidos

pelas comunidades cristãs. Afirma que não podemos pegar o campo da política e enfiar o conjunto da nossa moralidade goela abaixo. “Não basta saber que certos comportamentos são errados; precisamos saber se constituem matéria para a ação governamental. O governo não tem um mandato bíblico ilimitado para reprimir toda e qualquer ação pecaminosa.” (FRESTON, 1992, p. 46-47). O autor é categórico ao afirmar que a tarefa do governo não é implementar a moralidade, mas, sim, a justiça. Ao exemplificar esse tipo de situação, traz o seguinte relato:

Certa vez ouvi um parlamentar evangélico dizer que, se todo mundo fosse crente, não haveria necessidade de uma Constituição, pois já temos uma, que é a Bíblia. Esta é uma incompreensão séria do papel da Bíblia. Assim como esta não existe para substituir a pesquisa científica (Calvino dizia que devemos ler os dois livros de Deus, a Bíblia e a natureza), também não existe para substituir a elaboração criativa de formas de organização social. Certamente a Bíblia não trata de todas as questões que a Constituição de uma sociedade moderna precisa abordar. Não é preciso acontecer algo moralmente errado para que o governo aja, e nem tudo que a Escritura condena era matéria para legislação em Israel. (FRESTON, 1992, p. 47).

Seria um grave erro, parlamentares evangélicos pensarem que a Bíblia se presta a esse propósito. Ademais, a livre interpretação da Bíblia postulada desde os primórdios da Reforma Protestante, foi e tem sido ainda hoje motivo de discórdia entre muitos segmentos do protestantismo. Para além da comunidade política, ela é balizadora de comportamento individual, rege promessas para o sujeito converso ao cristianismo, trata de especificidades ligadas ao povo de Israel, discorre sobre uma perspectiva criacionista do universo e apresenta uma concepção messiânica redentora através do Jesus Messias, revelada na escatologia do Apocalipse, livro este que traz o sentido de revelação, ao se referir principalmente aos acontecimentos que os cristãos acreditam, ou seja, a segunda vinda de Cristo.

Na segunda obra publicada por Paul Freston (anteriormente mencionada), já no corpo introdutório, ele afirma que “a política não deve ser meio de fortalecer uma religião em detrimento de outras, mas dizer que a religião em si nada tem a ver com a conduta da política é lógica e historicamente falso.” (FRESTON, 2006, p. 09).

Freston (2006), afirma que o Estado deve ser não-confessional. Ressoa a realidade de que foi justamente essa percepção por parte de alguns dos primeiros protestantes nos séculos XVI e XVII que deu início à separação entre Igreja e Estado. Afirma que com bases teológicas, perceberam que “a visão cristã do Estado é que o Estado não deve ser ‘cristão’”, no sentido de defender e promover uma determinada igreja ou religião.

Este não é o papel de Estado nenhum na dispensação da graça. Entretanto, religião e política podem, sim, ser misturadas. Uma pessoa pode ser inspirada por sua fé religiosa e ingressar na política e defender certas propostas. Política confessional, sim; Estado confessional, não. (FRESTON, 2006, p. 10).

A parte final da citação acima traz o ponto fundamental da questão. O Estado não pode e não deve ser confessional. Caso contrário, estaria ferindo o princípio da democracia e das liberdades individuais. Nada impede que haja política confessional, ou seja, o indivíduo que defenda sua plataforma política a partir de uma ética religiosa, desde que respeite e conviva com o princípio da diversidade. Afinal, uma vez eleito, quem exerce mandato, deve estar ciente de que não o faz apenas para seus eleitores, mas para toda a sociedade. A relação religião e política, dificilmente poderá ser dissociada, visto que, uma vez institucionalizadas, naturalmente terminam por atuar enquanto representação social. Everton Carneiro na defesa de uma ética da vida, destaca que:

Definitivamente, não se deve impressionar com hierarquias religiosas, nem tampouco poderes eclesiásticos. Intuímos que todos os seres humanos devem estar em igual condição, sendo respeitados e possuírem dignidade na plenitude do que é ser humano, não o substantivo, mas o adjetivo, a qualidade do humano como atributo do ser. (CARNEIRO, 2021, p. 115).

Essa intuição pela igualdade de condição dos seres humanos pode e deve fazer toda a diferença. A convivência em um estado de direito democrático cobra do político ações permanentes em prol da dignidade na plenitude do que é ser humano. O Estado ou político que atua a serviço da sociedade, não pode abrir mão de assegurar aos sujeitos o exercício de suas crenças religiosas, e estes por conseguinte, fazê-los dentro dos limites da respeitabilidade e responsabilidade diante das religiões distintas.

Outrossim, recorrendo novamente ao livro já citado de Paul Freston (2006), no primeiro capítulo ele traz a transcrição de uma carta dirigida ao prefeito recém-eleito de uma determinada cidade. O novo prefeito era evangélico e pertencente a um partido que nunca tinha governado aquela município. O autor da carta³⁷ é um pastor de uma igreja localizada numa outra cidade e fez algumas recomendações ao novo prefeito. Gostaria de destacar alguns trechos dessa carta:

[...] Quando nos conhecemos, seis anos atrás, você era apenas um jovem militante sindical. Nunca imaginei que um dia fosse chegar a prefeito, e prefeito evangélico. Você, que era ateu e achava que evangélico era a pior coisa que já apareceu neste país! Levou tempo para superar essa ideia, não é?

³⁷ Paul Freston não cita o nome do autor da carta.

Mas, quando mudou, mudou para valer. Sabe, quando você se converteu, [...] temia que você abandonasse a política, renunciasse ao mandato de vereador e mergulhasse somente no trabalho da igreja. [...] Você era claramente um vocacionado para a política, mas andava com um grupo de crentes avesso a tudo isso. Esse grupo foi bom para você em muitos aspectos, mas dizia que a única coisa que melhorava o mundo era Jesus no coração e que a política era perda de tempo. [...] Você ficou na política (e na igreja!). E cresceu nas duas. Agora que o evangelista da igreja virou prefeito da cidade, meu medo é outro. [...] A política é importante, mas é perigosa, porque mexe com o poder. Relacionar fé e política é como andar na corda bamba; nunca se pode relaxar e achar que já dominou a técnica. Meu medo é outro porque nos últimos tempos você anda com evangélicos que não têm nenhuma rejeição à política. Pelo contrário, acham que são iluminados por Deus para consertar a política. Acham que os evangélicos tem o direito de governar, pelo simples fato de serem evangélicos. Então, meu medo agora não é que você rejeite, ou que continue sem integrar a política com sua fé, mas que você integre fé e política sem tensões, de uma forma ingênua e triunfalista, se esquecendo que todos nós somos falhos e pecadores. Essa turma da teologia do domínio não aprendeu bem a teologia, nem a história. Se os seus primeiros amigos evangélicos demonizavam toda e qualquer política, os seus novos amigos demonizam a política dos outros e divinizam a sua própria. Você precisa lembrar que a política é feita por homens e mulheres imperfeitos e pecadores, mesmo que sejam cristãos sinceros. [...] Cuidado, então, com esse triunfalismo político evangélico. Cuidado com os evangélicos que se acham capazes de governar! [...] Nenhum grupo pode reclamar um direito divino de governar. Esse pessoal que diz que os evangélicos devem governar nunca promove debates dentro da comunidade evangélica. Como estabelecer um projeto comum? Quais evangélicos estarão no poder? Isso eles nunca discutem. A nossa política pode ser confessional (inspirada pela nossa fé), mas não devemos querer um Estado confessional. Não é bom que o Estado se torne juiz de doutrinas e práticas religiosas. Você também, como prefeito, terá de entender a diferença entre ser um legislador evangélico e um governante evangélico. São papéis diferentes, com implicações diferentes para sua responsabilidade cristã. Como bom governante cristão, você precisará ser neutro entre todas as religiões (inclusive aquelas de que não gostamos), e entre religiosos e ateus. Você precisará perceber, também, a fronteira entre as tarefas de um governante e as de um cidadão evangélico comum. (FREESTON, 2006, p. 16-23).

Essa carta traz uma apropriação madura e consistente da relação sujeito evangélico e sujeito político. O prefeito eleito, até por conta da sua vida pregressa, já militava no movimento sindical e tinha mandato como vereador antes de chegar à prefeitura. O sujeito converso ao cristianismo não necessariamente tinha que ofuscar o sujeito político. E isso se verificou no comportamento do prefeito eleito. Nenhum membro da sociedade deve ser privado do seu direito político por conta da sua crença religiosa, seja ela qual for. Nesse sentido, os alertas levantados pelo pastor são de especial relevância para o exercício político enquanto homem de fé. O destaque para a política e as relações de poder, os perigos são iminentes. O prefeito eleito, agora apoiado por evangélicos que não apresentam nenhuma rejeição à política, deve estar

alerta acerca dos reais interesses, os que pensam ser responsáveis ou “legitimados” para consertar a política.

O evangélico que acha que tem o direito divino de governar, como acontecia nos governos absolutistas, está completamente equivocado. A teologia do domínio que tenta se afirmar a partir do exercício do poder político representa um grande perigo para o estado laico. O teólogo e cientista político Robinson Cavalcanti alerta:

Sendo a igreja uma comunidade de reconciliação, deverá ela sempre se esforçar para evitar tomar posições político-partidárias. Cristãos que pensam soluções diferentes para os problemas sociais e políticos podem – e devem – adorar juntos. Uma tomada de posição partidária causa dissensão e termina por afastar uma parcela dos fiéis. Especial bom senso é o que se espera dos pastores, distinguindo suas opções de cidadãos de seu exercício ministerial. (CAVALCANTI, 1988, p. 225).

Toda igreja que toma posição político-partidária compromete seu sentido conciliador, além de não considerar o exercício político enquanto direito individual. A comunidade cristã, tanto quanto qualquer outra comunidade, pode participar dos processos decisórios sociais, considerando sempre que isso pode ser um meio dentro da sociedade, não o fim. Com efeito, o autor recomenda aos pastores especial bom senso nessas questões. O púlpito e o palanque são espaços completamente distintos.

O teólogo e cientista das religiões, Silas Luiz de Souza, ao estudar a Igreja Presbiteriana do Brasil, com ênfase no “Pensamento social e político no protestantismo brasileiro”, e outras coisas mais, destaca a relação do protestantismo com o liberalismo. Não somente no Brasil, mas, na América Latina, predomina a tese de que os setores avançados fizeram opção pelo liberalismo, onde o protestantismo teria encontrado uma porta aberta para sua inserção. Esse liberalismo em sua fase inicial no Brasil, teve como ênfase a liberdade religiosa.

No início, o pensamento liberal dos protestantes nem sempre tinha a ver com um projeto definido, claro e coerente de patriotas que proclamavam ser. Muitas vezes, o impulso foi meramente a proteção, a defesa e a segurança próprias. De fato, a grande luta liberal dos protestantes foi pela liberdade religiosa. (SOUZA, 2005, p. 63).

Se por um lado, nos primórdios do protestantismo por aqui, a ênfase era assegurar a liberdade religiosa e de culto, até por conta da oficialidade do catolicismo no Brasil Império, na atualidade, em meio ao que diversos intelectuais chamam de governo fascista, prefiro pelo prisma das políticas econômicas considerar como um governo neoliberal, embora reconheça a

dubiedade e contradições apresentadas nos discursos do atual chefe de Estado³⁸. Enquanto a linhagem do protestantismo histórico tenta preservar essa liberdade de culto, tanto segmentos do pentecostalismo como do neopentecostalismo, se arvoram por garantir a inserção no poder político. E desta maneira, formam a partir das suas igrejas e congregações verdadeiros redutos de representação política. Os adeptos são levados a votar nos representantes da igreja, fazendo com que essas organizações se apresentem discursivamente como representantes de um segmento, no caso, evangélicos protestantes, que na verdade não é homogêneo, e que necessário se faz esclarecer e identificar realmente quem são e o que querem em termos de fundamentos, projeto político nacional, e em que medida a comunidade evangélica como um todo pode ou não se sentir representada no Congresso Nacional, e se a Frente Parlamentar Evangélica, vulgo, bancada evangélica de fato pode atuar e representar essa comunidade protestante brasileira.

Considerando essas premissas, e identificando que o segmento pentecostal e neopentecostal atua em favor da representação política no Congresso Nacional, parte do problema levantado na pesquisa foi justamente a verificação do posicionamento Batista em relação à essa representação. Por esse motivo, além das tratativas teóricas a respeito, algumas questões foram levantadas junto aos líderes e liderados na pesquisa de campo. Na questão 15 apresentada aos líderes foi feito o seguinte questionamento com suas respectivas opções de respostas:

Gráfico 8: Questão 15 pesquisa de campo – pastores e líderes

15. Sobre A Denominação Batista ter representantes eleitos para mandato no Congresso Nacional (pastores e/ou membros da Igreja), você:
☐ Concordo totalmente ☐ Concordo parcialmente ☐ Discordo totalmente
☐ Discordo parcialmente ☐ Prefiro não responder ☐ Outros



³⁸ Governo de Jair Messias Bolsonaro.

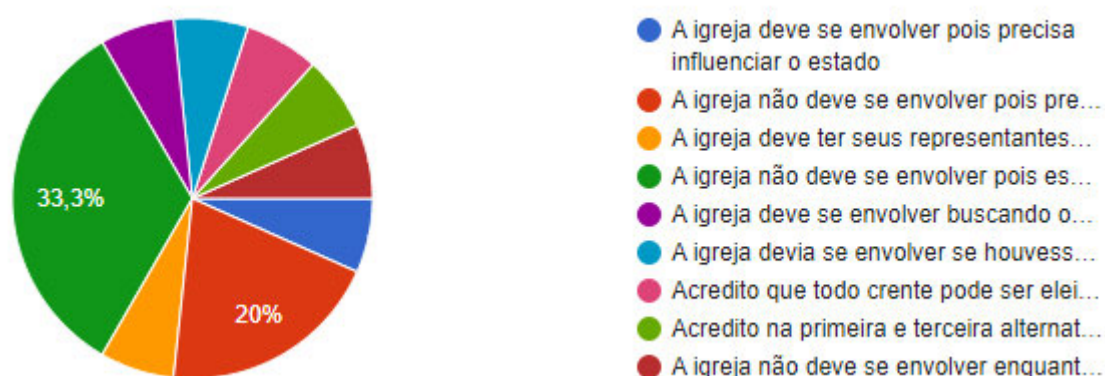
Concordo, mais estou decepcionado. O meio não pode influenciar nas decisões que devemos tomar baseada em nossa crença e fé.	Acredito que todo crente pode ser eleito para qualquer tipo de mandato, sem contudo se arvorar como o representante da igreja Batista e sim do povo.	Seria benção se não se corrompessem. O Brasil e a nação sofrem por isso.
---	--	--

Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Para as opções concordo totalmente e discordo parcialmente os percentuais ficaram em 20% cada. O maior percentual 33,3%, corresponde aos que discordam totalmente da representação política Batista. Em destaque três respostas abertas para a opção ‘Outros’. As demais opções cujos percentuais não aparecem no gráfico correspondem a 6,7% cada cor. Verifica-se que a maioria da liderança Batista discorda dessa representação. Nas respostas abertas, percebe-se uma desconfiança em relação ao comportamento dos que chegam lá. Na 16ª. Questão a indagação foi:

Gráfico 9: Questão 16 pesquisa de campo – pastores e líderes

16. Sobre denominações ligadas ao movimento pentecostal e neopentecostal que costumam ter representantes na política?
☐ A igreja deve se envolver pois precisa influenciar o estado ☐ A igreja não deve se envolver pois precisa ser separada do estado ☐ A igreja deve ter seus representantes para defender os seus interesses ☐ A igreja não deve se envolver pois essa não é a sua função ☐ Outros



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

A soma dos percentuais apresentados no gráfico totalizam 53,3% e confluem para o não envolvimento da igreja, o que significa uma discordância em relação ao envolvimento dos pentecostais e neopentecostais.

Na questão seguinte, o que se perguntou foi: No Congresso Nacional, você se sente representado/a pela Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica? Eis as respostas:

Gráfico 10: Questão 17 pesquisa de campo – pastores e líderes



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

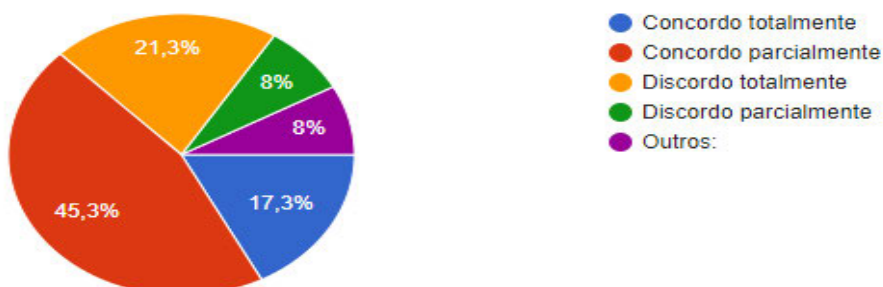
Curiosamente, não houve nenhuma resposta dizendo que sim e a não representação corresponde ao maior percentual, embora 40% tenha respondido às vezes. Isso evidencia que a bancada evangélica não possui a credibilidade que deveria ter, ainda mais se considerarmos a ética e os princípios morais que tanto argumentam defender.

Na mesma linha de análise, essa verificação também foi feita junto aos membros das igrejas batistas integrantes da ABASB. Na questão 14 temos:

Gráfico 11: Questão 14 pesquisa de campo – membros das igrejas

14. Sobre A Denominação Batista ter representantes eleitos para mandato no Congresso Nacional (pastores e/ou membros da Igreja), você:

75 respostas



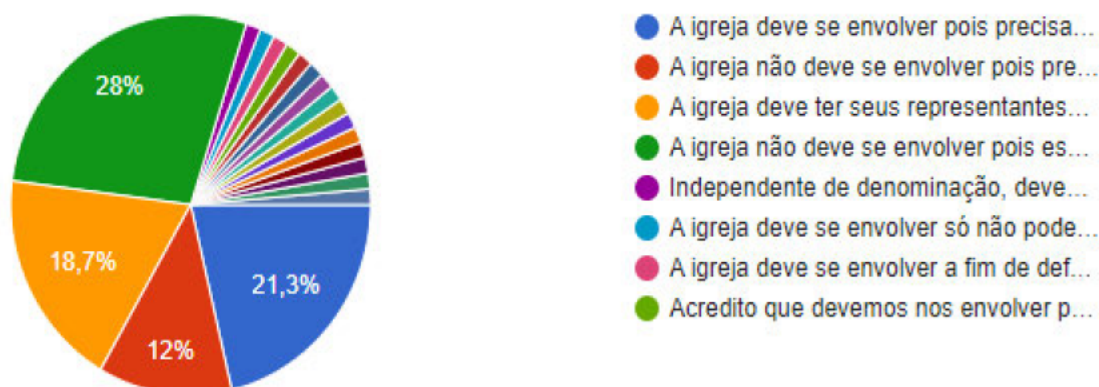
Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Aqui o percentual dos que discordam é um pouco maior dos que concordam sendo o maior percentual dos que concordam parcialmente. Este foi o levantamento da questão seguinte:

Gráfico 12: Questão 15 pesquisa de campo – membros das igrejas

15. Sobre denominações ligadas ao movimento pentecostal e neopentecostal que costumam ter representantes na política?

() A igreja deve se envolver pois precisa influenciar o estado () A igreja não deve se envolver pois precisa ser separada do estado () A igreja deve ter seus representantes para defender os seus interesses () A igreja não deve se envolver pois essa não é a sua função () Outros



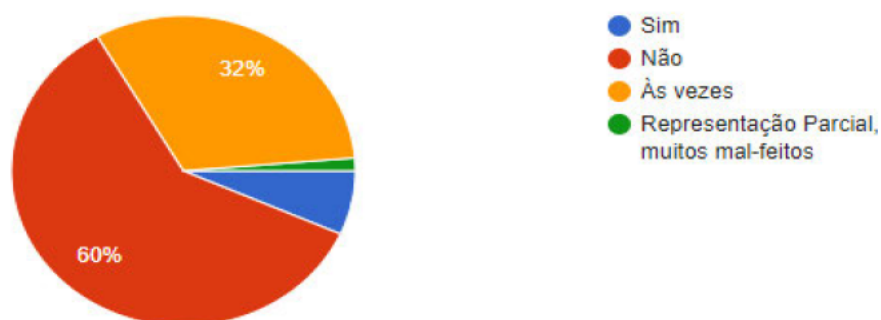
Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Aqui os maiores percentuais não se distanciam um do outro, porém, há um posicionamento diferente em relação aos líderes. Se considerarmos os percentuais 21,3% e 18,7% com suas respectivas cores e opções de respostas que perfazem um total de 40% será maior do que os 28% que responderam que a igreja não deve se envolver. Ou seja, os membros concordam com essa representação política institucional. Para a questão 16 temos:

Gráfico 13: Questão 16 pesquisa de campo – membros das igrejas

16. No Congresso Nacional, você se sente representado/a pela Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica?

75 respostas



Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

O percentual de respostas com 60% respondendo não, demonstra que a bancada evangélica não possui a credibilidade que deveria ter, nem tão pouco representa a totalidade da comunidade evangélica brasileira.

Na condição de membros integrantes das igrejas filiadas à ABASB, o posicionamento apresentado nas respostas, respaldam o pensamento da Instituição Batista na região sudoeste da Bahia. A exemplo do que aconteceu nos questionamentos feitos aos líderes, nas questões 15 a 17, também aplicadas aos membros das igrejas através das questões 14 a 16, estas foram pensadas com o objetivo de saber como estão postas as suas representações nas instâncias políticas do país, como se posicionam em relação ao movimento pentecostal e neopentecostal no Congresso Nacional, e se se sentem representados/as pela Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica.

Nas duas situações, as respostas ajudam a elucidar parte do problema da pesquisa, ou seja, a questão da representação política institucional. O posicionamento dos pastores e líderes das igrejas batistas na sua maioria é de que discordam totalmente da representação política Batista nas instâncias políticas do país, embora os outros percentuais apresentem uma certa flexibilidade para essa aceitação. Tal aceitação é ainda maior, porém, com restrições, quando se trata dos membros das igrejas considerando que concordam parcialmente sendo o maior percentual, mas, entendem que a igreja deve ter seus representantes. Os dados marcantes ocorrem quando em ambos os casos na sua maioria não se sentem representados pela bancada evangélica, o que nos leva a afirmar que a Frente Parlamentar Evangélica não possui a credibilidade que deveria ter, deixando a desejar nos princípios éticos e morais que costuma defender. Isso ajuda a confirmar um dos pontos da primeira hipótese quando traz a premissa de que a Denominação Batista histórica tradicional, não vislumbra a representação política institucional como acontece no pentecostalismo e neopentecostalismo. Essa hipótese deixa de ser totalmente confirmada quando 21,3% dos membros responderam que a igreja deve se envolver pois precisa influenciar o estado e 18,7% defendem que a igreja deve ter seus representantes para defender os seus interesses. Assim, essa análise será retomada no capítulo V quando nas tratativas sobre o posicionamento Batista em relação a separação ente Igreja e Estado.

Dando continuidade à análise sobre o comportamento religioso e político protestante no país, recorreremos ao trabalho de Bruna Suruagy Dantas, que em sua tese de doutorado intitulada “Religião e política: ideologia e ação da ‘Bancada Evangélica’ na Câmara Federal”, faz uma análise acerca do comportamento dos parlamentares da referida bancada. Dantas (2011), identifica a linhagem pentecostal, quando esta favoreceu a inserção dos evangélicos na política

partidária e nos órgãos públicos, promovendo o engajamento de cristãos nos períodos eleitorais e afirmando essa articulação entre a religião e a política. Assim, destaca que:

Além da questão moral, as agremiações pentecostais e neopentecostais investiram na política partidária para ampliar seu poder de competição no campo religioso, combater a hegemonia da Igreja Católica bem como obter concessão de canais de rádio e televisão e doação de terrenos públicos em troca de apoios ao governo federal. Na legislatura de 1987 a 1991, a “bancada evangélica” contava com 37 constituintes (trinta e três titulares e quatro suplentes). Os pentecostais, que se auto-excluía da política, por considerá-la terreno de atuação do diabo, superaram os protestantes históricos, correspondendo a mais de 50% dos deputados evangélicos. (DANTAS, 2011, p. 24).

Vale ressaltar que a força política dos setores evangélicos passou a se desenvolver nos anos de 1980, especialmente com o advento da última e atual Constituição Federal. O que justifica então essa crescente do setor pentecostal e neopentecostal em relação ao protestantismo histórico tradicional? Verifica-se que ao suprimir a ideia de política como sendo coisa do diabo, as igrejas passaram a servir de palanque para o pleito político, principalmente através da liderança pastoral, de onde saem os principais candidatos. Adriana Martins dos Santos (2009), estudando os iurdianos no Legislativo baiano, afirma que os projetos lançados pelos representantes da Igreja Universal, nos momentos iniciais atendiam a interesses específicos do grupo. “Uma vez que os representantes políticos da IURD desejavam as benesses do poder, seja para comprar emissoras de rádio e TV ou conseguir estacionamento próximos aos templos, dificilmente apoiariam os que dele não estivessem próximos.” (SANTOS, 2009, p. 64). Foram comportamentos parecidos desde o legislativo municipal soteropolitano, passando pela Assembleia Legislativa do Estado até o Legislativo Federal.

Diferentemente, os protestantes históricos, que, embora tenham seus parlamentares e que militam em torno dos princípios da moralidade cristã e defesa da família, não têm por costume, fazer da igreja reduto político como acontece nos outros casos, apesar dos candidatos não deixarem de ter muitos votos dos seus pares congregacionais. As igrejas históricas, e aqui mais objetivamente, a Igreja Batista não tem por hábito transformar seus membros em eleitores dos candidatos que se apresentam. Há uma maior respeitabilidade pela escolha individual. De qualquer forma, como aconteceu no período de ditadura militar no Brasil, há um certo consenso por parte dos evangélicos no sentido de serem contrários ao comunismo. “O comunismo era tomado como antítese do cristianismo entre os evangélicos. Em uma frase: um inimigo a ser combatido.” (ALMEIDA, 2016, p. 168). “O principal inimigo a ser combatido (política e ideologicamente) era o comunismo; doutrinariamente, o pentecostalismo em ascensão.”

(ALVARENGA, 2017, p. 30). Esse “inimigo” político, é quase uma pauta comum dentro do meio evangélico. Almeida (2016), ressalva que sempre que a liberdade religiosa parecia estar ameaçada aos olhos dos batistas seja pelo catolicismo ou pelo comunismo, a política passava a ocupar espaço no cotidiano da Denominação, sendo motivo para as pouquíssimas ocasiões em que teceram críticas às autoridades governamentais.

De forma mais contundente ou mais tímida, muitos líderes costumam aconselhar seus adeptos a participarem do pleito político com a devida responsabilidade que deve ser peculiar do crente. Um candidato que se apresente, desde que não tenha nada que deponha contra sua idoneidade, certamente encontrará no meio do protestantismo histórico eleitores que possam votar, influenciados pela filiação evangélica e por conciliar valores que consideram comuns. Não costuma fazer parte do corpo diretivo da Denominação Batista, transformar seus membros por ventura eleitos, em legítimos representantes da Instituição, ou fazer pontes para concessões e negociações com o setor público. De modo geral, ainda prezam pela separação entre Igreja e Estado.

Trazendo a citação de Bruna Dantas (2011), caso da legislatura de 1987 a 1991 listada um pouco acima e a legislatura de 2015-2019 presente na citação abaixo, temos o seguinte dado comparativo:

Para a legislatura de 2015-2019 foram eleitos 75 deputados federais e três senadores publicamente identificados como evangélicos. Reunidos na bancada evangélica, costumam votar coesos quando se trata de certas questões morais lastreadas por interesse religioso comum. À bancada evangélica pode se juntar a escassa parcela de congressistas católicos interessados também em defender pontos de vista de sua religião, formando a chamada bancada da Bíblia, esse estranho conjunto composto por grupos historicamente em pé de guerra entre si. (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188).

Como se vê, o número passou um pouco mais do dobro em relação ao pleito anterior, sem falar nos senadores também eleitos. Essa demonstração evidencia uma crescente perigosa, para muitos, por considerarem um grande risco no tocante à uma agenda progressista. Para outros, no entanto, esse crescimento representa dar ao país a possibilidade de não perder de vista os seus valores ditos tradicionais. Dado interessante nessa citação e não menos importante para futuras reflexões, a participação de parlamentares católicos na composição da bancada da Bíblia.³⁹

³⁹ Dado curioso para futuros estudos sobre a composição do Congresso na atualidade é a chamada bancada BBB – Bíblia, Bala e Boi. São as novas relações de forças que compõe o Congresso eleito para o pleito de 2018-2021.

Mas, como mostra o trabalho de pesquisa de Bruna Dantas (2011), problemas relacionados a denúncias de corrupção envolvendo constituintes evangélicos, ocuparam as manchetes de jornais já entre os anos de 1980 e 1990, conforme pode ser visto no relato abaixo:

No final dos anos 1980, denúncias de esquema de corrupção envolvendo constituintes evangélicos estamparam as manchetes dos jornais. Recursos públicos foram “doados” à Confederação Evangélica do Brasil em troca de votações favoráveis ao governo federal, como a prorrogação do mandato do presidente José Sarney de quatro para cinco anos. Entre os anos de 1932 e 1964, essa instituição funcionou como entidade religiosa que agregava várias igrejas protestantes históricas com o propósito de desenvolver projetos sociais e defender segmentos excluídos. No entanto, durante a ditadura militar, entrou em “colapso”, sendo revitalizada em 1987 por parlamentares pentecostais, interessados em transformá-la em balcão de negócios, o que lhes possibilitaria o recebimento de cargos públicos, verbas federais e concessões de canais de rádio e televisão, com o compromisso de votarem segundo as orientações do governo Sarney. Algumas igrejas protestantes históricas, insatisfeitas com a atuação da “bancada”, manifestaram publicamente indignação e repúdio aos esquemas de negociação de voto em troca de benefícios públicos. Em contrapartida, vários segmentos pentecostais defenderam os deputados, acusando os “inimigos” políticos de forjarem essa situação. O corporativismo pentecostal protegeu os envolvidos nos escândalos políticos, inibiu a repercussão dos fatos e garantiu um resultado favorável no pleito de 1990. (DANTAS, 2011, p. 25-26).

O fisiologismo corporativista costumeiramente próprio de instituições representativas, como se vê, ocorre também nos meios religiosos, onde, em tese, prezam pelo valor da honestidade e retidão de caráter. Essas denúncias de corrupção não ficaram por aí. Ocorreram em épocas posteriores, e dificilmente vão deixar de acontecer se considerarmos os lados nefastos do poder político e religioso.

Um dos acontecimentos de corrupção de divulgação pública em diversos órgãos de imprensa, foi quando em 28 de agosto de 2020, o pastor Everaldo Dias Pereira foi preso por determinação do Superior Tribunal de Justiça, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro durante a pandemia da COVID-19 no Estado do Rio de Janeiro. O pastor Everaldo foi candidato à presidência da República nas eleições de 2014. Traz em seu currículo o status de empresário, político, presidente do Partido Social Cristão - PSC e pastor evangélico ligado à Igreja Assembleia de Deus. Dentre outras coisas, o pastor Everaldo é um desses nomes fortes em Brasília por sua influência na concessão de rádios ligadas a evangélicos e igrejas afins. Esse fisiologismo presente na comunicação televisiva e na radiodifusão, a exemplo do que foi utilizado por políticos e empresários para forjar os seus objetivos políticos e econômicos desde que descobriram o poder influenciador dos meios de comunicação de massa, tem se apresentado

também no ambiente de alguns setores evangélicos que em nome de “levar a palavra de Deus” levam a palavra política na defesa de seus pleitos.⁴⁰

Em seu livro “Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder”, a jornalista Andrea Dip (2018), questiona sobre o que querem os políticos evangélicos. Afirmar que não há uma resposta única para essa pergunta, verdade absoluta ou objetivo que seja comum a todos os políticos evangélicos, mas, traça hipóteses que vão desde o controle dos corpos até a busca por privilégios e poder. Vamos então entender melhor esses estudos.

Dos poucos deputados que Andrea Dip afirma ter conseguido entrevista para o seu livro, destaco alguns trechos a fim de identificar um pouco da perspectiva de um político evangélico de longas datas no Congresso Nacional. Trata-se do deputado federal Aroldo de Oliveira (PSC-RJ), que está na Câmara em mandatos consecutivos desde 1983. Segundo DIP (2018), ele faz parte do crescimento gospel há mais de 20 anos sendo dono do Grupo MK de Comunicação, que envolve gravadora, editora, rádio e site de *e-commerce*. Além de político, a autora o apresenta como economista, engenheiro civil e oficial do exército.

Em 1964 os militares assumiram. Eu era um militar jovem, porém, uma referência por minha formação em Engenharia. [...] Em 1965, saí do Exército. [...] Fui trabalhar nos Estados Unidos, fiquei por dois anos e decidi voltar ao Brasil e entrar para a política. [...] Fiz a Escola Superior de Guerra, aconselhado por um amigo que disse que eu precisava de formação para transformar meus inimigos em adversários. Eu disse: “Não tenho inimigos”. Ele respondeu: “Mas muitos o têm como inimigo. Esses mesmos que quiseram derrubar o nosso governo, que lutaram contra nós (militares) e quiseram ‘comunizar’ o Brasil, todos eles, ou muitos deles, vão retomar e estarão com você no Congresso”. Nesse curso eu conheci dois pastores batistas. A

⁴⁰ Na cidade de Vitória da Conquista - Ba, a Associação Comunitária Sinai de Rádio Difusão para o Desenvolvimento Cultural e Artístico (Rádio Melodia Conquista 87,9 FM), foi autorizada pelo Ministério de Estado das Comunicações através da Portaria 855 de 21 de dezembro de 2007. Embora tenha uma trajetória bastante interessante na implantação e difusão de Rádios Comunitárias (Disponível em: www.melodiaconquista.com.br, acesso em: 18 dez. 2020), atualmente, um dos seus líderes e fundador principal, é um fiel representante dos interesses políticos ligados ao atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Há alguns anos, fui colocado por esse líder da rádio em um grupo de WhatsApp da mesma. Passei a considerar um importante balizador de verificação do discurso religioso e político e que poderia de alguma forma estar ligado ao meu objeto de estudo, motivo pelo qual continuei fazendo parte. Percebi que desde o processo eleitoral, qualquer membro do grupo que fizesse algum elogio ligado ao Partido dos Trabalhadores ou críticas à postura do então candidato Bolsonaro, era sumariamente excluído do grupo. Tanto esse líder, seu cônjuge e diversos outros integrantes do grupo que se apresentavam como pastores, bispos, bispas e apóstolos, de forma recorrente apresentavam discursos favoráveis ao candidato Jair Bolsonaro. Muitas das postagens, inclusive, eram de apologia ao regime militar. Outras eram carregadas de uma satanização da esquerda e o novo presidente seria aquele “representante” de Deus por “defender os interesses cristãos”. Já no ano de 2020, quando o presidente da República fez seu primeiro pronunciamento sobre o coronavírus tratando como sendo uma “gripezinha”, embora eu tenha evitado demonstrar minhas preferências políticas, terminei por fazer um comentário criticando tal discurso, ao que imediatamente, fui excluído do grupo pelo senhor Ebenezer Fagundes Ferreira.

conversão é um milagre, não se dá por fatores externos. [...] Naquele tempo, tínhamos cerca de 7 milhões de evangélicos no país. Eu tinha meu projeto político, e naquele tempo a política no meio evangélico era rechaçada, era considerada “do mundo” e não da Igreja. [...] No ano que vem (2018) nós seremos um terço da população do Brasil. É um público relevante na sociedade. [...] A primeira questão é o desenvolvimento numérico dos evangélicos. A segunda é a distribuição dos evangélicos na pirâmide social. Tem do terceiro andar até o subsolo. O orgulho de ser evangélico vem do fato de deixarmos de ser minoria. Toda a minoria é sempre isolada por suas diferenças e pode ser massacrada pela maioria. [...] No meu primeiro mandato nós éramos meia dúzia de evangélicos. Nos meus dois ou três primeiros mandatos, eu não era representante dos evangélicos. A grande maioria dos meus votos vinha do setor de Telecomunicações, no qual eu tinha liderança secular. [...] Mas, depois da década de 1980, houve um avivamento no país, e a cada dez anos dobrou o número de evangélicos. A Igreja Universal foi a primeira a ter consciência política logo depois da Constituinte e elegeu seus representantes para a Câmara dos Deputados. Não foi como o esperado, tivemos muitos problemas, não funcionou como deveria, e a Igreja abandonou o projeto mais tarde. Mas aí outras Igrejas começaram a tomar consciência, e candidatos evangélicos começaram a aproveitar essa abertura dos líderes em permitir que houvesse exposição política dentro das igrejas, e houve esse aumento (no número de parlamentares). Na próxima legislatura poderemos ser um terço da Câmara também. (DIP, 2018, p. 33-35).

Ao afirmar sobre o orgulho de ser evangélico pelo fato de ter deixado de ser minoria, um questionamento poderia ser levantado: esse orgulho não deveria ser, em tese, por levar à sociedade princípios considerados saudáveis para a mesma? Bem entendido, o deputado demonstra uma convicção a respeito da mobilidade social ocorrida dentro do cenário protestante brasileiro, ratificando as expressões do poder político associado ao papel de algumas lideranças religiosas nesse contexto. As projeções por ele apresentadas, indicam uma tendência ascendente de parlamentares “evangélicos” nos próximos pleitos. Ainda sobre o perfil da bancada, tem-se que, “é uma bancada barulhenta, intempestiva, aguerrida, beligerante, e esse barulho cria a impressão de volume, de quantidade de poder, de coesão.” (DIP, 2018, p. 53).

Na conclusão do seu livro, quando questiona sobre o que querem os políticos evangélicos, Dip (2018), lista algumas situações a seguir. O controle dos corpos – mesmo sendo essa uma questão antiga e não exclusiva da igreja, questões como o aborto, orientação sexual, gênero fazem parte dos enfrentamentos da bancada. Privilégios – manutenção de isenção fiscal, espaços para radiodifusão, concessão pública de terrenos para construção de templos, eventos evangélicos como culturais para obtenção de verbas públicas. O poder – realidade que acontece em ritmo acelerado. São estratégias voltadas para as mais elevadas esferas do poder e que vão desde o vereador até o presidente da República.

Em que medida os últimos governos podem ter contribuído para isso? Evidentemente para se ter tal resposta, essa não é uma tarefa simples e muito menos conclusiva. Todavia, é possível apontar alguns eventos que contribuíram para isso. Tendo como marco a Constituição de 1988, pode-se afirmar que a nova, porém combalida democracia brasileira não foi capaz de dar ao país o respaldo de confiabilidade mínimo necessário para vislumbrarmos um projeto político consistente de longo prazo. Todos os governos desse período estiveram de alguma forma associados a algum tipo de discórdia e corrupção. Nesse período, ocorreram dois processos de *impeachment* (Fernando Collor e Dilma Rousseff) e prisão de dois ex-presidentes (Lula e Michel Temer). O governo Fernando Henrique Cardoso esteve sob suspeita de corrupção no amplo processo de privatização ocorrido no seu governo juntamente com o Congresso, taxado de ser um balcão de negócios quando da votação pela permissão de dois mandatos presidenciais. Após ter sido derrotado nas disputas de 1989, 1994 e 1998, em 2002 Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da República onde governaria por dois mandatos de quatro anos cada. Sucedido por Dilma Rousseff, esta sofreu *impeachment* durante o segundo mandato, sendo substituída por Michel Temer, que por motivo de corrupção também chegou a ser preso. Um dos eventos que marcou o julgamento da ex-presidente Dilma foi a espetacularização pública da imagem pouco confiável do político brasileiro. Em votação aberta no Congresso Nacional e transmitida pela mídia televisiva, muitos deputados falaram em nome de Deus, de suas famílias, de seus redutos eleitorais, e poucos argumentos foram apresentados sobre o processo em si, que levava a julgamento naquele momento a então Presidente da República Dilma Rousseff.

Esses acontecimentos criaram um vácuo no cenário político brasileiro, quando um ex-militar do exército e com vários mandatos como deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, começou a ocupar um espaço que ao poucos foi tomando forma e sendo preenchido. Com um discurso totalmente na contramão da política tradicional, esse defendia abertamente o regime militar, falava em nome de uma ordem moral, defendia o porte de armas, se envolvia em situações de natureza racista, machista e frequentava alguns espaços do ambiente religioso cristão afeito à esse novo discurso. Dessa forma, Jair Messias Bolsonaro, aclamado por muitos dos seus eleitores como “mito” representante de uma linha que alguns analistas políticos chamam de ultradireita, se apresenta para ocupar o posto de Presidente da República Federativa do Brasil. Em torno desse discurso conservador, muitos segmentos da sociedade se manifestaram e o elevaram à condição de chefe do Poder Executivo. A massificação do voto evangélico em torno de Bolsonaro foi explicitamente notória.

A polarização entre esquerda e direita, ficou mais que evidente. A demonização da política ganhou contornos totalmente novos. A frequência por Bolsonaro aos ambientes cúlticos, as orações e o bordão “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, foi o suficiente para atrair a massa evangélica a favor de sua eleição. Tal situação é corroborada pela incrível capacidade que o povo evangélico tem de se sentir atraído por pessoas que costumam falar em nome de Deus, sem muitas vezes fazer a devida verificação dos verdadeiros interesses. Como consequência, a esquerda voltou a ser demonizada e associada a projetos comunistas, historicamente apresentados por segmentos religiosos cristãos como antidemocráticos, materialistas e de ameaça à liberdade do culto cristão. Embora haja quem diga que o voto dos evangélicos tenha sido decisivo para a eleição de Jair Bolsonaro, seu pleito contou com forte apoio da sociedade civil e militar. Um forte sentimento de rejeição à esquerda, contribuiu de forma decisiva para sua projeção.

E foi nesse cenário polarizado, atingido pela pandemia do COVID-19, situação apontada pela OMS, no mês de março, que o ano de 2020 desenvolveu seu curso marcado por novos escândalos político como processo de *impeachment* envolvendo o governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel, prisão do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, ambos ligados às novas configurações de força política religiosa.

Portanto, a despeito do que já foi dito anteriormente, esse trabalho não objetiva necessariamente afirmar se a igreja deve ou não andar lado a lado com a política, mas analisar e compreender os meandros que envolvem essa relação. Dessa forma, após o respaldo de teóricos renomados no assunto e parte da pesquisa de campo, alerta para os riscos e perigos da representação religiosa institucional na política, sobretudo quando essa não respeita os direitos humanos, o princípio da diversidade religiosa, e quanto o comportamento da intolerância pode ser danoso à sociedade. Quando a camada protestante busca o princípio da legalidade constitucional para legitimar a liberdade religiosa e de culto, precisa entender também que essa liberdade deve ser assegurada a outras instituições religiosas, não necessariamente cristãs. Assim, no próximo tópico, trataremos uma análise dos evangelhos e a perspectiva de Jesus Cristo sobre essa relação.

3.3 “O MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO” – “DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS”

Como Jesus Cristo se relaciona com a política? O que ele quer dizer quando fala do seu reino? Qual a distinção entre o que é de César e o que é de Deus? Para responder essas questões,

foi necessário um mergulho nos evangelhos, além do diálogo com alguns teóricos a respeito da temática. Os quatro primeiros livros do Novo Testamento formam a fonte principal para essa abordagem. Os três primeiros, Mateus, Marcos, Lucas, são considerados evangelhos sinóticos por conterem uma sequência de histórias em comum, por conterem uma mesma visão utilizando algumas vezes a mesma estrutura de palavras e ligados entre si. Já o evangelho de João, traz uma narrativa diferente acerca de Jesus Cristo. A ênfase encontra-se no papel messiânico de Jesus, sua divindade e o caráter redentor do Messias. Os sinóticos trazem uma narrativa do Jesus ser humano, enquanto João se reporta aos atributos de Jesus como Deus. “Todos os quatro evangelhos contam a história de como Deus se tornou rei na história de Jesus de Nazaré.” (WRIGHT, 2019, p. 190).

A genealogia de Jesus Cristo apresentada em Mateus capítulo 1 e Lucas capítulo 3, traz um traço distinto. Enquanto em Mateus há uma ordem decrescente que começa com o patriarcado de Abraão, em Lucas, a ordem é crescente, quando vai do próprio Jesus e mais adiante até Adão. O anúncio do nascimento de Jesus⁴¹, traz desde a hierofania manifesta do Espírito Santo até a encarnação da divindade e o consequente caráter messiânico representado pela ideia de salvação. José, marido de Maria, ao ser tomado pelo sonho, recebe a aparição do anjo que anuncia que o que foi gerado em Maria é do Espírito Santo, cujo nome seria Jesus porque salvaria seu povo dos pecados deles, a ser chamado de Emanuel cujo significado é Deus conosco. Estava manifesta a encarnação e representação do sagrado que dividiria a história em antes e depois do seu nascimento, e que traria ao mundo uma das maiores religiões monoteístas da história: o cristianismo.

O momento político era de dominação do Império Romano e Herodes era quem governava na Palestina. O alarme aconteceu quando o rei⁴² Herodes tomou conhecimento da visita dos magos do Oriente que em Jerusalém procuravam pelo nascido rei dos judeus. Essa situação é intrigante. Para um povo que naquele momento estava subjugado, a possibilidade do nascimento de um rei, colocava seus dominadores em alerta. Afinal, o nascimento de um rei, representava a esperança e possibilidade de insurreição e consequentemente a libertação do jugo de Roma. E, em que medida essa expectativa poderia ou seria frustrada com as atitudes e discursos de Jesus? Afinal, uma de suas falas foi: “o meu reino não é desse mundo”. “O reinado de Deus (*basileia tou Theou*) está, sem dúvida, no centro de todo o ministério de Jesus. Está igualmente no centro de sua compreensão de sua própria missão.” (BOSCH, 2014, p. 52).

⁴¹ Mt. 1: 20-24; Lc. 2: 1-7.

⁴² O livro de Mateus se reporta a Herodes como rei.

Herodes convocou os principais sacerdotes e escribas do povo para tomar conhecimento sobre onde seria tal nascimento, ao que lhe responderam ser Belém da Judéia. Tendo solicitado dos magos sobre o tempo e onde exatamente o menino nasceria, e não tendo a resposta desejada, ordenou uma matança de meninos de dois anos para baixo em Belém e arredores. Tendo fugido antes para o Egito, José e Maria voltam após a morte de Herodes, e sabendo que seu filho Arquelau reinava na Judéia, retiraram-se para a região da Galileia e habitaram na cidade de Nazaré, motivo pelo qual Jesus também foi chamado posteriormente de Nazareno.

Após a experiência batismal, tendo deixado Nazaré e se mudado para Cafarnaum, Jesus começou a pregar sobre arrependimento pois segundo ele estava próximo o reino dos céus. Suas pregações ao percorrer toda a Galileia eram cercadas de inúmeras curas a ponto de sua fama correr por toda a Síria. Ele ensinava nas sinagogas e pregava sobre o evangelho do reino. Além de pessoas da Galileia, grande multidão de outras regiões passaram a segui-lo.

Um dos ensinamentos marcantes de Jesus se respalda nas bem-aventuranças. Ao contrário do que se verifica na teologia da prosperidade, Jesus Cristo baseia suas bem-aventuranças na pobreza de espírito para se ter o reino do céus. No choro para ser consolado, na mansidão para herdar a terra, na fome e sede de justiça para ser farto, na misericórdia para alcançar misericórdia, na pureza de coração para ver a Deus, na pacificação como consequência para ser chamado filho de Deus, os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Aos injuriados, perseguidos por sua causa, os consola com o regozijo e alegria prometendo grande galardão nos céus.

Jesus não era um fora da lei, ao contrário, em Mt. 5:17 afirma: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para cumpri-los.” (ALMEIDA, 1990, NT, p. 4). Há um ensinamento baseado na reciprocidade voltado para a prática do bem. Em Mt. 7: 12, Lc. 6: 31, diz: “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles, pois esta é a lei e os profetas.” (ALMEIDA, 1990, NT, p. 7). Sobre quem vai fazer parte do reino dos céus, afirma ser aquele que fizer a vontade do seu pai. Acrescenta que nem todo que diz Senhor, Senhor, ou que tenha dito profetizar em seu nome, praticar milagres ou expulsar demônios, entraria em seu reino e que poderá ouvir “nunca vos conheci, apartai-vos de mim”. Nem sempre os que ocupam, seja nos púlpitos, palanques ou nas tribunas, espaços proferindo discurso em nome de Deus, da fé, da moral cristã, representam a confiança necessária da boa intenção ou da efetiva promoção do bem social. Diferente da prosperidade, que traz uma teologia imediatista, o reino dos céus é messiânico, está no porvir, é marcado por uma promessa de algo que virá. Em Mt. 11:13 e Lc. 16:16, Jesus afirma que a lei e os profetas duraram até João Batista. No caso de João Batista, este seria o último dos profetas a anunciar

profecias ligadas à chegada do Messias. Quanto à lei, a interpretação não é meramente jurídica, ela toma uma conotação espiritualista. Dito de outra forma, com a chegada de Jesus Cristo, passa a ser anunciado o reino dos céus, ou reino de Deus. Para os cristãos, inicia-se a chamada dispensação da graça ou evangelho da graça, interpretado como concessão divina da salvação através de Cristo. É nessa perspectiva que o cristianismo se sustenta para promover a ação missionária. Conforme Filoramo (2005), o cristianismo é categorizado como religião de salvação.

Uma das conotações pedagógicas de Jesus Cristo, era ensinar através de parábolas. Em várias de suas falas, utiliza a expressão “o reino dos céus é semelhante a...” complementada por uma analogia comparativa e reflexiva. Naquilo que dizia assemelhar o reino dos céus apresenta um censo muito forte de justiça. Prezava pela retidão de caráter, humildade e singeleza de coração como quando aponta para as crianças onde das tais seria o reino dos céus. Para ser o maior, era necessário ser o menor, o primeiro deveria ser o último, e, servir, uma condição exemplificada por ele mesmo ao dizer que não veio para ser servido, mas, para servir.

Uma das expressões presentes nesse tópico, diz respeito à questão do tributo a César⁴³. De forma recorrente Jesus foi indagado pelos fariseus⁴⁴. Nesse quesito, os fariseus tentaram entre si uma forma de surpreender a Jesus. Em narrativa presente em Mt. 22:15-22; Mc. 12:13-17; Lc. 20: 20-26, dirigem-se a ele como Mestre, chegam a admitir que era verdadeiro em seus ensinamentos e que não dava preferência a ninguém por não considerar a aparência dos homens, interrogam-no se era lícito pagar tributo a César ou não. Os textos bíblicos discorrem que Jesus conhecendo a malícia dos fariseus, indaga sobre porque estar sendo experimentado e chama-os de hipócritas. O texto aponta que os fariseus saíram maravilhados após o encerramento do diálogo com a afirmação: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. O teólogo Wayne Grudem afirma que:

Trata-se de uma declaração notável, pois Jesus mostra que devem existir dois âmbitos distintos de influência, um para o governo, outro para a vida religiosa do povo de Deus. Algumas coisas, como impostos, dizem respeito ao governo civil (“o que é de César”), logo, a igreja não deve tentar controlá-las. Em contrapartida, outras coisas dizem respeito à vida religiosa das pessoas (“o que é de Deus”), logo, o governo civil não deve tentar controlá-las. (GRUDEM, 2014, p. 28).

⁴³ Júlio César, primeiro governante absoluto romano, sob seu governo Roma se firmou como um poderoso império por suas conquistas e com forte expansão comercial e cultural.

⁴⁴ Os fariseus formavam um grupo legalista de judeus tradicionalmente ligados a Torá, ou pentateuco (cinco primeiros livros da Bíblia). A palavra na língua portuguesa significa “separados” ou “santos” e se comportavam de forma recorrente como questionadores dos feitos de Jesus.

A distinção presente nessa assertiva, coloca um claro reconhecimento dos governos e o pagamento do tributo, talvez seja a melhor expressão disso. A Deus o que é de Deus vai além de qualquer oferta financeira. Redunda na indicação de Jesus que reverbera toda a sua afirmação indicativa do reino dos céus. O tributo a Deus não se limitava a uma moeda que tivesse uma efígie e inscrição real. O tributo é um modo de vida que envolve honradez, obediência, resignação, retidão, expressões dentre outras, inseridas no significado cristão. Não é a “santidade” apontada como sendo hipócrita dos fariseus. Tal hipocrisia soa muito parecida com o discurso apresentado por parte considerável da bancada evangélica, que, vez por outra, mesmo falando em nome de Deus, a agenda é mais comprometida com “César” do que qualquer outra coisa. Essa distinção parece não fazer sentido para os que assim procedem, prova disso, a transformação recorrente do púlpito em palanque. Para Grudem (2014), o ensinamento de Jesus sugere que todos os governos civis, inclusive os atuais, devem dar liberdade à fé religiosa que as pessoas escolhem seguir ou não, as doutrinas religiosas que adotam e o modo como adoram.

Nos capítulos finais de Mateus, Marcos e Lucas, após Jesus proferir uma série de ensinamentos, quando se aproximavam as comemorações da páscoa, os principais sacerdotes, escribas⁴⁵ e anciãos do povo judeu, reuniram-se com o sumo sacerdote Caifás objetivando prender e matar Jesus. A partir daí, trataram com Judas Iscariotes – um dos doze discípulos – a quem foi pago trinta moedas de prata onde através de um beijo, Jesus foi traído e entregue aos legalistas religiosos para ser preso. Levado ao Sinédrio⁴⁶, nos textos de Mt. 26: 57-75; Mc. 14: 53-65; Lc. 22: 63-71; Jo. 18:12-27, vai ser possível a identificação de falsos testemunhos para achar culpa que pudesse condená-lo. Após permanecer em silêncio diante dos falsos testemunhos, sendo interrogado pelo sumo sacerdote se era o Cristo, o Filho de Deus, Jesus respondeu que em breve eles veriam o filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. O sacerdote considerou uma blasfêmia aquela fala julgando ser o suficiente para a condenação, ao que o Sinédrio respondeu que era digno de morte.

Sendo levado ao governador Pôncio Pilatos, este o interrogou se ele era o rei dos judeus. Jesus apenas respondeu: “Tu o dizes”⁴⁷. Novamente é acusado pelos principais sacerdotes e anciãos, ficando em silêncio. Por ocasião da festa, o governador costumava soltar um preso escolhido pelo povo. Pilatos deu ao povo a opção de escolha, Barrabás ou Cristo. Barrabás era identificado como salteador e assassino, porém, provavelmente era membro do partido judeu

⁴⁵ Doutores e mestres especializados no estudo e explicação da lei ou Torá.

⁴⁶ Assembleia judia de anciãos da classe dominante com funções políticas, religiosas, legislativas, jurisdicionais, educacionais. Era a suprema corte judia, legislativa e judicial de Jerusalém.

⁴⁷ Marcos 15:2.

que lutava contra a dominação romana, denominado zelote. O povo, induzido pelos religiosos, pediu que soltasse Barrabás. Pilatos perguntando sobre o que faria com o Cristo – porque não achou nele culpa para que pudesse condená-lo –, ouviu dos que estavam diante dele: “Seja crucificado!”⁴⁸. Pilatos com um gesto simbólico lava suas mãos diante da multidão dizendo: “Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso”⁴⁹. A sequência final dos quatro evangelhos neotestamentários traz a crucificação e ressurreição de Cristo.

Esses acontecimentos expõem a realidade de que Jesus foi preso, acusado, condenado e morto pelos religiosos. Eram legalistas, moralistas representantes não apenas da autoridade política como religiosa também. Isso mostra que o cristianismo enquanto concepção de vida, os mandamentos de Jesus Cristo de amar a Deus de todo o coração, toda a alma e entendimento; e amar ao próximo como a si mesmo, pode sofrer traições e falsos testemunhos ao longo dos tempos, a exemplo do que aconteceu com o próprio Jesus. Por esse motivo, os políticos que “em nome de Deus” tentam fazer do Estado um organismo confessional, que não respeitam o pluralismo religioso do país, os direitos humanos, no lugar de representar, terminam sendo detratores dos princípios cristãos, por agir na maioria das vezes em busca dos seus próprios interesses, aliás, situação negativamente comum nas práticas de políticos no Brasil.

Bem entendido, buscamos em alguns teóricos o complemento necessário para respaldar essa análise. “Jesus recusou de modo claro qualquer tentativa de obrigar as pessoas a segui-lo ou crer nele.” (GRUDEM, 2014, p. 30). O autor ainda complementa que:

A verdadeira crença religiosa não pode ser imposta à força, seja por meio de fogo do céu, seja pelo poder do governo civil, e os cristãos não devem participar de tentativas do governo de usar seu poder para obrigar as pessoas a apoiar ou seguir o cristianismo ou qualquer outra religião. (GRUDEM, 2014, p. 30).

O presidente da República Jair Bolsonaro, durante a campanha política fez uso recorrente do texto de Jo. 8:32, “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Embora de forma completamente descontextualizada em relação ao uso feito por Jesus, foi o suficiente para que muitos adeptos do cristianismo se arvorassem em dizer que estavam diante do futuro governante escolhido por Deus. Apoiado por um número expressivo de evangélicos, contou com apoio não só nos templos, mas também nos ambientes midiáticos de lideranças influentes e expressivas dentro de diversas denominações cristãs. Uma delas, foi o pastor Silas Malafaia.

⁴⁸ Marcos 15:13.

⁴⁹ Mateus 27:24.

Silas Lima Malafaia, pastor e psicólogo, é líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Ganhou projeção nacional a partir de sua atuação como televangelista no programa Vitória em Cristo, atividade iniciada há mais de trinta anos. É conferencista nacional e internacional, escritor e editor.⁵⁰ Seu discurso e escritos teológicos estão vinculados à teologia da prosperidade e já há algum tempo se destaca por sua vinculação pública a diversos políticos da história recente do Brasil. Muitos analistas associam seu comportamento ligado ao discurso do ódio, principalmente quando se trata de direitos dos homossexuais e o aborto.⁵¹ Esse discurso é claramente perceptível não somente quanto aos direitos em epígrafe, mas, quando se trata de questões ligadas aos políticos considerados de esquerda. À esses, com frequência, o pastor Silas costuma se referir pejorativamente como esquerdopatas. O discurso se amplifica em expressões diversas vezes utilizadas em suas redes sociais para se referir a pessoas alvo de suas críticas – cretino, bandido, vagabundo, inescrupuloso, idiota, frouxo, etc. Malafaia, por diversas vezes se dirige ao povo evangélico como se fora representante dos mesmos. Nesse sentido, ao passo em que consegue o apoio e simpatia de muitos, da mesma forma, a antipatia de outros.⁵²

Desde o período de impeachment da ex-presidente Dilma, surgiu a Frente Evangélica pelo Estado de Direito, fundada pelo pastor Ariovaldo Ramos. Esta Frente surgiu em contraposição ao neopentecostalismo iurdiano e da Igreja Renascer e demais igrejas que se respaldam nas práticas da prosperidade difundidos pelo país. Ariovaldo Ramos fundou a Igreja Fé Cristã Evangélica, comunidade que nasceu com a perspectiva de defender os direitos da população pobre, preta e desempregada. Essa Frente Evangélica tem como objetivo fazer frente ao que compreende como falso messianismo que preza pela adoração ao deus do dinheiro. No final de 2019 o movimento já estava organizado em 17 estados da federação.⁵³

Outro pastor conhecido no ambiente midiático, não por conta de programas televisivos ou por postura de ataques verbais agressivos aos políticos, e que já teve mandato como vereador, mas, por sua proximidade dos movimentos sociais e partidos de esquerda e por suas

⁵⁰ Lideranças políticas. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/silas-lima-malafaia>. Acesso em: 03 dez. 2021.

⁵¹ Silas Malafaia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas_Malafaia. Acesso em: 03 dez. 2021.

⁵² Canal do You Tube Silas Malafaia Oficial. Alguns dos posts mais recentes em seu canal: 40 anos de ministério proclamando a verdade; Bolsonaro, Barroso e as Forças Armadas. Quem está mentindo?; Bolsonaro, Lula e as manifestações. Só kkk; O cinismo do ditador Alexandre de Moraes; Bolsonaro convocar as Forças Armadas não é golpe! Acesso em: 20 mai. 2022.

⁵³ Conforme Amaro Augusto Dorneles. Há uma Frente Evangélica pelo Estado de Direito. Nem todo evangélico é de direita. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/61422/ha-uma-frente-evangelica-pelo-estado-de-direito-nem-todo-evangelico-e-de-direita>. Acesso em: 20 mai. 2022.

falas em entrevistas, palanques, vistas também através das redes sociais, é o pastor Henrique Vieira. Embora não pareça ser esta intenção [e acredito que não seja], Henrique Vieira pode ser visto como uma espécie de contraponto a Silas Malafaia. Isto por conta da linha discursiva, da abordagem teológica, do alinhamento política, dos direitos humanos que defende. São antagônicos no discurso, na teologia, no “palanque” político e até mesmo nas condições sociais. No livro de sua autoria “O amor como revolução”, afirma:

Jesus percorreu vários lugares com seus amigos e amigas. Em seu caminho, houve muitas histórias, encontros, incontáveis memórias, singelos ensinamentos. Ele estava sempre de saída, em permanente movimento. Desejava conhecer as pessoas, ouvir suas histórias e ir ao encontro, especialmente, dos que mais sofriam. Sua mensagem era o Reino de Deus, um contraponto ao Reino Romano. No Reino que ele anunciava, os menores seriam os maiores; os últimos seriam os primeiros; a glória estaria em servir, não em ser servido; a paz seria filha da justiça e a justiça, semeada a partir de atitudes de paz, nunca fruto da guerra; o banquete seria compartilhado entre todas as pessoas, ninguém passaria fome; o perdão seria infinito; as hierarquias, anuladas; os desprezados, acolhidos; os injustiçados perderiam o medo e viveriam em liberdade. Uma mensagem simples e potente, que desmascarava a moralidade religiosa hegemônica. Batendo papo, dividindo o pão, socorrendo os aflitos, chorando com mães que perderam os filhos, compadecendo-se até mesmo de opressores e privilegiados. Jesus constrangia e satirizava os valores dominantes. (VIEIRA, 2019, p. 76-77).

O pastor Henrique Vieira amplia sua visão interpretativa sobre Cristo, afirmando que “Jesus preferiu as aldeias populares, as pequenas cidades, a comunhão direta e permanente com os pobres e oprimidos. Também desafiou os poderosos ao denunciar aberta e diretamente a elite religiosa, econômica e política de seu tempo.” (VIEIRA, 2019, p. 77-78). Embora haja situações totalmente pertinentes ao comportamento de Jesus, Henrique Vieira não deixa de politizar em demasia o comportamento de Jesus, inclusive ao falar que “Jesus preferiu”, indicando uma escolha de lado, algo que efetivamente não aconteceu. Do contrário, Jesus se colocou ao lado. Ao lado de todos quanto se dispusessem a ouvir e seguir os seus ensinamentos, fosse pobre, rico, homem, mulher. Se alimentou em casa de fariseus, pecadores, rico como Zaqueu, pobres e também se alimentou dos peixes pescados por seus discípulos e multiplicou pães e peixes alimentando a multidão. Não impôs nada a ninguém, não constrangeu, não satirizou, não desafiou poderoso algum. Simplesmente Jesus era o que era. O reino do qual falava não era terreno, tinha uma conotação espiritual, ou seja, falava do céu, da eternidade, prova disso, quando levado a Pilatos, este não achou motivo para condená-lo, lavando as mãos e o entregando aos religiosos. Apesar de condenado pelos religiosos, Jesus não objetivava desafiá-los, mas, cumprir as profecias das quais os próprios religiosos tinham conhecimento.

Um dos resultados objetivados por Jesus Cristo diz respeito à igreja. Em Mt. 16: 18, em um diálogo com o discípulo Pedro, há um fragmento do texto onde Jesus usa a expressão “minha igreja”.⁵⁴ O termo igreja, aparece com o sentido grego de *ekklesia*, que significa assembleia, congregação. A igreja vai nascer da ideia de discipulado, onde, a partir dos discípulos e a congregação dos seguidores vão se espalhar para a proclamação do evangelho ordenada pelo próprio Jesus aos seus seguidores.

Nesse sentido, trago à baila, informações importantes extraídas do livro “Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador”, de autoria de Ed Stetzer e Sérgio Queiroz. Ao passo em que algumas vertentes religiosas e líderes que tem levado seus congregados ao desvio de foco com a mistura da teologia da prosperidade e as intempéries consequentes das relações políticas, existem outras igrejas que trilham o caminho contrário. É nessa perspectiva que o trabalho dos autores citados se apresenta.

A partir de pesquisas de Ed Stetzer sobre experiências de igrejas nos Estados Unidos, Sérgio Queiroz se junta ao referido autor para desenvolver uma ampla pesquisa sobre igrejas no Brasil. Foram analisadas aproximadamente 1.500 igrejas de diversos tamanhos e denominações. Os autores reconhecem que muitos personagens da história da igreja cometeram grandes absurdos e que mancharam o testemunho do que chamam de verdadeiro evangelho, envergonhando, com isso, os cristãos autênticos. “As ações práticas dos verdadeiros cristãos sinalizam o reino de Deus, foi inaugurado com a primeira vinda de Cristo e cuja consumação ocorrerá no seu prometido retorno.” (STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 19). Reconhecem igrejas mais fiéis ao seu chamado, outras menos fiéis, outras enfermas, e outras que não passam de monumentos egocêntricos, e, reconhecem que:

Igrejas saudáveis são aquelas que encontram o equilíbrio e, sem abrir mão da sua doutrina, levam o amor ao próximo às últimas consequências; proclamar o amor de Deus por meio da morte de Jesus na cruz do Calvário; e demonstram esse amor mediante obras de amor prático pelas pessoas e pela criação como um todo. (STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 19).

Com efeito, atestam que existe um grupo de igrejas que não abraçam os pressupostos da teologia da prosperidade, que ama as pessoas e respeita as diferenças, que não pretende impor a sua fé e que deseja a transformação do Brasil à medida que os valores do reino de Deus são sinalizados e vividos com amor e serviço devotados a Cristo e ao próximo. Destarte, foi

⁵⁴ Mt. 16: 18, “E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (ALMEIDA, 1990, p. 19, NT).

identificado um tipo de igreja que os autores vão chamar de Igreja Transformacional. (STETZER; QUEIROZ, 2017), Afirmam que essa igreja tem por ação, fazer discípulos e produzir uma convergência de valores e atividades que resulta na transformação dos indivíduos e no meio em que eles estão inseridos.

Uma igreja transformacional não é simplesmente uma “igreja boa” ou uma “igreja que faz coisas boas”. Também não é necessariamente uma grande igreja que oferece boas programações, pregação extraordinária e louvor excelente. Uma igreja transformacional é aquela que se concentra tenazmente na capacidade do evangelho de mudar a vida das pessoas. Ela vê resultados apropriados para seu contexto e detém os valores corretos que apoiam a missão transformadora, pois descobriu que a transformação é muito mais do que uma estratégia eclesial melhor. Tal igreja não é só um grupo de pessoas que acreditam que o cristianismo seja a escolha correta e que ele oferece uma maneira melhor de viver, mas é a comunidade da aliança que se apegue à crença de que Deus vai mudar radicalmente vidas e comunidades inteiras. Essa igreja tem um otimismo grandioso quanto às habilidades ilimitadas de Deus. (STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 32).

Esse conceito encontra-se fortemente amparado na ideia de que é a mudança que realmente importa, ou seja, a de indivíduos, igrejas e sociedade. E que se isso não acontecer, há algo errado com o cristianismo e não com Cristo. Por assim dizer, as boas novas traduzidas no evangelho de Cristo atuam em favor da transformação dos indivíduos, e que, essa mudança consequentemente transforma a igreja e a sociedade. Ao transformar a sociedade, os cristãos passam consequentemente a influenciar o governo civil como um todo. Wayne Grudem considera isto uma “influência expressiva” onde ele afirma categoricamente que “não é sinônimo de influência irada, beligerante, intolerante, julgadora, desatinada e cheia de ódio, mas sim de influência cativante, gentil, solícita, amável, persuasiva, própria para cada circunstância e que sempre protege o direito do outro de discordar.” (GRUDEM, 2014, p. 76).

Essa mudança não passa necessariamente pela dependência da igreja do poder político, tão pouco pela obrigatoriedade da representação institucional junto aos poderes constituídos. Por esse motivo, ainda existem instituições que defendem a separação entre Igreja e Estado, como é o caso da Denominação Batista, categorizada pelos estudiosos como histórica, de missão, tradicional, a ser estudada no capítulo V. Antes porém, uma abordagem sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo na sequência.

IV DO PENTECOSTALISMO AO NEOPENTECOSTALISMO

Esse capítulo tem como ênfase a chegada do pentecostalismo e do neopentecostalismo ao Brasil. Inicialmente, trata sobre a origem do pentecostalismo nos Estados Unidos da América e sua expansão para o Brasil. Adentramos na trajetória do pentecostalismo pelo país até o surgimento do neopentecostalismo. A partir da influência neopentecostal, são feitas relações com a teologia da prosperidade, a música e os meios de comunicação de massa. O capítulo se encerra com uma abordagem sobre as frustrações relacionadas a um grupo que cresce bastante no tempo presente, os assim chamados de desigrejados.

Para tanto, recorreremos a uma metodologia histórica, descritiva e exploratória, categorizada pela história social e história do tempo presente. As fontes são bibliográficas e iconográficas, cujo referencial teórico pertinente às discussões propostas, são analisadas obras de sociólogos, antropólogos, teólogos e historiadores listados no decorrer do capítulo. A temporalidade trabalhada se reporta do século XX até os nossos dias.

4.1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL: DESDOBRAMENTOS DA RUA AZUSA

Inicialmente, recorreremos às ponderações de Lyndon Santos por se tratar de um quadro que representa a chegada oficial do protestantismo no Brasil, e, finaliza com um dado importante que será o ponto de partida desse capítulo.

Desde a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 e a abertura dos portos em 1810, os diferentes ramos do protestantismo europeu e norte-americano se inseriram na sociedade por meio da imigração, dos interesses comerciais e dos esforços proselitistas. O contexto latino-americano das independências, a relativa tolerância religiosa da constituição de 1824 e o ideário político liberal favoreceram a vinda de missionários e missionárias que trouxeram, para o contexto imperial, um conjunto de práticas, de discursos e de crenças que compuseram um modo diferenciado de vivência religiosa, numa sociedade onde o catolicismo era hegemônico.

As igrejas, as denominações, as agências missionárias, as associações cristãs, as sociedades bíblicas, os hospitais, as escolas, a imprensa e a literatura traduzida foram os resultados e os meios desta inserção definitiva na cultura, embora não sem conflitos. Assim, numa superficial e imprecisa datação chegaram ao Brasil anglicanos (1810), luteranos (1824), metodistas (1840/1872), congregacionais (1855), presbiterianos (1859), batistas (1885), episcopais (1890) e adventistas (1895). No alvorecer do século XX, os pentecostais da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) estruturaram um tipo de experiência religiosa que marcaria um outro padrão seguido por movimentos e igrejas posteriores até os nossos dias, situados nas tipologias pentecostais e neopentecostais. (SANTOS, 2017, p. 14-15).

É dessas tipologias que nos ocupamos agora, reforçando que, conforme o autor aponta, pode haver imprecisão nas datas quando recorremos a outras fontes. É a partir da composição desse quadro, que o protestantismo brasileiro vai se expandir e ganhar fôlego por todo o século passado com seus desdobramentos no século XXI.

Souza (2013), aponta dados de especialistas indicando que o movimento pentecostal no Brasil consta de três ondas ou gerações: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus (1910-1940); Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor entre outras (1950-1960); Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, e outras mais reconhecidas como neopentecostais (1970-1980). De posse dessas informações, vamos identificar quem são esses autores especialistas e o que mais eles falam a respeito desses movimentos.

Existem alguns pilares que são constitutivos do empreendimento pentecostal. Fundamentalmente, a base do pentecostalismo está na pneumatologia, ou seja, a doutrina do Espírito Santo. Acrescenta-se avivamento espiritual, salvação, santificação, dom de línguas, cura divina, orações, fogo, batismo no Espírito Santo. Alguns desses pilares encontram-se intrinsecamente relacionados. Para alcançar a salvação, o fiel é convocado a um processo de mudança radical de vida cujo termo bastante conhecido é conversão. O converso é levado a um comportamento permanente de santificação adquirido através da oração, que leva ao avivamento espiritual e conseqüentemente ao dom de línguas (glossolalia), alcançando o batismo no Espírito Santo, onde o fogo (simbolizado pelo poder) é derramado para promover além de outras coisas, a cura divina. Visivelmente, não significa que outras ramificações do cristianismo não possam se valer desse expediente, porém, há que se considerar que esses ingredientes são comuns e corriqueiros dentro das expressões e manifestações pentecostais.

O historiador e teólogo Paulo Siepierski, apresenta importante contribuição para entendermos a respeito dos primórdios do movimento pentecostal no Brasil. O autor afirma que:

O pentecostalismo chegou ao Brasil trazido por operários imigrantes. Primeiro em 1910 por meio do italiano Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, e logo em seguida em 1911 por meio dos suecos Adolf Gunnar Vingren e Daniel Berg, precursores da Assembleia de Deus. Francescon havia emigrado para os Estados Unidos e se fixado em Chicago. Lá abandonara o catolicismo, tornando-se presbiteriano e posteriormente pentecostal. Vingren e Berg também haviam emigrado para os Estados Unidos e igualmente haviam se fixado na região de Chicago e lá também se unido ao movimento pentecostal. Diferentemente de Francescon, porém, eles haviam sido batistas antes de se pentecostalizarem. (SIEPIERSKI, 1999, p. 60).

Curiosamente, tais precursores seguem uma tendência ainda muito comum nos dias atuais, a mobilidade religiosa horizontal. Dito de outra forma, o trânsito religioso de um segmento para outro, é bastante característico nos movimentos que implicam rupturas doutrinárias ou dissidência em relação à liderança. Como mencionado em capítulo anterior, presbiterianos e batistas fazem parte do movimento histórico tradicional. Paulo Siepierski afirma que, em Chicago, os respectivos fundadores da Congregação Cristã e Assembleia de Deus juntamente com Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, foram influenciados por William H. Durham, que saíra do meio batista para o movimento de santificação. “A missão na rua Azusa em Los Angeles estava exercendo profunda força, tanto centrípeta quanto centrífuga, no mundo protestante.” (SIEPIERSKI, 1999, p. 65). De repente, líderes de diversos segmentos protestantes se viram atraídos para ver o que era aquele movimento e porque despertara tanta gente para um novo proselitismo missionário.

O que foi, então, esse movimento da rua Azusa? Frank Bartleman é o autor do livro “A história do avivamento Azusa”. O livro é uma compilação a partir do diário e dos escritos que compõe uma autobiografia do autor, em meio ao seu envolvimento com o movimento de avivamento espiritual que influenciou diversos líderes de distintas denominações e que marcou de forma incisiva o movimento pentecostal a partir da matriz estadunidense. Foi publicado originalmente em 1925 com o título “Como o Pentecostes Chegou a Los Angeles”. Trata-se de uma visão apologética de caráter endógeno evidenciado no protagonismo do próprio autor.

A narrativa de Frank Bartleman, começa com seu drama familiar onde pouco tempo depois de chegar a Los Angeles com esposa e duas filhas, a mais velha veio a óbito aos três anos e meio após sofrer com convulsões. Afirma que ao lado do caixão prometera dedicar sua vida a Deus. Pouco tempo depois, tomou conhecimento do avivamento no País de Gales, dos feitos de Evan Roberts, com quem trocara diversas correspondências. Algumas narrativas traduzem o sentimento de Bartleman. “Um grande peso e desejo surgiram no meu coração para que houvesse grande avivamento.” (BARTLEMAN, 2016, p. 12). “Eu profetizava continuamente sobre o grande derramamento que haveria de acontecer.” (BARTLEMAN, 2016, p. 15). Ao descrever o que alega ser “um encontro com Jesus”, Frank Bartleman narra que quando na companhia do “irmão Boehmer”, estavam orando por um avivamento em Pasadena, e num fardo de oração que tornara insuportável, após choro como uma grávida dando à luz uma criança, o Espírito intercedia por eles quando o peso se foi. Complementa:

Após uma pequena espera silenciosa, uma grande calma veio sobre nós. Depois, sem que o antecipássemos, o Senhor Jesus revelou-se a nós. Ele

parecia estar de pé entre nós, tão perto que poderíamos estender a mão e tocá-lo. Não ousamos, entretanto, mexer-nos. Eu não conseguia nem olhar. Na realidade, parecia que eu era totalmente espírito. Sua presença foi mais real, se possível, do que se eu o pudesse ter visto e tocado fisicamente. Esqueci que possuía olhos e ouvidos. Meu espírito o reconheceu. Um céu de amor divino encheu-me e despertou minha alma. Uma chama ardente percorreu meu corpo. Aliás, todo o meu corpo parecia derreter-se diante dele como cera diante do fogo. Perdi toda a noção de tempo e de espaço, ficando apenas consciente de sua maravilhosa presença. Fiquei prostrado aos seus pés em adoração: era um verdadeiro “monte da transfiguração”. Perdi-me dentro do puro Espírito! Por algum tempo, ele permaneceu conosco. Depois, devagar, ele se retirou. Nós ainda estaríamos lá se ele não houvesse se retirado. Nunca mais eu poderia duvidar de sua realidade após essa experiência. O irmão Boehmer sentiu quase o mesmo que eu senti. Havíamos perdido totalmente a consciência da presença um do outro enquanto ele esteve conosco. Tivemos quase medo de falar ou respirar quando voltamos ao ambiente que nos rodeava. (BARTLEMAN, 2016, p. 20-21).

Sobre essa narrativa, se perguntássemos sobre o que ela representa a algum membro ou líder de uma igreja pentecostal, ou mesmo dentro do campo da teologia cristã, provavelmente ouviríamos que trata-se da mais pura manifestação do poder de Deus a um servo seu. Mas, se voltarmos para as ciências das religiões, que tipo de representação simbólica essa narrativa traz? A qual campo de estudo das religiões devemos recorrer? Segundo Eliade (1992), o simbolismo aqui representado, diz respeito à uma hierofania, ou seja, uma manifestação do sagrado. O episódio narrado por Frank Bartleman traz uma *alétheia*, ou, verdade revelada, no momento em que afirma “o Senhor Jesus revelou-se a nós”. Também evidencia um *étymon* – verdade provada ou demonstrada quando afirma “Ele parecia estar de pé entre nós, tão perto que poderíamos estender a mão e tocá-lo”. Everton Carneiro (2018), ao analisar arte e verdade, afirma que “o entendimento não pode ser reduzido ao conhecimento científico, mas deve ser pensado como um encontro com uma tradição que pressupõe nossa experiência pessoal de estar no mundo.” (CARNEIRO, 2018, p. 31). Há um simbolismo hierofônico de presença divina. O contexto cultural espaço/tempo traz nas informações que antecedem ao texto citado, a afirmação de que estava em um pequeno auditório por nome Peniel em Pasadena em 03 de julho de 1905, porém, tomado pelo contexto descrito afirma “perdi toda a noção de tempo e de espaço”. O rito apresentado na narrativa se manifesta na afirmação: “fiquei prostrado aos seus pés em adoração: era um verdadeiro ‘monte da transfiguração’”.

Um dos campos das ciências das religiões mais apropriados para tal compreensão é o da Fenomenologia das Religiões. Douglas Allen (2005), destaca a importância da fenomenologia das religiões devido ao seu caráter investigativo dos fenômenos ou objetos observáveis relacionados aos eventos da religião. Os termos fenômeno e fenomenologia são

derivados da palavra grega *phainomenon*, que tem por significado aquilo que se mostra, ou o que aparece. Os fenômenos, os eventos, os fatos religiosos que se manifestam no cotidiano das pessoas, nas comunidades religiosas fazem parte do objeto de análise da Fenomenologia. Juan Martín Velasco assevera que, trata-se em geral, de um método de interpretação do fato religioso que se distingue por sua reivindicação à totalidade, *“estudia el hecho religioso en todos sus aspectos – y por tomar como punto de partida para esa interpretación todas las posibles manifestaciones del mismo a lo largo de la historia.”* (VELASCO, 2006, p. 45).

A narrativa de Frank Bartleman traz a descrição de uma fenômeno que aparece para ele e que se demonstra gerador do que considera ser avivamento espiritual, orientador da sua trajetória enquanto mensageiro influente do movimento pentecostal, pois, com aquela experiência, sua vida seria marcada pelos escritos e publicações na imprensa de cunho religioso, pelas pregações em diversas comunidades voltadas para a promoção do avivamento espiritual no estado da Califórnia. Acrescenta-se o seu comportamento voltado para os diversos momentos de jejum e orações diárias, reuniões nos lares com vistas ao alcance do maior número de pessoas possível. “Havia bastante tempo, orávamos por um Pentecostes, e ele parecia estar prestes a acontecer.” (BARTLEMAN, 2016, p. 38). Abaixo, registro iconográfico tanto do local como do líder William Seymour.

Figura 7: Igreja da Rua Azusa e William Seymour



Missão de Fé Apostólica, na Rua Azusa, onde William Seymour iniciou o movimento pentecostal. (Foto: Reprodução / Shaun Tabatt)

Fonte: guame.com.br – Foto reprodução Shaun Tabatt⁵⁵

⁵⁵ Disponível em: <https://guame.com.br/gospel/mundo-cristao/herois-da-fe-william-seymour-o-pioneiro-do-avivamento-da-rua-azusa.html>. Acesso em: 23 mai. 2022.

O endereço da Rua Azusa, 312 em Los Angeles fora descrito como uma velha casa de madeira que antes tinha sido uma Igreja Metodista no centro da cidade com acomodação para cerca de trinta pessoas. O ano era 1906 quando um terremoto atingiu a costa do Pacífico em São Francisco, despertando uma certa comoção espiritual. Nesta época, as reuniões iniciadas na Missão Azusa tomaram proporções cada vez maiores e mais constantes. Lá, um jovem negro, William J. Seymour, estudioso das doutrinas do Espírito Santo, se destacou pela sua liderança, criando um grupo que ficou conhecido como Missão da Fé Apostólica.

O trabalho era cada vez mais claro e forte em Azusa. Deus operava poderosamente. Parecia que todos precisavam ir a Azusa. Havia missionários vindos da África, Índia e ilhas oceânicas. Pregadores e obreiros atravessavam o continente, e vinham de ilhas distantes, motivados por uma atração irresistível por Los Angeles. Embora não soubessem, eles haviam sido chamados para assistir ao Pentecostes: “Congregai os meus santos” (Sl 50.5a) era a chamada de Deus. (BARTLEMAN, 2016, p. 53).

O contato intercontinental com o avivamento da Rua Azusa, representou um ponto de partida demasiadamente importante para a expansão pentecostal pelo mundo. Situação essa que não seria diferente em relação ao Brasil. Esse movimento chega ao país com muita força e uma visão agressiva de expansão. As igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil estão entre as maiores do país na atualidade com templos instalados desde a zona rural, pequenos vilarejos até os centros urbanos mais desenvolvidos do país.

Para concluir a leitura e interpretação da fonte confessional de Frank Bartleman (2016), há que se ressaltar que o autor apresenta uma característica muito comum dentro do pentecostalismo e neopentecostalismo, com fortes repercussões no comportamento dos profetas hodiernos, ou seja, uma representação de poder em nome de Deus. Sua escrita apresenta um dualismo entre Deus e o diabo quando em qualquer enfrentamento de adversidade, quase sempre era atribuído a uma “investida do inimigo”. Quando descreve muitas das ações desenvolvidas, normalmente afirma ter sido levado por Deus a tal atitude, ou que Deus lhe falou para fazer isso ou aquilo. Esse tipo de comportamento parece desconsiderar a relação poder de Deus e potencialidade humana. O líder religioso que se comporta falando o tempo todo que o que fez ou faz é porque Deus mandou, ou porque Deus falou, cria conseqüentemente em torno de si uma aura de poder a ponto de se comportarem como se fossem superiores aos seus congregados. Isso justifica o uso recorrente da palavra fogo no meio pentecostal associado ao sentido de poder. Quando descrevem suas atitudes em nome de Deus, desconsideram as ações da natureza humana, que são portadoras de limitações, falhas e passíveis de correção.

4.2 O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO BRASIL

No episódio narrado na Bíblia em que Jesus ressuscita Lázaro⁵⁶, antes disso, ele pede aos homens presentes para que removessem a pedra. A questão é, o que era mais fácil para Jesus, ressuscitar Lázaro ou remover a pedra? Vamos à narrativa bíblica para entendermos o caso. Havia uma família de três irmãos que eram amigos de Jesus. Maria, Marta e Lázaro. “Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.” (Jo. 11:05). Este último estando doente, a família tratou de avisar a Jesus sobre sua enfermidade. Lázaro era de Betânia e Jesus estava em Jerusalém quando recebeu a notícia, ficando ainda mais dois dias por lá. Somando os dois dias e o tempo de viagem, quando chegou a Betânia, Lázaro já estava morto há quatro dias. O encontro com Maria e Marta foi de grande comoção, levando o próprio Jesus a chorar diante da situação. Chegando ao local do sepulcro, que era uma caverna, havia uma pedra sobre ela. No versículo 39 do capítulo 11 do evangelho de João, Jesus disse “tirai a pedra”, falando aos homens que estavam no local. No verso 43 do mesmo capítulo ele diz: “Lázaro sai para fora”, quando houve, segundo o relato bíblico, o milagre da ressurreição.

Retomando a questão inicial, o que era mais fácil para Jesus, remover a pedra ou ressuscitar Lázaro? Inequivocamente, trata-se de uma questão interpretativa e cheia de subjetividades. Porém, considerando o caráter fenomenológico da transcendência e o aspecto hierofônico manifesto, embora haja uma tendência de se pensar que a ressurreição naquele contexto fosse mais fácil, eu diria que era mais fácil remover a pedra. A remoção da pedra dependia apenas de força física. Numa interpretação anacrônica, bastava umas marretadas e a porta da caverna logo estava aberta. Todavia, se considerarmos a transcendência de Jesus, ele designou aos homens aquilo que os mesmos tinham a capacidade de fazer, e reservou para si o que somente ele poderia resolver: a ressurreição. O questionamento aqui levantado, nos remete a outra afirmação do tópico anterior, quando me referi à ideia de poder de Deus e potencialidade humana. A narrativa da ressurreição de Lázaro, nos leva exatamente a essa distinção. Existem outras referências bíblicas que reforçam a potencialidade humana: “esforça-te, e faze a obra” (1 Cr. 28:10b). “Ora, pois, esforça-te, Zorobabel, diz o Senhor, e esforça-te, Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e esforça-te, todo o povo da terra, diz o Senhor, e trabalhai; porque eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos.” (Ag. 2:4).⁵⁷ Popularmente, costuma-se usar a expressão “esforça-te, e eu te ajudarei”.

⁵⁶ Evangelho de João, capítulo 11.

⁵⁷ Textos bíblicos extraídos da Bíblia de Estudos SCOFIELD.

As ideias de fogo, poder, milagres, unção do Espírito, batismo no Espírito Santo, tão recorrentes no segmento pentecostal, permite a identificação de uma linha tênue entre aquilo que deve ser próprio da capacidade ou potencialidade humana e aquilo que é de caráter efetivamente divino. Prova disso, expressões como “eu ordeno”, “eu não aceito”, “eu profetizo”, “eu te abençoo”, Deus me revelou”, Deus me falou”, “eu declaro”, apontam um protagonismo de superioridade sacerdotal, cujas consequências se materializam em instrumentos de manipulação e controle dentro de um cenário cada vez mais crescente.

Hernandes Dias Lopes, teólogo presbiteriano autor da obra de característica confessional “Pentecostes: o fogo que não se apaga”, afirma que o Pentecoste no seu sentido pleno é irrepetível. Aqui o autor fazendo referência ao evento descrito no livro de Atos capítulo 2. “O Espírito Santo foi derramado para permanecer para sempre com a igreja. Ele é o outro Consolador que estará para sempre conosco.” (LOPES, 2017, p. 16). Embora defenda as representações simbólicas contidas no fogo no ambiente pentecostal, destacando a necessidade do pentecostes na atualidade, sua postura crítica é contundente no que diz respeito à igreja do tempo presente:

Não raro, a igreja é mais conhecida hoje por seus escândalos do que pela sua piedade. A maioria dos cristãos adota um cristianismo desfigurado, no qual a verdade é ultrajada, a palavra é relativizada e os valores absolutos de Deus são pisoteados. O evangelho que muitos pregam hoje é um sincretismo semipagão. Estamos assistindo à comercialização indiscriminada e descarada do sagrado. Muitos pregadores abraçaram um semievangelho, um evangelho sem cruz, sem verdade, sem absolutos. Esses pregoeiros não se importam com a verdade; estão mais interessados no lucro. Não buscam o que é certo, mas o que dá certo. Não buscam o que é ético, mas o que funciona. Essa atitude inconsequente de pregar um evangelho misturado com heresias, para satisfazer a ganância insaciável do lucro fácil, tem gerado crentes fracos, doentes e superficiais, e causado mais escândalo que impacto positivo na sociedade. [...] Deus se tornou para ela apenas um abençoador, e não o Senhor. O homem é o centro, e não Deus. O que se busca é que a vontade do homem se faça no céu, e não que a vontade de Deus se estabeleça na terra. O homem hoje busca não a face de Deus, mas o lucro. Ele vai à igreja não para adorar, para oferecer algo a Deus, mas para buscar uma bênção. A sua lei é a da sanguessuga: me dá, me dá. O homem invoca a Deus não porque tem sede de Deus, mas por aquilo que pode dele receber [...] (LOPES, 2017, p. 18-20).

O enunciado de Hernandes Lopes (2017), ressoa o que ele pensa da igreja na atualidade. Por esse motivo, o conteúdo da sua obra é direcionado para o público interno e é propositiva no sentido do que ele pensa ser o verdadeiro sentido do pentecostes, ou seja, que se viva o que se diz crer. Suas experiências como conferencista, líder de uma igreja e os relatos dos vários

contatos com outras igrejas, são traduzidas em suas reflexões voltadas para a defesa de “um fogo que não se apaga”.

Percebe-se, pois que, não obstante os desvios que se possa ter dentro do movimento pentecostal, a defesa teológica do que se diz ser uma igreja pentecostal, encontra-se respaldada na ideia de oração, santidade, avivamento espiritual, batismo no Espírito Santo através do dom de línguas e representações simbólicas expressas através do fogo como sinônimo de poder espiritual.

Isto posto, consideremos os aspectos históricos do movimento pentecostal e a transição para o que boa parte dos teóricos designam como movimento neopentecostal. Waldo Cesar, jornalista e sociólogo; Richard Shaull, teólogo, são autores da obra “Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs”. Os autores fazem uma interlocução entre os pentecostais no Brasil e suas raízes históricas estadunidenses.

Com a diferença de apenas um ano, independentes uma da outra, surgiram as primeiras igrejas pentecostais no Brasil, ambas originárias de movimentos de santidade que irromperam nos Estados Unidos no início do século. Os nomes das igrejas e líderes que marcaram essa reviravolta no cenário protestante, nos primórdios do pentecostalismo nos Estados Unidos e no Brasil, têm sido bastante estudados e divulgados. Mas importa lembrar a significação daqueles eventos, tanto para o itinerário histórico quanto teológico dessas novas formas de igreja nas últimas décadas. Nos Estados Unidos, as datas mais conhecidas estão entre os anos de 1901 (Topeka, Kansas), 1906 (Los Angeles) e 1907 (Chicago). Pouco depois, o movimento chega ao Brasil. a Congregação Cristã do Brasil, fundada em 1910 no bairro do Brás, em São Paulo, e a Assembleia de Deus em 1911, em Belém do Pará, de fato estabeleceram os marcos nacionais de um novo tipo de igreja e de experiência religiosa. Em pouco tempo, o pentecostalismo se propagou pelo país, da mesma forma que se espalhou pelo mundo, a partir dos inusitados acontecimentos no protestantismo norte-americano. (CESAR; SHAULL, 1999, p. 19).

Essa citação reflete nitidamente esses primórdios do movimento pentecostal, especialmente o de 1906 em Los Angeles, já mencionado através do movimento da Rua Azusa. Curiosamente, são movimentos distintos, igrejas que embora tenham um perfil missionário expansionista muito forte, possuem características muito próprias, tanto no que diz respeito ao aspecto litúrgico quanto na forma de gestão. Essa nova experiência religiosa, como foi dito, irrompeu o país como aconteceu pelo mundo. Uma outra situação relevante, a afirmação de que “a ênfase na ação do Espírito revestia o pentecostalismo de um poder capaz de abalar velhas estruturas eclesiais, colocando em xeque suas próprias formulações teológicas.” (CESAR; SHAULL, 1999, p. 20).

Essa situação foi demasiadamente concreta. Embora as igrejas históricas tradicionais tenham sido responsáveis pela vanguarda do protestantismo no país, foram ao longo do século XX sendo superadas pelas igrejas pentecostais e neopentecostais quando se trata de aspectos quantitativos. As novas doutrinas eram muito mais propensas a atingir uma camada social mais baixa da sociedade, situação bem parecida com a que aconteceu nos Estados Unidos da América, inclusive no que diz respeito a população negra. Segundo Siepierski (1999), a missão da rua Azusa possuía um caráter multirracial e multiétnico. Esse caráter pluralista, se estendeu para o movimento de Chicago com repercussões também em outros países e consequentemente no Brasil. Conforme Paulo Siepierski, os missionários Vingren e Berg, à semelhança de Francescon, teriam recebido profecias para vir ao Brasil. “Assim, através de um italiano e dois suecos um fenômeno tipicamente norte-americano chegou ao Brasil.” (SIEPIERSKI, 1999, p. 66). A profecia para Vingren e Berg era para virem para o Pará, e no caso de Francescon, este deveria ser missionário entre os italianos. O bairro do Brás em São Paulo se desenvolveu com a participação de grande comunidade de italianos desde a época da imigração.

Todavia, trazendo para o lado econômico, Paulo Siepierski afirma que a palavra “Pará” era muito conhecida na região de Chicago. Afirma que:

Desde o aperfeiçoamento do processo de vulcanização efetuada por Charles Goodyear, em 1839, a borracha havia se tornado um insumo industrial essencial. Entre 1860 e 1910 a Amazônia reinou absoluta como fornecedora de borracha para a indústria mundial – esse é também o período em que Chicago se torna o centro industrial dos Estados Unidos – e o tipo “Pará” era considerado o padrão mundial de qualidade dessa matéria-prima. No início deste século [século XX]⁵⁸, longe de ser um local desconhecido no canto do mundo, Pará, como Belém (Santa Maria de Belém do Grão Pará) era conhecida naquela época, abrigava centenas de casas de exportação, que estavam em contato com o mundo todo. O nome “Pará” era uma constante nos centros industriais, como Chicago, principalmente em 1910, quando o governo brasileiro através da política conhecida como “valorização” forçou o preço da borracha tipo “Pará” acima de seis dólares por quilo, triplicando o preço em relação aos anos anteriores. (SIEPIERSKI, 1999, p. 66-67).

Como se vê, essas narrativas “proféticas” nem sempre são sem propósito ou descabidas de qualquer tipo de intenção ou planejamento como muitas vezes se verifica nos templos pentecostais, quando alguns preletores apontam o dedo para o texto bíblico e simplesmente afirmam “esta foi a palavra que Deus me deu para vocês nesse momento”. E aí o “poder de Deus” se manifesta.

⁵⁸ Grifo nosso.

O Brasil do início do século passado padecia dos resultados nefastos de três séculos de escravidão. A população negra, marginalizada pela cor da pele, pelo degredo econômico e fora do sistema educacional, encontrou na religião um lugar de acolhimento e porque não dizer, um lugar de pertença. Esse acolhimento não foi exclusivo nas religiões de matriz africana como já era de costume, aconteceu também no protestantismo, principalmente no ambiente pentecostal. Alencar (2018), afirma que apesar de sua origem estrangeira, o pentecostalismo sempre esteve mais próximo da cultura nacional, exatamente por ser periférico e pobre. A era pós abolição era complexa e a urbanização ainda incipiente, fazendo com que as populações mais pobres fossem as principais vítimas da exclusão social. Por outro lado, o sistema educacional era elitizado e sob forte influência da religião católica. O movimento escolanovista reivindicava um sistema educacional público, gratuito e acessível à população. Mas, num país com fortes ranços escravocratas e rural, ainda prevalecia a mentalidade de que ex-escravo, trabalhador rural e indígenas não precisavam de educação para pegar no cabo da enxada. Eram os efeitos da “casa grande e da senzala”. Maria Lúcia de Arruda Aranha afirma que:

Após a Primeira Guerra Mundial, com a industrialização e urbanização formar-se a nova burguesia urbana, e estratos emergentes de uma pequena burguesia exigem o acesso à educação. Retomando, porém, os valores da oligarquia estes segmentos aspiram à educação acadêmica e elitista e desprezam a educação técnica, considerada inferior. O operário exige um mínimo de escolarização, e começam as pressões para a expansão da oferta de ensino. A situação é grave, já que na década de 20⁵⁹ o índice de analfabetismo atinge a alta cifra de 80%. (ARANHA, 1996, p. 198).

Trata-se de um quadro que reflete um pragmatismo voltado para a demanda da indústria, em meio à uma oligarquia que vislumbrava uma educação acadêmica de caráter elitista, apesar do elevado índice de analfabetismo. Ou seja, a educação não era projetada como um bem social capaz de promover as transformações necessárias em um país que vivenciava o seu primeiro século de emancipação política.

O que pode ser dito então do perfil social dos adeptos do segmento pentecostal? Falando não especificamente acerca do perfil pentecostal, mas, de um modo geral, Lyndon Santos afirma que “as igrejas evangélicas são predominantemente femininas, negras e pobres, híbridas nas práticas e nos discursos.” (SANTOS, 2017, p. 13). Essa afirmação reflete um perfil com poucas variações do protestantismo brasileiro. Enquanto as igrejas históricas conseguiram aglutinar um perfil socioeconômico de maior condição financeira, as matrizes pentecostais agregam as

⁵⁹ 1920.

camadas mais baixas da pirâmide social. Mesmo assim, a predominância de um, não exclui a participação do outro. Este não é um pacote fechado, em ambas serão encontradas as distintas camadas sociais.

O caráter estrangeiro ou nacional do protestantismo não diz respeito às suas categorias (pretensamente) teológicas, mas, muito mais, por suas ligações socioeconômicas. Até porque, na medida em que este grupo religioso vai subindo nos extratos sociais (no caso do neopentecostalismo), ele também assume alguns valores do mesmo. É aqui que se dá o aburguesamento do pentecostalismo dentro desse estrangeirismo gospel. (ALENCAR, 2018, p. 19).

O percentual de membros negros, especialmente nas igrejas pentecostais é bastante considerável e o hibridismo no discurso é o ponto de inflexão responsável pela extensa lista de igrejas independentes ou filiadas a algum tipo de representação institucional. Embora Gedeon Alencar faça esse tipo de referência em relação às categorias pretensamente teológicas, como aconteceu no início do movimento na América do Norte, existe um tipo de antagonismo que continua sendo a pauta responsável por tamanha quantidade de grupos dissidentes e pela variação de nomes de igrejas dos mais diversos possíveis. É possível que essas dissidências tenham características mais administrativas do que teológicas, a bem da verdade, mas, não evita as ramificações existentes.

Marcos Davi de Oliveira, historiador, teólogo e mestre em ciências da religião, é autor da obra “A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?” Numa linha mais crítica ao protestantismo histórico, que afirma ter um perfil mais elitizado, enaltece o papel pentecostal ao destacar o perfil social do movimento pentecostal que absorve na maioria da sua membresia, maior quantidade de negros e de pessoas economicamente pobres. Marcos Davi destaca os eventos migratórios no Brasil onde aponta o êxodo rural como fator determinante pela opção em massa pelo pentecostalismo. Destaca ainda as migrações de determinadas regiões do país para as principais capitais onde se deu o maior desenvolvimento industrial.

Com a chegada de pessoas do interior do país para as grandes cidades, ocorreu o fenômeno da expansão da pobreza e da miséria, o que empurrou parte considerável da população urbana para as favelas, refúgio dos negros desde a saída das senzalas. Vivendo sob a circunstância da pobreza, da vida em favela ou nas ruas, os mais pobres sentiram-se atraídos pelo discurso que enfatizava a fé numa vida material melhor, anunciada por meio de uma evangelização persuasiva em praças, trens ou ônibus. (OLIVEIRA, 2015, p. 46).

O discurso que enfatiza uma vida material melhor, como se vê, não é característica exclusiva do movimento neopentecostal. A grande diferença consiste no lugar que esse discurso vai ocupar dentro do ambiente religioso, como veremos mais adiante. No caso do movimento pentecostal, essa prática vai funcionar como estratégia significativa para a ampliação do seu quadro. Em relação a Assembleia de Deus, acrescenta que:

Diante da realidade de uma vida de extrema dificuldade, o que restava era acreditar com toda fé numa força superior, num Deus que olha pelos necessitados e supre mecanismos para promover a prosperidade material tão perseguida. O pentecostalismo apareceu afirmando que o poder de mudar a situação estava em cada um, bastando pôr em prática o que estava escrito na Bíblia. (OLIVEIRA, 2015, p. 46).

O autor ressalva que o pentecostalismo não fez necessariamente uma opção explícita pelos pobres ou pelos negros, mas, pode-se dizer que, no Brasil, os negros fizeram opção pelo pentecostalismo. Evidentemente, isso tem a ver com o tipo de discurso praticado dentro dessas igrejas. Esse discurso representa um ideal religioso motivacional. Superar dificuldades, praticar a fé, confiar que Deus supre necessidades. Albuquerque (2019), afirma que o trabalho na linguagem litúrgica nas Assembleias de Deus, possui grande conotação espiritual conforme alguns hinos da Harpa Cristã, que utilizam o termo como sinônimo de evangelizar, pelejar e cumprir a vocação de Deus. As prédicas bíblicas detentoras desses contornos, são comumente praticadas, e foram utilizadas não apenas no contexto do pentecostalismo clássico, mas, continuam sendo ordem do dia nos diversos segmentos religiosos contemporâneos. Ideias como proventos permanentes de necessidades, empoderamento através da unção do Espírito Santo, bem como ação messiânica salvífica redentora, caracterizam-se como fundamentais para a preservação dos atores sociais membros envolvidos em uma comunidade pentecostal. Então, Marcos Davi levanta um questionamento: “que tipo de relação há entre os pentecostais e os negros?” Em síntese, sua resposta é:

O pentecostalismo trouxe uma liturgia mais próxima ao negro do Brasil. Mesmo que os negros pentecostais não o aceitem nem o compreendam, o que os atraiu foram as “reminiscências”⁶⁰, aquelas imagens do passado, aquilo que bate na veia cultural e mexe com o íntimo, fazendo ferver o interior. A África nunca sai de um negro, nem pode ser dissociada da negritude. Os negros brasileiros têm uma identidade própria e diferente, mas sua origem criou marcas e características que os unem aos negros que ainda permanecem no

⁶⁰ A utilização do corpo, a musicalidade e a lembrança dos antepassados constituem o que o autor chama de “reminiscências”.

lugar do qual foram arrancados seus antepassados. Mesmo que sejam brasileiros, os negros têm traços, jeitos e modos que jamais serão tirados ou negligenciados. (OLIVEIRA, 2015, p. 68-69).

Diferentemente da liturgia protestante tradicional, historicamente mais estática e com menor variação dos instrumentos musicais⁶¹, as “reminiscências” presentes nos cultos, ritos e símbolos pentecostais, criam uma esfera mais propícia ao uso do corpo, como se vê nas igrejas pentecostais. O uso recorrente das palmas, do balanço corporal, da variação instrumental, numa tonalidade mais elevada, naturalmente, desenvolve um ambiente muito mais afeito ao apelo emocional.

Em meio à esse contexto social, nota-se que há uma maior pulverização das correntes pentecostais se comparado com o protestantismo histórico. Tanto é que, embora, alguns autores façam essa distinção entre pentecostais e neopentecostais, existem autores que preferem fazer a classificação pelo que chamam de ondas ou fases a fim de caracterizar os momentos distintos bem como as instituições ou correntes predominantes nos seus respectivos momentos. Vale ressaltar que essa caracterização não é tomada como ponto de complexidade ou de grande discórdia entre os autores, até porque existe muito mais convergência do que divergência entre o que se classifica por pentecostal ou neopentecostal. Nesse sentido, embora eu tenha optado por essa distinção, sem de maneira alguma querer parecer presunçoso, compreendo e aceito de bom grado as ponderações apresentadas por aqueles autores que optaram por tratar do pentecostalismo em fases ou momentos distintos. Assim, destacamos a classificação por “ondas” feita por Paul Freston:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas, a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores), surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos

⁶¹ No final da década de 70 do século XX em diante, muitos jovens ousaram enfrentar lideranças das igrejas tradicionais ao implementar o uso de instrumentos elétricos como guitarras, violão, contrabaixo e instrumentos de percussão como bateria, e outros. Muitos foram reprimidos e até mesmo eliminados do rol de membros. Vale destacar a importância do grupo musical Vencedores por Cristo que até hoje é uma referência para gerações do passado e do presente nas igrejas históricas tradicionais. Atualmente essa situação é bem menos complexa.

anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca. (FRESTON, 1993, p. 66).

Essas “ondas” representam um quadro das principais instituições pentecostais que surgiram no Brasil ao longo do século XX. O autor do texto em destaque acrescenta que, “a vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é que ressalta, de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu.” (FRESTON, 1993, p. 66). Abaixo, destacamos o primeiro templo da Assembleia de Deus em Belém do Pará:

Figura 8: 1º Templo da Assembleia de Deus no Brasil



Fonte: templosassembleianos.blogspot.com⁶²

⁶² Disponível em: <http://templosassembleianos.blogspot.com/2009/08/fotos-antigas-de-templos-da-assembleia.html>. Acesso em: 24 mai. 2022.

O mito fundante que paira sobre as Assembleias de Deus, reside nas ações dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que chegaram ao Brasil vindo dos Estados Unidos. No entanto, Gedeon Alencar (2019), lança luz sobre a possibilidade de existência pentecostal anterior aos acontecimentos datados de 1911.

O Brasil nasceu religioso e essa ‘fundação’ é celebrada com missa. As cosmogonias indígenas anteriores se perderam ou foram destruídas. Oficial, portanto, temos a missa de 21 de abril de 1500. Nasce, assim, com a chancela do divino, ou pelo menos do seu presumível representante. É neste ‘país tropical e abençoado por Deus’ que o nascente movimento pentecostal, também bebendo em fontes religiosas bem mais antigas, vem se estabelecer. (ALENCAR, 2019, p. 54).

Respaldado em autores como Antônio Mendonça, André Droogers e Émile Léonard, Gedeon Alencar faz um pequeno recuo em relação à narrativa fundante da Assembleia de Deus, trazendo aportes pouco ou nada trabalhados dentro do que chama de “historiografia épica” normalmente apresentada por seus membros dedicados em heroicizar os feitos dos seus predecessores. “O Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos africanos é marcado por uma religiosidade com muita abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, onde o pentecostalismo encontra campo fértil.” (ALENCAR, 2019, p. 54-55). Complementa que é nessa mistura que o pentecostalismo vai crescer. Indica haver ainda no século XIX, o que chama de “resíduos pentecostais” no meio protestante, ao se reportar aos grupos *holiness*, batistas letos e metodistas livres, residindo aí algumas práticas pentecostais.

Émile Léonard escrevera uma obra intitulada “O iluminismo num protestantismo de constituição recente” no início da década de 1950, mas que só foi publicada no Brasil em 1988, onde se reporta acerca do protestantismo no Brasil. Diferentemente do iluminismo propalado na Europa da época moderna, o iluminismo de que trata o protestantismo brasileiro, diz respeito à uma iluminação interior, uma abertura para a captação direta das revelações divinas, como é explicado em nota de rodapé na introdução do livro, ou, uma “preponderância da inspiração direta.” (LÉONARD, 2015, p. 115). Nos diversos relatos trazidos por Léonard (2015), e com base na linha de raciocínio de Alencar (2019), por inferência, eventos e personalidades que marcaram as empreitadas missionárias no Brasil, indicam haver em alguns casos, práticas que se aproximam de um jeito evangélico de ser pentecostal. E aqui, uma afirmação inclinada à esse tipo de compreensão:

Foi somente em 1874 que o protestantismo brasileiro teve sua primeira experiência de iluminismo. Talvez este contato tenha sido retardado pelo

surgimento paralelo do espiritismo no Brasil, que naturalmente atrairia pessoas mais preocupadas com fenômenos e poderes extraordinários do que com a salvação pessoal. (LÉONARD, 2015, p. 41).

Daqui em diante, do ponto de vista institucional, haverá que se considerar o ano de 1910 para o surgimento da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo, e da Assembleia de Deus em Belém do Pará em 1911. Vieira (1980), afirma que Belém do Pará não era um lugar muito amistoso para o que considera a “verdadeira religião”, qualquer que fosse esta. “Até certo ponto, sua população não era, de modo algum, diferente do resto da população brasileira, que de um ponto de vista ortodoxo ou teológico, tendia mais a ser ‘supersticiosa’ do que ‘religiosa’.” (VIEIRA, 1980, p. 169). Silva (2009), afirma que o pentecostalismo trazido pelos suecos Vingren e Berg, inicialmente se absteve das questões políticas e sociais e que não havia uma preocupação com a melhoria das condições sociais a não ser em perspectiva escatológica. Atualmente, a Assembleia de Deus propõe reforçar seus ensinamentos como incontestáveis frente a outras denominações que, na visão da AD, muitas possuem ensinamentos contaminados e equivocados (QUEIROZ, 2019). Sobre as Congregações, Émile Léonard afirma que:

As Congregações Cristãs, reduzidas frequentemente a pequenos grupos, nada tem em comum com as paróquias católicas quanto ao poder, ao número de fiéis, e ao crédito social. Mas são pontos bastante eficazes de divulgação, obtendo grande sucesso nos meios populares e são sustentadas por uma sólida organização e por recursos financeiros consideráveis. (LÉONARD, 2015, p. 118).

Não é demais acrescentar, portanto, a análise do autor foi feita na década de 1950. O que mudou essencialmente nessa afirmação, é que as Congregações não mais estão reduzidas a pequenos grupos. Embora não tenham experimentado o crescimento vertiginoso como é o caso das Assembleias de Deus, esta se espalhou pelo país ocupando o segundo lugar no ranking nacional (Censo IBGE 2010), e não é signatária de divisões, ramificações e disputas políticas como aconteceu com as ADs. Ainda hoje, são distribuídos internamente pequenos livretos que se reportam à Convenção realizada em 1936, reuniões e ensinamentos realizados em 1948 com destaques para os pontos de doutrina e da fé cujas convicções dão conta de que tais pontos doutrinários foram dadas aos santos e reveladas pelo Espírito Santo.⁶³

Dessa forma, compreendendo os primórdios e alguns elementos da trajetória do pentecostalismo no Brasil, chegamos a um dos questionamentos levantados no problema dessa

⁶³ Conforme livreto da Congregação Cristã no Brasil. Esse livreto inclusive contém relatos atribuídos ao seu fundador Louis Francescon.

pesquisa. Em que medida o pentecostalismo, o neopentecostalismo e os batistas tradicionais que se instalaram no país alcançaram o sudoeste baiano? Os pontos tratados nesse e no próximo capítulo dão conta de responder a esse questionamento. Antes porém, devo esclarecer que, quando uso a expressão “em que medida”, não estou me referindo a dados meramente quantitativos, mas, estou tratando da extensão, do alcance, ou seja, essas igrejas chegaram ao sudoeste baiano? Dito isto, me reporto a dois autores (Paul Freston e Itamar Aguiar), acrescido de registros iconográficos que ajudam a elucidar essa questão. Primeiro, um resgate das “ondas pentecostais” já apresentadas por Paul Freston:

Quadro 5: Ondas de igrejas pentecostais

Primeira onda	Igrejas
Década 1910	Congregação Cristã no Brasil / Assembleia de Deus
Segunda onda	Igrejas
Décadas 1950 / 1960	Evangelho Quadrangular / Brasil para Cristo / Deus é Amor
Terceira onda	Igrejas
Décadas 1970 / 1980	Universal do Reino de Deus / Internacional da Graça de Deus

Fonte: Adaptado da tese de doutorado Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment⁶⁴

Vale salientar que, conforme apontado pelo autor, diferente da primeira onda, as demais não se resumem às igrejas listadas. Essas são as precursoras, maiores e de maior visibilidade nacional. Ademais, essa divisão aplicada por Paul Freston, também é utilizada por outros autores e possui um caráter didático bastante significativo.

Na pesquisa de campo realizada na cidade de Vitória da Conquista, todas essas igrejas foram localizadas, conforme imagens apresentadas através das figuras 9 a 14:

⁶⁴ (FRESTON, 1993, p. 66).

Figura 9: Templo da Congregação Cristã no Brasil (primeira onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Av. Boa Vontade, Bairro Brasil V/Conquista⁶⁵

Figura 10 – Templo da Igreja Assembleia de Deus (primeira onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Av. Ilhéus, Bairro Brasil V/Conquista⁶⁶

⁶⁵ Maio de 2022.

⁶⁶ Idem.

Figura 11: Templo Igreja do Evangelho Quadrangular (segunda onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Rua dos Prates, Centro V/Conquista⁶⁷

Figura 12: Templo Igreja Pentecostal Deus é Amor (segunda onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Rua Euclides Dantas, Centro V/Conquista⁶⁸

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Ibidem.

Figura 13: Templo Igreja Universal do Reino de Deus (terceira onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Rua Francisco Santos, Centro V/Conquista⁶⁹

Figura 14: Templo Igreja Internacional da Graça de Deus (terceira onda)



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Av. Régis Pacheco, Centro V/Conquista⁷⁰

⁶⁹ Fevereiro de 2022.

⁷⁰ Março de 2022.

Das igrejas listadas por Freston (1993), apenas a Igreja o Brasil para Cristo não foi fotografada, mas, possui endereço na cidade.⁷¹ Os registros demonstram que desde as igrejas do pentecostalismo clássico, a cidade de Vitória da Conquista foi alcançada por essas denominações. Por esse motivo, podemos afirmar que ao estudar o pentecostalismo e o neopentecostalismo (como será demonstrado na sequência), em sua trajetória no Brasil, trata-se de um movimento religioso ocorrido também no sudoeste baiano. Pode haver distinção de época em relação à sua origem no país, porém, com maior ou menor extensão temporal, a cidade baiana foi alcançada por essas igrejas e suas respectivas prédicas.

Uma outra demonstração desse alcance, pode ser vista nos registros levantados pelo autor Itamar Aguiar (2007)⁷² em seu estudo sobre a “trama da ocupação do sertão da ressaca”⁷³ através da religião e dos laços familiares. Ele faz um levantamento das igrejas registradas em cartório de 1970 a 2006. A partir desses dados, fizemos uma adaptação no quadro abaixo pontuando o quantitativo de igrejas em suas respectivas épocas.

Quadro 6: Igrejas registradas em cartório

Época	Quantidade de Igrejas
Década de 1970	05
Década de 1980	22
Década de 1990	48
De 2000 a 2006	39
Total	114

Fonte: Adaptado do Anexo H – Tese de doutorado de Itamar Pereira de Aguiar⁷⁴

Nos registros de Aguiar (2007), não há classificação sobre o tipo de ramificação protestante. O que se tem é a totalidade das igrejas registradas em cartório nos períodos descritos. Como o Brasil não oferece maiores dificuldades para a abertura de igrejas, os registros oficiais podem não representar o real quantitativo de igrejas nos períodos descritos. Com um número maior na década de 1990, foi nesse período que o neopentecostalismo deu um salto em sua expansão. Data dessa época um aumento significativo do número de pesquisadores que se debruçaram em analisar essa expansão que ocuparia as regiões mais extremas das cidades

⁷¹ Optamos pelo registro de duas igrejas de cada uma das “ondas” pentecostais.

⁷² Tese de doutorado – Do púlpito ao baquicho: religião e traços familiares na trama de ocupação do sertão da ressaca.

⁷³ Historiadores costumam se referir a Vitória da Conquista como Sertão da Ressaca.

⁷⁴ (AGUIAR, 2007, p. 257-262).

alcançando um número maior de pessoas das camadas mais baixas da sociedade e menos assistidas pelas políticas públicas do Estado. É dessas e outras questões ligadas ao movimento neopentecostal que passamos a nos ocupar nos tópicos e sub-tópicos a seguir.

4. 3 O NEOPENTECOSTALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: “PARE DE SOFRER!”

Considerando as circunstâncias apresentadas no tópico anterior, obviamente vamos levar em conta “as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu.” (FRESTON, 1993, p. 66). Falar do neopentecostalismo, não significa necessariamente que o pentecostalismo ficou para trás, ou que um movimento se contrapõe ao outro. Serão apresentadas as características distintas e os elementos trazidos ao novo cenário, inclusive do ponto de vista dos meios de comunicação de massa e a influência desta nas estratégias de difusão proselitista.

Como já foi dito, uma das principais representantes desse movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, fundada em julho de 1977, no estado do Rio de Janeiro. Além da IURD, ganharam destaque, dentre outras, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, tendo à frente, respectivamente, seus principais líderes, Edir Macêdo, Romildo Ribeiro Soares (RR Soares) e Valdemiro Santiago. A propósito, a igreja de Valdemiro Santiago, possui endereço em Vitória da Conquista:

Figura 15: Templo Igreja Mundial do Poder de Deus



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede Av. Régis Pacheco, Centro V/Conquista⁷⁵

⁷⁵ Maio de 2022.

Tanto a Igreja Internacional da Graça de Deus quanto a Igreja Mundial do Poder de Deus, estão localizadas no mesmo endereço e são muito próximas uma da outra. A Avenida Régis Pacheco é uma das principais áreas comerciais do centro da cidade. A distinção para essas igrejas é porque possuem maior visibilidade sobretudo pelo espaço utilizado nos meios de comunicação de massa. Uma delas inclusive, a Universal, é detentora majoritária da Rede Record de Televisão. A IURD também tem despertado quantidade razoável de estudos sobre seus papéis no contexto social brasileiro. Em um deles, Kleber Rodrigues afirma:

[...] Empreendemos as análises sobre a teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus, tendo em vista que essa Igreja tem se projetado no cenário religioso evangélico brasileiro como uma das que mais tem crescido a partir da década de 1980, atingindo a cifra de 2 milhões de membros (Censo IBGE, 2000). Além disso, a IURD interage com diferentes setores da sociedade, com destaque para as ações no campo midiático e político, mas também começa a se posicionar socialmente de forma mais explícita através do seu discurso social e por intermédio da materialização de programas sociais, como os operacionalizados pela ABC (Associação Beneficente Cristã) e o Projeto da Fazenda Nova Canaã que se propõe a contribuir para a superação da seca no Nordeste brasileiro. (RODRIGUES, 2002, p. 14).

Os dados apontados sobre o seu número de membros ratificam o crescimento vertiginoso da IURD em relação às demais igrejas históricas. Sua interação pode ser vista na inserção política quando se verifica a busca pela colocação de seus representantes na esfera do poder legislativo e executivo como é o caso da cidade do Rio de Janeiro com Marcelo Crivella, eleito prefeito para o mandato de 2017-2020. Crivella é bispo licenciado da IURD.

No momento em que se coloca a inscrição na entrada dos templos com o *slogan* “pare de sofrer!”, como na IURD, esse apelo funciona como estratégia para atrair adeptos ao meio em que a propaganda é feita. Afinal, quem não passa por algum tipo de sofrimento? Esse discurso parece aplacar a dor e o sofrimento dos milhares de fiéis à procura de um novo alento para o coração, principalmente, se forem consideradas as crises econômicas que continuam sendo provocadas pelo capitalismo contemporâneo e o discurso religioso com suas simbologias que traz um imaginário onde torna a pessoa acessível aos bens materiais e seus derivados.

Em Vitória da Conquista, a exemplo do que de alguma forma aconteceu em diversas cidades brasileiras, a Igreja Universal do Reino de Deus logo chamou a atenção quando do seu início adquiriu um cinema antigo e em local central e bastante conhecido na cidade, ocupou-se de difundir a nova liturgia de culto recém-chegada. Na figura a seguir, um registro da parte interior do templo que ainda preserva as cadeiras do antigo cinema. A parte externa encontra-se registrada através da fotografia exposta na figura 13 do tópico anterior.

Figura 16: Interior do Templo da IUD

Fonte: Fotografado pelo autor – Templo sede em V/Conquista⁷⁶

Uma das características marcantes em relação às demais igrejas, consiste em abrir o seu templo todos os dias e em diversos horários com interesses específicos como uma espécie de cardápio da fé, conforme tabela a seguir:

Tabela 8: Horário de cultos localizado na porta da IURD⁷⁷

Pare de sofrer!
Congresso Empresarial Segunda às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00, 18:00 e 19:00 horas
Sessão do Descarrego Terça às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00 e 19:00 horas
Reunião da Salvação Quarta às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00 e 19:00 horas
Terapia do Amor Quinta às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00 e 19:00 horas
Libertação Total Sexta às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00 e 19:00 horas
Causas Impossíveis Sábado às 7:00, 10:00, 12:00, 15:00 e 19:00 horas
Corrente de mãos dadas com o clamor pela família e o fortalecimento espiritual Domingo às 7:00, 9:00, 15:00 e 18:00 horas

Fonte: Igreja Universal do Reino de Deus localizada na Av. Francisco Santos

⁷⁶ Fevereiro de 2022.

⁷⁷ Registro realizado em julho de 2016 no templo central da IURD em Vitória da Conquista. Retornando ao templo em Fevereiro de 2022, o banner com essas informações já não mais estava disponível devido às mudanças nos tipos e horários de culto.

A oferta apresentada é bastante sugestiva e tentadora para quem quer parar de sofrer. Estrategicamente por exemplo, numa segunda-feira para os empresários com problemas financeiros, com insucesso em seus negócios, com dificuldades para enfrentar adversidades econômicas, começar a semana em um culto dessa natureza, parece abrir as portas do céu revestido da autoridade divina. E numa relação de troca, os fiéis são levados às ofertas com a promessa da resolução milagrosa. Essa é uma característica marcante nas reuniões de culto como já foi possível identificar em pesquisa ação observante e em apontamentos apresentados por outros estudiosos da IURD.

Weber (2015), afirma que o condicionamento religioso do estilo de vida também é um dos fatores condicionantes da ética econômica. Essa é uma das ênfases utilizadas pela Igreja Universal do Reino de Deus. Nos programas televisivos e propagandas da IURD, Renascer em Cristo, programas de rádio da Igreja Pentecostal Deus é Amor, os depoentes quase sempre relacionam os milagres recebidos ao fato de procurarem aquelas igrejas, abrindo precedente para imaginarmos que sob a ótica do discurso apresentado, Deus está a serviço dessas igrejas e seus respectivos líderes e representantes.

Segmentos das igrejas chamadas históricas ou tradicionais, por compreenderem que a cruz foi lugar de sofrimento, ensinam que, o converso ao cristianismo, deve conviver resignadamente com o chamado: “tome a sua cruz e siga-me”, feito pelo próprio Jesus Cristo, conforme se observa no evangelho de Mc. 8:34⁷⁸. Sendo assim, contrapõem-se ao apelo que designam como materialista presente no neopentecostalismo do tempo presente.

Na obra “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, encontramos o trabalho de Ricardo Mariano que faz uma abrangente e importante leitura da temática, dialogando com os principais autores que têm se debruçado sobre o tema. Mariano (2014), apresenta o que chama de “tipologia das formações pentecostais”. Isso para ordenar o campo pentecostal com análise de sua dinâmica histórico-institucional. Assim, ele trabalha com o pentecostalismo a partir de três vertentes: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. O pentecostalismo clássico está associado à fase da primeira onda, o deuteropentecostalismo está associado à segunda onda pentecostal. “O radical *deutero* (presente no título do quinto livro do pentateuco) significa *segundo* ou *segunda vez* sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal.” (MARIANO, 2014, p. 32). Vamos nos ater a analisar o que o autor trata acerca do neopentecostalismo. Ricardo Mariano

⁷⁸ Tomamos como base, o texto do evangelho de Marcos 8:34 da Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, 1990.

considera o termo já consagrado pelos pesquisadores brasileiros⁷⁹ para classificar as novas igrejas pentecostais, cujo fator a ser destacado é que os estudos são todos da década de 90 do século passado. Isso reflete a atenção dos estudiosos para o fenômeno recente à época que estava mudando de forma contundente o cenário religioso protestante no Brasil.

O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi nomeado de carismático. Como deixou há muito de ser empregado nas tipologias norte-americanas, não confunde nem atrapalha nossa tarefa de classificação. No Brasil, porém, o termo neopentecostal tem sido empregado com maior imprecisão. (MARIANO, 2014, p. 33).

Essa imprecisão que pode ter ocorrido nos anos 90, reflete as dificuldades de se pontuar fenômenos muito próximos do pesquisador. Para historiadores por exemplo, esse é um desafio permanente quando se trata de história do tempo presente ou do tempo imediato. Destarte, para minimizar os efeitos dessa imprecisão é pertinente que se identifique algumas ênfases correspondentes às respectivas ondas do movimento pentecostal. “As igrejas da terceira onda enfatizam a libertação dos demônios, enquanto a primeira onda privilegia as línguas estranhas e a segunda, a cura divina.” (MARIANO, 2014, p. 36). Somado ao fator libertação dos demônios, junto à terceira onda, acrescenta-se a teologia da prosperidade.

[...] Sobre as características do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente. E não é só isso. Elas verdadeiramente agem como empresas e, pelo menos algumas delas, possuem fins lucrativos. Resulta dessas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com o sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação no mundo. (MARIANO, 2014, p. 36).

⁷⁹ Sobre os autores brasileiros, Mariano (2014, p. 33) destaca: Mendonça (1992;1994), Oro (1992; 1996), Azevedo Júnior (1994), Jardimino (1993;1994), Ruuth (1994), Mariano (1995), Mariz (1995), Domingues (1995), Barros (1995), Pierucci & Prandi (1996), Machado (1996), Campos (1996), Lehmann (1996), Birman (1997).

Esse primeiro aspecto ocupa um lugar recorrente no ambiente neopentecostal. Não há de se causar estranheza caso em alguma dessas igrejas, o pregador fale mais do diabo do que de Jesus, que esteja mais preocupado em “expulsar” o demônio do que levar o ouvinte a receber o Espírito Santo. Ainda sobre o neopentecostalismo, Ari Pedro Oro considera a difícil interpretação e as várias denominações apresentadas por boa parte dos autores aqui trabalhados, todavia, acrescenta que:

Além de seguir as principais crenças e doutrinas do pentecostalismo tradicional (atualização dos dons do Espírito Santo, inspiração pelo Espírito Santo e "batismo de fogo", conversão e libertação do "mal demoníaco", puritanismo de conduta e distância do "mundo"), o perfil das igrejas enquadradas nesses conceitos pode ser resumido, de forma ideal-típica, como segue: exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fieis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais. (ORO, 2001, p. 73).

No quarto aspecto abordado por Ricardo Mariano a partir dos estudos de Ari Pedro Oro quando enfatiza a questão empresarial, seguramente, o elemento financeiro entra em cena.

O tema da economia e, mais especificamente, a importância atribuída ao dinheiro pela maioria das igrejas neopentecostais é, de longe, o mais controvertido. Isto porque enquanto outras religiões tem uma relação dúbia e esquiva com o dinheiro, aquelas igrejas assumiram o seu interesse por ele; conferiam-lhe sentidos positivos, e nos seus templos circulam mensalmente milhões, e mesmo bilhões, de reais. Como consequência, embora algumas igrejas tenham fracassado economicamente, outras alcançaram um tal aumento do seu capital patrimonial que passaram a investir financeiramente em outras atividades não religiosas ou assistenciais, transferindo para elas as regalias próprias das instituições religiosas, forçando, assim, as fronteiras do campo religioso e suscitando questionamentos de sua relação com a sociedade e o Estado. (ORO, 2001, p. 76-77).

Não há dúvidas de que, o empreendimento empresarial desenvolvido pelo bispo Edir Macedo, foi dos mais bem sucedidos. Se considerarmos que sua igreja iniciada no final da década de 1970, é uma das maiores instituições religiosas do país, seu fundador pode sim ser considerado um grande empreendedor. Claro, não estamos nesse momento avaliando os elementos éticos ou os meios utilizados para esse fim. O portfólio em torno das frentes de

trabalho desenvolvidas pela Igreja Universal do Reino de Deus, envolve espaços como templos suntuosos em locais estratégicos de grandes cidades, pequenos templos e salões que variam de ruas principais a pontas de ruas de bairros, rede de comunicação envolvendo televisão, rádio, jornais impressos, editoras, entidades sociais, expansão internacional, e porque não dizer, o famoso “Templo de Salomão”.

McAlister (2009), afirma que se uma igreja se estruturar para cuidar de todos os seus indivíduos, ótimo, não importa o seu tamanho. Todavia, ele alerta que infelizmente não é isso o que acontece pois para juntar uma massa de gente que geralmente envolve a comunicação de massa, terminam usando artifícios que exploram a fé das pessoas, levando-as a doar cada vez mais, a ofertar cada vez mais.

Sobre um outro aspecto econômico, José Guibson Dantas (2015), enfatiza o contexto socioeconômico em que se deu o surgimento do neopentecostalismo. A hiperinflação e disparada dos índices de violência urbana nas grandes cidades do país. Estamos falando do final dos anos de 1970. “Foi nessa conjuntura de crise socioeconômica que essas igrejas passaram a funcionar, adotando uma postura evangelizadora adaptada à cultura urbana e influenciada pela televisão.” (DANTAS, 2015, p. 18). O autor salienta que o neopentecostalismo converteu-se num espaço onde as crenças e práticas do curandeirismo, tão comuns às periferias das grandes cidades, passaram a nortear os ditames religiosos que preenchiam demandas mais emergentes desse extrato social.

Esse tipo de evangelização, adaptado às características de cada grupo social, foi muito bem recebida pela população, que por sua vez permitiu ao neopentecostalismo criar uma liturgia mais próxima da complexa realidade cultural e social brasileira. Ritmos como o baião, o samba, o bolero e recentemente o rap e o rock foram incorporados à liturgia religiosa destas igrejas. Com isso, no espaço neopentecostal, o devoto católico esquecido pelo imobilismo territorial da paróquia passou a participar e pregar sua crença sem ter vergonha de si mesmo e de sua forma de vida. (DANTAS, 2015, p. 19).

Esse tipo de situação, reflete uma mudança de estratégia no comportamento das igrejas que vão surgir nesse período e que vai ser de fundamental importância para o crescimento que estas vão promover. Esse deslocamento periférico não será de caráter exclusivo da Universal do Reino de Deus ou do movimento neopentecostal. Ele abará uma maioria significativa das igrejas de linhagem pentecostal. Esse é um aspecto atualmente de fácil visualização, basta levarmos em conta os artefatos visíveis nas faixadas dos templos nos bairros, loteamentos, zona rural ou cidades por onde passamos. Nesse sentido, parte dessas informações nos remetem à segunda hipótese dessa pesquisa, aqui apresentada novamente.

A segunda hipótese é: a estrutura do sistema capitalista no formato em que é dado no Brasil, leva considerável parcela da população à uma série de dificuldades econômicas, provocando maior vulnerabilidade entre as pessoas de baixa renda, deixando frágeis os adeptos dos cultos nesses ambientes, a ponto de, sem uma capacidade suficientemente crítica aceitarem mais prontamente a “promessa do céu aqui na terra”. O surgimento das denominações pentecostais e neopentecostais se deu nas regiões centrais dos centros urbanos, posteriormente, expandiu-se tanto para as regiões periféricas das grandes cidades como para pequenas cidades e zona rural, situação ocorrida também no sudoeste baiano. Portanto, em espaços onde a ausência do estado é maior, caracterizado por baixa escolaridade, carência de saúde, ausência de segurança, saneamento básico e elevado índice de desemprego. Nesses locais, a propagação de teologia da prosperidade tornou-se preponderante por ter encontrado elevado número de pessoas na busca pelo sobrenatural, pelo poder do milagre diante de situações provocadas pelas desigualdades sociais. Sob a égide da irmandade, a igreja tornou-se um lugar de pertença e, conseqüentemente, lideranças religiosas transformaram os membros em eleitores elevando consideravelmente o número de políticos de confissão evangélica.

Outrossim, as arguições dos teóricos que foram trabalhados até aqui, e os demais apresentados na sequência, ajudam a confirmar tais afirmações. A expansão geográfica de cariz pentecostal e neopentecostal é de se impressionar. Dessa forma, os caminhos percorridos ajudam a lançar luz sobre o nosso olhar.

Em sua tese “Entra, Entra, “Inda Há P’ra Ti Lugar”: pentecostalismo e cidadania do negro no Brasil”, Paulo Cezar Borges Martins, já no corpo introdutório, quando aborda sobre a eclosão do pentecostalismo estudando a região metropolitana das cidades de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, afirma:

Começaria esta exposição sublinhando a enorme penetração dessas novas igrejas nos bairros populares que compõem o panorama social do entorno da região metropolitana de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta última, um simples deslocamento confirmará no visual aquilo que as estatísticas já anunciavam: o Rio seria hoje a capital brasileira menos católica. É comum, no cair da tarde dos domingos da periferia do Rio, que casais, homens e mulheres das mais diversas idades, e muitas crianças, muitas mesmo, todos vestidos com suas melhores roupas, perfumados, a caminho da igreja com suas Bíblias na mão, destoando, em tudo, dos ruidosos banhistas, alegria movida a uma honesta cervejinha, que àquela hora, da sua Ipanema nos muitos riachos da Baixada, voltavam para suas casas. (MARTINS, 2004, p. 02).

Embora o autor supra citado se refira ao pentecostalismo, não é demais lembrar que, existem traços comuns aos dois movimentos. Essa expansão periférica, em especial junto as

camadas de maior vulnerabilidade social é uma característica evidente. Nesse sentido, os dados abaixo ratificam essa afirmação quando o autor se utiliza de dados comparativos a partir de duas pesquisas apresentadas respectivamente por Francisco Cartaxo Rolim e Wilson Gomes:

Não se pode descrever o pentecostalismo sem uma referência aos estratos da sociedade de onde procede a maioria de seus recrutas. Nesse sentido, uma sequência caudalosa de dados vem robustecer a ideia da ancoragem pentecostal nas massas de excluídos. Nesse sentido, uma pesquisa sobre a inserção desses fiéis no mundo do trabalho, realizada na década de 70, computando 1160 entrevistas com crentes, numa área escolhida exatamente por ostentar três atributos em geral propostos como correlacionados com a presença dessa modalidade de protestantismo e que seriam migração, urbanização e industrialização (ROLIM,1985:176,179). Foram, assim, esquadrihados os municípios de Nova Iguaçu, São João de Meriti e Paracambi, todos integrantes da região metropolitana do Grande Rio. Apurou-se, nessa amostra, que, tomadas em conjunto, as categorias operários industriais e trabalhadores rurais não ultrapassaram 13,6% do total, cifra esta muito pequena diante dos demais 86,4%, onde estavam incluídos assalariados em serviços, comércio e transportes, executores de serviços nas indústrias, pequenos comerciantes e artesãos. Cabe dar relevo, no interior dos segmentos que compuseram esse último e maior percentual, os seguintes sete grupos profissionais que contaram, em ordem decrescente, com o maior número de casos:

- empregadas domésticas;
- serventes, jardineiros e porteiros;
- balconistas;
- motoristas e cobradores de ônibus;
- costureiras e auxiliares de escritório/datilógrafos;
- feirantes;
- militares na graduação de cabo e carpinteiros.

Em 1989, portanto quase 20 anos depois, um segundo levantamento, desta feita restrito aos fiéis da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, na cidade do Salvador, detectou que as afiliações provinham praticamente do mesmo estrato social identificado na cidade do Rio: 90% eram mulheres, das quais 69,7% exerciam serviços domésticos não remunerados em suas próprias casas; já, no meio das restantes 30% que recebiam pagamento em contrapartida ao exercício de sua atividade, apenas 5% percebiam mais de um salário mínimo. No universo composto por todos os que forneceram dados para essa investigação, a renda familiar não ultrapassou o teto de 2 mínimos. (GOMES:1993), (MARTINS, 2004, p. 99-100).

Analisando um outro aspecto importante, e aqui tomando os nomes externos fixados nas faixadas dos templos, muitas das igrejas não apresentam esse artefato visível que possa ser vinculado à uma instituição tradicionalmente conhecida por exemplo. Essa constatação fornece pistas importantes para afirmarmos que essa difusão híbrida de nomes possui características tanto pentecostais como neopentecostais. Não vamos encontrar uma igreja que tenha a inscrição

Igreja Neopentecostal X, Y ou Z. Muito comum as palavras “Pentecostal, Fogo e Milagres”. Destacamos abaixo o registro fotográfico de algumas igrejas na cidade de Vitória da Conquista:

Figura 17: Casa da Benção a Igreja da Família



Fonte: Fotografado pelo autor – Templo Rua Casemiro Cardoso – Alto Maron, V/Conquista⁸⁰

Essa fotografia revela duas situações importantes. Embora na foto o nome não tenha ficado tão legível, fiz o registro em um ângulo lateral para identificar que ao lado não existe nenhuma residência ou estabelecimento comercial, sendo uma área aberta relativamente grande. Ela está localizada no final da rua. É uma identificação da instalação de igrejas nas áreas extremas, como já foi dito sobre a expansão periférica do pentecostalismo. A outra situação, diz respeito ao nome. Ou seja, das instituições tradicionalmente conhecidas, ela não carrega a “placa”, Católica, Batista, Assembleia, Presbiteriana, Metodista, etc. Simplesmente o nome “Casa da Benção a Igreja da Família”. O que me leva a afirmar pelo registro externo que pode ser uma igreja de linhagem pentecostal, é que, na pequena placa logo ao lado direito da porta de entrada existe a informação sobre os dias de culto onde na terça feira diz: “Campanha de Cura Divina às 19h”.

Com efeito, foram feitos outros registros que ajudam a confirmar a segunda hipótese da pesquisa bem como identificar a congruência entre o que dizem os teóricos e como essas igrejas podem ser vistas no contexto da pesquisa de campo.

⁸⁰ Março de 2022.

Figura 18: Igreja Pentecostal Vale da Benção

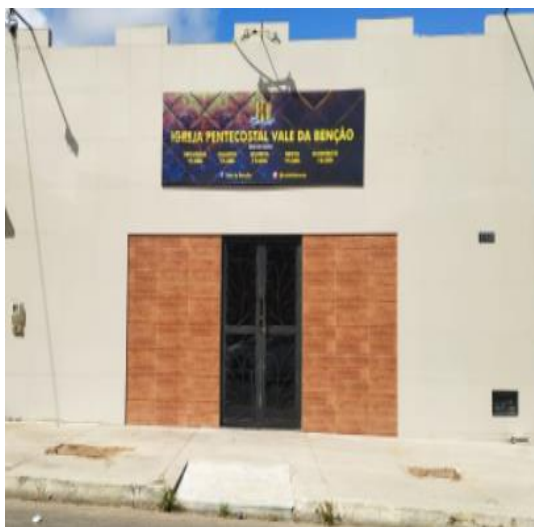


Figura 19: Igreja Evangélica Guarda de Israel



Fonte: Fotografado pelo autor – Templos localizados na Rua Constelação – Alto Maron (antigo Loteamento Panorama), V/Conquista⁸¹

Figura 20: Igreja Pentecostal Vasos do Oleiro

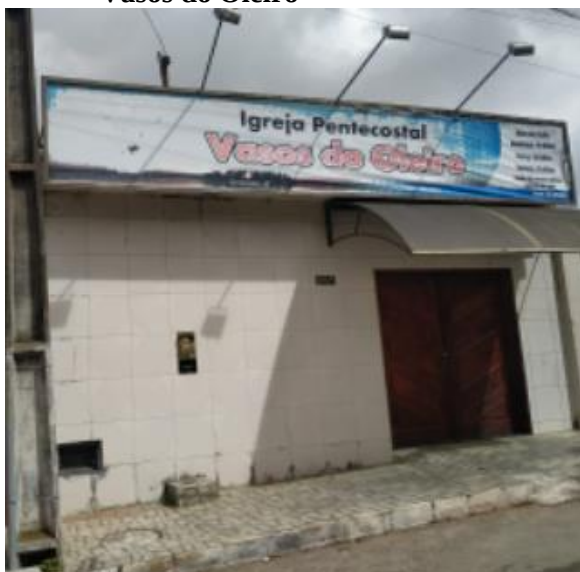


Figura 21: Igrejas Universal e Batista Lírio dos Vales



Fonte: Fotografado pelo autor – Templos localizados na Av. Rosa Cruz – Alto Maron, V/Conquista⁸²

⁸¹ Março de 2022. Embora os registros oficiais indiquem Bairro Alto Maron, o antigo Loteamento Panorama tomou uma dimensão geográfica de Bairro, motivo pelo qual seus moradores se refiram a esse local como Bairro Panorama.

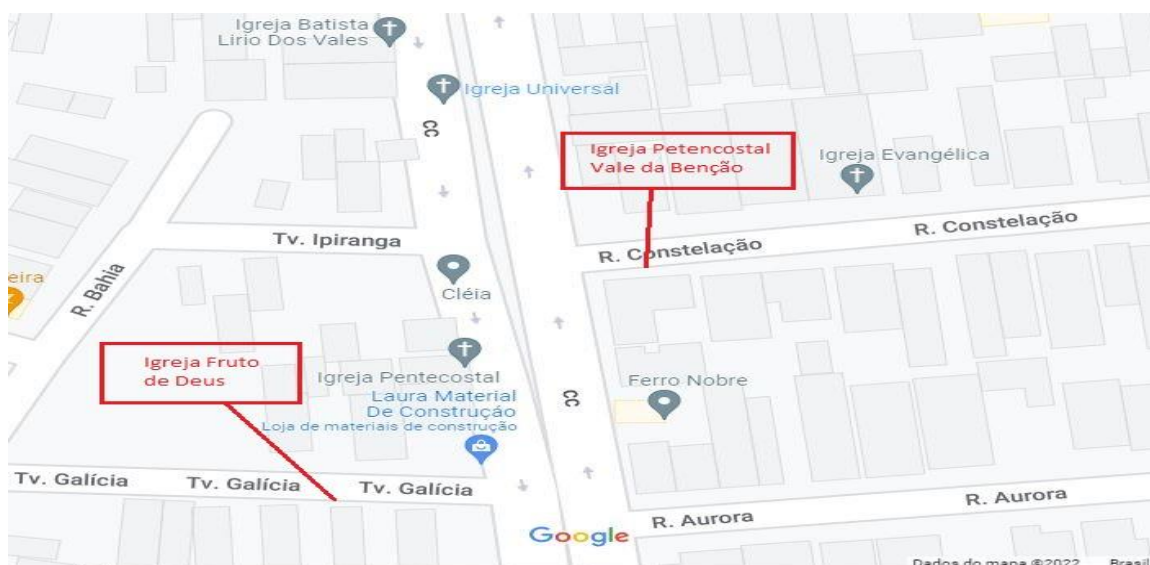
⁸² Idem.

Figura 22: Igreja Frutos de Deus Transformando Vidas



Fonte: Fotografado pelo autor – Tv. Galícia – Alto Maron, V/Conquista

Figura 23: Mapa com panorama da localização de igrejas próximas



Fonte: Google Maps⁸³

As imagens das figuras 18 – 21, mais o mapa da figura 23⁸⁴, dão conta de seis igrejas localizadas muito próximas. A figura 21 traz duas igrejas, uma ao lado da outra. Essa parte da cidade é uma região mais periférica cercada por loteamentos que surgem numa área mais alta e relativamente próxima à rodovia que faz o contorno do anel viário. Ressalta-se que, nessa

⁸³ Maio de 2022.

⁸⁴ Os quadros com as igrejas acrescentadas em vermelho é porque não consta na informação atual do Google Maps, porém, conforme figuras 18 e 22, essas igrejas funcionam no local informado.

mesma localidade encontra-se elevado número de outras igrejas de variadas denominações. Abaixo, igrejas situadas em uma mesma rua:

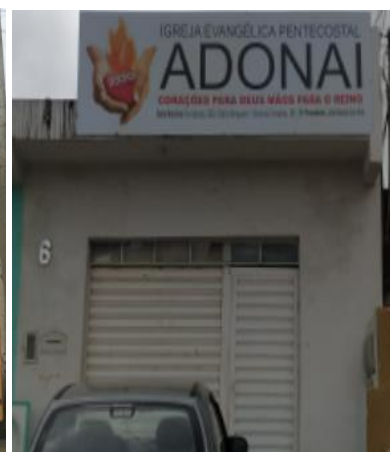
Figura 24: Igreja Evangélica Brilho da Paz



Figura 25: Igreja Evangélica Santidade ao Senhor



Figura 26: Igreja Evangélica Pentecostal Adonai



Fonte: Fotografado pelo autor – Rua Bela Vista – Lot. Parque Santa Cecília, V/Conquista⁸⁵

Atravessando a cidade em direção à região oeste já que Vitória da Conquista é cortada quase que ao meio por uma das principais rodovias federais do país, a BR-116 (Rio-Bahia), nos dirigimos aos bairros Campinhos e Simão, onde não encontramos apenas a farinha, os biscoitos e chimangos tão deliciosos e marcantes como atividade econômica dessa região. Por lá também, a partir do levantamento em uma mesma avenida, foram identificadas algumas das muitas igrejas existentes nos referidos bairros.

Figura 27: Igreja Eterna Água da Vida



Fonte: Fotografado pelo autor – Av. Jádriel Vieira Matos – Campinhos, V/Conquista⁸⁶

⁸⁵ Fevereiro de 2022.

⁸⁶ Fevereiro de 2022.

Observa-se nessa imagem a simplicidade do local. Uma garagem estreita com uma grade coberta por algo parecido com um plástico. Reflete a expansão periférica das igrejas em locais antes improváveis para o ambiente cltico. Na mesma Avenida, fizemos outros registros:

Figura 28: Igreja Internacional de Adoração e Avivamento



Figura 29: Assembleia de Deus Ministério Formosa



Fonte: Fotografado pelo autor – Av. Jadel Vieira Matos – Campinhos, V/Conquista⁸⁷

Figura 30: Igreja Pentecostal Ardendo em Fogo



Figura 31: Igreja Evangélica das Nações Altar em Chamas



Fonte: Fotografado pelo autor – Av. Jadel Vieira Matos – Campinhos, V/Conquista⁸⁸

⁸⁷ Fevereiro de 2022.

⁸⁸ Idem.

Ainda na pesquisa de campo, foi possível identificar pelo menos três igrejas em endereços distintos sob influência daquilo que Alencar (2018) chama de matizes essencialmente estrangeiras com o deslumbramento gospel em relação aos EUA. Em ambas foram encontradas a expressão “Church”.

Figura 32: Bola de Neve Church⁸⁹



Figura 33: Plenitude Church⁹⁰



Fonte: Fotografado pelo autor⁹¹

Figura 34: Santo Nome Church⁹²



Fonte: Fotografado pelo autor⁹³

⁸⁹ Rua Coronel Gugé – Centro, V/Conquista.

⁹⁰ Avenida Antônio Nascimento – B. Cruzeiro.

⁹¹ Abril de 2022.

⁹² Avenida Expedicionários – Bairro Recreio, V/Conquista.

⁹³ Abril de 2022.

Além das imagens, tomei o cuidado de fazer um levantamento dos nomes de algumas igrejas com esse perfil na cidade estudada. Os dados confirmam que o movimento pentecostal de Vitória da Conquista segue uma tendência nacional, pelo perfil dos nomes, pelos tipos de imóveis utilizados, por sua expansão periférica. Assim, no quadro a seguir, temos uma mostra de parte dessas igrejas:

Quadro 7: Nomes de igrejas localizadas em Vitória da Conquista – Ba

Igreja Pentecostal Mansão Dourada	Igreja Pentecostal Apóstolos de Jesus	Igreja Pentecostal Árvore de Amendoeira	Igreja Pentecostal Deus é Caridade
Igreja Pentecostal Encontro dos Vasos	Ministério Socorrista Evangélico	Igreja Apostólica Pentecostal do Brasil	Igreja Evangélica União de Deus
Igreja Pentecostal Administrando Fogo de Deus e Poder	Igreja Pentecostal Manto de Mistério e Fogo	Igreja Pentecostal Primitiva o Universo para Cristo	Igreja Internacional dos Milagres de Deus
Igreja Pentecostal Deus é Amor	Igreja Internacional Soldados da Cruz	Igreja Mundial do Poder de Deus	Igreja Pentecostal Deus Proverá
Igreja Evangélica 03 Colunas Resgatando Israel	Comunidade Evangélica Missão da Última Hora	Igreja Assembleia de Deus Coluna de Fogo	Comunidade Evangélica Restaura Meu Altar
Igreja Pentecostal Deus é Juízo, Justiça e Amor	Igreja Casa de Oração Estes Sinais Seguem ao que Crê	Igreja Pentecostal Vale dos Milagres do Poder de Deus	Igreja Pentecostal Nova Aliança de Fogo
Igreja Obra de Restauração	Igreja Pentecostal as tuas Lágrimas eu Colhi	Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil	Igreja Ministério da Restituição
Igreja União Pentecostal Livre	Igreja Pentecostal Labareda de Fogo	Igreja Evangélica Brasa Viva no Altar	Templo Mundial da Restauração
Igreja Pentecostal Cristo é Vida no Brasil	Igreja Pentecostal Avivamento para o Mundo	Igreja Pentecostal Continuidade dos Apóstolos	Igreja Evangélica Pentecostal Semeando Fogo
Igreja de Jesus Livre Pentecostal	Igreja Pentecostal Refúgio dos Profetas	Templo dos Milagres	Igreja Obra Pentecostal
Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo	Igreja Pentecostal no Universo	Igreja Pentecostal de Jesus Cristo	Igreja Pentecostal Mãos Ungidas

Fonte: Rádio Melodia FM 87,9⁹⁴

Levando-se em consideração igrejas e congregações⁹⁵ as estimativas indicam cerca de 800 a quantidade no ano de 2020 em Vitória da Conquista. Das várias verificações realizadas nos bairros e loteamentos, foi possível identificar a presença de algum tipo de igreja. As

⁹⁴ A Rádio Melodia tradicionalmente tem em seu expediente programas realizados por diversas igrejas evangélicas. Por ser portadora dessa programação, possui um banco de dados onde costuma ter os registros das igrejas existentes na cidade.

⁹⁵ Termo utilizado pelas igrejas quanto às suas filiais. Normalmente são espaços menores onde através de um pequeno grupo dá-se início ao que chamam de “novo trabalho” cujo objetivo é o seu crescimento até se tornarem igrejas.

palavras-chave, fogo, milagres, poder, igreja evangélica, pentecostal, cura, foram predominantes. Na sua maioria, quando não estavam nas placas de identificação da igreja, estavam nas informações sobre os dias, horários, tipos de culto, numa espécie de cardápio da fé. Essa pequena amostra já suscita um complexo debate teológico entre as igrejas históricas e as neopentecostais que se contrapõem em relação ao discurso da teologia da prosperidade. Por exemplo, uma igreja que carrega em seu nome “Milagres de Deus”, apresenta um apelo ao elemento físico, a cura. Essa concepção de milagres nas igrejas históricas como a Igreja Batista, aponta um caminho de ordem espiritual, o milagre da salvação, a transformação de vida, ou seja, a eternidade.

Qual o significado de nomes como “Árvore de Amendoeira”? “Semeando Fogo”? O fogo pode ter um sentido de poder, mudança ou purificação, mas pode ser compreendido também como algo que destrói até porque nos trâmites teológicos o fogo pode ser visto como lugar de condenação. E o “Avivamento para o Mundo”? As igrejas históricas apontam em suas prédicas o avivamento para Deus – a contradição está posta. Essas são algumas analogias sobre os contrapontos encontrados entre uma Igreja Batista, dita tradicional em relação ao movimento pentecostal e conseqüentemente também o neopentecostal.

Há que se ressaltar ainda, que, é possível que os nomes das igrejas de dúbia conotação, reflitam o baixo grau de escolaridade encontrado em muitos dos líderes religiosos dessas igrejas, em que, boa parte deles não possuem escolaridade completa nem formação em teologia, indicando uma fragilidade teológica ao apresentarem as nomenclaturas dos seus templos. A baixa escolaridade também se verifica em boa parte de sua membresia. José Guibson Dantas, afirma que:

Uma prova latente da preocupação do neopentecostalismo em aproximar-se da cultura urbana que norteia seu público é o fato das principais igrejas neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Reino de Deus) não exigirem estudos teológicos dos seus pastores, que são geralmente convocados entre os obreiros – homens e mulheres que frequentam a igreja há pelo menos três meses e que demonstram possuir uma relativa competência nas práticas de culto. (DANTAS, 2015, p. 20).

A interpretação apresentada pelo autor, defere que a visão doutrinal dessas igrejas, que privilegiam o que chamam de inspiração divina e o domínio da linguagem popular para a cooptação de fieis, repercute o despreparo pelo nível de conhecimento teológico desses pastores. Daí advém outra questão, que é a realidade de as igrejas neopentecostais não terem uma forma única ou exclusiva de governo nem estruturas administrativas definidas, onde cada

segmento termina por adotar a forma que considera mais adequada e conveniente aos seus interesses. “Em vez de preocupar-se com a qualidade dos ensinamentos bíblicos, elas preferem explorar a figura de um líder forte e carismático que incute nos adeptos a ideia de que o pastor é ‘ungido do Senhor’ e que, por isso, não pode ter seu comportamento questionado.” (DANTAS, 2015, p. 20-21).

Com efeito, a laicidade do estado garantida pela Constituição, não oferece maior rigor ou maiores restrições às práticas de culto de linhagem protestante no Brasil. Essa expansão religiosa pode crescer ou decrescer. Se por um lado os políticos de confissão evangélica acreditam nessa expansão, por outro, os chamados crentes desigrejados crescem a cada dia desvinculando-se de alguma forma da Instituição Igreja por não ter mais a confiança que dantes lhes era devida, como veremos um pouco mais adiante ainda nesse capítulo.

4.4 A MÚSICA (EU)VANGÉLICA

O termo em destaque, é inspirado no tema “Eu”vangélicos?⁹⁶ muito provavelmente de autoria de Livan Chiroma Veiga. O autor levanta um questionamento se no século XXI, a música protestante ressoou a transformação de uma sociedade brasileira tendendo ao individualismo. Para tanto, fez uma análise comparativa coletando as cinco palavras mais usadas nas canções cristãs evangélicas em dois momentos históricos diferentes da música protestante brasileira. Comparou composições das canções do "Hinário Cristão", utilizado por protestante das denominações tradicionais, com uma compilação de letras contemporâneas aleatoriamente escolhidas de diversos artistas ligados a multinacionais como Sony e Som livre, que entraram no mercado gospel a partir de meados dos anos de 2000, criando versões evangélicas de seus selos musicais. Os resultados foram bem interessantes. Para as músicas das gravadoras multinacionais “gospelizadas”, as palavras de maior incidência foram: Deus; Eu; Quero; Meu; Senhor. Para as músicas da Harpa Cristã, o resultado foi: Jesus; Cristo; Amor; Deus; Senhor.

Com os dados analisados em termos percentuais, 60% das palavras mais usadas nas "gravadoras são os vocábulos "Eu, Quero, Meu", 40% as palavras "Deus" e Senhor". No "Hinário Tradicional" 100% dos verbetes não tem o foco no indivíduo, mas, em "Jesus",

⁹⁶ Trata-se de um pequeno texto encontrado na internet intitulado: “Eu”vangélicos? Publicado com o endereço eletrônico lchiroma.blogspot.com.br/2015/04/euvangelicos.html. O acesso foi feito em 2015. No momento, para o endereço eletrônico mencionado a informação é de que o blog foi removido. No corpo do texto, não há a assinatura do autor. Baseado no endereço do blog e outros levantamentos, chegou-se ao provável autor.

"Cristo", "Amor", "Deus", "Senhor". O que esses dados nos mostram? Que há uma evidente transição no enfoque teológico da música evangélica, para muitos, também conhecida como música gospel.

No cristianismo, a ancestralidade musical encontra-se em Jubal, narrado no Gênesis por sua relação com a harpa e a flauta.⁹⁷ Outros personagens bíblicos importantes e bastante conhecidos no meio cristão, cantaram louvores e dançaram, normalmente em gratidão e como oferta e tributo a *Javé*. O maior livro da Bíblia, Salmos, é a melhor representação desses louvores.

Respalado na ideia de louvor e adoração, percebe-se que os fundamentos da música cristã tem sido abalados por conta da teologia da prosperidade. Se o louvor pode ser associado à exaltação de uma divindade, e, adoração/*adorare*, como adoração a Deus, a partir do movimento neopentecostal, tem ocorrido uma inversão de sentido quando o indivíduo se apresenta em muitas letras da música gospel. Essa individualização é recorrente quando o louvor que em tese deveria ser à divindade, passa a ser a alguém onde o Deus referido nas canções deve estar à disposição para atender aos requisitos “eu quero”, “eu ordeno”, “restitui”, “me dá o que é meu”, de quem no lugar de estar para oferecer, encontra-se para pedir. Essas mudanças, para além dos adeptos da teologia da prosperidade, tem influenciado outros segmentos do cristianismo onde esse tipo de música vem sendo utilizada de forma recorrente.

Segundo Taylor Pedroso de Aguiar, o caminho percorrido até que a música evangélica no Brasil se tornasse um “quase-sinônimo” do gospel foi um percurso de longa distância. “A identificação musical dos evangélicos brasileiros com o gênero gospel está situada originalmente em um processo que se inicia por volta dos anos 1980 e se intensifica na década de 1990.” (AGUIAR, 2018, p. 98). Essa influência marcada por esse segmento, é originária dos Estados Unidos, país que já tinha o gênero gospel há algumas décadas. As investigações de Taylor Aguiar apontam para uma música produzida e reproduzida nas igrejas históricas quanto nas de orientação pentecostal, inteiramente devedora do legado da hinologia protestante tradicional, introduzida nas igrejas brasileiras por missionários estrangeiros e imigrantes. Com o passar do tempo, essa hinologia tradicional foi cedendo espaço aos chamados “corinhos”, onde novos instrumentos musicais como violão, guitarra, bateria e outros de percussão passaram a ser introduzidos nos cultos, primeiramente nos meios pentecostais, e posteriormente no segmento tradicional, que com uma certa resistência foram obrigadas a fazer concessões principalmente junto à juventude, principal responsável pela vanguarda dessa mudança.

⁹⁷ Gênesis 4:21.

Dessa forma, surgiram solistas, duplas, grupos, conjuntos, bandas, ministérios de louvor, etc. O acesso aos meios de comunicação e o próprio mercado musical gospel, tem tornado esse gênero musical amplamente conhecido no cenário nacional. Por conta da constante musicalidade inserida na liturgia cútica, as igrejas cristãs de um modo em geral, representam um importante celeiro de talentos musicais. Dito isto, é muito comum nos programas musicais televisivos, quando candidatos se lançam com o objetivo de tentar a carreira musical, depoimentos afirmando ter começado a cantar ou tocar na igreja. Taylor Aguiar acrescenta que:

Com a consolidação do gospel, novos estilos musicais, outrora considerados “mundanos” e incompatíveis à vida religiosa, adentraram o repertório das igrejas brasileiras. Os novos padrões da música evangélica modificaram as configurações rituais dos cultos, promovendo um novo e mais diverso panorama musical e estimulando a criação de um mercado fonográfico identificado com o público evangélico. Composições de cantores de rock gospel, rap gospel, sertanejo gospel, entre vários outros estilos musicais, tornaram-se populares e se disseminaram através das mídias. Por mais que diferissem estética e musicalmente entre si, esses estilos variados eram – e ainda permanecem sendo – identificados sob o mesmo selo no mercado fonográfico: o do gênero gospel. (AGUIAR, 2018, p. 99).

Inspirado na metodologia utilizada por Livan Chiroma, destaco um grupo musical do segmento evangélico brasileiro que surgiu no século passado, para uma rápida análise comparativa com outros grupos e cantores mais recentes no que diz respeito à relação do tributo de adoração a Deus e a busca pelo preenchimento do “Eu”. O grupo musical escolhido foi Vencedores Por Cristo – VPC e diversos outros conforme tabela.

Vencedores Por Cristo, inicialmente conhecido como PROJETO7, este último foi o nome dado pelo Pr. Jaime Kemp, jovem norte-americano, casado com Judith Kemp, que estava no início do seu ministério. A exemplo de outras ações missionárias vindas dos EUA, Kemp desembarcou no Brasil em 1966/67 e em Julho de 1968, começava seu ministério através da Sepal - Serviço de Evangelização para a América Latina. O projeto a que se propunha, tinha por objetivo formar uma equipe de jovens universitários e pré-universitários para receberem um treinamento bíblico, teórico e prático usando o período de férias escolares. O nome PROJETO7, logo foi substituído por Missão Vencedores Por Cristo. Começava, então, um ministério voltado ao discipulado de jovens. Tinham por critério selecionar jovens de diversas denominações de igrejas evangélicas que recebiam treinamento por um período de três meses, onde a música juntamente com testemunhos de vida foi o meio de comunicação adotado para falarem de Deus de forma alegre e descontraída. Após 10 anos sob a direção do Pastor Jaime Kemp, em 1978 Vencedores Por Cristo passou a ser um trabalho inteiramente brasileiro. A

música sempre foi o meio de comunicação adotado por VPC, tendo letras com conteúdo bíblico, instrumentos modernos para a época com ritmos diversos e uma comunicação direta com o jovem. Foi o início de uma grande mudança que a igreja brasileira passaria nos anos seguintes. Cada vez mais, os jovens se envolviam com Vencedores Por Cristo. Até 1997, 56 equipes com mais de 450 pessoas passaram pelo treinamento. Além do Brasil já estiveram no Canadá, República Dominicana, Estados Unidos e Portugal. Os seus álbuns formam um quantitativo superior a 300 músicas.⁹⁸

Jovens músicos cantores, instrumentistas e compositores, influenciados pelos diversos ritmos musicais que transformavam a cultura na época dos anos de 1970, começavam a receber essa influência, e a parte boa é que, parte desses jovens também estavam na igreja, mesmo com os enfrentamentos que muitos deles teriam ao serem acusados de levar para a igreja uma “música mundana”. Um deles, Quico Fagundes, faz o seguinte relato:

É importante destacar que no início dos anos 70, estávamos vivendo uma época extremamente fértil na música popular brasileira, onde se destacavam talentos fantásticos como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Carlinhos Lira, Elis Regina, Baden Powell, Luis Bonfá, Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Fernando Brant, MPB4, Os Mutantes e se revelavam garotos mais próximos da nossa geração, como Gonzaguinha, Ivan Lins, Toquinho, João Bosco, Aldir Blanc, Secos e Molhados, Nei Matogrosso, os mineiros Toninho Horta, Wagner Tiso, Flávio Venturini, Beto Guedes, Lô Borges, Moraes Moreira e os Novos Baianos, os nordestinos Fagner, Belchior e Alceu Valença, os gaúchos Kleiton e Kledir e vários outros. Que geração de peso, hein? (FAGUNDES, s/d, p. 01).⁹⁹

Interessante que o autor ratifica a influência fortemente bossa-nova que inspirou alguns dos bons músicos que de alguma forma estariam ligados não só aos Vencedores Por Cristo, mas que, impactariam a música sacra cristã protestante. Nomes como Jaime Kemp, Sérgio Pimenta, Guilherme Kerr, Jorge Camargo, Aristeu Pires Jr., Quico Fagundes, João Alexandre, Uacyr e Lucitânia Verotti, Luiz e Ângela Caseira, etc, Desses, não se pode deixar de destacar Sérgio Paulo Muniz Pimenta, que vítima de um câncer aos 32 anos de idade, veio a óbito em 1987, sem que antes deixasse uma vasta e inspiradora obra musical de mais de 300 composições, muitas delas até hoje cantadas e ouvidas pela geração daquela época e tantos outros do tempo presente nos diversos templos evangélicos espalhados por esse imenso Brasil. Os músicos

⁹⁸ Disponível em: www.vpc.com.br. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁹⁹ Com jeito de Pimenta e com sabor de Deus. Disponível em: www.monergismo.com. Acesso em: 10 set. 2020.

evangélicos das gerações posteriores que prezam por uma música de qualidade não podem fazê-lo sem se render ao talento de Sérgio Pimenta. Sobre este, Quico Fagundes afirma que:

Sergio Pimenta foi um dos principais compositores evangélicos brasileiros. Participante da primeira geração de autores nacionais de Vencedores por Cristo, foi presença obrigatória em todos os principais discos e grupos musicais dos anos 70 e 80, como compositor, violonista e cantor. Autor de músicas como cada Instante, Você pode ter, Quando a glória, Pescador, Ele é o teu louvor, Tudo ou nada, Vou chegar, Resposta certa, Aquele que me ama, É preciso, Vem comigo, Fruto da semente, Para sempre e mais, Quando se está só, A moça do poço, O que me faz viver, Fonte, Só quem sofreu, e mais de 300 composições, será lembrado para sempre como um músico de Deus, um original raro, autor de canções dignas do “amor que jamais acaba” e legítimo herdeiro de I Co. 13. (FAGUNDES, s/d, p. 01).

O estilo musical que encantou e influenciou toda uma geração de jovens em muitas das igrejas da época, também foi o mesmo que promoveu elevado número de exclusão. Segundo relatos de Quico Fagundes, no final da década de 1970, com o lançamento do disco “De vento em popa”, Vencedores Por Cristo revolucionou a música evangélica brasileira. Fagundes levanta e responde a um questionamento: “o que esses garotos realmente fizeram?” Afirma que nessa época instrumento sacro, só órgão e a música só de coral e a cantada nos templos, 99% de hinos tradicionais europeus e americanos traduzidos. As mudanças musicais introduzidas pela juventude da época era rigidamente policiada pelos anciãos e equipe pastoral. Dessa forma, os jovens cantores, compositores, instrumentistas com violões, guitarras, contra-baixo, bateria e percussões com ritmos sob influência da bossa-nova, samba, baiões, frevos e com o alcance que os Beatles exerciam no mundo, essa música não poderia ser aceita na igreja. Era assim que pensava a liderança da época. “Houve conflito e confronto mesmo. Muitas igrejas não perceberam que os tempos tinham mudado e perderam gerações inteiras de jovens.” (FAGUNDES, s/d, p. 01). O autor considera que o grande mérito de Vencedores Por Cristo, foi fazer uma música de alta qualidade cantável tanto na igreja como no teatro. Perceberam que o importante não era contestar o sistema e sim, alcançar as pessoas, principalmente a mocidade e foi assim, sem guerrilha, que conquistaram a todos, abrindo portas para diversos outros grupos nacionais divulgarem seu trabalho.

Uma coisa pode-se afirmar das equipes que compuseram o ministério musical Vencedores Por Cristo: cantavam uma teologia genuinamente bíblica, voltada para o louvor, exaltação e adoração a Deus, na acepção da palavra.

Ao contrário de VPC, muitos outros ministérios, grupos e cantores de carreira solo, passaram a promover um deslocamento teológico voltado para a preocupação com o “Eu”, com

o sujeito empoderado, vencedor, “adorador” de um Deus à disposição para suprir seus desejos e necessidades. Esse deslocamento coincide com a expansão do movimento neopentecostal e com os aportes nos meios de comunicação de massa, sobretudo com as várias mídias responsáveis pelas transformações na difusão da informação em meio ao aparato forjado pelas tecnologias digitais. O surgimento desses novos grupos variam desde as duas últimas décadas do século XX, até os tempos atuais. Especialmente no percurso do século XXI a expansão foi maior, principalmente com a entrada de gravadoras chamadas seculares no mercado gospel e divulgação televisiva. Dessa forma, a tabela abaixo traz um breve comparativo para reflexão:

Tabela 9: Músicas diversas¹⁰⁰

MÚSICAS CANTADAS POR VENCEDORES POR CRISTO	MÚSICAS CANTADAS POR GRUPOS E CANTORES DIVERSOS
De Vento Em Popa Abre o coração, derruba a muralha! Deixe que Jesus te abrace também, Deixe que inunde o amor que não falha, É o desejo de quem só te quer bem, Canta ao mundo inteiro uma vida tão linda, Conta o que é ter perdão pelo amor. Quantas bênçãos há na graça infinda. Vive pra Jesus o Senhor!	A Casa É Sua (Casa Worship) Apareça Que o Teu nome cresça Enche este lugar Enche este lugar Apareça Que o Teu nome cresça Vem me incendiar Vem me incendiar
Buscai Primeiro Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça. E tudo mais vos será acrescentado Aleluia, Aleluia Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra. Que procede da boca de Deus Aleluia, Aleluia	Algo Novo (part. Lukas Agostinho) Kemuel Eu quero viver algo novo Faz meu coração arder de novo Fazendo todo medo desaparecer Trazendo sobre mim um novo amanhecer Eu quero viver algo novo Incendeia, incendeia Incendeia, incendeia
Então Se Verá Então se verá, o Filho do Homem Vindo sobre as nuvens com poder e glória Porque assim como um relâmpago Que sai do oriente e se mostra no ocidente Assim há de ser a vinda do Filho do Homem.	Primeira Essência (Aline Barros) Estou no meu jardim Tranquei a porta, abri meu coração Reguei minhas raízes com minhas lágrimas Gotas de adoração Te adoro, te adoro Vem sobre mim, Senhor
Cantai Ao Senhor Cantai ao Senhor, um cântico novo Cantai ao Senhor, todas as terras Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome Proclamai a sua salvação	Força (Bruna Karla) E quando a dor aperta o meu coração E fico sem resposta em meio à solidão Escuto a sua voz me chamando para vencer
Satisfação	Adonai (Ministério Frutificará)

¹⁰⁰ As letras musicais não estão completas. Trata-se de fragmentos das músicas cantadas pelos/as cantores/as ou grupos informados. Ver letra completa no site que serviu de fonte para as informações colhidas. O site também disponibiliza áudio ou vídeo para cada música mencionada.

Satisfação é ter a Cristo Não há melhor prazer já visto Sou de Jesus e agora eu sinto Satisfação sem fim	Preciso ver tua face Quero teu fogo Adonai Quero tua glória Adonai
Rei das Nações Grandes são as tuas obras Senhor Todo-Poderoso Justos e verdadeiros são os teus caminhos Grandes são as tuas obras Senhor Todo-Poderoso Justos e verdadeiros são os teus caminhos	Debaixo do meu pé (Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul) Eu fui no terreno do inimigo E eu tomei tudo que me roubou Tomei tudo o que me roubou Tomei tudo o que me roubou. Mas eu fui no terreno do inimigo E eu tomei tudo o que me roubou
Glória Pra Sempre Glória pra sempre, ao Cordeiro de Deus A Jesus, o Senhor, ao Leão de Judá A raiz de Davi, que venceu e o livro abrirá O céu, a terra e o mar, e tudo o que neles há O adorarão, e confessarão: Jesus Cristo é o Senhor!	Investe Em Mim (Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul) Investe em mim, Senhor Pois quero Te honrar Investe em mim, Senhor Estou no Teu altar Dá-me da graça e da unção do Teu espírito Glorifica o Teu nome em mim, Senhor
Ao Que Está Sentado Ao que está sentado No Trono e ao Cordeiro Seja o louvor E a honra, e a glória E o domínio Pelos séculos dos séculos Amém!	A Luz do Teu Rosto (Comunidade Evangélica de Maringá) E eu vou, a cada dia te buscar Se estou andando vou correr Se eu correr quero voar E eu vou, a cada dia me chegar Pra te encontrar amado meu Nas asas do espírito eu vou Cada vez mais alto, eu vou
Teu povo É o teu povo aqui presente, Todos numa só voz Declarando que só tu és grande. Exaltamos teu doce nome Pelo amor, pela cruz, por teu filho Jesus	Vem Queimar Em Mim (Comunidade Evangélica Renascer) Espírito Santo Quero teu fogo Espírito Santo Vem queimar em mim Vem queimar em mim Fogo, Fogo, Fogo, Fogo
Deus Somente Deus Deus, somente Deus, Domina o trono do universo, Que a voz da criação, Se erga para dar Louvor somente a Deus	Profetizo (Regis Danese) Profetizo uma palavra de cura sobre a sua dor Profetizo um rio de vida no lugar que secou Eu declaro que hoje o seu choro se acabou Assim diz o Senhor, assim diz o Senhor Profetizo, profetizo, profetizo Profetizo, profetizo, profetizo A benção do Senhor

Fonte: www.letras.mus.br¹⁰¹

¹⁰¹ Acesso em: 18 jun. 2021.

Muito embora haja essa coincidência de expansão paralela ao movimento neopentecostal desse tipo de música aqui denominada de (eu)vangélica, não se pode afirmar de forma contundente que foi deliberadamente planejada a partir da teologia da prosperidade. Os acontecimentos levam a crer que recebeu forte influência desse contexto. Embora muitos componham ou cantem esse novo tipo de conteúdo, também não se pode afirmar categoricamente que são adeptos da teologia da prosperidade. Prova disso, muitas igrejas históricas tradicionais ou outras, que, embora não se declarem a favor da teologia da prosperidade, terminam por trazer para suas liturgias cúlticas muitas dessas músicas. Percebe-se que muitas delas possuem um ritmo atraente, com melodias de fácil aceitação. Contudo, algumas apresentam um caráter quase que de mantra, com longas repetições e com forte apelo emocional. Em parte dos casos, ocorre uma teologia pobre, fazendo com que auditórios inteiros sejam levados a cantar letras limitadas e que contradizem ao sentido do que se entende por louvor.

4.5 “SHOW DA FÉ”

Ao refletir sobre as instituições formadoras dos nossos valores, inegavelmente vamos encontrar na família, nas instituições religiosas e na própria constituição do Estado, os meios para essa formação. Eis que chega uma quarta força que é a mídia e os meios de comunicação de massa. Essa última, própria da sociedade capitalista, se utiliza desse expediente para tentar decretar o que vamos comer, o que vamos vestir, como devemos nos portar e tudo o que vamos consumir.

A expressão – Show da fé - encontra-se entre aspas por se tratar do nome do programa televisivo apresentado em alguns canais de televisão pelo pastor R.R. Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus. O objetivo desse tópico não é explorar o conteúdo do programa propriamente dito, mas, abrir uma rápida análise sobre a influência neopentecostal na difusão da teologia da prosperidade nos meios de comunicação de massa. Numa situação que envolve também os pentecostais, encontramos a afirmação de que:

Os pentecostais encontram-se desde os anos 50 no rádio e, a partir dos anos 80, passam a investir mais na TV. Atualmente, além das finalidades evangelísticas, o uso da mídia eletrônica e a compra de rádios e TVs visam à obtenção de rendimentos. Sua crescente presença na mídia significa uma espécie de democratização, pela via religiosa, no acesso dos pobres à TV. O espaço que os pobres ocupam nos programas evangélicos de rádio e TV visa legitimar a mediação do poder divino feita por pastores e instituições

religiosas proprietários das emissoras, atender aos interesses evangelísticos da empresa de salvação e de audiência do veículo de comunicação. Para tanto, seus produtores ou responsáveis selecionam os testemunhos, privilegiando geralmente os mais escabrosos, dramáticos e apelativos. Pois, a probabilidade de tal ou qual testemunho atender àqueles interesses aumenta quanto mais chocante e impactante for o relato das circunstâncias que levaram o crente à conversão. De modo que o fiel, ao deixar-se entrevistar ou conceder seu testemunho de conversão em programas de rádio e TV evangélicos, frequentemente tem a intimidade devassada de cabo a rabo e seu passado pré-conversão muitas vezes desonroso e desabonador, devidamente escancarado para o público. (MARIANO, 2014, p. 235).

Não obstante o envoltório evangelístico presente na descrição de Mariano (2014), embora existam instituições sérias e comprometidas em expandir as prédicas do cristianismo, os programas de maior aparição na atualidade dedicam boa parte do seu tempo para outros fins. A própria expressão “Show” utilizada em ambiente cômico, para denominações históricas como a Batista por exemplo, em muitos casos pode representar um escândalo, ainda mais com o “Show da Fé”. Essa espetacularização pública da fé, geralmente é vista pelos batistas como uma afronta, principalmente quando essa não se encontra relacionada ao objetivo da salvação.

Objetivamente, é possível identificar empreendimentos como o Grupo Record, cujo sócio majoritário é o bispo Edir Macedo. O Grupo Record envolve um conglomerado de mídia composto por TV aberta, emissora de televisão especializada em notícias, emissora de rádio, jornal impresso, gravadora, portal de notícias na internet, entre outros. Em boa parte desses veículos a IURD expõe os seus programas diários.¹⁰² Em 1996, foi inaugurada a Rede Gospel de Televisão, que pertence à Fundação Evangélica Trindade, mantida pela Igreja Renascer em Cristo, igreja esta, fundada pelo casal Estevam e Sônia Hernandez, tratados como apóstolo e bispa, respectivamente. Em 2019, a emissora passou a fazer parte da grade de TV a cabo.¹⁰³ Pertencente ao apóstolo Valdemiro Santiago, encontra-se a Rede Mundial, cuja programação é quase totalmente a transmissão dos cultos realizados na Igreja Mundial do Poder de Deus - IMPD, proprietária da emissora. Sua programação é transmitida em emissoras cujo espaço é arrendado pela igreja. Sua exibição ocorre principalmente através de canais de Antena Parabólica. A IMPD foi fundada por Valdemiro Santiago.¹⁰⁴

A situação comum relacionada aos nomes e suas respectivas transmissões por rádio e TV, é o forte apelo financeiro presente nas programações. Não é à toa que esses nomes representam os principais expoentes da teologia da prosperidade no Brasil na atualidade. Além

¹⁰² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Record. Acesso em: 16 nov. 2021.

¹⁰³ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Gospel. Acesso em: 16 nov. 2021.

¹⁰⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Mundial. Acesso em: 16 nov. 2021.

do forte apelo financeiro, os depoimentos de cura são diariamente expostos e apresentados. Além desses componentes, os relatos trazem cotidianamente uma ênfase na vitória, no sujeito que passou por algum tipo de adversidade e no final, obteve a vitória. A estratégia é sempre mostrar histórias de superação onde o telespectador compra uma ideia de sucesso.

A exploração das emoções faz com que o telespectador tenha acesso às lembranças da sua própria vida de forma espontânea e natural. Símbolos tradicionais como o amor, a família e a prosperidade fazem com que o receptor busque frequentemente reviver emoções antigas através das representações televisivas. (DANTAS, 2016, p. 43).

Invariavelmente, não existe no cristianismo ou nos relatos bíblicos, conotações que digam contrário à possibilidade dos sujeitos serem prósperos materialmente ou de receberem curas de enfermidades físicas e espirituais. O grande contraponto à teologia da prosperidade reside na circunstância de que a mesma possui, paradoxalmente, um forte reducionismo do cristianismo à prosperidade física e material. As confissões positivas não podem ser as rédeas que governam os fiéis. O cristão não está isento de dores, doenças, derrotas e da pobreza financeira. Há uma falácia televisiva apelativa, manipuladora responsável pelo enriquecimento de alguns em detrimento da boa-fé de muitos, que por vezes, inocentes, pouco críticos ou desesperados, se submetem aos apelos dos mercadores da fé.

É possível trazer à baila o trabalho desenvolvido por Luiz Ernesto Mellet (2009), quando aponta a retórica do sobrenatural na TV com um estudo sobre a persuasão no neopentecostalismo. Ao identificar as técnicas persuasivas no programa televisivo “O poder sobrenatural da fé”, o autor apresenta um quadro descritivo a partir do áudio e visual assim denominados:¹⁰⁵

¹⁰⁵ Quadro desenvolvido por Luiz Ernesto Mellet em 18 de março de 2008 em dissertação de mestrado com o tema “A Retórica do Sobrenatural na TV: um estudo da persuasão no neopentecostalismo”, defendida em 2009.

Quadro 8: Áudio e dimensão visual

Áudio	Dimensão visual
Fundo musical com melodia suave. Este ministério tem marcado a vida de muita gente. Tem restaurado, tem funcionado como um pronto socorro. Sabe... aquela oficina, aquele lugar... a última instância, né? É isso. Aquele lugar onde as pessoas têm recorrido. As crentes, evangélicas de muitos anos, católicos, espírita, pessoas que não tem religião. Gente que já foi em muitos lugares e... se deparou com grandes obstáculos, com grandes dificuldades, adversidades. E não tendo mais forças para resistir, para continuar, Deus mostrou esse ministério, esta porta, mostrou este programa. E essas pessoas têm sido tocadas, tem sido restauradas, tem se recuperado. (Enfático) E eu tenho a certeza absoluta que Deus tem a solução pra você...	Estúdio. O fundo é tomado por um painel fotográfico de ovelhas pastando. Um púlpito está no centro. Plano-médio do apóstolo. Ele veste terno escuro. Tem um microfone no canto da boca. Gesticula muito e pausa a fala enquanto anda de um lado a outro. Dirige-se simultaneamente para as duas câmaras posicionadas na esquerda e direita do estúdio. Os cortes se sucedem entre uma e outra. No canto à esquerda está um mostruário com livros DVDS que compõe o kit comemorativo dos dez anos da IMPD.

Fonte: Dissertação de mestrado Luiz Mellet¹⁰⁶

MELLET (2009), continua apontando que a mente está sujeita a sofrer por meio da sugestão persuasiva. Quem atravessa um momento crítico da vida geralmente se encontra vulnerável do ponto de vista emocional. O discurso sobre o lugar, ou seja, a igreja da qual ele¹⁰⁷ é líder aparece como agente portadora do poder do milagre. Em situação semelhante, nos programas televisivos e propagandas da IURD, nos programas de rádio da Igreja Pentecostal Deus é Amor, dentre outros, os depoentes quase sempre relacionam os milagres e as bênçãos recebidas associadas ao fato de procurarem aquelas igrejas, abrindo precedente para imaginarmos que sob a ótica do discurso apresentado, Deus está a serviço dessas igrejas e termina sendo preterido onde numa inversão da cosmologia do Gênesis, este se encontra à imagem e semelhança do homem.

¹⁰⁶ (MELLET, 2009, p. 92-93).

¹⁰⁷ Trata-se de Valdemiro Santiago, líder da IMPD.

Entende-se que, ao passo em que o rádio e a TV se constituíram como importantes canais de expansão missionária, também se caracterizam pelo forte apelo emocional e pela profusão de chamadas à contribuição financeira, se situando como veículo de manipulação lucrativa. Além desses canais, para citar alguns, a amplitude dessas ações ocorrem também através do You Tube, WhatsApp, Instagram, Facebook, etc. As informações veiculadas nas redes sociais acontecem numa velocidade jamais vista. E quase não há mais controle sobre o que é dito onde as percepções sobre verdade são bastante variadas e questionadas. O universo religioso cristão não está fora disso.

4.6 GÊNERO FEMININO: PROTAGONISMO E INVISIBILIDADE

As tradições envolvendo a alta hierarquia da igreja na época medieval no que diz respeito a gestão masculina, se reproduziram na modernidade tanto no cristianismo católico quanto no cristianismo reformado. E de lá pra cá pouca coisa mudou. A atividade pastoral feminina, só ganhou fôlego no século XXI em algumas ramificações, principalmente na neopentecostal. Junto às igrejas históricas, preserva-se o tradicionalismo masculino, salvo honrosas e raríssimas exceções.

Isso não elimina uma situação latente no expediente da igreja: o protagonismo feminino. Desde os primórdios do cristianismo, invariavelmente a presença feminina é perceptível nas ações que desencadearam o desenvolvimento da igreja. Por extensão, na trajetória das denominações cristãs, quase sempre será possível identificar a importância e o protagonismo feminino dentro dessas instituições, porém, uma situação comum nesses contextos, muitas delas foram invisibilizadas pelos poucos registros de suas ações, pelas poucas narrativas de suas histórias no contexto das instituições nas quais estavam inseridas.

No catolicismo, encontramos os estudos de Sandra Célia Coelho Gomes da Silva (2014), quando aborda sobre a identidade de gênero feminina na Romaria do Bom Jesus da Lapa. Em seu trabalho de campo afirma que:

A maioria das mulheres entrevistadas participa da Romaria do Bom Jesus da Lapa entre dezoito e quarenta anos consecutivos. Todas expressaram o motivo que faz com que participem continuamente: a fé e devoção ao Bom Jesus. Vários relatos de graças alcançadas foram explicitados por essas mulheres, que, ao narrá-las, se emocionavam muito e interrompiam sua fala para dar lugar ao choro. (SILVA, 2014, p. 80).

Essa devoção dentro do cristianismo católico, mostra o quão é importante a presença e a participação feminina dentro da tradição popular. O tempo apresentado de participação, ou seja, entre dezoito e quarenta anos consecutivos reafirma a importância da mulher romeira na movimentação religiosa. A Romaria de Bom Jesus da Lapa, no interior da Bahia, é uma das maiores e mais tradicionais atividades religiosas do catolicismo popular no Brasil.

No período inicial do movimento pentecostal no Brasil, Gedeon Alencar (2019), expõe a importância do trabalho de Frida Vingren (no primeiro momento), e Dóris Lemos (no segundo momento) para o desenvolvimento da Igreja Assembleia de Deus. Ele não faz referência apenas a essas mulheres, mas trata sobre a questão a partir da seguinte assertiva:

No livro de Atos, as mulheres não são as primeiras, mas, segundo o relato, recebem o Espírito Santo no mesmo dia, local e da mesma forma que os homens. Isso indica alguma paridade? Já no movimento pentecostal, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, elas foram as primeiras a falar em línguas. Agness N. Ozman Laberce (1870-1937) aluna da escola de Parham, em 1906, e Celina Martins Albuquerque (1876-1966) em uma reunião de oração, fato que vai culminar com a expulsão do grupo no dia 13 de junho de 1911 da Igreja Batista em Belém. Originalmente, elas são iguais ou têm primazia, mas no decorrer da história, elas são visceralmente marginalizadas. (ALENCAR, 2019, p. 117).

Fora da esfera do livro de Atos citado por Alencar (2019), nos Evangelhos do Novo Testamento, será possível observar que de forma recorrente as mulheres faziam parte do ministério de Jesus. Como citado pelo autor, essa marginalização feminina no decorrer da história é a grande questão que invisibiliza uma participação tão importante e indispensável na formação da Instituição Igreja. Ao se referir a Frida Vingren como a esposa invisível do fundador, ele traz informações relevantes sobre ela:

Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940) veio sozinha da Suécia e aportou em Belém, em 14 de julho de 1917. Viveu apenas treze anos no Brasil: sete em Belém e seis no Rio de Janeiro. Pouco tempo, mas o suficiente para deixar marcas. Voltou para a Suécia em 1932, e, um ano depois, seu marido morreu. Após sete anos, ela também faleceu, aos 49 anos. Sua atuação foi um marco divisório. Ainda hoje não é reconhecida pela história oficial da igreja. Essa missionária pregava, cantava, tocava – existem vinte e quatro hinos da Harpa Cristã registrados em seu nome -, dirigia cultos na Praça Onze, em presídios, nas casas e nos templos. Trabalhou no jornal oficial da denominação, *Boa Semente*, em Belém, e depois, no Rio de Janeiro, no *Som Alegre*. Em 1930, os dois jornais são unidos e nasce o *Mensageiro da Paz* (existente ainda hoje) e ela se torna sua redatora. (ALENCAR, 2019, p. 117).

O autor acrescenta que qualquer assembleiano ou pesquisador que conheça ainda que minimamente a história das ADs no Brasil, conhece os nomes dos seus fundadores, Daniel Berg e Gunnar Vingren, mas que, a figura de Frida na história oficial é apagada, quase inexistente. “Ela é a grande heroína não reconhecida da história, pois esta igreja – como quase todas – tem uma historiografia que dá visibilidade apenas aos homens.” (ALENCAR, 2019, p. 123).

Estudando o Movimento G12¹⁰⁸ dentro do neopentecostalismo, Caroline Dias (2009), frisa que não se pode falar em uma igreja numerosa no século XXI sem levar em conta as conquistas históricas da mulher, a participação ativa na vida social na atualidade, e uma igreja que contemple o pastoreio e o pleno exercício sacerdotal feminino.

A acessibilidade de todo homem e toda mulher a Deus sem a mediação sacerdotal conferiu grandes privilégios às mulheres protestantes. O diferencial do G12 em relação ao protestantismo histórico foi que no protestantismo histórico reformado a mulher era normativamente igual aos homens diante de Deus, mas as relações dentro da congregação continuavam a ser encabeçadas pelos homens. Já o G12 fez uma leitura mais igualitária do sacerdócio universal tendo em vista que as mulheres podem ser sacerdotisas. (DIAS, 2009, p. 164).

A autora aponta que o sacerdócio feminino ainda é assunto polêmico entre os protestantes, mas, aos poucos as mulheres passaram a pregar em público e em algumas denominações já são feitas as ordenações de pastoras.

Partindo para a Denominação Batista¹⁰⁹, o protagonismo feminino sempre foi efetivo, embora a atividade pastoral seja de exclusividade masculina. Como uma igreja de missão, o papel das mulheres sempre foi relevante desde os primórdios. Estudando as mulheres batistas soteropolitanas, Bianca Almeida afirma que:

A União das Senhoras Batistas, que se reunia informalmente nos templos de suas igrejas, deu origem a uma rede nacional de senhoras, gerando um novo grupo a cada nova congregação que surgia. Elas gozavam de bastante prestígio dentro da denominação. O objetivo precípua era “fazer missões”. Segundo artigo publicado na revista Visão Missionária, no ano de 2000, desde o início da obra batista no Brasil, as mulheres têm-se reunido para orar e trabalhar por missões. Essas duas colunas – oração e serviço – têm marcado uma trajetória que teve início em 1908. Mesmo antes de ser uma organização em nível nacional, as senhoras reuniam-se nos templos para orar e estudar a Bíblia, bem como para evangelizar e praticar beneficência. (ALMEIDA, 2017, p. 52-53).

¹⁰⁸ Grupo dos 12. O G12, como metodologia de expansão de igrejas protestantes é originário da Colômbia que subdivide a administração das congregações através da multiplicação de doze discípulos que formam mais doze e assim sucessivamente (DIAS, 2009).

¹⁰⁹ Sobre os Batistas, nos ocupamos no próximo capítulo. Por hora, alguns aspectos da participação feminina.

Bianca Almeida agrega informações sobre o surgimento da primeira revista contendo programas para senhoras, moças e crianças intitulada *Revista Para Trabalho de Senhoras Batistas* no ano de 1922. Acrescenta que no mesmo ano as Sociedades de Moças foram incluídas e a União passou a adotar o nome de União Geral de Senhoras do Brasil, órgão auxiliar da Convenção Batista Brasileira. Segundo Almeida (2017), voltada para adolescentes e pré-adolescentes, em 1949 surgiu a Mensageiras do Rei, completando o que chama de família de União Geral. Assim ela complementa:

O nome “União Geral” não estava condizendo com o ideal que a organização abraçava com amor e dedicação – Missões. Por isso, em 1963, passou a chamar-se União Feminina Missionária Batista do Brasil. “Feminina” não porque era só para as senhoras, mas porque abrangia todo o elemento feminino; “Missionária”, porque a sua razão de ser era as Missões. (ALMEIDA, 2017, p. 53).

Essa organização ressoa o quão importante é para a Denomina Batista o trabalho feminino. Elizete da Silva ao analisar o perfil dos membros nos primórdios dos batistas na Bahia, indica uma maior composição da membresia de gênero feminino e das camadas mais baixas da sociedade onde muitas vezes utilizavam dupla jornada de trabalho para compor o orçamento doméstico. Sobre isso, ela afirma:

Essas mulheres não tinham nada a perder aderindo a um novo credo religioso, pelo contrário tinham a ganhar: além do fato de serem acolhidas num grupo com um alto espírito comunitário, onde havia expedientes assistencialistas de ajuda mútua, ganhavam um nome, um rosto, não mais a lavadeira fulana, ou a cozinheira sicrana, mas a irmã beltrana, que usufruía os privilégios de membro do grupo em pé de igualdade com outras irmãs e irmãos, pelo menos teórica e espiritualmente. O grupo religioso representava o único espaço público onde elas podiam se relacionar, mesmo que prioritariamente fosse exercitado o aspecto religioso e a possibilidade de crescimento intelectual, pois as analfabetas, de imediato, eram incentivadas a participarem da escola anexa para aprender a ler a Bíblia. (SILVA, 2017, p. 245).

Ao ganhar um nome, um rosto, essas mulheres deixam de ser invisibilizadas e passam a ser acalentadas pelo abraço, pelo acolhimento. A instituição religiosa passa a ser um lugar de pertença e esse espírito comunitário expõe uma igreja não apenas voltada à adoração a divindade, mas expressa no servir, tão comum nas práticas do próprio Jesus. Vale ressaltar, no caso do sistema educacional interno da Denominação Batista, a Escola Bíblica Dominical – EBD, o ensino tem predominância do gênero feminino. Via de regra, com menor proporção no topo da hierarquia, a participação feminina é determinante na estrutura organizacional.

Em uma das igrejas em Vitória da Conquista, a Segunda Igreja Batista, a ser retratada no próximo capítulo, o destaque vai para a professora Almerinda Figueira de Oliveira. Esposa do pastor Valdomiro de Oliveira, o seu papel foi dos mais importantes na trajetória da referida igreja. O próprio Valdomiro se reporta a ela da seguinte forma: “devo em primeiro lugar a Deus e em segundo lugar à minha esposa as vitórias alcançadas na minha vida ministerial.” (OLIVEIRA, 2001, p. 66). Em suas memórias ao falar do casamento, o pastor Valdomiro se referiu à professora Almerinda como alguém que compartilhava com ele os mesmos ideais, ou seja, a paixão pela obra missionária.

Almerinda já era antes do casamento uma grande companheira me ajudando no início do meu ministério à frente da II Igreja Batista. Seus talentos eram diversificados; ensinava, tocava órgão e piano e era uma excelente solista, sendo uma pedra preciosa no soerguimento da obra missionária daquela Igreja que nascia cada dia. (OLIVEIRA, 2001, p. 67).

Junto aos membros da Segunda Igreja, havia uma firme convicção de que o ministério pastoral de Valdomiro de Oliveira se confundia com a presença marcante de Almerinda de Oliveira. Seus dotes musicais eram vistos não apenas em seus cânticos, mas, na sua instrumentalidade enquanto pianista como na formação musical de suas filhas, situação que foi determinante para fazer da igreja uma das principais referências musicais do sudoeste da Bahia.

Ademais, na pesquisa de campo realizada junto aos membros das igrejas batistas do sudoeste baiano, a principal adesão foi do gênero feminino. Junto aos líderes, a adesão foi 100% masculina o que ainda representa o exercício pastoral como atividade masculina no meio batista.

Gráfico 14: Questão 2 pesquisa de campo – líderes das igrejas

2. Sexo

15 respostas

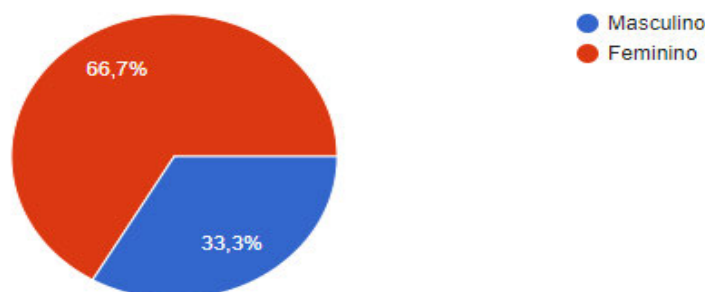


Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor

Gráfico 15: Questão 2 pesquisa de campo – membros das igrejas

2. Sexo:

75 respostas

**Fonte: Questionário elaborado e aplicado pelo autor**

Os dados demonstram que a adesão à pesquisa por parte dos membros das igrejas foram predominantemente feminina. Paralelamente, essa percepção não é apenas a partir dos dados estatísticos. Com proporções que podem variar de uma instituição para outra, basta uma rápida visita a várias denominações em seu ambiente de culto, a presença feminina será especialmente marcante.

Por fim, como nessa tese também estamos falando de política, o encerramento desse tópico acontece com um dado bastante interessante sobre as próximas eleições presidenciais datada para 2022. Em reportagem de Nathalia Passarinho da BBC News Brasil ela escreve uma matéria intitulada “Como pensam evangélicas, que podem definir eleição para presidente”¹¹⁰. Em dado momento ela afirma: “e, segundo especialistas, são as evangélicas, que em sua maioria são de baixa renda, pretas e pardas, que poderão definir quem vai presidir o Brasil a partir de 2023.” (PASSARINHO, 2022)¹¹¹. Em outra afirmação, traz percentuais com o perfil desse eleitorado:

A face típica do evangélico no Brasil é feminina, negra e jovem: 58% são mulheres, 59% são pretos ou pardos e mais de 60% têm entre 14 e 44 anos. Os dados são de uma pesquisa Datafolha de 2020, a mais ampla feita até agora sobre o perfil do evangélico brasileiro. (PASSARINHO, 2022).

A jornalista Nathalia Passarinho, além dos dados estatísticos, se respalda em entrevistas realizadas junto a algumas mulheres, inclusive pastoras, para o assentimento de suas

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61338823>. Reportagem publicada em 11 de maio de 2022. Aceso em: 02 jun. 2022.

¹¹¹ Não paginada.

afirmações. Ao indagar sobre algumas pautas relevantes para esse eleitorado feminino, uma delas é sobre a proteção da família. Ela conclui:

A ideia de proteção à família não está necessariamente associada a uma oposição a direitos LGBT - vai muito além da chamada pauta da moralidade. Ao serem perguntadas sobre que tipo de proteção desejam, as mulheres entrevistadas enfatizaram desejo por mais creches, melhores escolas, acesso à saúde e controle da violência. (PASSARINHO, 2022).

Observa-se nesse quesito, portanto, que são reivindicações próprias da sociedade de um modo em geral, são demandas do povo brasileiro. Com efeito, esses dados são extraídos de uma fonte jornalística, portanto, que fala de probabilidade, não certeza, mas que num futuro próximo os novos estudos vão confirmar se estavam corretas ou não. O protagonismo feminino se dá também na política.

4.7 ESPERANÇAS E FRUSTRAÇÕES

Todo o profetismo hodierno presente nas agremiações religiosas cristãs que mais crescem no país, deixa suas marcas pelo caminho. Foi em meio às suas andanças nacionais e internacionais, proferindo palestras e simpósios em igrejas, instituições teológicas e diversos meios de comunicação que Paulo Romeiro chegou ao livro “Decepcionados com a Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal”, desdobramento de sua tese de doutorado em Ciências da Religião.

Romeiro (2013), afirma que esperança e frustração pode parecer um paradoxo já que o senso geral é de que as igreja são espaços terapêuticos e de libertação. Nesse sentido, a igreja seria o último lugar a se deparar com frustrações, entretanto, elas existem na igreja, assim também como a esperança, situações igualmente encontradas nas demais áreas da vida. E foi com um olhar diretamente voltado para o ambiente neopentecostal que o autor conheceu um novo tipo de cristão evangélico: o decepcionado. Situação verificada também em outras igrejas. “Todos os dias surgem novas igrejas, novos líderes, novas ideias, novos escândalos e novas práticas – muitas das quais difíceis de detectar.” (ROMEIRO, 2013, p. 15).

Os estudos, o levaram a diversos relatos de bênçãos recebidas e ao mesmo tempo de decepções envolvendo pessoas que se viram diante de promessas e crenças não correspondidas. Ele cita um dos relatos extraídos da Folha Universal, jornal da IURD, onde o bispo Romualdo Panceiro admite que:

Temos observado que as milhares (sic) de pessoas que chegam à igreja fazem-no porque buscam desesperadamente encontrar alguma solução para seus problemas. Ninguém vem por amor ou pura curiosidade, mas sim por estar enfrentando uma situação precária. Na verdade, todos querem vencer, sair da miséria, resolver as dificuldades na família, pagar as dívidas, ser curado de uma doença, enfim, querer uma vida feliz. Entretanto, são poucos os que conquistam. (ROMEIRO, 2013, p. 148).

Esse relato reflete o estado de carência seja ela emocional, de fragilidade material ou de saúde física com que muitas pessoas procuram o ambiente da Igreja. A questão reside em como as igrejas recebem essas pessoas, a expectativa gerada nelas. Ora, se você diz, pare de sofrer, ou apresenta o culto de cura e de milagres, os ouvintes vão criar essa expectativa. Mas, quando se desafia a pessoa a ter fé, quando se diz pra que elas façam o sacrifício, que em boa parte dos casos é o sacrifício financeiro com ofertas em dinheiro (que muitas vezes não se tem disponível), quando se ordena a cura ou o provento do milagre, ou, eu não aceito esse mal sobre minha vida, os ouvintes dessas falas, dificilmente vão admitir a possibilidade de que suas expectativas sejam frustradas, ou que em algum momento poderão se sentir lesados. Vale acrescentar que em boa parte dos casos, essas ofertas também podem ser feitas através do uso do cartão de crédito, doações de patrimônio, cheque pré-datado, e mais recentemente através do PIX. Como ouvi em um programa televisivo: “o importante é fazer o sacrifício, faça o sacrifício irmão e você terá a benção de Deus sobre sua vida”¹¹².

Algumas dessas igrejas e seus líderes durante suas respectivas trajetórias, volta e meia, têm lidado com processos ou denúncias públicas em jornais e redes sociais de engodo e falsas promessas. Os casos mais comuns, dizem respeito às doações de bens e dinheiro, onde familiares chegam a fazer acusações na justiça de que tiveram parentes enganados e levados a se desfazer até mesmo de heranças familiares em detrimento de vultosas ofertas entregues à Igreja.

Nos relatos de Romeiro (2013), ele cita casos nos EUA, da Igreja Renascer em Cristo envolvendo seus líderes Estevam e Sônia Hernandez (com vários casos na justiça), fala sobre a prisão de Edir Macedo em 1992 ao ser denunciado por cinco ex-fiéis que perderam dinheiro em prol da igreja e à espera de bênçãos prometidas e não alcançadas. “É provável que, como estes, outros ex-adeptos da Universal e de outras igrejas tenham se lastimado, arrependido das doações que fizeram.” (ROMEIRO, 2013, p. 151). Dessa forma, ele acrescenta outros relatos também vinculados à Igreja Internacional da Graça de Deus, e conclui afirmando que:

¹¹² Canal Gospel Igreja Renascer – Projeto Gideão.

Há muitos casos de decepção no dia a dia de uma instituição religiosa. Os depoimentos apresentados representam apenas uma amostra das esperanças frustradas que a teologia da prosperidade tem produzido. Alguns dos depoentes já encontraram acolhida, estão recebendo tratamento para suas feridas e crescendo na vida espiritual. Porém, os que não chegaram a tanto vão reforçar uma ala que cresce cada vez mais no mundo religioso brasileiro: a dos cristãos em trânsitos. (ROMEIRO, 2013, p. 165).

Esse trânsito religioso, pode ser somado à uma nova realidade do cristianismo protestante, os crentes desigrejados, que tem aumentado cada vez mais. As frustrações e decepções não são exclusivas tão pouco colocadas apenas na conta das ambiguidades presentes na teologia da prosperidade. Há uma carência no sentido de comunhão que em tese a Igreja representa. O significado do pastoreio que se espera no ambiente religioso, já não acontece com a mesma qualidade quando se compara às últimas décadas do século passado. Já dizia um velho pastor, “muitas vezes a ovelha sai do pasto não é porque a cerca é baixa, é porque o capim é ruim”. Em outras palavras, isso quer dizer que a baixa qualidade do “alimento espiritual” dado ao rebanho, tem provocado o trânsito religioso bem como gerado “ovelhas” que afirmam crer, porém, sem se comprometerem com a Instituição Igreja, normalmente por algum tipo de decepção.

No censo do IBGE, esses crentes desigrejados podem ser classificados como “cristãos evangélicos não determinados”. O teólogo Rodolfo Capler (2022)¹¹³, indica que em 2010, o IBGE tinha como quantitativo para essa categoria a marca de 9,2 milhões, correspondendo a 21% dos evangélicos na época. Sobre os cristãos “indeterminados”, ele afirma que “são uma categoria de evangélicos que não romperam com as confissões dogmáticas do Cristianismo, porém se desvincularam da forma institucional das igrejas.” (CAPLER, 2022, p. 01). Sem citar uma fonte específica, afirma que segundo alguns estudiosos esses números chegaram à marca de 16 milhões em 2022, o que os elegeria se fossem uma denominação, o segundo maior grupo confessional do país, ficando atrás apenas das Assembleias de Deus.

Em linhas gerais, os desigrejados consideram que a igreja está desvirtuada em sua natureza, na essência, na proposta relacional comunitária e em sua oferta de missão e serviço. Eles denunciam a distância entre o que se vê hoje na prática nos ambientes religiosos e o que poderia ser feito visando o melhor dos fundamentos colocados por Jesus e seus discípulos. (CAPLER, 2022, p. 01).

¹¹³ Disponível em: www.bandab.com.br. Acesso em: 13 mai. 2022.

Na Denominação Batista, muitos dos templos, localizados em endereços estratégicos, seja nos bairros ou no centro das cidades, tem sofrido um gradativo esvaziamento, salvaguardadas as honrosas exceções. Nas décadas passadas, havia uma liturgia comum chamada de “União de Treinamento”, em que, normalmente tinham dois encontros semanais, um antes dos cultos aberto a todos os membros no domingo e outro encontro num outro dia da semana. Funcionava com as faixas etárias correspondentes, nominadas respectivamente de União de Adolescentes, União de Mocidade e União de Adultos. Nesses espaços apareciam espontaneamente as lideranças que assumiam funções gradativas na igreja e que naturalmente eram inseridas nas funções e nos cargos requeridos para o funcionamento institucional. Dessa forma, surgiam os vocacionados para as diversas funções exigidas tanto no ministério pastoral, missionário, musical, como de ensino, litúrgico, e assim sucessivamente. Como esse formato se modificou nas últimas décadas, a formação de novas lideranças tem ocorrido de maneira mais lenta e tem ficado mais escassa. E isso tem reverberado negativamente na qualidade e consistência do que se prega e se ensina dentro da igreja. Assim, Gedeon Alencar resume o protestantismo brasileiro:

O protestantismo de emigração era predominantemente **étnico**, o protestantismo de missão era predominantemente **proselitista**, o protestantismo pentecostal era predominantemente **escatológico**, e o protestantismo contemporâneo é **gospel** (seja lá o que isso signifique). Qual deles tem alguma proposta de brasilidade? No primeiro momento, ser protestante, ou tornar-se protestante, é ser contra o mundo, ou, no mínimo, diferente dele. Converter-se é negar tudo que afirmava antes; atualmente permanece ainda o preceito da negação da vida anterior, mas nem tanto... (ALENCAR, 2018, p. 36).

Com essas faces e suas respectivas características, o protestantismo espalhou pelo Brasil as novas prédicas do cristianismo. Os católicos deixaram de ter a tutela e exclusividade da religião e religiosidade cristã. Mas, se a cada dia aumenta o número de desigrejados, em que medida esse cristianismo se perdeu? Se a religião cristã passa pela relação intrínseca com a instituição Igreja, como essa deixou de ser confiável? Quando a igreja que preza pela prática cristã deixa de ser um lugar de esperança e torna-se um lugar de tristezas e frustrações, certamente ela perdeu a sua razão de ser.

V OS BATISTAS HISTÓRICOS TRADICIONAIS

O presente capítulo versa sobre os batistas históricos tradicionais, onde através dos dados teóricos e dados complementares da pesquisa de campo, reforça o posicionamento da Denominação Batista em relação à teologia da prosperidade e a representação política institucional. Para Isso, trazemos quem são os batistas, suas raízes históricas, como se estabeleceram no Brasil, como funciona sua estrutura organizacional e como se comportam enquanto instituição religiosa. Essa estrutura organizacional, é demonstrada do ponto de vista nacional, estadual e regional.

Aqui estamos amparados no método histórico com dados qualitativos e quantitativos. As fontes são bibliográficas, sites da Convenção Batista Brasileira e Convenção Batista Baiana, Agenda da Associação Batista do Sudoeste e parte dos questionários aplicados junto às lideranças e membros das igrejas da Associação.

Esperamos com isso, fechar o bloco que tem por objetivo responder a problematização e hipóteses dessa pesquisa bem como expor o tema proposto alinhado com os referenciais teóricos que respaldam os estudos pertinentes e apresentar à comunidade acadêmica e científica o estado da arte em que a temática se apresenta.

5.1 A ORIGEM DOS BATISTAS

Diferente de outras denominações religiosas cristãs, os batistas não orbitam em torno de um nome ou um líder de maior contundência para a instituição, como é o caso de João Calvino para os presbiterianos, por exemplo, ou Martinho Lutero para os luteranos que traz no próprio nome institucional uma derivação ligada ao líder reformista. Embora existam nomes importantes em sua história, a narrativa sobre os batistas não é una em sua teoria, trazendo pelo menos três possibilidades para a sua origem. São encontradas, a teoria teológica JJJ; Os anabatistas; Os separatistas ingleses.¹¹⁴

A teoria JJJ encontra-se amparada na tríade que significa, Jerusalém - Jordão - João. Jerusalém efetivamente tem todo um significado e importância histórica para o povo judeu, bem como para os povos que de alguma maneira habitaram a região da palestina desde os primórdios

¹¹⁴ Essas teorias encontram-se mencionadas na tese de doutorado “A salvação do mundo na Igreja Batista: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI” de Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt. Durante os estudos, foram encontradas em outros teóricos referências iguais ou parecidas.

até os tempos atuais. Numa época em que alguns povos e estados surgiram a partir de uma gens patriarcal (Dallari, 2010), a narrativa bíblica do pentateuco, embora seja focada na criação e na identidade do povo israelita, traz alguns aspectos das descendências do patriarca Abraão a partir dos filhos deste com Agar, Sara e Quetura. Além dos judeus, esse patriarcalismo encontra-se de alguma forma vinculado aos árabes e palestinos que se desenvolveram nessa região. Por conseguinte, além da relevância política para esses povos, Jerusalém representa um importante centro de convergência religiosa, e porque não dizer, de divergência para os povos daquela época como é até hoje.

Para os cristãos, essa importância não é diferente. Por toda a trajetória de Jesus na cidade de Jerusalém, pelo evento da glossolalia no pentecostes registrado em Atos, encontra-se um outro significado de caráter messiânico e de atribuição evangelística registrado em At. 1:8, “Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”.¹¹⁵

O Jordão é um rio diretamente envolvido com a história e com o espaço de habitação do povo judeu. Foi o rio onde Jesus foi batizado e é agente de forte representação simbólica. João Batista foi quem batizou Jesus, e foi o último dos profetas bíblicos a se referir a Jesus Cristo, e sobre quem proferiu as palavras: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” – Jo. 1:29b - (SCOFIELD, 2011, p. 962).

Historicamente, essa teoria pouco se sustenta, visto que, como fora abordado no capítulo II, os cristãos da igreja primitiva não tinham uma filiação institucional. Mesmo com as tratativas do Apóstolo Paulo nas cartas dirigidas às diversas igrejas descritas no Novo Testamento, as discussões e eventuais conflitos doutrinários, não evidenciam um tipo de denominação religiosa. E quando essa passa a ter um nome oficial, encontra-se vinculado ao catolicismo, e não aos batistas.

Muito próximo da teoria JJJ, há uma designação chamada de “Sucessionistas” citada por Michael Haykin, onde os que assim procedem, o fazem por defender uma sucessão orgânica da Igreja Batista remontando ao ministério de João Batista, às margens do rio Jordão, ou ao dia de Pentecostes. “De acordo com os defensores de tal visão, essa parecia ser uma consequência lógica das palavras de Jesus em Mateus 16.18: ‘(...) edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela’.” (HAYKIN, 2020, p. 33).

Muito provavelmente, os adeptos da teoria JJJ tentam se respaldar no discurso religioso que é muito comum dentro do meio Batista, ou seja, de que trata-se de uma denominação

¹¹⁵ Bíblia de Estudo SCOFIELD, 2011, p. 992.

genuína e verdadeira. Esses adjetivos são tratados na tese de Daiane Rodrigues Bitencourt, quando afirma que:

No caso dos batistas, esses se descrevem como genuínos e verdadeiros. Denominando-se como o povo legitimamente escolhido, os batistas atribuem a si a função de defender a Verdade que os outros posicionamentos teriam “corrompido”. Afirmam que a sua função é lutar contra a “corrupção” da verdade. Considerando-se como os diretamente constituídos, os batistas atribuem a si a responsabilidade de evangelizar o mundo. (BITENCOURT, 2015, p. 62).

Cumprir afirmar que, somente no século XVII é que foi possível identificar o surgimento oficial de uma igreja de Denominação Batista. Portanto, os fundamentos que sustentam sua origem histórica, encontram-se respaldados nos desdobramentos que sucederam à Reforma Protestante iniciada na Alemanha no século XVI. Com o propósito de discutir como se deu essa configuração, destacamos a exposição de João Oliveira Neto:

Didaticamente, toda a movimentação do século XVI que compõe a Reforma Protestante pode ser dividida em quatro frentes: A *luterana* (com Martinho Lutero na Alemanha), a *anglicana* (com Henrique VIII na Inglaterra), a *reformada* (com Calvino em Genebra, Zwinglio em Zurique e John Knox (1514-1572) na Escócia) e a *radical*, que inclui os *racionalistas*, os *espiritualistas* e os *anabatistas*. Mas também é importante destacarmos aqui que a reforma em Zurique teve o apoio do conselho da cidade, que era o órgão administrativo maior naquela época. Quando os anabatistas romperam com Zwinglio, romperam também com o conselho da cidade. Assim, eles foram os primeiros a organizar uma igreja autônoma, isto é, separada do Estado e de Roma ou de um órgão central. Com isso, os anabatistas estavam criando o grande princípio de separação entre a Igreja e o Estado, que é um princípio batista muito importante, e o princípio da autonomia administrativa da congregação local, diferentemente da ideia episcopal, onde o bispo intervém nas paróquias de sua diocese. (NETO, 2016, p. 18-19).

Da forma em que parte dessa afirmação se apresenta, podemos reforçar as respostas a parte do problema dessa tese – o da representação política institucional – no caso aqui, a Denominação Batista. E o ponto em destaque é: a separação entre a Igreja e o Estado. Encontramos nos primórdios dos batistas, este fundamento sendo um tema central, seja nos anabatistas ou nos separatistas ingleses. Nos termos em que esse fundamento se assenta, o questionamento permanece: os batistas brasileiros mantêm esse tipo de conduta? Ou vislumbram na atualidade um lugar de representação institucional junto ao poder político estabelecido? Sobre essas questões, os desdobramentos seguintes são elucidativos e esclarecidos.

Então, vale entender rapidamente quem são esses radicais. Neto (2016), afirma que a Reforma Radical era composta por líderes cujas ideias pretendiam modificar substancialmente a cristandade. Os racionalistas, com destaque para a liderança de Andreas Karlstadt (1486-1541), não acreditavam nos dogmas que não podiam ser explicados pela razão, tal como a doutrina da trindade, por exemplo. Os espiritualistas como Thomas Müntzer (1489-1525), acreditavam que a doutrina deveria ser baseada não somente na Bíblia, como também em revelações espirituais. Já os anabatistas, suas ideias eram consideradas difíceis de ser sistematizadas por conta de suas comunidades serem extremamente heterodoxas. “No entanto, é de suma importância que o estudante da história dos batistas as conheça, pois elas influenciaram consideravelmente tal denominação.” (NETO, 2016, p. 23).

A heterodoxia que desafia a compreensão acerca dos anabatistas, nos remete desde os movimentos camponeses na Alemanha até os movimentos pacíficos com seus respectivos correspondentes na Inglaterra. Nas palavras do autor Fernando Seffner:

Os anabatistas representam uma tendência bastante radical, que aparece na reforma alemã e tem correspondentes na Inglaterra posteriormente. Anabatista significa novamente batizado, e isso se deve ao fato de que eles acreditavam que o batismo, se ministrado na infância, deveria ser repetido na maturidade, quando a pessoa poderia fazer voluntariamente sua profissão de fé. (SEFFNER, 1993, p. 49).

Aqui, identificamos outro ponto fundamental a respeito da identidade batista. A questão do batismo. Estes são também identificados como radicais por discordar peremptoriamente do batismo infantil, seja no catolicismo, ou qualquer outra vertente do protestantismo que assim procedesse. Entendiam que a criança não tinha entendimento suficiente para compreensão do significado batismal, e que, portanto, isto só deveria acontecer na idade adulta. O nome anabatista, significa batizar de novo. Além disso, o batismo deveria ser por imersão e não por aspersão. Ainda hoje, o batismo é uma ordenança que torna o adepto batizado membro de uma igreja batista. O batismo para os batistas, tem uma representação simbólica muito forte – morrer para o mundo e renascer para uma nova vida na fé e na prática dos princípios cristãos -, por isso esse batismo é por imersão. É uma “pública confissão de fé”. Sendo o batismo uma questão doutrinária e a separação entre Igreja e Estado uma questão política, os que se colocaram ao lado desse posicionamento sofreram as sanções e perseguições, tanto por parte do Estado quanto da própria igreja.

Em 1522, Ulrich Zwínglio, o principal padre da cidade de Zurique, na Suíça, rompeu com o papa em Roma e teve apoio do conselho de sua cidade, que, naquela época era o órgão máximo de deliberação social. Zwínglio, então, começou uma proposta de reforma doutrinária e adotou várias ideias que estavam sendo veiculadas por Lutero em Wittenberg. Alguns de seus discípulos, porém, não estavam satisfeitos com as mudanças que ele estava propondo, principalmente porque tais discípulos não encontraram na Bíblia sustentação para o batismo de crianças recém-nascidas. Eram eles Conrad Grebel e Félix Manz. Eles tentaram argumentar, mas Zwínglio se manteve inflexível, levando-os ao rompimento formal em 21 de janeiro de 1525, quando começaram uma pequena igreja na casa de Manz, sendo todos eles rebatizados por George Blaurock (1491-1529). Nascia uma comunidade totalmente separado do Estado, composta somente de adultos que decidiram por conta própria serem batizados, consciente de uma conversão prévia. (NETO, 2016, p. 24).

Como consequência, o movimento cresceu, e, paralelamente, a perseguição também. A expansão anabatista fez gerar em 1527 um documento chamado a Confissão de Schleitheim, que leva o nome da cidade suíça onde vários líderes de diferentes lugares redigiram um dos principais documentos dos primórdios dos anabatistas. Criavam assim, o primeiro assentimento comum promotor de uma identidade que os distinguia de outros reformadores, inclusive os radicais. Cumpre informar alguns líderes anabatistas apresentados por Neto (2016) que, além de influenciar os batistas, deram início a denominações menores que existem até hoje e que podem ser consideradas próximas dos batistas pelas origens em comum.

1. Menno Simons (1496-1561): Simons era um holandês que foi ordenado padre em 1524, mas em 1536 se converteu ao movimento anabatista. Ele se destacou tanto que seus seguidores receberam o nome de menonitas e formam uma grande denominação cuja maioria está nos Estados Unidos. No Brasil, há algumas comunidades menonitas, com destaque para a região sul.
2. Jacob Amman (1656-1730): Entre os seguidores de Menno Simons havia um pastor anabatista suíço chamado Jacob Amman. Seus seguidores foram chamados de Amishes e formam uma comunidade curiosa nos Estados Unidos porque se recusam a usar qualquer tipo de tecnologia, como carros e telefones. Eles ficaram bem conhecidos em 2005 por ocasião do filme *A Testemunha* e geralmente têm sua imagem associada a charretes.
3. Jacob Hutter (1500-1536): Hutter foi um anabatista italiano que mudou para a Morávia em 1533, tornando-se pastor daquela comunidade. Seu ministério foi tão próspero que a comunidade anabatista daquele lugar passou a ser chamada de Hutterita. Atualmente, há milhares de hutteritas nos Estados Unidos, e também compõe uma denominação protestante.
4. George Fox (1624-1691) foi um pastor anabatista inglês que em 1652 criou um movimento que recebeu o nome de Quaker. Entre seus membros, destacou-se o político William Penn, que se mudou para a colônia inglesa na América e fundou uma comunidade que

recebeu o nome de Pensilvânia. Mais tarde, essa comunidade se tornaria um estado dos atuais Estados Unidos da América. Os quakers ficaram mais conhecidos pela famosa empresa de aveia *Quaker Oats Company*, cuja caixa amarela leva uma imagem de um velho quaker. Richard Foster, autor do Best-seller *A celebração da disciplina*, é um exemplo atual de um ministro quaker. (NETO, 2016, p. 25-26).

Continuando a nossa busca por essa compreensão, encontramos as narrativas de Elizete da Silva, que ratifica essa controvertida dificuldade na literatura dos reformados em se identificar a origem dos batistas. Uma delas é a existência de grupos de origem batista que não se consideram reformados ou protestantes, “[...] traçam suas origens diretamente da Igreja Apostólica, neotestamentária e que, diferentemente dos outros grupos protestantes, não guardam resquícios católicos ou romanistas.” (SILVA, 2011, p. 283). Assim, com algumas semelhanças do ponto de vista comportamental, e distinções sobretudo na nomenclatura apresentada, encontramos as correntes descritas por Elizete da Silva:

São três as principais correntes que explicam as origens da Denominação Batista: a) corrente de Relação Anti-Pedobatista – os vários formuladores desta corrente sustentam que a história batista se identifica com a história dos anti-pedobatistas. Asseguram que a Denominação Batista é resultado de uma longa luta contra o batismo infantil (pedobatismo). Estes historiadores tendem a confundir a história do batismo com a história dos batistas. [Apud] (ANDERSON, 1978, p. 20-22); b) a segunda corrente é a de Sucessão Apostólica, a qual sustenta que os batistas remontam aos tempos apostólicos. Os defensores desta corrente fixam distintas datas para o começo da denominação: João Batista, o ministério de Cristo, ou o dia de Pentecostes. O principal defensor dessa corrente de sucessão apostólica e responsável pela sua difusão entre os batistas brasileiros foi o pastor J. M. Carrol, que publicou o trabalho *The Trail of Blood*, traduzido para o português sob o título *Rastro de Sangue*, e largamente difundido no Brasil, foi o responsável, entre os batistas brasileiros, pela corrente da sucessão apostólica; c) a terceira corrente mais difundida é a da Restituição Separatista. Conforme esta corrente, a Denominação Batista originou-se no século XVII, no bojo do movimento separatista na Inglaterra, o qual, por sua vez, era uma dissidência da Igreja Anglicana, o puritanismo. Como resultado do exame da Bíblia, vários setores do puritanismo foram de encontro ao batismo infantil, passando a adotar o batismo de adultos por imersão. (SILVA, 2011, p. 283-284).

A exemplo da teoria JJJ, quando dissemos que a mesma pouco se sustenta historicamente, vai ao encontro do que diz Elizete da Silva quando afirma que a corrente da Sucessão Apostólica tem como pecado capital a falta de respaldo histórico. A autora ressalta que é de todo impossível provar, historicamente, que os grupos religiosos que se opuseram à

ortodoxia oficial, ao longo dessa trajetória, sejam batistas, ainda que tal corrente possa parecer atraente para grupos minoritários ou perseguidos. Nas palavras de Henry Vedder:

A história das igrejas baptistas não póde ser continuada ininterruptamente pelo methodo scientifico, antes do anno 1611, quando a primeira igreja anabaptista que consistia inteiramente de ingleses, foi organizada em Amsterdam por John Smyth, o se-baptista. Esta não era, estrictamente falando, uma igreja baptista, porém tornou-se a progenitora directa de um grupo de igrejas na Inglaterra que poucos annos depois se tornaram baptistas, começando, por conseguinte, dahi a história. (VEDDER, 1934, p. 4-5).

Na versão oficial encontrada no site Convenção Batista Brasileira - CBB, a informação sobre os batistas é de que “somos um povo que vem de longe, com muitos nomes, de muitas perseguições, de muitas lutas, mas construindo uma bela história de fé, de doutrina e de princípios”.¹¹⁶ No mesmo site, acrescenta-se que, com o nome de Batista, existe desde 1612, quando Thomas Helwys, de volta da Holanda, onde se refugiara da perseguição do Rei James I da Inglaterra, organizou com os que voltaram com ele uma igreja em Spitalfields, arredores de Londres.

Essa narrativa da CBB, pode ser associada à teoria dos separatistas ingleses. Porém, antes dos atos de Thomas Helwys, Bitencourt (2015), cita que o início dos batistas teria sido em função dos grupos separatistas, que insatisfeitos com a doutrina da igreja Anglicana, buscavam a separação entre a igreja e o Estado no século XVII. A Holanda tornara-se um lugar de refúgio para os separatistas ingleses, e para lá, um grupo liderado pelo anglicano John Smith se deslocou em função da tensão enfrentada na Inglaterra. Não obstante os acontecimentos internos e as tensões políticas na Inglaterra deste período, a Holanda era vista como cosmopolita, visto que, era afeita em acolher intelectuais, pensadores, artistas, pessoas que de alguma forma, vivenciavam algum tipo de adversidade naquele momento. O século XVII era um tempo precursor das transformações que vão desembocar no movimento iluminista do século seguinte.

Bitencourt (2015), além da questão política, cita a discordância de Smith em relação ao batismo infantil, onde achava que tanto ele quanto os membros da sua congregação deveriam passar por um novo batismo, motivo que o levou a fundar uma nova igreja em 1609. “Esta é considerada a primeira igreja batista dos tempos modernos. Desse modo, Smith rompe com a igreja oficial, já que as crianças deixam de ser automaticamente membros da igreja.”

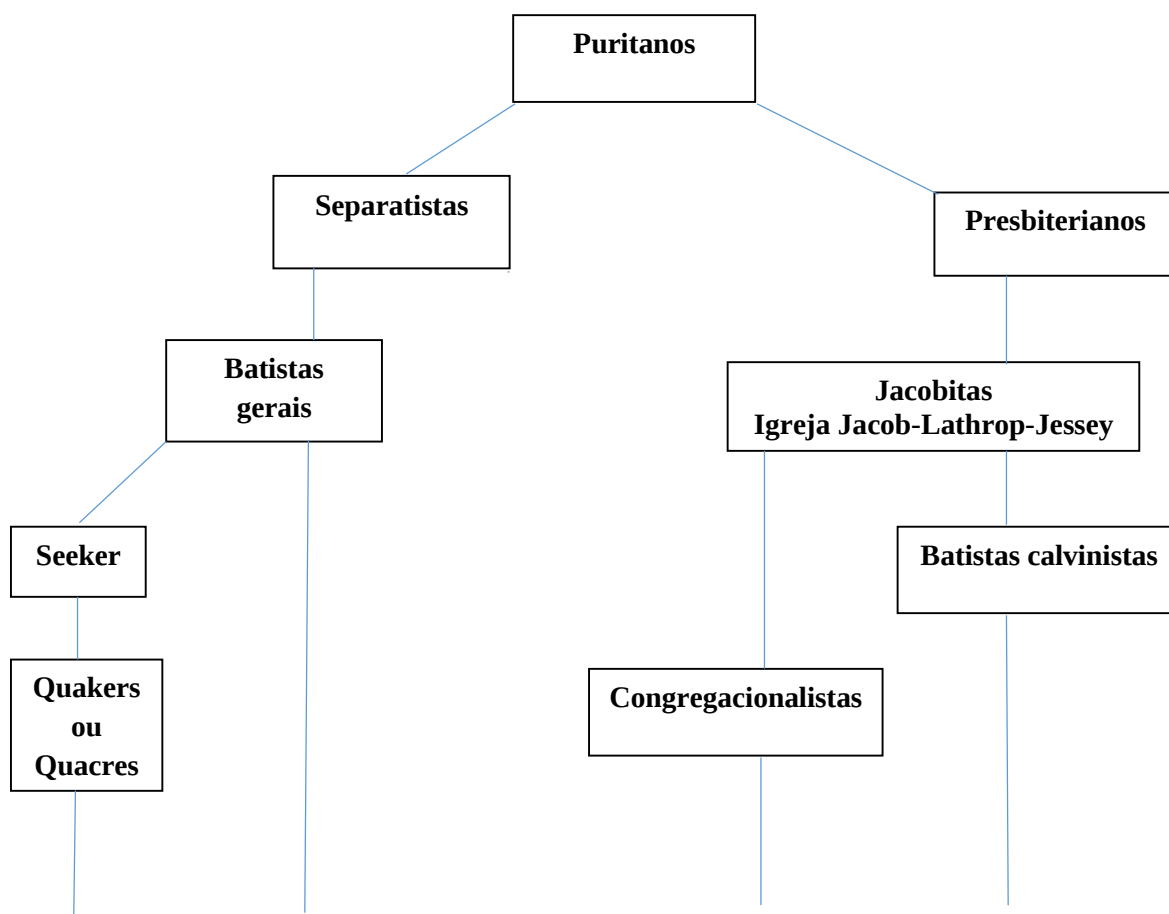
¹¹⁶ Quem somos como Batistas. Disponível em: www.convencaobatista.com.br. Acesso em: 19 abr. 2021.

(BITENCOURT, 2015, p. 64). Entre os membros dessa nova igreja, então, encontra-se o advogado Thomas Helwys que em 1612 organizou a Primeira Igreja Batista em solo inglês.

Recorremos aos escritos do teólogo, filósofo e mestre em religião, Michael Haykin, através do seu livro “Os primeiros batistas: redescobrimos a nossa herança inglesa”, já citado anteriormente nesse tópico. Haykin (2020), afirma que desde o início da história dos batistas na Inglaterra, existem os batistas gerais (arminianos) e os batistas particulares (calvinistas). O autor ressalta o crescimento denominacional através dos batistas calvinistas tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, sua ênfase será a partir dessa corrente com distinção para três desses líderes, William Kiffen, Hanserd Knollys e Benjamin Keach. Dessa forma, ele justifica:

A herança batista calvinista do século XVII é um tesouro gravemente negligenciado. Dos vários líderes batistas daquela época, apenas um é bem conhecido na atualidade: John Bunyan, o “sonhador imortal”. No entanto, de uma forma bastante curiosa, ele foi um agente relativamente menor no avanço da causa batista ao longo do século XVII. Por outro lado, homens como William Kiffen, Hanserd Knollys e Benjamin Keach, que se revelaram cruciais para pôr a causa calvinista no mapa, hoje são relativamente desconhecidos. (HAYKIN, 2020, p. 23).

As assertivas de Michael Haykin são resultados dos mais de trinta anos de estudos sobre a história dos batistas, especialmente os batistas calvinistas, onde até por isso, optamos por uma análise mais extensa da obra desse autor. Haykin (2020), afirma estar ciente de que as convicções batistas históricas são totalmente bíblicas, e que a herança batista tem muito a ensinar tanto àqueles que são batistas como àqueles que se encontram em outras tradições cristãs. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 9: O desenvolvimento da Dissidência no século XVII

Fonte: (Adaptado de Michael Watts, *The Dissenters* [Oxford: Clarendon Press, 1978], l,6), apud (HAYKIN, 2020, p. 31).

Esse quadro demonstra parte significativa da ramificação do protestantismo, especialmente vinculados aos puritanos na Inglaterra. E dentre eles, os batistas gerais ligados aos separatistas ingleses. Essa matriz puritana encontra-se fortemente relacionada aos ingleses que vieram para a Nova Inglaterra, caracterizando o perfil religioso dos primeiros colonizadores que aportaram no território que seria posteriormente os Estados Unidos da América. Esse quadro também traz à baila a concepção que defende a tese dos separatistas, quando sustentam que os batistas surgiram da matriz dos movimentos puritanos e separatistas ingleses do final do século XVI até meados do século XVII. “Essa visão surgiu no final do século XIX por uma variedade de motivos, e não menos importante é o fato de que é a que melhor se encaixa nas evidências históricas, inclusive explicando-as.” (HAYKIN, 2020, p. 39).

A reforma chegou à Inglaterra durante o reinado de Henrique VIII (1509-1547), mas foi só no reinado do seu filho Eduardo VI (1547-1553) e de sua filha Elizabeth I (1559-1603) que se consolidou. Na verdade, depois de Elizabeth I ter subido ao trono, não há dúvida de que a Inglaterra estava, marcadamente, sob a órbita protestante. A questão emergente, contudo, era saber até que ponto a igreja elisabetana seria reformada. Logo ficou claro que Elizabeth estava satisfeita com uma igreja “calvinista em teologia, [mas] erastiana na ordem da Igreja e no governo [ou seja, o Estado prevalecia sobre a igreja nessas áreas], e amplamente medieval na liturgia”.¹¹⁷ Em resposta a essa “convenção” eclesiástica, surge o movimento puritano, que procurava reformar a igreja elisabetana segundo o modelo das igrejas na Suíça protestante, especialmente as de Genebra e Zurique. (HAYKIN, 2020, p. 39-40).

Como consequência, Michael Haykin afirma que alguns puritanos radicais sem esperança de haver uma reforma dentro da Igreja da Inglaterra, começaram a se separar da igreja estatal, organizando suas próprias congregações separatistas. Essa designação separatista vai desencadear um dos sustentáculos dos princípios batista – a separação entre Igreja e Estado. Um dos líderes importantes nesse contexto foi Robert Browne, de família importante, nos seus anos de estudos na Universidade de Cambridge, se tornara um puritano presbiteriano radical.

Browne reconheceu prontamente o direito das autoridades civis de administrar e governar. No entanto, ele traçou uma linha distinta entre seus poderes na sociedade em geral e seu poder em relação às igrejas locais. Como cidadãos do Estado, os membros individuais dessas igrejas deveriam subordinar-se às autoridades civis, mas, acertadamente, ele destacava, essas autoridades não tinham o direito de “impor a religião, plantar igrejas com o uso de força ou coagir o governo eclesiástico por meio de leis e sanções.”¹¹⁸ (HAYKIN, 2020, p. 41).

Embora sendo um “puritano presbiteriano radical”, essa fala de Browne, repercute um comportamento que é muito comum nos batistas, inclusive na atualidade. Ao defender a separação entre a Igreja e o Estado, a Denominação Batista não prega com isso o não reconhecimento dos governos constituídos. Do contrário, seus adeptos são instruídos tanto quanto membros da igreja quanto da sociedade, que sejam cumpridores das obrigações legais, e como tais, reconheçam a autoridade governamental. São taxativos e contundentes em não permitir a ingerência do Estado nas ações e sobretudo nas decisões eclesiásticas da Igreja e prezam pela convivência harmoniosa com as autoridades constituídas.

¹¹⁷ Apud Robert C. Walton, *The Gathered Community* (London: Carey Press, 1946), 59.

¹¹⁸ Apud White, *English Separatist Tradition*, 48-49.

Na senda do separatismo inglês, Michael Haykin afirma que nitidamente os batistas gerais saíram do ventre do puritanismo e do movimento separatista. “No entanto, embora os batistas gerais sejam os primeiros batistas de língua inglesa, os batistas calvinistas é que se tornarão a principal denominação batista nos dois séculos seguintes.” (HAYKIN, 2020, p. 51). Com essa convicção, o autor em epígrafe, se dedicou a estudar mais enfaticamente o desenvolvimento dos batistas calvinistas.

E foi no contexto da época turbulenta que atingiu a Inglaterra em sua guerra civil iniciada em 1642 e que culminou com a morte do rei Carlos I, que surgiu a Primeira Confissão de Fé de Londres, para muitos, considerada a Primeira Confissão de Fé dos Batistas.

Em meados de outubro de 1644, um livreiro chamado George Thomason, cuja loja situava-se nas proximidades do Cemitério de St. Paul’s, em Londres, começou a vender um pequeno tratado intitulado *The Confession of Faith of those churches wich are commonly (though falsly) called Anabaptists* [A Confissão de Fé dessas igrejas que são comumente (embora falsamente) chamadas anabatistas]. Os autores desse panfleto não eram nomeados no frontispício, embora, em nota de rodapé do Prefácio, aparecessem quinze nomes – a liderança pastoral das sete igrejas batistas calvinistas então existentes, todas situadas na capital. Em relação a quais desses líderes foram os reais autores da Confissão (posteriormente conhecida como a Primeira Confissão de Fé de Londres), sabe-se que John Spilsbury, William Kiffen e Samuel Richardson foram aqueles que desempenharam o papel mais proeminente em sua elaboração. (HAYKIN, 2020, p. 67).

A tentativa de não associação com os anabatistas tem intentos não apenas religiosas, mas, políticas muito fortes. No bojo dos conflitos civis, encontra-se uma Inglaterra que também lidava com movimentos considerados radicais como os *diggers*, *levellers*, *quakers*, *ranter*s e *seekers* (Hill, 1977).

Eu não saberia como descrever, senão como radicais, aqueles que na metade do século XVII (e mesmo antes) adotaram visões não ortodoxas da religião e da política, o que os colocou além dos grupos respeitáveis que chamamos de anglicanos, presbiterianos ou independentes. (HILL, 2003, p. 280).

O autor complementa sua visão sobre os radicais ao afirmar que “eu uso o termo ‘radical’ para descrever aqueles cujas opiniões não eram ortodoxas, e não se encaixavam em nenhum grupo político ou religioso.” (HILL, 2003, p. 280). E assim, em meio ao contexto revolucionário na Inglaterra, a Confissão de Fé foi elaborada.

Ao apontar as razões para a elaboração da Confissão, Michael Haykin afirma que foi elaborada principalmente para se defender de várias falsas acusações que estavam sendo

veiculadas na capital. Nessas “falsas acusações” eram taxados de hereges, semeadores de divisão, de recusar a ordenança do batismo já que recusavam o batismo infantil (pedobatismo) em detrimento do batismo dos crentes (credobatismo), de subversão política e rebelião e confundidos com os anabatistas revolucionários do século anterior, dentre outras coisas. Os autores da Confissão foram veementes em afirmar que tais acusações eram falsas.

Segundo Haykin (2020), a Confissão é composta por cinquenta e três artigos. Alguns dos aspectos presentes na Confissão dizem respeito à natureza e aos atributos de Deus, a doutrina da Trindade, a eleição divina, a queda e o pecado de toda a humanidade, a pessoa e a obra de Cristo em seus ofícios de profeta, sacerdote e rei.

Vale acrescentar que, por se tratar de uma abordagem calvinista, haverá discordância junto aos batistas na atualidade no tocante a doutrina da predestinação e o livre arbítrio. A principal confluência entre as partes envolvidas, diz respeito ao credobatismo, a separação entre Igreja e Estado e a Bíblia como verdade divina revelada, portanto, norteadora da regra de fé e prática. Outrossim, tomando como referência os extratos confessionais que representam a evolução do pensamento batista, às vésperas da chegada destes aos EUA, temos o seguinte quadro:

Quadro 10: Princípios da Teologia Batista no Século 17

SÍNTESE	SABEDORIA SOBERANA DE DEUS, QUE QUER REDIMIR O HOMEM
FONTE	• Bíblia como regra infalível para a fé e para a prática
ANTROPOLOGIA	• Depravação total do homem a partir da queda
SOTERIOLOGIA	• Tensão entre predestinação e livre-arbítrio
MORALIDADE	• Taborismo (ênfase na santificação)
ECLESIOLOGIA	• Igreja como comunidade de regenerados (batismo por imersão)
TEORIA POLÍTICA	• Estado como ordenança dada ou permitida

Fonte: (AZEVEDO, 1996, p. 87)

Dentre os adeptos batistas, será possível encontrar os que se identificam com a teoria sucessionista ou a teoria do Jordão, Jerusalém e João por acreditar na chamada filiação genuína. Paralelamente, os que se identificam com os anabatistas, pela ligação com os estratos mais pobres da sociedade, seja junto aos camponeses alemães ou aos radicais ingleses. Ou ainda os que se identificam com a gênese do separatismo inglês que reivindicava a existência de uma instituição religiosa separada do estado e que, democraticamente fosse capaz de tomar suas próprias decisões e escolher sua liderança local. Sob a alcunha de batistas gerais, batistas

particulares ou calvinistas, sucessionistas, Jerusalém, Jordão, João – JJJ, separatistas ou anabatistas, essa teia é formadora do tecido social Batista, um dos mais importantes dentro do cenário protestante mundial.

Ademais, como já mencionado nos capítulos anteriores, é em meio aos diferentes grupos protestantes que se desenvolveram na Inglaterra e que desde a colonização migraram para os EUA, que o Brasil vai receber seus futuros missionários, consequentemente, os de Denominação Batista, como veremos a seguir.

5.2 OS BATISTAS NO BRASIL E A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A chegada dos batistas ao Brasil, subjaz ao processo de expansão missionária dos cristãos protestantes, especialmente aqueles advindos dos Estados Unidos da América. Conforme classificação apontada nos capítulos anteriores, estão inseridos na categoria de protestantes históricos tradicionais ou protestantismo de missão, também tratados aqui como Denominação Batista ou Instituição Religiosa Batista Tradicional.

Inicialmente, utilizamos a obra “A celebração do Indivíduo: A Formação do Pensamento Batista Brasileiro” de autoria de Israel Belo de Azevedo. O trabalho de Israel de Azevedo, descreve o modo de pensar dos evangélicos, especialmente os de Denominação Batista. Logo, sua abordagem e temporalidade parte dos pressupostos da época moderna, quando o individualismo passa a ser uma das muitas nuances que atingem o “iluminado” homem moderno, conforme alguns aspectos apresentados no capítulo II.

E o que os batistas tem a ver com isso? Azevedo (1996), introduz o seu trabalho afirmando que os batistas fazem parte da gênese do pensamento liberal inglês e que a ênfase na liberdade individual e no princípio da separação entre Igreja e Estado são uma evolução do puritanismo ou uma apropriação do liberalismo. Essa apropriação faz sentido à medida em que se observa a amplitude das transformações pertinentes da modernidade. Vale ressaltar que, essa apropriação está muito mais associada aos ideais de liberdade lockeanos do que do liberalismo econômico preconizado por Adam Smith.

Quando alguns batistas emigraram para as Treze Colônias americanas, o ideário permaneceu e esteve onipresente na sua relação com o novo mundo. O modo de pensar se transformou, mas conservou e consolidou o espírito inglês. Se a ênfase à liberdade era uma necessidade de sobrevivência na Inglaterra, nos Estados Unidos também o seriam. (AZEVEDO, 1996, p. 12).

O autor afirma que a expansão batista pelo mundo deve ser creditada aos norte-americanos, mas em diálogo com os europeus. Por esse motivo, é inevitável a correlação com os europeus, sobretudo no que diz respeito às concepções ideológicas. É bem verdade que há na historiografia um componente crítico em relação ao eurocentrismo presente na composição literária, principalmente na sua forma mais didática de ser. Muitas vezes, essa situação é inevitável. Basta olharmos os modelos políticos, econômicos, culturais que permeiam a nossa sociedade, estão presentes por todos os lados. Evidentemente, sem demérito a quaisquer desses elementos de outras partes do mundo. Porém, da temporalidade que a historiografia francesa costuma chamar de modernidade, o componente europeu é predominante.

E nesse sentido, evocamos o espírito do liberalismo religioso que será absorvido pelos batistas brasileiros desde os primeiros missionários que por aqui chegaram seja para atender aos imigrantes instalados no interior paulista, seja para promover a ação missionária na capital baiana, fortemente marcado pela influência dos ingleses e norte-americanos. Se na Europa moderna, o liberalismo está associado às novas formas de pensar o mundo, no Brasil do século XIX, está permeado do sentido republicano positivista embasado na ideia de “ordem e progresso”. Segundo A. R. Crabtree:

O governo liberal de D. Pedro II preparou o terreno para o estabelecimento da liberdade religiosa no regime republicano. Ele era patriota generoso, homem culto, tolerante em matéria de opinião e escrupulosamente honesto na administração do governo. Contribuiu grandemente para o progresso do Brasil e o seu justo prestígio no exterior. (CRABTREE, 1937, p. 23).¹¹⁹

Essa citação denota a visão positivista empreendida pelo autor em relação a D. Pedro II. Vale ressaltar que na Europa, mesmo alguns governos monárquicos chegaram a demonstrar inclinação aos ideais iluministas, motivo pelo qual alguns foram chamados de déspotas esclarecidos, ou reis filósofos (FONTES, 1987).

“No Brasil, o que chegou foi o protestantismo norte-americano, transplantado da Europa. O transplante de um transplante é o que se tem aqui. E nem por isso ele é um protestantismo menor.” (AZEVEDO, 1996, p. 24). O curioso é que essa é uma premissa do protestantismo que guarda semelhanças das várias ramificações que aqui se instalaram, com

¹¹⁹ Essa foi a segunda fonte bibliográfica de publicação mais longínqua que encontrei sobre a História dos Batistas. No prefácio, o autor revela que aceitou escrever sobre a História dos Baptistas no Brasil a pedido do Departamento de História e Estatística da Casa Publicadora Batista e assume que o ponto de vista de sua escrita é sectário, no sentido de que é batista por convicção.

uma certa exceção para o protestantismo de imigração, que necessariamente não precisou aportar antes na América do Norte.

Quanto ao perfil do batista norte-americano, embora admita que as colônias tenham nascido calvinistas, Azevedo (1996), afirma que no geral, mantiveram as crenças e práticas nascidas na Inglaterra, a teologia era acessível, e o ministro também, se mantiveram de acordo na maioria dos pontos teológicos, com exceção para a natureza da predestinação. Contribuiu para isso a preservação das confissões de fé. As práticas dos pactos internos com sínteses de suas crenças, contribuiu para a preservação da teologia batista. Nesse sentido Israel Azevedo apresenta o seguinte quadro sobre os princípios da teologia batista norte-americana:

Quadro 11: Princípios da Teologia Batista Americana

SÍNTESE	A COMPETÊNCIA EXCLUSIVA DO INDIVÍDUO
FONTE	• Bíblia como regra de fé e prática
ANTROPOLOGIA	• Depravação total do homem a partir da queda
SOTERIOLOGIA	• Compromisso (tenso) entre predestinação e livre-arbítrio
MORALIDADE	• Taborismo (ênfase na santificação)
ECLESIOLOGIA	• Igreja como comunidade local de regenerados (batismo por imersão)
TEORIA POLÍTICA	• Radical separação entre Estado e igreja

Fonte: (AZEVEDO, 1996, p. 137)

A questão soteriológica representará o maior ponto de tensão em relação à filiação calvinista. Os batistas brasileiros ratificam sua posição pelo livre-arbítrio. A concepção de queda do homem, a ênfase na santificação, o batismo, são princípios que antes de serem defendidos pela comunidade religiosa, deve ser aceito e praticado pelo indivíduo. Grosso modo, essa prática nos lembra a concepção weberiana de que o indivíduo prevalece sobre o social. Dessa forma essa solidariedade orgânica forma a comunidade religiosa batista que em sua teoria política defende a separação entre Igreja e Estado tendo a Bíblia como regra de fé e prática. Reforça essa compreensão a abordagem lockeana que diz:

Não cabe ao magistrado civil o cuidado das almas, nem tampouco a quaisquer outros homens. (...) O cuidado das almas não pode pertencer ao magistrado civil, porque seu poder consiste totalmente em coerção. Mas a religião verdadeira e salvadora persiste na persuasão interior do espírito, sem o que nada tem qualquer valor para Deus, pois tal é a natureza do entendimento humano, que não pode ser obrigado por nenhuma força externa. (...) O poder civil não deve prescrever artigos de fé, ou doutrinas, ou formas de cultuar Deus, pela lei civil. (...) Ninguém, portanto, nem os indivíduos, nem as igrejas

e nem mesmo as comunidades têm qualquer título justificável para invadir os direitos civis e roubar a cada um seus bens terrenos em nome da religião.¹²⁰

Essa síntese do pensamento de John Locke, mesmo que inconscientemente, de certa forma reflete o tipo de comportamento dos batistas brasileiros. É bom que se diga, o liberalismo influencia o modo de pensar batista europeu e norte-americano, que por conseguinte, termina refletindo no comportamento dos batistas brasileiros. Podemos ver isso no recorte da “Filosofia da Convenção Batista Brasileira” citada por Israel Azevedo:

Identifica-se como Batista a pessoa convertida, regenerada pela ação do Espírito Santo, salva mediante a graça de Deus e a fé em Jesus Cristo, e que se submete à soberania de Cristo; une-se a uma igreja da mesma fé e ordem; (...) presta culto a Deus, e somente a ele; crê na autoridade da Palavra de Deus – sua única regra de fé e prática – e na competência do indivíduo perante Deus.¹²¹

É dentro dessa perspectiva que os batistas brasileiros forjam seus credos e suas mais amplas convicções. Estão no país desde a segunda metade do século XIX e de lá para cá, tornou-se uma das mais sólidas instituições religiosas do universo evangélico protestante. Espalhada por todo o território nacional, tem a partir da sua Convenção as diretrizes denominacionais que são amplificadas através das Convenções estaduais e Associações regionais, como forma de organização denominacional.

Uma das discussões em torno dos primórdios dos batistas no Brasil, encontra-se em torno das cidades de Santa Bárbara d’Oeste, Rio de Janeiro e Salvador. A atividade migratória das últimas décadas do século XIX transformou o Estado de São Paulo no principal centro receptor de imigrantes do país. A cidade de Santa Bárbara foi um desses centros e com um bom número de confissão evangélica, dentre eles, muitos norte-americanos. Procurando formar igrejas, uma delas foi a Igreja Batista organizada em 1871 sob a liderança do pastor Richard Ratcliff (1831-1912); e uma outra fundada oito anos depois, em 1879. Os cinco fundadores da Igreja Batista na cidade de Salvador em 1882, saíram de Santa Bárbara. Com o pastor William Bagby pregando em inglês, no mesmo ano foi fundada a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro com quatro membros, numa pensão. Segundo Silva (2011), o primeiro núcleo batista instalado no Brasil tinha todas as características de protestantismo de imigração pois o serviço religioso era feito em inglês e não iniciou trabalho missionário entre os brasileiros. “Os

¹²⁰ LOCKE, John. Carta acerca da tolerância. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 13-16. (Os Pensadores, v. XVIII) Apud (AZEVEDO, 1996, p. 139).

¹²¹ Anais da CBB, 1994, p. 513. Apud (AZEVEDO, 1996, p. 189).

missionários aqui reproduziram o modelo de igreja que conheciam e repetiram aqui a teologia que sabiam.” (AZEVEDO, 1996, p. 195).

Como fizeram as outras denominações, à medida que as igrejas iam surgindo foram organizando a estrutura eclesiástica nacional, em torno de juntas executivas setoriais, mantida a independência de cada igreja local, segundo o princípio batista. O esforço cooperativo visava apoiar as igrejas locais em duas tarefas básicas: a captação e o treinamento de membros. (AZEVEDO, 1996, p. 195).

Essa estrutura que estava se configurando, dava o tom que confirmava a expansão batista no território nacional. O protestantismo de missão, reverberava na Denominação Batista as estratégias que foram próprias do protestantismo histórico no Brasil. O caminho era sem volta. Segundo Mendonça (2008), congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas, vieram e se implantaram com suas características formais próprias, com seus governos eclesiásticos necessários à estruturação dos seus próprios trabalhos e respectivo esforço de propagação. “Todas elas mantiveram o princípio geral de associação voluntária, e nem podia ser diferente.” (MENDONÇA, 2008, p. 287). Mas essa associação não aconteceu sem as ações combativas ao catolicismo local.

A luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. O educacional se desenvolveu em dois outros níveis: o ideológico, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. O primeiro foi representado pelos grandes colégios americanos, e o segundo pelas escolas paroquiais. O proselitismo, isto é, o esforço desenvolvido pelos protestantes para converter os católicos, constituiu-se no confronto direto com o catolicismo, uma vez que se tratava da tentativa de substituição de princípios de fé e procedimentos religiosos profundamente arraigados em três séculos livres de concorrência. (MENDONÇA, 2008, p. 122).

Embora os batistas tenham utilizado a estratégia educacional em algumas regiões, vale dizer que essa ênfase foi mais efetiva junto aos presbiterianos e metodistas. Antônio Mendonça afirma que os batistas (após a igreja fundada em Salvador), se expandiram pelo Nordeste e Norte do Brasil, espaço ainda relativamente desocupado pelos protestantes. O discurso missionário constitui-se o elemento fundamental de expansão batista por todo o território nacional. Como já foi dito, essa ação missionária não teve início aqui, ocorre como

desdobramento das estratégias utilizadas nos primórdios dos batistas na Europa e Estados Unidos como vemos a seguir:

Vários fatores se interpretam na busca do entendimento do contexto histórico que propiciou a vinda dos missionários batistas e das várias denominações protestantes para o Brasil. Um fator de ordem religiosa que muito contribuiu foi o grande avivamento religioso ocorrido na Europa, nos finais do século XVIII, e que se difundiu nos EUA. Em decorrência do fervor evangelístico e do proselitismo, várias sociedades missionárias foram organizadas nas primeiras décadas do século XIX, pelas diversas denominações, dentre elas os batistas, que iniciaram suas atividades missionárias com o objetivo precípua de salvar os pecadores da danação eterna. (SILVA, 2011, p. 286).

A ideia de avivamento religioso ou avivamento espiritual, é algo bem recorrente dentro das denominações religiosas protestantes, embora a maior ênfase esteja junto às de linhagem pentecostal. Os batistas também receberam essa influência. O avivamento espiritual aponta para o que designam ser um atendimento ao “chamado do Senhor”, ligado à ideia de fervor espiritual, que pode ser individual ou coletivo. Dessas experiências ocorridas na Europa nascem os “avivamentos” que vão influenciar uma série de ações missionárias por várias partes do mundo.

Todavia, a expansão não ocorre movida apenas pelo caráter religioso. Há que se considerar os fatores políticos e econômicos da época. Foi um período de intensificação das atividades comerciais entre Brasil e Estados Unidos. A segunda década do século XIX, já marcada pela emancipação política do Brasil, encontra-se no calendário dos eventos que foram importantes para as transformações sociais do século em curso. Já com fortes relações comerciais com a Inglaterra, os EUA passam a compor uma outra importante rota comercial, especialmente na segunda metade do século. O governo imperial brasileiro padecia de uma dependência econômica, principalmente por ser um país predominantemente agrário e sem a capacidade de produção própria, fazendo com que os dois países citados fossem depositários de uma forte relação comercial.

Sem querer cair em interpretações unilaterais e simplistas, como a de que missionários eram pontas de lança do imperialismo norte-americano, porém querendo evitar uma aproximação ingênua aos fatos, pode-se afirmar que as missões protestantes, instaladas no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, faziam parte de um movimento maior de expansão norte-americana na América Latina, como um todo. Os missionários que vêm pregar o Evangelho no Brasil, são homens e mulheres do seu tempo, tempo de expansão capitalista dos EUA, e se instalam no Brasil a partir desse quadro. Ou melhor, aportaram no território brasileiro no mesmo navio que fazia o rentável comércio de café e de outros produtos. (SILVA, 2011, p. 288).

A empresa capitalista precisava assegurar os seus lucros. As ações comerciais não mais se limitavam às atividades dos colportores. O núcleo de Santa Bárbara buscou na Junta de Richmond, o apoio necessário para a expansão missionária no Brasil. Esse apoio esteve vinculado à Convenção Batista do Sul dos EUA. Nas palavras de Crabtree:

Algumas famílias do Sul dos Estados Unidos, desanimadas pelos resultados trágicos da guerra, procuraram um lugar onde pudessem principiar de novo a vida, recuperar as forças e manter as regalias da sociedade que gozavam antes da guerra. Naturalmente pensaram no Brasil que nesse tempo atraía a atenção do mundo pelo seu progresso. Com a permissão generosa do governo imperial, fundaram uma colônia americana em Santa Barbara, na então província de São Paulo. Era composta de famílias evangélicas, divididas, mais ou menos igualmente entre methodistas, presbyterianos e baptistas. Foi feliz na escolha do lugar para sua habitação, mas as famílias sentiram a grande falta de assistência espiritual que gozavam nas igrejas de outrora. (CRABTREE, 1937, p. 39).

Essa abordagem positivista apresentada por Crabtree sobre a nova terra para principiar uma nova vida sob os auspícios do que designa como permissão generosa do governo imperial, não ofusca o perfil dos recém chegados ao país. Eram evangélicos que precisavam de assistência espiritual. Por esse motivo:

A 10 de setembro de 1871, foi organizada a primeira igreja batista no solo brasileiro. Não obstante a falta de recursos e liderança para iniciar o trabalho evangélico entre os brasileiros, esta igreja prestou um serviço de valor incalculável para a evangelização do Brasil. (CRABTREE, 1937, p. 39).

Um casal de missionários foi especialmente importante nesse momento quando chegaram ao Brasil em 1881, com o intuito de apresentar as doutrinas batistas para o povo brasileiro. O Reverendo William Bagby e sua esposa Anne Bagby. Estiveram no Colégio Presbiteriano de Campinas aprendendo a língua portuguesa a fim de desenvolver suas tarefas evangelísticas.

Aproximadamente um ano depois, a Convenção Batista do Sul dos EUA, através da Junta de Richmond, enviou para o Brasil o casal Reverendo Zacarias Taylor e Katherine Taylor, que, juntando-se com os Bagby, em março do mesmo ano começaram a aprender a língua portuguesa.

Dois meses após a chegada dos missionários à Bahia, 15 de outubro de 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista do Brasil, composta de cinco membros, os dois casais de missionários americanos e o ex-padre Antônio

Teixeira de Albuquerque, antigo prosélito metodista, no local denominado Canela, em Salvador, capital da Província. A comunidade da Bahia é considerada como a primeira brasileira exatamente por suas características: além de não ter sido organizada para os fieis americanos, tinha objetivos missionários e contava na sua membresia brasileiros. A Igreja de Santa Bárbara resumia-se às necessidades espirituais dos colonos americanos. (SILVA, 2011, p. 290-291).

Ainda sobe a igreja na Bahia, encontramos:

Aos 15 de outubro de 1882 foi organizada a primeira igreja baptista nacional do Brasil, constituída do irmão W. B. Bagby e esposa, D. Anna; o irmão Z. C. Taylor e esposa, D. Kate; e o ex-padre, o irmão Antônio Teixeira de Albuquerque. Havia duas igrejas baptistas em Sta. Barbara, conforme já notamos, e a igreja da Bahia era composta de quatro norte-americanos e um brasileiro. Não obstante estes factos a Primeira Igreja Baptista da Bahia é propriamente reconhecida como a primeira igreja baptista nacional do Brasil, porque foi organizada com o fim definitivo de pregar o Evangelho ao povo brasileiro e todos os seus cultos eram realizados no vernáculo do povo, e a literatura evangélica foi publicada no mesmo. (CRABTREE, 1937, p. 54-55).

Pelas razões expostas, pode-se concluir que este é o ponto chave para o entendimento a respeito da Igreja Batista no Brasil. Em outras palavras, a igreja fundada em Salvador na Bahia, já com membro brasileiro e voltada para a expansão missionária junto ao povo brasileiro, é considerada a Primeira Igreja Batista do Brasil. Numa Bahia predominantemente católica, e com outras denominações protestantes ainda incipientes, como era o caso dos luteranos e dos presbiterianos.

Conforme a ata de fundação da Primeira Igreja Batista, após a pregação do Evangelho e celebração da ceia do Senhor, instalou-se a referida igreja, tendo adotado a “Confissão de Fé de The New Hampshire, como praticada geralmente pelas Igrejas Batistas Missionárias.” No Brasil esta confissão seria divulgada com Artigos de Fé, tradução largamente difundida sob o título de *Crenças Batistas*, em forma de livro. (SILVA, 2011, p. 292).

Outrossim, há quem conteste esta versão. Não no sentido relacionado aos acontecimentos narrados propriamente dito, mas no que diz respeito à tipologia Primeira Igreja Batista no Brasil. As versões encontram-se relacionadas aos núcleos de Santa Bárbara em São Paulo e o de Salvador, na Bahia. Yamabuchi (2009), levanta o debate sobre as origens do trabalho Batista no Brasil a partir das publicações de José Reis Pereira e Betty Antunes de Oliveira. O autor vai levar em consideração o que chama de duas posições, ou seja, a Posição Oficial “1882, Salvador, Ba” e Posição “1871, Santa Bárbara, SP”, defendidas respectivamente

por José Pereira e Betty Oliveira. Essa contestação da primeira versão vai levar Yamabuchi (2009), a um estudo sobre gênero no meio Batista, considerando a Convenção Batista Brasileira a arena do debate e relacionando os conflitos de gênero e poder observados durante o debate sobre o marco inicial dos batistas. Afinal de contas, a versão de contestação da narrativa oficial aceita pela Convenção, estava sendo feita por uma mulher em uma instituição de organização diretiva predominantemente masculina.¹²²

Ora, fundada a Primeira Igreja Batista do Brasil, era necessário o desenvolvimento de estratégias de expansão, e as coisas logo começaram a acontecer. Esses primórdios tiveram o apoio e financiamento da Junta de Richmond. As ações não se resumiam apenas na “pregação da palavra”, expressão ainda hoje bastante utilizada nas prédicas e campanhas missionárias. Materiais impressos de circulação começaram a ser produzidos e que estampavam as doutrinas, os ensinamentos e aos poucos davam corpo à Instituição Batista no Brasil. Nas palavras de Anna Adamovicz:

(...) desde os primórdios do trabalho batista no Brasil, os missionários estrangeiros e os seus colaboradores nacionais atribuíram grande importância à imprensa denominacional enquanto meio eficaz de evangelização da população local e indispensável instrumento na edificação espiritual e doutrinação dos fiéis novos-convertidos que passavam a compor os quadros de membros da Igreja Batista Brasileira, em processo de formação e crescimento. (ADAMOVICZ, 2008, p. 57).

No início do século XX, os batistas já se apresentavam como uma instituição que abarcaria boa parte dos adeptos convertidos à denominação evangélica protestante defensora do credobatismo. E como eram esses materiais? Quais eram os nomes que circundavam essas publicações? Vamos mais uma vez recorrer ao que afirma Elizete da Silva:

Como estratégia de divulgação de suas doutrinas, os batistas, de imediato, começaram a publicar folhetos evangelísticos e jornais como: o *Echo da Verdade*, que já circulava na Bahia em 1890; em 1893 veio à luz *A Verdade*; em 1896 *A Luz*; em 1900 *A Nova Vida*, todos impressos na tipografia da Primeira Igreja Batista na Bahia, sob direção do missionário Zacharias Taylor. Em Campos, Rio de Janeiro, em 1900, começou a circular *As Boas Novas*. Com o objetivo de centralizar as publicações, em 1900 foi fundado o *Jornal Baptista* no Rio de Janeiro, mantendo um caráter informativo e ao mesmo

¹²² As publicações analisadas por Yamabuchi (2009) que lançam luz sobre o debate são respectivamente “História dos Batistas no Brasil (1882-1982)” de José Reis Pereira, publicada em 1982 e “Centelha em Restolho Seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batistas no Brasil” de Betty Antunes de Oliveira, publicada em 1985. Preferimos não entrar no mérito do debate, embora tenhamos optado pela versão oficial. Ver mais sobre esse debate na Tese de Yamabuchi ou nas próprias obras citadas.

tempo doutrinador. No entanto, outras publicações de origem regional continuaram a surgir, a exemplo do noticioso *A Mensagem* que apareceu em Salvador, Bahia, em 1907; a partir de 1915 sua sede transferiu-se para Recife. Em meio aos conflitos entre missionários estrangeiros e batistas brasileiros do Nordeste, na década de 1920, conhecido como a Questão Radical, os batistas baianos organizaram *O Baptista Bahiano*, sob a direção do missionário norte-americano M. G. White. (SILVA, 2011, p. 293).

Os nomes dos jornais em destaque revelam um discurso que é muito peculiar dentre os batistas. Verdade, Luz, Nova Vida, Boas Novas, Mensagem, apresentam um comportamento institucional que define um tipo postura. A de promotora de uma mensagem que afirma ser a verdade, propositiva de luz, com boas novas que levam o indivíduo à uma nova vida.

Essa novidade além dos jornais impressos, vão acompanhar tanto os missionários quanto os novos conversos que são naturalmente instruídos a ampliar os horizontes dos que os cercam. A visão missionária batista é incisivamente expansionista. A partir dos seus polos fundadores, logo se espalhou por outras regiões do Brasil. Mesmo em um país de proporção continental, preserva-se uma unidade doutrinária (nem sempre pacífica), norteadora da estrutura organizacional sem perder de vista as peculiaridades regionais.

Tais ideias se sustentam a partir do que caracterizam como doutrinas bíblicas, ou o que chamam de verdades bíblicas amparadas em afirmações feitas pelo próprio Jesus tais como: “Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida.” (Jo. 8:12); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim.” (Jo. 14:6); “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (Jo. 8:32).¹²³ Associado à esses textos, encontram-se outras assertivas ligadas à ideia de fazer discípulos, pregar as boas novas de salvação, apresentar uma mensagem que seja de transformação de vida. Essas são atitudes que marcam o povo batista enquanto agentes de propagação da fé cristã.

“Fiéis ao proselitismo, os batistas também escreviam artigos religiosos nos periódicos de circulação local e, muitas vezes, alimentaram acirradas polêmicas com articulistas católicos.” (SILVA, 2011, p. 293). A autora cita como exemplo o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, auxiliar dos missionários, considerado o primeiro batista brasileiro. As polêmicas refletem o resultado de disputas de espaços religiosos entre católicos e protestantes. Embora sejam religiões de cristandade, não foi o suficiente para se evitar o conflito. “O ataque frontal à Igreja Católica era um dos métodos de evangelização utilizados pelos líderes batistas.” (SILVA, 2011, p. 294). Esse ataque vai tirar a Igreja Católica de sua zona de conforto. Até então soberana e muito mais voltada a assegurar os seus dogmas, o país que se transformava

¹²³ Bíblia de Estudo SCOFIELD, 2011, p. 972; 980.

política e economicamente, agora se via diante de alternativas religiosas mais amplas e que colocava os batistas na rota de um caminho sem volta. Ou seja, os embates e conflitos não foram suficientes para conter a expansão batista no território nacional. Estava lançada a sorte sobre um novo olhar acerca do cristianismo. Destarte, outras formas de organização foram sendo incrementadas à medida em que a Denominação Batista se instalava no Brasil:

Os primeiros colégios batistas foram fundados por missionários norte-americanos no final do século XIX e início do século XX. Em 1900 foram iniciadas as atividades da Casa Publicadora Batista e, em 1901, de *O Jornal Batista*, que se tornou mais tarde o órgão oficial dos batistas no Brasil. Em 1902, o trabalho isolado de missionários, que tentaram, através de classes teológicas, treinar brasileiros para o ministério pastoral, recebeu uma nova conotação com a criação do Seminário Batista em Pernambuco (hoje Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil). Só em 1907 houve a centralização das atividades dos batistas no Brasil, com a organização da Convenção Batista Brasileira. Na ocasião foi implantado o trabalho missionário através da Junta de Missões Nacionais e da Junta de Missões Estrangeiras, e idealizado um sistema educacional central, que resultou na fundação, em 1908, de um Colégio e um Seminário no Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, 2008, p. 95).

Houve nessa perspectiva uma preocupação endógena em formar e aprimorar a mensagem batista em sua expansão. Qualificar os pastores alçados ao ministério pastoral era demasiadamente relevante à “proclamação da palavra”. Os seminários supracitados instalados respectivamente, em Recife e no Rio de Janeiro se constituíram os principais ícones de formação teológica ao longo da história batista no Brasil. Embora na atualidade já existam outros seminários, estes ainda continuam como centro de referência. Há que se acrescentar que tais seminários são de caráter confessional Batista.

“Ao longo do tempo, o processo de centralização das normas e diretrizes batistas foi sendo costurado, até porque, se a comunidade local é autônoma, não tem que se submeter à jurisdição da CBB.” (ALMEIDA, 2016, p. 59). Embora portadora dessa autonomia, a comunidade local terminará, na maioria dos casos, orbitando em torno da Convenção, visto que, a mesma atuará como agente das diretrizes doutrinárias, de um certo calendário nacional, e propositiva de um ordenamento comum que caracterize a Denominação Batista enquanto comunidade religiosa.

Assim sendo, vinte e cinco anos depois da chegada dos batistas à capital baiana, foi criada em 1907 a Convenção Batista Brasileira – CBB. Segundo dados oficiais, a motivação básica da

criação da Convenção foi Missões¹²⁴. Falava-se, nessa época, na evangelização de Portugal, Chile e África. Estava sendo criada a estrutura administrativa dos batistas no Brasil. Surgiram as Juntas de Missões Nacionais e Missões Estrangeiras (hoje Missões Mundiais), e outras para a Casa Publicadora Batista, Escola Bíblica Dominical, para a União de Mocidade Batista, Educação e Seminário e para a Administração do Seminário.¹²⁵

A Convenção Batista Brasileira tornou-se o órgão máximo da Denominação Batista no Brasil. É a maior Convenção Batista da América Latina, representando cerca de 8.753 igrejas, 4.944 congregações e 1.706.003 fiéis. Desde que surgiu, serve a comunidade batista brasileira com sua estrutura de integração e seu espaço de identidade, comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos batistas do Brasil. É administrada por um Conselho Geral, cuja diretoria tem mandato de dois anos. A CBB se rege por padrões democráticos com ênfase na descentralização decisória e na alternância de poder. O Conselho Geral é o órgão responsável pelo planejamento, a coordenação e o acompanhamento dos programas da CBB e de suas organizações. As crenças que sustentam os batistas começam em Jesus Cristo como senhor e líder de todas as igrejas batistas no Brasil e no mundo. Interpretada na perspectiva apostólica, a bíblia é o livro de fé e prática. Baseada na bíblia, a declaração doutrinária dos batistas brasileiros contém o conjunto das regras que regem as igrejas filiadas à CBB.¹²⁶ A CBB enquanto órgão diretor dos batistas brasileiros, se caracteriza pelos seguintes princípios:

Tabela 10: Síntese da história e tradições batistas

Tradições Batistas	
Liberdade religiosa	Visão missionária
Governo democrático	Fidelidade bíblica
Estrutura congregacional	Padrão doutrinário
Ação cooperativa	Responsabilidade social

Fonte: Site da CBB

¹²⁴ Seguramente Missões é uma das expressões mais utilizadas pela Denominação Batista. Representa o caráter expansionista, “proclamador do evangelho” que faz com que os batistas sejam categorizados como uma denominação de missão. Cada Igreja Batista que surge no Brasil, normalmente já nasce com um objetivo evangelista, ou seja, uma vez funcionando, pensa-se no que chamam de ponto de pregação (local onde se inicia um novo trabalho), que a partir dos primeiros congregados passa a ser chamado de congregação até ser constituída uma nova igreja.

¹²⁵ Conforme dados da CBB. Disponível em: www.convencaobatista.com.br. Acesso em: 03 jan. 2022.

¹²⁶ Conforme site oficial da CBB. Disponível em: www.convencaobatista.com.br. Acesso em: 04 jan. 2022. Ver mais detalhes no referido site.

Essa estrutura tipifica os princípios básicos que direcionam a organização batista através de sua Convenção, e serve de parâmetro para as igrejas que junto a ela buscam filiação. A cada ano acontece a assembleia geral da CBB, onde as igrejas filiadas através dos seus representantes tem poder de voto e escolha das diretrizes que norteiam a sua organização institucional.

Apesar disso, os conflitos e dissensões foram inevitáveis, fazendo-se necessário trazer à evidência algumas dessas tensões e rupturas, bem como a própria estrutura da Convenção e o caráter doutrinário em que essa denominação de assenta.

5.3 RUPTURAS E DISSIDÊNCIAS

Do pentecostalismo às denominações históricas, não é de se estranhar a existência de dissidências ou rupturas denominacionais. E com os batistas não foi diferente. Essas dissidências normalmente são motivadas por questões de ordem doutrinária, choque cultural ou na forma de gestão da igreja local. Os líderes com perfil demasiadamente centralizador, são os que mais estão sujeitos à esse tipo de enfrentamento.

Quando os batistas norte-americanos se instalaram no Estado da Bahia, obviamente tiveram que se deparar com as questões relacionadas à cultura local. Como houve uma forte estratégia de expansão, apenas a exposição do “novo credo” não foi suficiente para aplacar os enfrentamentos que aqui aconteceram. Marli Geralda Teixeira (2017), aponta como um dos fatores o desconhecimento, o despreparo e as distorções da visão dos missionários estrangeiros no que tange à cultura brasileira. Destaca que:

O desconhecimento das especificidades da evolução histórica e da formação cultural do Brasil levava-os a surpreender-se diante de comportamentos típicos de extensos setores da sociedade local. Desconhecendo o caráter particular assumido pela colonização mercantil portuguesa no Brasil, demonstravam atitude de desprezo e crítica à pobreza e às dificuldades econômicas do país, as quais, no seu entender, resultavam do pecado, da preguiça e da ignorância inerentes à natureza do brasileiro. (TEIXEIRA, 2017, p. 69).

Com isso, despertou-se de certa forma um comportamento contrário aos missionários. A autora classifica essa questão nacionalista como movimentos antimissionários. Porém, nunca é demais questionar: havia mesmo por parte dos missionários um desconhecimento da cultura local ou uma tentativa de imposição cultural via “pregação do evangelho”? Não obstante o que os predecessores mercantis portugueses já tinham feito via missão católica, os norte-americanos que nesse momento expandiam seus negócios na América, também poderiam usar do mesmo

expediente para a planificação do velho discurso - “A América para os americanos”. Elizete da Silva acrescenta que:

O pragmatismo e a rigidez da ética dos missionários, evidentemente, opunham-se a um caráter mais emocional dos brasileiros, marcado por fortes traços culturais, influenciados pelo catolicismo. Eram mentalidades distintas, que provocariam constantes atritos entre os nacionais e a liderança estrangeira. (SILVA, 2011, p. 297).

Destarte, Silva (2011), evidencia que os missionários estrangeiros na tarefa de evangelização dos brasileiros, não souberam ou não quiseram distinguir a mensagem universal do cristianismo, da roupagem cultural norte-americana. Dessa forma, as nuances do cenário de tensão vão se ampliando. Sendo assim, é necessário identificar melhor esses movimentos dissidentes.

O primeiro episódio de contestação aberta ao controle estrangeiro nos trabalhos denominacionais registra-se em 1910, com a separação de um grupo de membros da Igreja da Rua Dr. Seabra, para organizar um novo trabalho em bases unicamente nacionais. Nascia, assim, a Igreja Batista Independente do Garcia, da qual se originaria, em 1916, a Missão Batista Independente. (TEIXEIRA, 2017, p. 74).

Marli Geralda classifica em cinco fases esses acontecimentos. Ela faz um cuidadoso levantamento dessas fases, problematizando acerca de elementos peculiares dos respectivos períodos abordados. Com efeito, o quadro abaixo possibilitará de forma resumida identificar algumas das situações levantadas:

Quadro 12: Fases do nacionalismo e movimentos antissionários

FASES DO NACIONALISMO E MOVIMENTOS ANTISSIONÁRIOS
1ª fase: das origens a 1910
Desentendimentos e atritos pessoais entre membros da Primeira e Igreja e o missionário Z. C Taylor. Único episódio que assumiu maior relevo, foi o que resultou na separação da Primeira Igreja, em 1906. O conflito envolveu a população das duas únicas igrejas da capital da Bahia – Primeira e Cruz de Cosme -, resultando na separação da rua Dr. Seabra e da rua da Matança.
2ª fase: de 1910 a 1916
Período constituído pelo movimento de formação da Igreja Independente do Garcia e de organização da Missão Batista Independente. Não houve atração de grupos inteiros de membros de outras igrejas para unirem-se aos independentes.
3ª fase: de 1923 a 1936
Conhecida na historiografia protestante brasileira como crise da Questão Radical. Eclodiu em Pernambuco. O Estado representava, na época, o centro da Missão do Norte, que congregava todos

os campos estaduais, da Bahia até o Amazonas. Ali estavam sediadas as instituições cooperativas, sobretudo as do campo educacional. O Colégio Americano Batista e o Seminário Batista, além de outras escolas, recebiam estudantes de todas as áreas da Missão e também de outras regiões do país. Concentravam-se ali os elementos mais representativos da intelectualidade batista do Norte e Nordeste. A questão se inicia no interior do Seminário Batista do Recife (chamado Seminário do Norte) e rapidamente atinge o campo fértil e já receptivo das igrejas e da Convenção. Lutava-se no interior das igrejas, expulsando sumariamente as minorias que tendiam para os “radicais”, como passaram a ser conhecidos os brasileiros, ou para os “construtivos” – denominação dada aos missionários e seus seguidores. Igrejas lutavam entre si, separando-se uma das outras e recusando-se a continuar com a cooperação com as do grupo oposto. Lutava-se no interior do Seminário e do Colégio de Recife. Essa questão revela a marca da profunda dependência do trabalho batista brasileiro quanto ao financiamento externo e dificuldades de superação dessa dependência.

4ª fase: de 1940 a 1956

Período em que foi criada a Convenção Batista da Bahia, desligada da Convenção Batista Baiana. A nova agremiação se manteve unida à Convenção Batista Brasileira até 1953, quando, após acordos com representantes da *North American Baptist Association* (NABA), fundou-se a segunda Associação Batista Brasileira, desligando-se dos laços com os representantes de Richmond.

5ª fase: de 1960 a 1970

Refere-se ao movimento ocorrido entre 1960 e 1970, responsável pela organização da Associação Evangelizadora Batista da Bahia, sob orientação do pastor Alfredo Mignac. Entre 1960 e 1966, a Associação contava com a participação de seis igrejas, das quais três estavam em Salvador: Segunda Igreja, Quintas e Amaralina. Outras três estavam fora da Capital: Lobato, Ibirapitanga e a Segunda de Castro Alves.

Fonte: Adaptado da obra “...nós os batistas...” Um estudo de história das mentalidades¹²⁷

As fases de que se tratam o quadro acima, evidenciam situações mais específicas do Estado da Bahia e Norte e Nordeste como é o caso da terceira fase. É possível que outras regiões do país tenham passado por algum tipo de enfrentamento, isso porque, rupturas e dissidências são situações relativamente comuns dentro da história das denominações evangélicas protestantes no Brasil.

Para além desses acontecimentos, o evento de grande envergadura que promoveu a maior ruptura entre os batistas brasileiros, foi o movimento de Renovação Espiritual que eclodiu na década de 1960. Esse movimento foi tão contundente, que, do ponto de vista institucional, teve por consequência a criação da Convenção Batista Nacional – CBN, da qual passaram a fazer parte as igrejas batistas renovadas. Nesse caso, os batistas que dantes pertencentes ao protestantismo histórico de missão e que permaneceram vinculados à Convenção Batista Brasileira, se firmaram mais ainda sob a alcunha de tradicionais. Quanto às igrejas batistas que aderiram ao movimento de Renovação Espiritual, essas passaram a atender pelo nome de batistas renovados. E essa é a distinção organizacional que permanece até hoje. Embora a

¹²⁷ (TEIXEIRA, 2017, p. 69-97).

convivência no presente ocorra de maneira mais cordial e proativa, em seus primórdios, essa convivência não foi tão pacífica assim.

A década de sessenta do século passado registrou entre as denominações protestantes brasileiras a eclosão de um movimento de caráter carismático que sacudiu as velhas igrejas históricas, provocando uma crise de extensão considerável. O movimento conhecido entre as igrejas batistas como Renovação Espiritual assumiu significado particular, por ter sido a primeira manifestação coletiva que produziu cisões de caráter doutrinário. (TEIXEIRA, 2017, p. 99).

A autora aponta os anos críticos da crise entre 1965 e 1967, quando as Convenções Batista e Baiana tomaram conhecimento oficial do fenômeno e decidiram pelo expurgo das igrejas envolvidas. Esse movimento de tendência pentecostalizante pela ênfase nos dons espirituais, principalmente no tocante ao dom de línguas, repercutiu na prática da glossolalia o ápice da divergência doutrinária. Somado a isso, a liturgia com forte apelo emocional e ao que os novos adeptos vão classificar como avivamento espiritual.

E no sudoeste baiano, morou por um tempo um dos principais expoentes do movimento de Renovação Espiritual – o pastor José Rego do Nascimento. “Em linhas gerais, a propaganda da Renovação Espiritual na Bahia começa a partir do trabalho do pastor José Rego do Nascimento, na cidade de Vitória da Conquista, por volta de 1958.” (TEIXEIRA, 2017, p. 110). Essa afirmação me suscitou a dúvida se realmente esse movimento teria começado por aqui, motivo pelo qual entrei em contato com uma das filhas do pastor José Rego, que nasceu e reside na cidade de Conquista.

Consultando Vivian Nascimento Moraes de Santana, terceira filha de um total de cinco filhos do pastor José Rego Nascimento, esta discorda da ideia de propaganda da renovação espiritual em Vitória da Conquista, e complementa com dados importantes a partir da citação anterior de Marli Teixeira. Sobre a experiência do seu pai, ela afirma:

Olha, eu questionaria a palavra propaganda tá? De fato papai viveu uma experiência de forte cunho espiritual aqui em Vitória da Conquista, mais permaneceu nas suas bases doutrinárias ligadas à Convenção Brasileira, mesmo porque ele ainda estava construindo essa experiência. Ele tinha muita preocupação com o embasamento bíblico apesar de já estar bem envolvido com dona Rosalee Appleby e a sua literatura, inclusive com contatos pessoais, mais ele ainda não tinha de fato uma definição, vamos dizer doutrinária, um posicionamento doutrinário aqui enquanto em Vitória da Conquista, por isso que eu acho que a palavra propaganda, ela passa pra mim a ideia de que ele começou a divulgar essas ideias aqui de forma pontual. Não foi isso que aconteceu. É claro que com as suas experiências de cunho pessoal, aquilo que

ele estava vivendo de uma forma ou de outra refletiu nas suas mensagens, na sua conduta com as ovelha, enfim... Mas, dizer que o movimento de renovação espiritual enquanto movimento começou a ser propagado no ministério dele aqui em Vitória da Conquista de fato não confere, tanto que ele foi pra Belo Horizonte pra pastorear uma igreja Batista da Convenção Brasileira, que era recém formada, a Igreja Batista da Lagoinha. Então, lá sim, lá com a vivência mais próxima de dona Rosalee, ele mergulhou, talvez por se sentir mais livre da responsabilidade, assim, e por estar numa capital sem tanta visibilidade quanto um pastor numa cidade do interior como era Conquista, talvez ele tenha ficado mais à vontade para pregar aquilo que ele cria, ai sim, em Belo Horizonte sim, na Igreja da Lagoinha sim, que era uma igreja recém organizada pela Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, então lá sim junto com a missionária Rosalee e um grupo de irmãos, eles começaram com reuniões que foram depois taxadas de pentecostais, e consequentemente iniciou-se o que é chamado de movimento de renovação espiritual. (Depoimento de Vivian Nascimento).¹²⁸

Continuando com a assertiva de Marli Geralda Teixeira, temos:

Na década de 1960, já havia uma linha definida do pensamento renovacionista, ao tempo em que sua penetração em igrejas históricas já inquietava as lideranças estaduais. Havia conflitos entre renovados e não renovados nas igrejas de Poções, Amargosa, Potiraguá, Vitória da Conquista e Nazaré, todas elas igrejas do interior baiano. Entre as igrejas da Capital, houve exclusões por adesão ao movimento na dos Mares, Dois de Julho, São e Primeira. (TEIXEIRA, 2017, p. 110).

Vivian Nascimento Moraes de Santana, também se reporta à essa citação:

Confere o parágrafo em destaque. Justamente foi na década de 60. Papai chegou em Belo Horizonte em maio de 58, e logo em 59, meados de 59, a Igreja da Lagoinha se posicionou e começou-se então os embates teológicos a nível denominacional de fato. (Depoimento de Vivian Nascimento).¹²⁹

Os depoimentos de Vivian Nascimento ajudam a compreender melhor o envolvimento do seu pai junto ao movimento de renovação espiritual no meio Batista. Sem nenhum demérito às informações de Marli Geralda, a descoberta de novas fontes, nos permite ampliar ainda mais os horizontes e consequentemente, a compreensão dos acontecimentos. Tendo suas experiências pessoais na cidade de Vitória da Conquista, o pastor José Rego passou a ter os embates denominacionais a partir do seu ministério à frente da Igreja da Lagoinha já na cidade de Belo Horizonte.

¹²⁸ Gravado via WhatsApp em: 10 jun. 2022.

¹²⁹ Idem.

Segundo Silva (2012), a missionária norte-americana Rosalee Mills Appleby é considerada a mentora do movimento de Renovação Espiritual no Brasil entre os batistas. Mas, passou a ter maior repercussão com o apoio de dois nomes importantes, os pastores José Rego e Enéas Tognini. “José Rego do Nascimento é considerado como o arauto do movimento de Renovação Espiritual no Brasil. O pr. José Rego do Nascimento destacou-se por ser uma figura carismática, com boa oratória e capaz de escrever com fluência.” (SILVA, 2012, p. 65). No bojo dos acontecimentos renovacionistas, o próprio Tognini (1993), afirma que o ano de 1959 foi para ele um ano de decisões e que recebeu em sua casa muitos pastores e missionários na tentativa de separá-lo de José Rego. “Um missionário americano chegou a me dizer: O irmão é 100 e Rego, Zero. Muito bem, lhe respondi: 100 dividido por 2 dá 50 para cada um.” (TOGNINI, 1993, p. 29). Enéas Tognini, mais conhecido e mais influente dentro do meio Batista do que Rego Nascimento, no início era contra o movimento de renovação, mas, muda de postura após sua experiência espiritual. “O fato que determinou essa mudança foi a experiência religiosa com o Espírito Santo. Experiência que o movimento de Renovação chamava de Batismo com o Espírito Santo.” (SILVA, 2012, p. 69).

Para o movimento de Renovação Espiritual duas experiências são fundamentais para a vida de todo crente: A conversão, também chamada de regeneração. Sendo esta a primeira bênção. E o Batismo no Espírito Santo, a segunda Bênção. A segunda bênção é o revestimento de poder e capacitação para a vivência da fé. (SILVA, 2012, p. 65-66).

Esse é um outro aspecto de divergência entre batistas brasileiros e batistas nacionais. Para os tradicionais, não existe essa questão da segunda bênção. Entendem que o batismo no Espírito Santo ocorre no momento da conversão e que a partir daí o converso, deve sim, viver uma vida de santidade de acordo com os princípios cristãos encontrados na Bíblia Sagrada.

As duas principais Convenções que congregam os batistas no Brasil na atualidade, CBB e CBN, não estão isentas de novos enfrentamentos e dissidências. As permanentes questões que envolvem a organização da sociedade, seja por uma pauta política conservadora ou progressista, as interpretações doutrinárias, a expansão dos novos movimentos religiosos, quase sempre encontrará dentre os seus membros, alguém disposto a questionar a legitimidade dos dogmas, dos estatutos ou o escopo doutrinário que rege a congregação.

5.4 A CONVENÇÃO BATISTA BAIANA

Vinculada à Convenção Batista Brasileira, a Convenção Batista Baiana – CBBA, segue um modelo que é próprio na forma de organização dos batistas no Brasil. Nos estados que integram a federação, assim como no Distrito Federal, existem as respectivas convenções estaduais, filiadas à CBB. Quanto à confissão:

Os batistas no Brasil e na Bahia adotaram a *Confissão de Fé de New Hampshire* trazida pelos missionários norte-americanos, que ganhou o título *Artigos de Fé* ou *Crenças Batistas*, e ainda é utilizada pela Convenção Batista Brasileira (CBB) e pela Convenção Batista Baiana (CBBA). (TRABUCO, 2014, p. 43).

Segundo dados oficiais,¹³⁰ a primeira organização se deu em 1909 sob o nome de União das Igrejas Batistas da Bahia, e reorganizada em 1923 com o nome de Convenção Batista Baiana. Essa reorganização não se deu por acaso. Ela ocorre em meio aos acontecimentos divergentes do movimento denominado como “Questão Radical”, já mencionado anteriormente. Conforme Marli Teixeira:

As igrejas que se mantiveram fiéis aos missionários reuniram-se em Caldeirão (vila do interior da Bahia), em dezembro de 1923, organizando a Convenção Batista Baiana, apresentando o novo jornal *O Batista Baiano* como seu órgão oficial. Em 1924, segundo estatística publicada no referido jornal, havia 22 igrejas integrando a Convenção. (TEIXEIRA, 2017, p. 81).

O Jornal Batista Baiano, se consolida como o principal instrumento de divulgação denominacional. O jornal costuma registrar os principais acontecimentos envolvendo o “campo baiano”. Publica uma espécie de relatório resumido das atividades desenvolvidas pelos batistas no estado da Bahia. Outrossim, apresentamos na sequência a primeira página da Edição Nº 1 do jornal O Baptista Bahiano publicado no mês de dezembro de 1923:

¹³⁰ Informações extraídas do site da Convenção Batista Baiana. Disponível em: www.cbbaiana.org. Acesso em: 16 jan. 2022.

Figura 35: Primeira Edição do Baptista Bahiano ano de 1923



Fonte: http://www.batista.org.br/jornal/obb_dezembro1923.pdf¹³¹

A primeira Edição consta de um total de sete páginas que podem ser consultadas através da fonte informada. As primeiras informações são sobre os “Característicos de uma Igreja Baptista” de autoria de Geo W. Mc Daniel. Na sequência, trata do próprio jornal quando se diz:

¹³¹ Disponível em: www.cbbaiana.org. Acesso em: 06 fev. 2022.

O parecer sobre publicações, aprovado pela Convenção Batista Bahiana, ultimamente, reunida em Caldeirão, entre outros dos seus itens, diz: “Propomos que seja criado um novo jornal para orgam desta Convenção, o qual deverá denominar O Baptista Bahiano”. (O BAPTISTA BAHIANO, 1. ed. p. 2, 1923).

Os dados que constam na primeira Edição do jornal, reforçam o posicionamento da Convenção vinculada à Junta de Missões Estrangeiras de Richmond em meio aos últimos acontecimentos com os “radicais”. Em uma coluna denominada “O Que Eu Vi na Convenção”¹³², há algumas citações rechaçando o movimento dos radicais e seu fracasso enquanto movimento antimissionário.

Desde então, a Convenção Batista Baiana passou a ser o órgão máximo que detém a diretriz dos batistas brasileiros no estado. Seu atual planejamento estratégico consta de um período que vai de 2016 até o ano de 2026. Possui um modelo bem parecido com a CBB e é defensora dos princípios democráticos que regem as igrejas batistas filiadas, além de articuladora da cooperação denominacional. Em parte do item 2 do mapa estratégico, a CBBA apresenta a seguinte proposição:

Quadro 13: Mapa Estratégico CBBA

Igreja e Sociedade			
Igrejas capacitadas e comprometidas com a vivência e proclamação do evangelho de Jesus Cristo.	Igrejas saudáveis e que se multipliquem.	Igrejas comprometidas e envolvidas com ação, serviço e responsabilidade social.	Líderes capacitados com excelência, teológica e ministerialmente, para servir às igrejas e à sociedade.

Fonte: Convenção Batista Baiana¹³³

Essa estratégia reforça o discurso Batista de evangelização e expansão da Denominação. Para promover a expansão, a Convenção depende da organização cooperativa. E como a Bahia possui uma dimensão geográfica extensa, nas diversas regiões que compõe o Estado, existem as respectivas Associações. As Associações são organizações regionais que integram um determinado território ou cidade que reúne as igrejas daquela região, onde alinhadas ao plano estadual, desenvolvem as suas atividades. No caso de Vitória da Conquista, encontra-se a

¹³² Embora os escritos dessa coluna estejam na primeira pessoa, o jornal apresenta uma “Comissão de Publicações” composta pelos autores Manoel Augusto da Silva, José E. S. Menezes e M. G. White.

¹³³ Item 2 – Mapa Estratégico da CBBA. www.cbbaiana.org. Acesso em: 03 fev. 2022.

Associação Batista do Sudoeste – ABASB, da qual passaremos a tratar juntamente com a história dos batistas na cidade.

5.5 A CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA E A CHEGADA DA DENOMINAÇÃO BATISTA

No ano de 2021, Vitória da Conquista completou 181 anos de emancipação política. Em sua história, carrega as marcas da dizimação indígena ocorrida a partir do século XVIII, quando sob a liderança de João Gonçalves da Costa, os Mongoyós, Ymborés (também conhecidos como Botocudos) e Pataxós que aqui habitavam, foram dominados e massacrados. Os colonizadores portugueses que para cá vieram, tiveram por motivação a exploração de metais (principalmente o ouro) e a ocupação do território.

Conhecido como um conquistador violento, o negro forro João Gonçalves da Costa fundou o Arraial da Conquista. Segundo Tanajura (1992), João Gonçalves era genro de João da Silva Guimarães, mestre de campo de destaque entre os bandeirantes, este teria em 1734 enviado relatório de suas atividades como explorador ao rei de Portugal, onde também solicitava permissão para continuar sua empreitada, quando após ordens do rei, penetrou nas regiões de Rio Pardo e Rio de Contas. O nome da cidade, a padroeira, a religião católica, possuem elementos diretamente relacionados com os acontecimentos fundantes do município. Nos escritos de Mozart Tanajura, encontramos:

A tropa de João da Silva Guimarães teria partido de Barra do Gavião e atingido a localidade de Santa Inês. Daí seguiu, à noite, com archotes de raízes resinosas, em busca dos índios que haviam se unido em defesa do solo comum. Encontrou-os pouco adiante, travando aí, às 4 horas da manhã, luta renhida e selvagem. Como os soldados começaram a esmorecer, devido ser inferiores em número aos combatentes indígenas e não dispor mais de armas de fogo, pelo uso excessivo durante todo o dia, o Mestre de Campo anima seus companheiros, invocando a proteção de Nossa Senhora da Vitória. Animados pela intercessão da santa, os soldados lutam corpo a corpo com os índios, usando facão e outras armas brancas. Conseguem, no fim de algumas horas, esplêndida vitória no lugar da própria aldeia, onde se situa a atual praça Tancredo Neves, primitivo núcleo urbano da cidade de Vitória da Conquista. Naquele local, depois de alguns anos, João Gonçalves da Costa e seus familiares ergueram uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, padroeira de Conquista. (TANAJURA, 1992, p. 34).

Há uma tradição oral nessa narrativa, portanto, sujeita a contestação. Porém, não elimina o ocorrido de que, da formação do Arraial, ao desenvolvimento da cidade, o sangue indígena foi derramado. Tudo isso consoante às injunções políticas, econômicas e religiosas, através da

ação do rei que concede a sesmaria, do colonizador que derrama o sangue e se apropria da terra, e pelo culto à santa a quem se atribui a vitória.

Para esta região convergiram portugueses, espanhóis, italianos e, em menor quantidade, outros grupos de origem europeia, árabes e judeus, além de escravos africanos de distintas etnias, predominantemente angolanos e congoleses, trazidos pelos colonizadores. (AGUIAR, 2007, p. 225).

Ainda segundo Tanajura (1992), o topônimo Vitória da Conquista que surgiu da vitória ou conquista dos portugueses sobre os índios com intercessão de Nossa Senhora da Vitória, teve uma sequência de nomes. Com a posse do espaço, deu-se início no final do século XVIII, uma povoação que foi denominada de Arraial da Conquista, também chamada Arraial da Vitória. Nas décadas seguintes, o Arraial teve suas matas derrubadas dando lugar aos pastos para os rebanhos bovinos, quando o Arraial passou a ser rota de tropeiros vindos com gado de Minas Gerais em direção ao litoral. Segundo dados do IBGE, em 1840, o Arraial foi elevado à condição de Imperial Vila da Vitória, distrito da Vila de Caetité, situação que durou pouco tempo.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Vitória pela Lei Provincial nº 124, de 19-05-1840, desmembrado do município de Caetité. Sede na antiga povoação de Vitória. Constituído do distrito sede. Instalado em 09-11-1840. Elevado à condição de cidade com a denominação de Conquista, por Ato de 01-07-1891.¹³⁴

“A nove de novembro do mesmo ano [1840] se deu posse a primeira Câmara Municipal, ganhando o arraial autonomia política.” (TANAJURA, 1992, p. 45). Essa é a data que a Prefeitura Municipal utiliza como referência para as datas comemorativas de aniversário da cidade. “Em 1943, pelo Decreto – lei nº 141 de 31 de dezembro foi modificado para Vitória da Conquista, seu nome atual.” (TANAJURA, 1992, p. 45). A cidade se desenvolveu a tal ponto, que ocupa na atualidade o status de terceira maior cidade da Bahia, como já foi dito anteriormente.

Vitória da Conquista é cruzada por uma das principais rodovias do país, a BR 116, também conhecida como Rio-Bahia. Através dessa rodovia, ocorre o acesso aos estados da Região Sudeste do país bem como à capital do Estado, Salvador, e outros estados da Região

¹³⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/historico>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Nordeste do Brasil. Interligada através de outras rodovias estaduais, possui uma localização de acesso às regiões do sertão da Bahia, norte de Minas Gerais, região sul e extremo sul do estado e ao polo cafeeiro localizado na região de Barra do Choça.

Nas últimas décadas, tem se consolidado como polo de saúde e educação. Acrescenta-se um comércio ativo, polo industrial e uma forte vocação para a prestação de serviços. Além da pecuária, o destaque agrícola é na produção de café, que, ao lado da cidade de Barra do Choça, representa um dos principais polos cafeeiros do estado e do Brasil. Historiadores costumam se referir a Vitória da Conquista como Sertão da Ressaca.

Os cerca de oitenta municípios da Bahia mais próximos e dezesseis do Norte de Minas Gerais, fazem com que a cidade seja diariamente visitada. Seja para o comércio, tratamento de saúde ou à procura de escolas e universidades, a migração tem promovido um crescimento permanente da cidade. Prova disso, destaca-se também a atividade da construção civil, que muda constantemente a geografia local com o surgimento recorrente de empreendimentos imobiliários.

Por conseguinte, esse cenário termina por contribuir para a expansão e crescimento da população de confissão evangélica protestante. A exemplo do que acontece no Brasil conforme exposição nos capítulos anteriores, nos bairros centrais, nos bairros periféricos, das ruas principais às mais simples, é possível encontrar templos de diversos tamanhos, com as mais variadas denominações. Do pentecostalismo ao neopentecostalismo, das denominações históricas tradicionais às denominações “church”, as representações religiosas se fazem presentes. Assim, é relevante que se conheça como o protestantismo chegou à cidade.

5.5.1 O surgimento da Primeira Igreja Batista em Conquista

No quarto capítulo da tese de doutorado de Itamar Aguiar (2007), intitulado “Um boiadeiro, uma Bíblia, a Igreja Batista em Conquista”, o autor descreve sobre o modo como foi forjado o protestantismo na cidade de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano. Enfatizando o modo peculiar com que isso aconteceu, apresenta a distinção em relação ao modo comum do protestantismo de missão, que é feito através da expansão missionária. No caso de Conquista, houve uma pessoa importante que, de posse de uma Bíblia, numa espécie de auto conversão, deu início às pregações de conversão ao evangelho na cidade.

Trata-se de Tertuliano da Silva Gusmão, comerciante de gado ou boiadeiro como era chamado à época, fazendeiro, de influência política local e que, segundo dados levantados por Itamar Aguiar, fazia parte de um dos núcleos importantes da endogamia conquistense, a família

Gusmão. Segundo Aguiar (2007), o início da trajetória da família Gusmão em Vitória da Conquista, foi através de Plácido da Silva Gusmão, comerciante de animais, especialmente equinos e muares, quando por volta de 1821, estando no norte de Minas Gerais com seu irmão Manoel da Silva Gusmão, tomou conhecimento de que na Bahia, no lugar denominado Santo Amaro, havia grande demanda por animais e com preços atraentes. Enquanto seu irmão volta para São Paulo, Plácido decide viajar para a Bahia. No percurso para o Recôncavo baiano, Plácido chega ao Arraial da Vitória, onde aluga uma área de pastagem para descanso dos animais e dos homens que o acompanhavam. Viagens longas exigiam descanso e alimento para preservação dos animais. “Com algum tempo de estadia, enamorou-se pela filha do fazendeiro que lhe alugara o pasto, por nome Isidora Joaquina Moreira. Decidiu casar-se, fixando residência na região, tornando-se grande pecuarista.” (AGUIAR, 2007, p. 250). Tertuliano era um dos oito filhos nascidos do matrimônio entre Plácido e Isidora. O autor descreve que Tertuliano, que nasceu em 1831, viria a se casar com Ana Moreira da Silva com quem teve quatorze filhos, todos com o sobrenome “da Silva Gusmão”.

Nascimento, et al. (1996), e Aguiar (2007), tiveram acesso ao mesmo documento elaborado pelo diácono da Primeira Igreja Batista, Genor Calixto Moreira¹³⁵, utilizado respectivamente em suas pesquisas. Os dados apresentados dão conta de que a primeira igreja evangélica em Vitória da Conquista foi a Primeira Igreja Batista, organizada em 04 de fevereiro de 1900 por Tertuliano da Silva Gusmão na fazenda Felícia, em uma casa de adobe por ele construída em frente à sua residência.

¹³⁵ Trata-se de um relato intitulado “Alguns dados históricos da 1ª. Igreja Batista Bíblica em Vitória da Conquista-Ba”. Documento datilografado e que guarda informações sobre os primórdios da igreja, quando Genor Calixto fez um registro de dados contando com informações fornecidas por antigos membros da Igreja como: Nelson Gusmão Cunha, Semíramis Mendes Sales, Genísia Sales de Melo, Lídia Gusmão Malta e Autímio Teixeira. Esse documento na íntegra compõe o Anexo Q da tese de Itamar Aguiar. Também agrega informações no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, NASCIMENTO, et al. (1996). O relato está sem data.

Figura 36: Tertuliano da Silva Gusmão



Fonte: Anexo U – Tese Itamar Aguiar

O registro iconográfico acima traz a fotografia de Tertuliano da Silva Gusmão, primeiro evangélico protestante em Vitória da Conquista que se tem conhecimento. Na condição de fazendeiro e comerciante de gado, Tertuliano conduzia seu rebanho para ser vendido nas terras próximas à capital do Estado, Salvador. Em uma dessas viagens por volta de 1898-99, teria acampado em um lugar chamado Areias (atualmente Ubaíra-Ba), quando lhe apareceu um jovem solicitando pousada em seu rancho. Não se sabe exatamente o nome desse jovem, mas, que se identificou como pastor evangélico e relatara a Tertuliano as perseguições que vinha sofrendo por falar do evangelho. Muito provavelmente, além de pastor, tratava-se de um colporteur, que após receber acolhida no rancho do boiadeiro, como forma de agradecimento, deu uma Bíblia de presente a Tertuliano. Abaixo, imagens da referida Bíblia:

Figura 37: Bíblia de Tertuliano da Silva Gusmão



Fonte: Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista¹³⁶

Figura 38: Interior da Bíblia de Tertuliano da Silva Gusmão



Fonte: Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista¹³⁷

¹³⁶ Arquivo pessoal. Fotografada em junho de 2022 – secretaria da Primeira Igreja Batista.

¹³⁷ Idem.

Durante um bom tempo esta Bíblia esteve em posse de familiares descendentes de Tertuliano em Belém – PA. Atualmente encontra-se na Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista – BA. Foi editada no ano de 1884 em Nova York pela Sociedade Americana da Bíblia. Na parte interior, entre o Antigo e o Novo Testamento encontram-se anotações sobre o nascimento e falecimento dos filhos. Ao que tudo indica, pelas informações sobre o ano de óbito onde a última consta de 1º de fevereiro de 1989, as anotações foram iniciadas por Tertuliano e depois continuadas por um outro parente, pois Tertuliano veio a óbito no ano de 1919.

Na narrativa de Genor Calixto Moreira (s/d), diz-se que, retornando a Conquista, Tertuliano logo começou a ler o livro recebido de presente juntamente com seus familiares, e aos poucos foi atraindo parentes e amigos. Afirma que logo um grande número de pessoas já não tinha mais dúvida de que aquele livro era a “Palavra de Deus” e, pelo modo de viver e proceder já eram batistas sem nunca terem conhecimento do que fosse uma Igreja Batista. Os primeiros adeptos tendo ciência a partir dos estudos bíblicos sobre o batismo como sinônimo de imersão, começaram a dar conta dessa questão, e quem estaria autorizado a realizar os batismos. Foi quando acionaram Antônio Teófilo de Queiróz, genro de Tertuliano, tido como dotado de alguma cultura e que ocupava cargo público na cidade, de credibilidade junto aos novos “crentes”, foi escolhido para realizar os batismos. Genor Calixto relata que os primeiros a serem batizados foram Nanu, Ana Vitória (esposa de Tertuliano) Isidória (esposa de Queiróz), Melânia, Olívia e Laudicéia.

Ouvindo sobre o missionário Zachary C. Taylor (um dos pioneiros da Denominação Batista na Bahia), que se encontrava em Salvador, Antônio Queiróz para lá se dirigiu onde permaneceu por cerca de trinta dias. Nesse período foi batizado, doutrinado e consagrado pastor. Voltando para Conquista, reuniu os crentes já batizados para organizar aquela que seria a Primeira Igreja Batista da cidade de Vitória da Conquista em 04 de fevereiro de 1900. Antônio Teófilo de Queiróz foi o primeiro pastor da Primeira Igreja Batista.

Figura 39: Imagem dos membros e primeiro templo Batista em Vitória da Conquista – 1905



Fonte: Anexo X da tese de Itamar Aguiar

As primeiras décadas do protestantismo conquistense no século XX, contou de um lado com a participação de membros de famílias importantes da cidade à época, por outro lado, não esteve isenta dos conflitos com a religião predominante, o catolicismo. Sobre a questão familiar, encontramos os seguintes dados de Itamar Aguiar:

As famílias tidas como tradicionais buscavam monopolizar as relações de poder num processo social que envolvia além de outras, as atividades religiosas. Assim, os núcleos principais das famílias Silva, Gusmão, Figueira, Mendes, Mello, Rocha, Correia, e outras, se filiaram ao protestantismo batista sob a liderança de Tertuliano da Silva Gusmão, que mantinha vínculos com o Cel. Gugé, católico, fazendeiro e líder político carismático durante as duas primeiras décadas do século XX. (AGUIAR, 2007, p. 137).

Essa relação das famílias fundantes da Primeira Igreja com Tertuliano, e deste com o Coronel Gugé, não foi suficiente para evitar os apedrejamentos promovidos por membros católicos contra os novos crentes. Na condição de perseguidos e ao mesmo tempo acusados pelas queimas das imagens de santos antes utilizadas, até porque, Tertuliano como os demais convertidos eram anteriormente católicos, os protestantes também em alguns momentos se

armaram para o enfrentamento dos conflitos. Entre idas e vindas, seja por tentativas de Tertuliano e outros membros importantes, seja pela ação de políticos locais, e em momentos distintos, aos poucos a situação foi entrando em um certo nível de normalidade a ponto de católicos e protestantes continuarem a desenvolver suas prédicas como acontece até os dias atuais.

Do ponto de vista da filiação institucional, Aguiar (2007), afirma que no ano de 1914 essa Igreja foi registrada em um cartório em Salvador como Primeira Igreja Evangélica denominada Batista, e um pouco mais tarde, em 1917, fizeram um outro registro na Comarca de Vitória da Conquista denominando-a como Igreja Evangélica Batista Independente, ao associar-se à Missão Batista Independente. Vide dados já apresentados sobre as dissidências na Denominação Batista, supõe-se que a Primeira Igreja aderiu ao movimento nacionalista. Na década de 1930, a Primeira Igreja saiu da Missão Independente e se filiou à Convenção Batista Brasileira, passando a se chamar Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, ou seja, batista tradicional. Na década de 1960, já sob a liderança do pastor Gerson Rocha e tendo inaugurado o seu quarto e atual templo, um dos maiores da América Latina durante muito tempo, a Primeira Igreja rompe com a CBB, sob pretexto de que esta agora abrigava igrejas pentecostais e renovadas, passando a declarar-se fundamentalista. Seu nome passa a ser Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista. A imagem abaixo traz a imponência do referido templo. Antes porém, um fragmento dos relatos do pastor Gerson Rocha, que liderou a construção do templo, escrevendo inclusive um livro com o título de “Romance de uma construção”:

Enquanto a construção, já iniciada, consumia os poucos tostões, fruto de uma campanha, já havia muito, começada na igreja, as apreensões se faziam sentir, quanto à possibilidade de continuarmos a gigantesca construção. De onde conseguiríamos dinheiro para irmos de vencida, etapa após etapa, até ao fim? Poderiam todos contar com todos? Poderiam todos contar com as POSSIBILIDADES DE ALGUNS? Poderiam ALGUNS contar com a cooperação de todos? E se todos cansassem ou ALGUNS desistissem? Era preciso que Deus interviesse, pois seria desastroso contar com o arrojo de todos e a persistência de ALGUNS. E esta grande verdade aprendemos de ‘O ROMANCE DE UMA CONSTRUÇÃO’: Deus não opera por TODOS nem por ALGUNS. Ele realiza através dos fiéis, mesmo em meio às contradições e os embaraços. Com oração e humildade ponho a história diante de vós. (ROCHA, 1984, p. 10)¹³⁸.

¹³⁸ O livro “O Romance de uma construção” é de autoria do Pastor Gerson Rocha com primeira edição datada de 1967, e a segunda edição de 1984. Não há no livro informações sobre Local, Editora ou Gráfica que tenha feito a edição e impressão.

Figura 40: Foto do atual templo da Primeira Igreja Batista



Fonte: Arquivo pessoal¹³⁹

Do ponto de vista político, nos registros de Aguiar (2007), a cidade teve um intendente e cinco prefeitos declarados batista durante o século XX. Ao que tudo indica, o cargo político foi muito mais pela ascendência familiar na cidade do que pela própria filiação religiosa. A cidade não guarda junto as denominações religiosas tradicionais, disputas políticas motivadas pela chancela da igreja. Já no final do século XX e primórdios do século XXI, é possível identificar candidaturas ao legislativo municipal de representantes de igrejas que tem suas estratégias políticas, especialmente vindos de igrejas pentecostais e neopentecostais, como é o caso da Igreja do Evangelho Quadrangular que já teve o vereador Joel do Caminhão em dois mandatos e IURD com o atual mandato do pastor Sidney.

Na área da educação, a exemplo de alguns segmentos protestantes no Brasil, a Primeira Igreja também teve sua relação com a escola. “Criado em 1921, pela Primeira Igreja Batista de Conquista, o ‘Colégio Marcelino Mendes’, que foi o primeiro colégio confessional a funcionar e aceitava alunos de qualquer credo.” (AGUIAR, 2007, p. 68). Genor Calixto Moreira coloca dezembro de 1923 como época de inauguração do Colégio. Relata que suas atividades foram interrompidas devido ao êxodo de alunos para escolas públicas que surgiram na cidade. Não há uma data precisa para o encerramento de suas atividades. Pelo cruzamento de dados entre os estudos de Itamar Aguiar e as informações do diácono Calixto, tudo indica que as atividades foram encerradas na década de 1940.

¹³⁹ Fevereiro de 2022.

E assim, sendo a pioneira do protestantismo no sudoeste baiano, a Primeira Igreja Batista tem marcado sua trajetória com a pregação do evangelho desde o início do século passado. Com um perfil marcadamente missionário, reúne em suas dependências uma membresia vinculada aos princípios batistas com os quais se identificam e prezam enquanto instituição religiosa.

5.5.2 A Segunda Igreja Batista

As noites eram comemorativas pela passagem dos 81 anos de fundação da Segunda Igreja Batista de Vitória da Conquista – SIB, no período de 28 de fevereiro a 01 de março de 2020, com a presença do Quarteto Gileade, bastante conhecido no universo Batista tradicional. Atraídos principalmente pelo Quarteto, o acontecimento marcante naquelas noites, foi a quantidade de ex-membros ali reunidos. Agora membros das igrejas Batista Peniel, Boa Vista, Memorial do Centenário, Bethlehem, e outras mais, se abraçavam em meio à emoção pelo reencontro e de rápidas e boas lembranças em décadas de convivência de várias gerações ali presentes. Esses membros carregavam a saudade e a triste lembrança de terem saído seja por divisões, seja pelos graves problemas administrativos que acompanham o atual líder da igreja, pastor Gilvan de Oliveira, que responde a processos na justiça em relação a sua gestão à frente da Igreja. Contemplavam um templo cheia pelos diversos visitantes de outras igrejas ali identificados, e, paradoxalmente vazio pela ausência dos seus antigos membros e pela incapacidade da atual direção em congregar em seu belo e amplo templo os adeptos antes tão comuns e que amplamente ocupavam a sua bancada.¹⁴⁰

O grande contraste que envolve a Segunda Igreja dos dias atuais e a SIB do século XX, diz respeito ao atual líder, Gilvan de Oliveira, que convive com processos judiciais, baixa credibilidade junto à comunidade batista, uma gradual venda do patrimônio imobiliário da Igreja, uma baixa frequência de membros aos ambientes cúlticos. Seu “ministério” tem sido notado por desconstruir a memória e os feitos do passado que marcaram a trajetória da Segunda Igreja Batista de Vitória da Conquista.

Por outro lado, o passado da SIB, se confunde com a trajetória do pastor Valdomiro de Oliveira, um sergipano que chegou à cidade na década de 1940 e que esteve por cinquenta e

¹⁴⁰ Esse relato reflete as impressões pessoais do autor, por ter sido um desses ex-membros ali presentes que compartilhou e ouviu as falas naqueles momentos de reencontro. Tendo sido membro daquela comunidade por vinte nove anos, continua acompanhando os desdobramentos nefastos da atual gestão, que inclusive culminou mais recentemente com a venda de parte considerável do seu patrimônio imobiliário.

seis anos à frente do ministério pastoral da Segunda Igreja. Até onde se tem conhecimento, um dos poucos casos, talvez único, em se tratando de uma Igreja Batista no Brasil.

Carismático, de uma inteligência rara, Valdomiro se tornou uma das principais lideranças do segmento protestante no sudoeste baiano. Essa liderança foi notória dentre os batistas baianos e em todo o território nacional. Na SIB, por diversas vezes recebeu conferencistas renomados dentro da Denominação, confirmando seu prestígio dentre os seus pares de pastoreio. Dotado de elevada capacidade conciliatória, era muito comum que suas “ovelhas” ouvissem de sua parte que utilizava duas armas ao longo do seu ministério: o amor e o perdão. O pastor Valdomiro de Oliveira teve uma marca contundente por toda a sua jornada pastoral. Durante o período em que esteve à frente da Segunda Igreja Batista, o seu rebanho, não se cansou de ouvi-lo.¹⁴¹

Destarte, embora boa parte da história da Segunda Igreja Batista se confunda com a trajetória do pastor Valdomiro de Oliveira, existem outros dados que se fazem necessário apresentar. “A primeira congregação criada na sede desse Município foi a que deu origem à Segunda Igreja Batista. O processo de sua fundação teve início logo após ‘o convite da Primeira Igreja ao seminarista Valdomiro de Oliveira para passar férias aqui’.” (AGUIAR, 2007, p. 153)¹⁴².

[...] Os membros da referida congregação enviaram uma carta convidando a Primeira Igreja para cooperar, durante os dias de conferências proferidas pelo seminarista Valdomiro de Oliveira, além de solicitar o empréstimo de alguns bancos, no que foram atendidos em 1º de janeiro de 1939. No dia 28 do mesmo mês e ano, a Primeira Igreja recebe o convite para reunião de organização da II Igreja. (AGUIAR, 2007, p. 153).

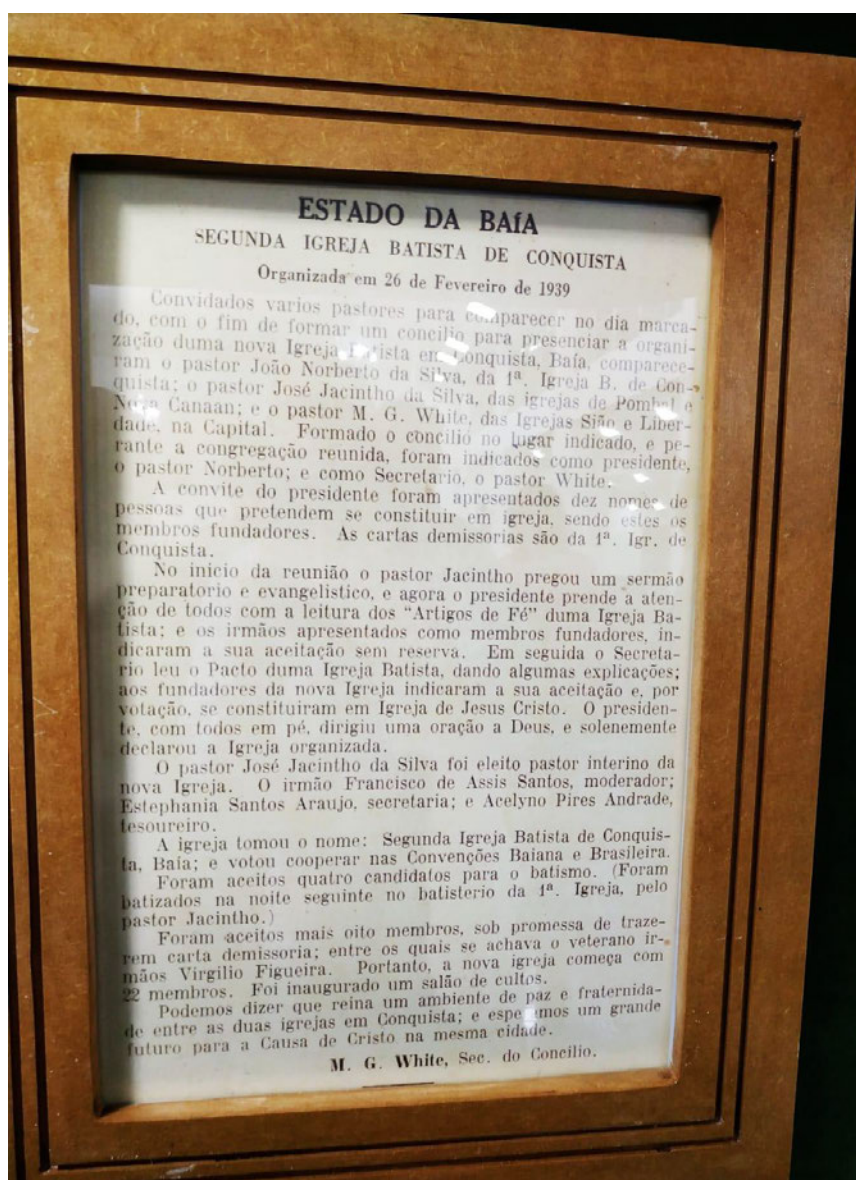
A data oficial de inauguração da Segunda Igreja é 26 de Fevereiro de 1939, quase quarenta anos depois da organização da primeira igreja evangélica na cidade. Pode parecer um período longo para a época, porém, considerando-se que na primeira metade do século XX a cidade tinha um crescimento populacional relativamente lento, a inserção Batista foi a que se fez presente. Foi somente na segunda metade do século passado que a diversidade das denominações protestantes aconteceu, especialmente a partir da década de 1970. Juntamente

¹⁴¹ Confesso a dificuldade de separar o pesquisador do adepto que foi membro da SIB durante boa parte do ministério do pastor Valdomiro. As impressões pessoais que passo a seu respeito, são resultados de mais de vinte anos de convivência com o mesmo. Pude testemunhar de perto a forma carinhosa com que cuidava daqueles que estavam ao seu alcance.

¹⁴² O recorte entre aspas apresentado por Itamar Aguiar refere-se a informações extraídas do livro de Ata da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta nº 14 de 29/09/1938, p. 11.

com as igrejas históricas tradicionais, houve um crescimento do número de igrejas pentecostais. Já sob influência do movimento de renovação espiritual, surgiram várias igrejas batistas renovadas. Entre o final do século XX até os dias atuais o crescimento neopentecostal foi vertiginoso. Esse crescimento se confunde com o crescimento da cidade. Entre as décadas de 1980/90 a população passa de cerca de 150 mil habitantes para quase 350 mil no ano de 2021. Com isso, a proliferação de igrejas tem sido recorrente.

Figura 41: Ata de fundação da Segunda Igreja Batista

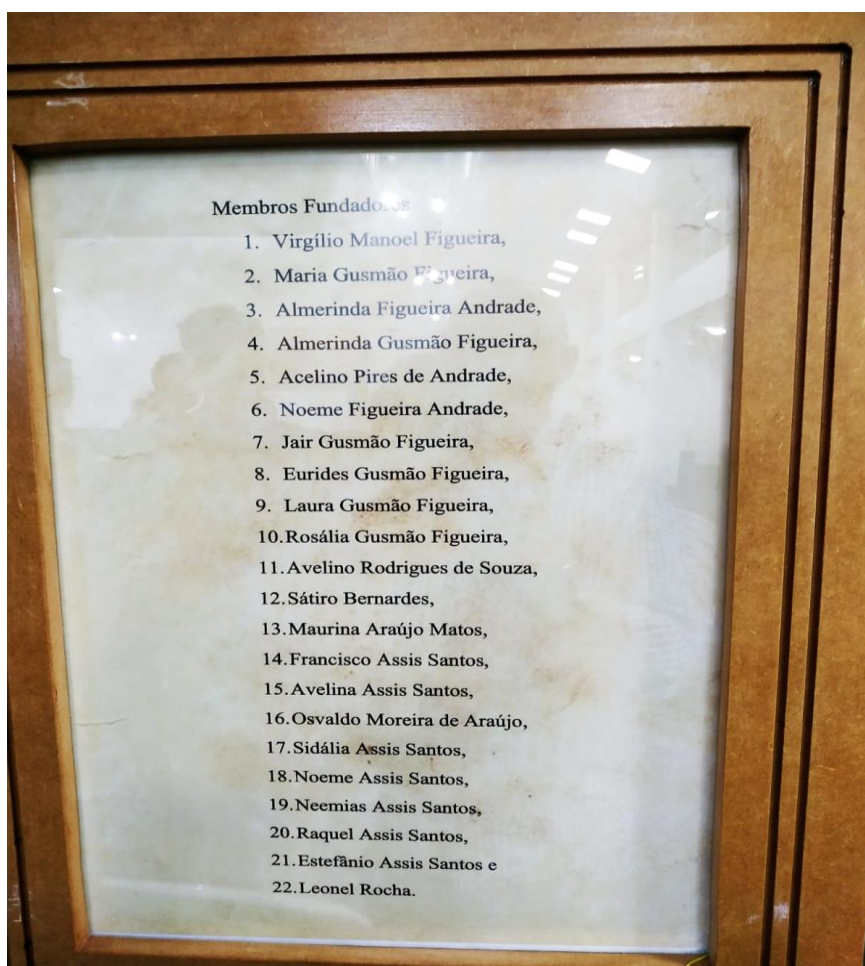


Fonte: Jornal O Batista Baiano¹⁴³

¹⁴³ Quadro exposto no mural da Segunda Igreja Batista por ocasião do seu 81º aniversário. Fevereiro de 2020. O Batista Baiano de 06 de abril de 1939.

O concílio que marcou a fundação da SIB, foi presidido pelo então pastor da Primeira Igreja Batista, João Norberto da Silva. O secretário do concílio e redator da Ata, foi M. G. White, que era pastor das igrejas Batista Sião e Liberdade em Salvador. Ao final da Ata, ele faz a seguinte descrição: *“Podemos dizer que reina um ambiente de paz e fraternidade entre as duas igrejas em Conquista; e esperamos um grande futuro para a Causa de Cristo na mesma cidade.”* (O Batista Baiano, 06 de abril de 1939). O corpo de membros fundadores foi composto de dez membros da Primeira Igreja que pediram carta de transferência¹⁴⁴, mais quatros novos membros que foram batizados na noite posterior ao concílio, acrescidos de mais oito membros que se comprometeram em levar suas cartas, perfazendo um total de vinte e dois membros.

Figura 42: Lista de membros fundadores da SIB



Fonte: Exposto no mural da SIB aniversário de 81 anos

¹⁴⁴ Carta de transferência é a forma usual utilizada pelas igrejas batistas para o trânsito de membros de uma igreja para outra.

Percebe-se, conforme endogamia conquistense levantada por Itamar Aguiar que há uma forte presença de algumas famílias tradicionais da cidade. Destacam-se, as famílias Gusmão, Figueira, Andrade, Assis, Araújo. A julgar pelo sobrenome, o grau de parentesco de alguns deles era muito próximo. Dentre esses membros, encontra-se Almerinda Gusmão Figueira, que viria a se casar com o jovem seminarista e futuro primeiro pastor titular da nova igreja fundada, Valdomiro de Oliveira.

Alguns eventos marcantes do ministério do pastor Valdomiro de Oliveira, estão registrados em seu livro de memórias lançado no ano de 2001. Vindo de uma família de religião católica, relata sua conversão aos 17 anos de idade na cidade de Aracajú, situação que ele assim define: “ninguém pode explicar o mistério da conversão, só podemos experimentar a salvação. Desse momento em diante, eu deixei todos os vícios e me entreguei de corpo e alma à obra de evangelismo na Igreja.” (OLIVEIRA, 2001, p. 17).

Relata ter sido batizado em abril de 1932 nas águas do Oceano Atlântico na cidade de Aracajú. Logo em seguida já demonstrava sua vocação missionária ao afirmar que logo após o batismo, passou a ser um evangelista voluntário no Estado de Sergipe. Não demoraria muito para que logo fosse alçado ao ministério pastoral.

Eu ouvi a chamada de Deus para o ministério em uma noite memorável de minha vida, quando se apresentaram dois convites a mim. Um, para ir me aperfeiçoar na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e outro para estudar no Seminário Batista do Norte. Nesta ocasião tive a convicção da chamada de Deus para o Ministério da Palavra. Revelando meu desejo à Igreja, a mesma imediatamente me apoiou e me enviou para o seminário. (OLIVEIRA, 2001, p. 21).

E foi no Seminário do Norte em Recife que Valdomiro conheceu Almerinda Gusmão Figueira, que fora enviada pela família ao seminário para fazer o curso de música. O Seminário e o Colégio, por muito tempo interligados, tinha a Escola de Trabalhadoras Cristãs, encarregada de preparar obreiras para atuarem nas igrejas e no campo missionário em áreas diversas, dentre elas, a música. Valdomiro fazia ao mesmo tempo o curso de Ciências e Letras no Colégio Americano e o curso de Teologia no Seminário. Já no último ano do curso de Teologia, foi convidado pela Primeira Igreja Batista a passar férias em Conquista, quando esteve como evangelista à disposição da congregação que seria a Segunda Igreja Batista. Nessa ocasião, pediu Almerinda em casamento e após o fim das férias retornou para a conclusão do curso. Voltaria a Conquista já com o convite de assumir o pastorado da SIB e também para se casar com Almerinda Figueira. O casamento aconteceu em junho de 1940. Dona Almerinda, como

era tratada pelo membros da igreja, teve papel fundamental na vida e ministério do pastor Valdomiro. Professora de música, e posteriormente de inglês, tocava órgão e piano além de ter sido uma excelente solista, conforme descrição do próprio Valdomiro em seu livro de memórias.

Desse matrimônio, nasceram cinco filhas e um filho: Vanilda, Maria Eugênia, Dulcinéia, Maria Izabel, Eneida e Valdomiro Júnior. Com exceção de Valdomiro Júnior, as cinco filhas tiveram formação musical e estão diretamente vinculadas à prática do canto coral na Segunda Igreja Batista caracterizando a influência da família Figueira de Oliveira na cultura do canto coral na mesma, vinculada ao Conservatório de Música de Vitória da Conquista. Por ser esse o principal espaço de formação musical não apenas da própria família, mas também de um número elevado de pessoas que vão estudar música, o Conservatório tem formado pianistas e regentes que consequentemente também levam para as respectivas igrejas das quais são membros essa influência musical. (NASCIMENTO, 2015b, p. 230).

A informação acima reverbera a relevância da família citada para a música na cidade. Segundo Nascimento (2015a), Dona Almerinda inicia uma escola de música com aulas de acordeon na década de 1960 e algum tempo depois aulas de piano. Sua filha mais velha, Vanilda, à época recém formada na área assume as atividades a frente do conservatório, instituição que existe até o tempo presente. As ações do conservatório terminaram por exercer uma forte influência no canto coral em igrejas batistas na cidade. Formou-se um bom número de pianistas e regentes, até porque as demais filhas do casal que se formaram no conservatório, de alguma forma também estiveram ligadas às atividades musicais, e isso na SIB foi especialmente marcante até o ano de 2010 quando a Segunda Igreja chegou a ter ao mesmo tempo quatro corais em plena atividade (Nascimento, 2015b). Todos tendo pelo menos uma das filhas como maestrina em algum determinado período de existência dos respectivos corais.

Outra situação relevante na vida do casal Valdomiro e Almerinda, foi a fundação do Instituto Conquistense de Ensino, escola fundada na década de 1940 e que funcionou até a década seguinte (Oliveira, 2001). Na década de 1950, a família esteve por pouco mais de três anos residindo nos Estados Unidos da América, quando o pastor Valdomiro passou por um período de formação complementar em teologia no Seminário Batista de Jacksonville, Texas, oferecido pela Associação dos Batistas Americanos – NABA.

Ainda na década de 1940, o salão inicial já não mais comportava a quantidade de membros que crescia rapidamente. Deu-se então início à construção do primeiro templo que foi inaugurado em janeiro de 1946. Quatro décadas depois as acomodações do antigo templo já

não mais eram suficientes, situação que levou à construção do templo atual, iniciado em 1982 e tendo sido inaugurado no dia 26 de outubro de 1989, exatamente quando se comemorava 50 anos de ministério do pastor Valdomiro de Oliveira. A construção do novo templo se deu ao lado do templo anterior. Na imagem abaixo, um registro dos dois templos que marcaram a trajetória da SIB e que foram construídos durante o ministério de Valdomiro.

Figura 43: Templos da Segunda Igreja Batista



Fonte: Anexo RR - tese Itamar Aguiar

A segunda metade do século passado foi assinalado pelo crescimento da SIB enquanto quantitativo de membros e pela criação de várias igrejas, o que refletia o perfil missionário de Valdomiro e sua visão à frente da igreja cuja convicção era de expansão e que teve como resultado a fundação de várias congregações e igrejas tanto em Conquista, no sertão da Bahia quanto no norte do Estado de Minas Gerais.

Por ser filiada à Convenção Batista Brasileira e Convenção Batista Baiana em todo o seu tempo de existência, a Segunda Igreja Batista foi uma das que mais exerceu influência na formação das igrejas que compõe a Associação Batista do Sudoeste. Desde o final dos anos 1970, passou por três divisões, de onde surgiram as Igrejas Batista Peniel, Memorial do Centenário e Bethlehem. Cerca de quatorze outras igrejas e várias congregações foram fundadas através da expansão missionária da SIB ainda no ministério do pastor Valdomiro.

Sucedido pelo pastor Antônio Sérgio Araújo Costa, este permaneceu à frente da SIB por cerca de cinco anos. Após a saída de Antônio Sérgio, o então responsável pelo campo

missionário, Gilvan de Oliveira passou a ser pastor interino e posteriormente assumiu a titularidade.

O que se lamenta na atualidade por boa parte da antiga membresia é o contraste entre os tempos áureos que marcou o ministério de Valdomiro de Oliveira e o que acontece na atual gestão. Se no século passado a SIB era corriqueiramente bem frequentada e com seu templo regularmente cheio devido às suas diversas programações, na atualidade, a média de frequência é em torno de 50 pessoas aos domingos, conforme relatos de Jackson de Macêdo Cordeiro, membro há mais de 40 anos que costuma fazer registros das reuniões cúlticas. Além dos processos que pesam na justiça contra Gilvan de Oliveira, a sua gestão é responsável pela depreciação do patrimônio material que se formou ao longo da gestão Valdomiro Oliveira. Isso inclui venda de imóveis e derrubada do antigo templo, que devido à sua estrutura arquitetônica poderia ter feito parte do patrimônio histórico religioso da cidade.

Figura 44: Prédio da SIB



Fonte: Arquivo pessoal¹⁴⁵

Na figura acima, diferente da figura 42, a imagem do antigo templo não mais aparece. Isso porque foi derrubado e o espaço transformado em estacionamento. Quando Gilvan de Oliveira assumiu a titularidade do pastado da Segunda Igreja em 2002, o templo antigo estava em pleno funcionamento. Na maioria das vezes era utilizado pela juventude ou para reuniões

¹⁴⁵ Fevereiro de 2022.

com um público menor. Segundo o membro da SIB Jackson Cordeiro, a área do estacionamento foi vendida sob irregularidades ferindo o estatuto da igreja, ensejando motivo para uma nova ação judicial.

Figura 45: Templo da Segunda Igreja Batista



Fonte: Arquivo pessoal¹⁴⁶

Assim, não obstante os acontecimentos citados sobre a atual gestão, a exemplo da Primeira Igreja Batista, a Segunda Igreja tem destacada importância para a chegada e o desenvolvimento da Denominação Batista tradicional na cidade de Vitória da Conquista. Tanto uma quanto outra, trazem em sua trajetória constructos sociais que de alguma forma tem marcado a sociedade conquistense ao longo de suas respectivas existências. Na educação, na música, na crença de que ao proclamar o evangelho o indivíduo pode ser levado a viver uma vida em que nada deponha contra a sua idoneidade, o reflexo dessas ações podem de alguma forma ser vistas no contexto social no qual estão inseridas.

¹⁴⁶ Fevereiro de 2022.

5.6 A ASSOCIAÇÃO BATISTA DO SUDOESTE

A Associação Batista do Sudoeste da Bahia – ABASB, encontra-se sediada na cidade de Vitória da Conquista, no Estado da Bahia. Foi organizada no dia 28 de março de 1962, e tem por objetivo assistir as igrejas batistas localizadas no sudoeste baiano que fazem parte da Convenção Batista Baiana.

Em agenda¹⁴⁷ entregue às lideranças da Associação publicada em 2020, o presidente da ABASB na gestão biênio 2020/21, pastor José Renildo Guimarães de Oliveira expõe os quatro pilares que segundo ele sustentam a Associação: a compreensão da natureza da igreja local; a posição do indivíduo no propósito de Deus; o governo democrático da igreja, e o princípio da cooperação. Esses princípios indicam reafirmar os propósitos em que tem sido traçada a trajetória da Denominação Batista. Os argumentos deliberativos que se apresentam dentro do contexto batista, são cotidianamente perceptíveis em suas ações missionárias. A compreensão da natureza da igreja local carrega um discurso evangelístico em suas ações. Com efeito, a igreja local é levada a exercer algum tipo de influência junto à sua comunidade.

Esse comportamento reafirma o protestantismo de missão no qual se enquadra a Igreja Batista tradicional. Sobre a posição do indivíduo, reafirma o discurso de que cada um é inteiramente responsável por suas ações tendo que responder por elas diante de Deus. Encontra-se respaldado na ideia do papel de Deus como juiz, onde “cada um dará conta dos seus atos a Deus”¹⁴⁸. Essa afirmação, bem mais contundente no tempo presente, se contrapõe à prática recorrente no século passado quando a eliminação do rol de membros era muito comum por aquilo que as lideranças e assembleias deliberativas julgavam quando algum membro cometia algum tipo de “pecado” deferido como motivo de exclusão. Embora ainda existam situações de exclusão, essa prática diminuiu consideravelmente principalmente depois do fomento da compreensão de que “a Igreja é o único exército que deixa os seus soldados feridos para trás”. Tem-se praticado um maior cuidado em acompanhar, assessorar no que se entende como relevante, sem que necessariamente tenha que eliminar.

Quanto ao princípio democrático que rege a igreja, ao passo em que reafirma um compromisso histórico dos batistas tradicionais, na prática tem ocorrido algumas situações que parecem enfraquecer esse pilar. Algumas igrejas batistas passaram a não mais fazer suas tradicionais assembleias deliberativas normalmente realizadas mensalmente. As assembleias constituem-se o espaço onde o membro pode diretamente discutir, sugerir, debater as tomadas de decisões e votar contra, a favor ou se abster das decisões tomadas. Algumas igrejas tem transferido as deliberações para as comissões representativas ou

¹⁴⁷ Sobre a agenda, trata-se de um documento digital da ABASB fornecido pelo presidente da Associação biênio 2020/22, pastor José Renildo Guimarães de Oliveira. Parte das informações sobre a Associação foram extraídas dessa agenda.

¹⁴⁸ Rm. 14:12.

Quadro 14: Municípios com Igreja da ABASB

Barra da Estiva	Livramento de Brumado
Barra do Choça	Lucaia
Belo campo	Maetinga
Caetano	Mortugaba
Cândido Sales	Pau Brasil
Capinal	Piripá
Caraíbas	Planalto
Condeúba	Poções
Cordeiros	Tremedal
Ituaçu	Vitória da Conquista
Jacaraci	

Fonte: Agenda ABASB 2020/22

No capítulo I Artigo 2º, inciso IV, do estatuto da ABASB¹⁴⁹, destaca-se a sua responsabilidade em “recomendar a forma de cooperação, não exercendo poder jurisdicional ou legislativo sobre as igrejas, podendo, no entanto, orientar sobre seus princípios e doutrinas, e defender o seu patrimônio, sempre embasado no espírito de amor cristão”. No inciso V¹⁵⁰, esta tem a função de “zelar pela manutenção das doutrinas e princípios batistas, de acordo com a ‘Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira’”.

Como se vê, a atuação da ABASB concorre para a preservação das doutrinas batistas garantindo que seus membros sejam fiéis depositários dos mesmos princípios que regem o povo batista brasileiro. E nesse sentido, no campo político, um dos pontos importantes dessa pesquisa, os dados levantados na abordagem de campo confirmam a manutenção dos ideais separatistas que nortearam os batistas nos primórdios de sua trajetória na Inglaterra. Na questão 14 foi perguntado aos líderes das igrejas pertencentes à Associação Batista do Sudoeste sobre a separação entre a Igreja e o Estado:

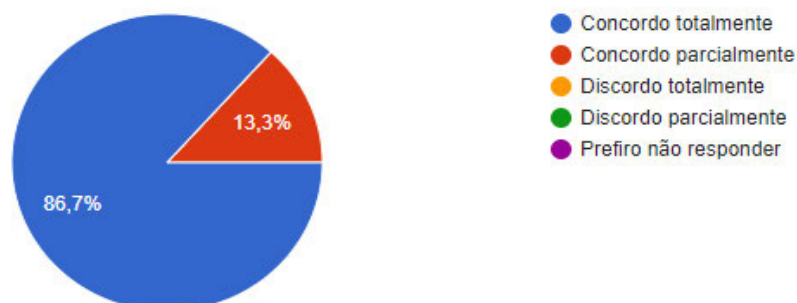
¹⁴⁹ Agenda ABASB 2020/22, p. 16.

¹⁵⁰ Idem.

Gráfico 16: Questão 14 pesquisa de campo – pastores e líderes

14. Um dos princípios históricos da Denominação Batista é a separação entre Igreja e Estado. Sobre esse aspecto:

15 respostas



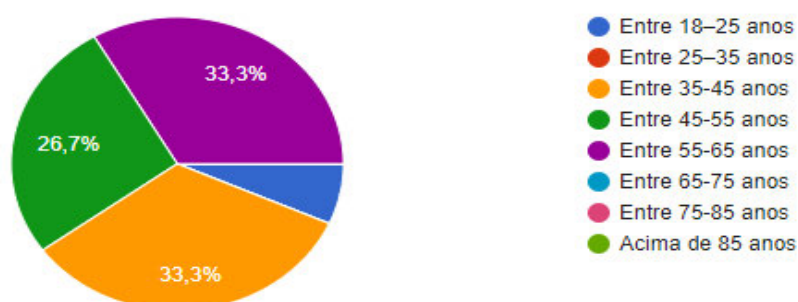
Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Os dados comprovam que 86,7% dos pastores e líderes congregacionais concordam totalmente com a separação entre Igreja e Estado. Devido à condição de pastor e líder, e como tal, responsável pelas diretrizes que regem a comunidade local, esse questionamento foi feito somente à liderança. Mas, qual é o perfil dessa liderança, em termos de faixa etária, formação teológica e formação escolar? Eis as respostas:

Gráfico 17: Questão 3 pesquisa de campo – pastores e líderes

3. Qual a sua faixa etária?

15 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Houve um empate nas faixas etárias de 35 a 45 anos e 55 a 65 anos com os percentuais de 33,3% cada. Considero esse dado positivo pois demonstra que os membros das igrejas da ABASB possuem uma liderança numa boa faixa de maturidade em termos de idade. Mas, qual

o grau de escolaridade desses pastores e líderes? São formados em Teologia? Possuem outras graduações? Quais seriam?

Gráfico 18: Questão 4 pesquisa de campo – pastores e líderes

4.Qual o seu grau de escolaridade?

15 respostas

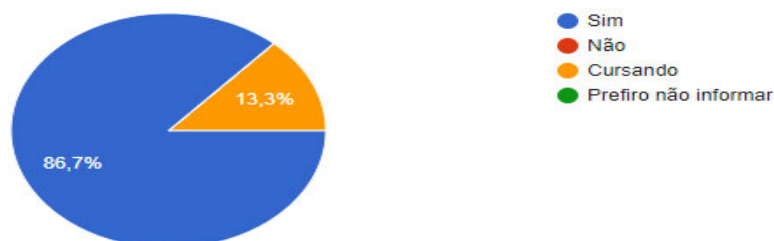


Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Gráfico 19: Questão 5 pesquisa de campo – pastores e líderes

5. Tem formação em Teologia?

15 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Possui outra Graduação ou Pós-Graduação? (13 respostas)

Quadro 15 – Questão 6 pesquisa de campo – pastores e líderes

Administração	Doutorado em História
Filosofia	Cursando Administração
Enfermagem	Marketing e Vendas / Gestão de Pessoal
Psicologia	Marketing e Vendas / Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional
Incompleta	Não (04)

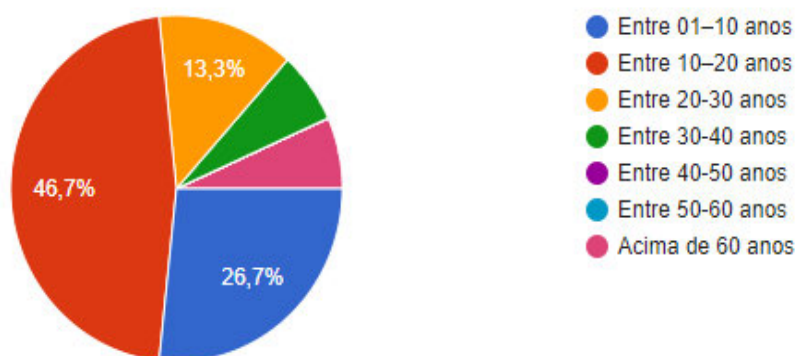
Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Alguns dados importantes através dos resultados apresentados. A soma dos que possuem formação em Teologia com os que estão cursando indica que ao término do curso o índice atingirá 100%. Isso denota o cuidado da Denominação Batista com a formação teológica do seu pastorado. O grau de escolaridade superior acrescido da Pós-Graduação é bastante satisfatório, onde os índices somados ultrapassam 93%. Com duas respostas a menos em relação ao total que respondeu ao questionário, a questão 6 representada através do quadro 14 traz as outras áreas de formação. Não foi possível identificar o motivo pelo qual dois dos quinze participantes não responderam a questão.

Gráfico 20: Questão 7 pesquisa de campo – pastores e líderes

7. Tempo de ministério como pastor e/ou missionário/a na Denominação Batista?

15 respostas



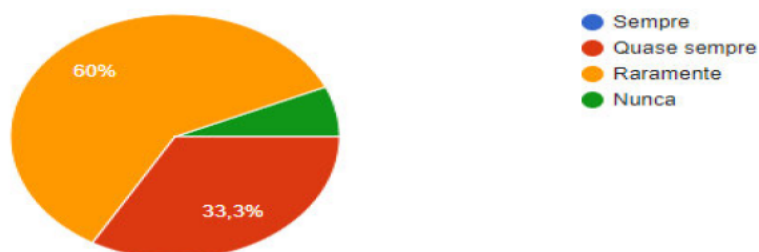
Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Os índices em verde e rosa, correspondem a 6,7% cada. Somados aos percentuais 46,7% e 13,3%, encontramos um quantitativo superior a 73% onde a liderança possui um tempo de ministério que vai de 10 a 60 anos. O maior percentual (46,7%) corresponde ao tempo entre 10 e 20 anos de ministério. Se cruzarmos esses dados com a faixa etária apresentada no gráfico 17, é possível afirmar que a liderança da ABASB é composta por pastores e líderes com maturidade e experiência ministerial que os respaldam consideravelmente em relação às respostas dadas a essa pesquisa.

Gráfico 21: Questão 18 pesquisa de campo – pastores e líderes

18. Você costuma votar em candidatos que se apresentam como evangélicos?

15 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

O maior percentual de respostas (60%) demonstrado nesse gráfico apresenta um dado considerável. Isso significa que os entrevistados raramente votam em candidatos que se apresentam como evangélicos, motivo pelo qual pode-se afirmar que levantar a bandeira de evangélico não é a credencial suficiente para a prospecção do voto. Conforme dados apresentados nas discussões teóricas sobre os escândalos envolvendo parlamentares de confissão evangélica, expõe taxativamente as suspeitas quanto a esse tipo de voto. A corrupção que já faz parte da agenda política no Brasil, quando ela é acomodada ao comportamento de um parlamentar que professa uma fé ou um credo que em sua essência preza pela ética e pela honestidade dos sujeitos envolvidos em seu ambiente social, só aumenta o nível de desconfiança por esse tipo de representação. No lugar de se valorizar um tipo de voto dessa natureza, que pode em tese transformar o ambiente corrompido do Congresso Nacional, a repulsa pode ser maior alimentada pelo comportamento duvidoso dos que se arvoram em dizer representar a comunidade evangélica brasileira.

Gráfico 22: Questão 19 pesquisa de campo – pastores e líderes

19. Sobre a candidatura de pastores a cargos políticos:

15 respostas

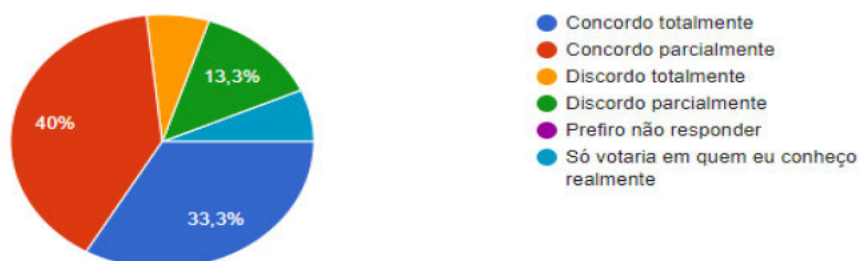


Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Gráfico 23: Questão 20 pesquisa de campo – pastores e líderes

20. Sobre a candidatura de membros da igreja a cargos políticos:

15 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

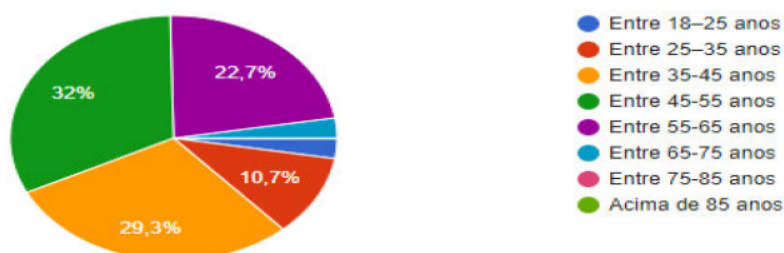
Fechando as duas últimas questões aplicadas à liderança, temos um posicionamento determinante que discorda totalmente (60%), da candidatura pastoral. Não houve nenhuma resposta indicando concordar totalmente. O segundo maior percentual (13,3%), concorda parcialmente e os demais com algumas restrições. Esse dado reafirma a disposição batista na esfera de sua liderança que é contrária a candidatura pastoral. Esse posicionamento vai de encontro ao comportamento pentecostal e neopentecostal que em geral traz os seus parlamentares do corpo pastoral. Reafirmando que os líderes não costumam restringir a candidatura de membros da igreja, a soma das respostas concordo totalmente e concordo parcialmente, perfazem um total de 73,3%. Essa dado confirma que o membro de uma Igreja Batista tem a liberdade de se candidatar ao cargo político.

Quanto aos dados levantados junto aos membros das igrejas da ABASB, chegamos às questões que restam do questionário aplicado. Os dois próximos gráficos tratam da faixa etária e do grau de escolaridade.

Gráfico 24: Questão 3 pesquisa de campo – membros das igrejas

3. Qual a sua faixa etária (idade)?

75 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Gráfico 25: Questão 4 pesquisa de campo – membros das igrejas

4. Qual o seu grau de escolaridade?

75 respostas



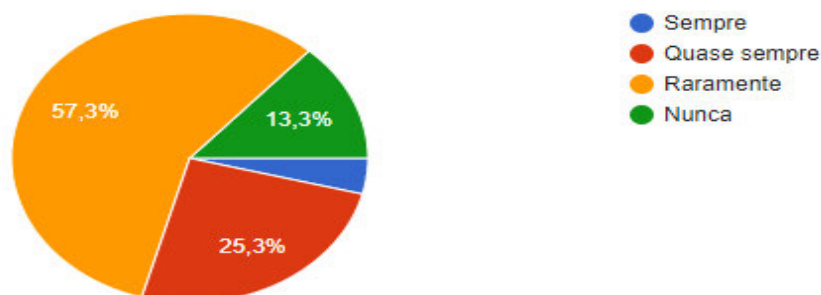
Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Os três maiores percentuais do gráfico 23 correspondem à faixa etária que vai dos 35 aos 65 anos. Os dois maiores percentuais do gráfico 24 correspondem à formação escolar em nível superior e pós-graduação. Aqui temos uma faixa etária e nível de formação escolar que nos leva a afirmar que trata-se de um público com um grau de maturidade bastante interessante, e que, portanto, oferece um respaldo considerável para a compreensão dos dados levantados. Diferentemente, dos primórdios da formação da Igreja Batista no Brasil, acrescidos os demais percentuais do gráfico 24, o grau de escolaridade dos adeptos batistas aumentou consideravelmente. O que por inferência, pode-se afirmar que dificilmente esse público aceitaria qualquer tipo de determinação política pastoral, ou os ditames da teologia da prosperidade. As questões de 17 a 20 versam sobre as proposições políticas conforme a seguir.

Gráfico 26: Questão 17 pesquisa de campo – membros das igrejas

17. Você costuma votar em candidatos que se apresentam como evangélicos?

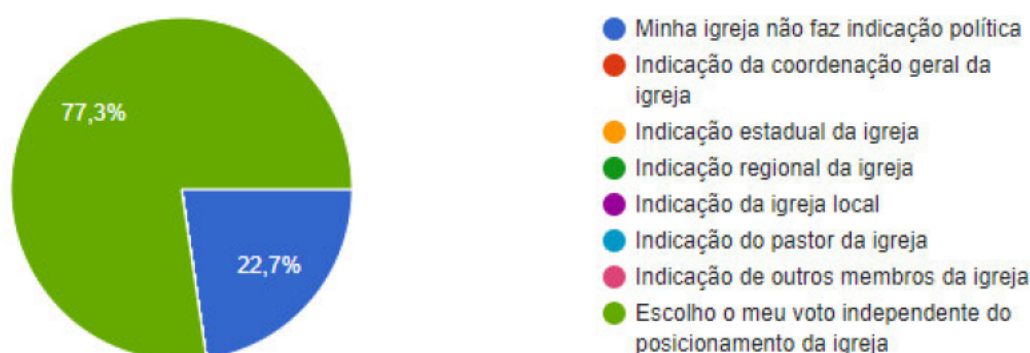
75 respostas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Se somarmos as opções de respostas Raramente e Nunca representados respectivamente pelos percentuais 57,3% e 13,3% temos um total de 70,6%. Isso demonstra que para a maioria dos membros das igrejas batistas, os candidatos evangélicos não apresentam a confiabilidade necessária para representá-los na esfera do poder político. Na questão 18, foi indagado: A sua escolha política através do voto é feita por - (eis as respostas):

Gráfico 27: Questão 18 pesquisa de campo – membros das igrejas

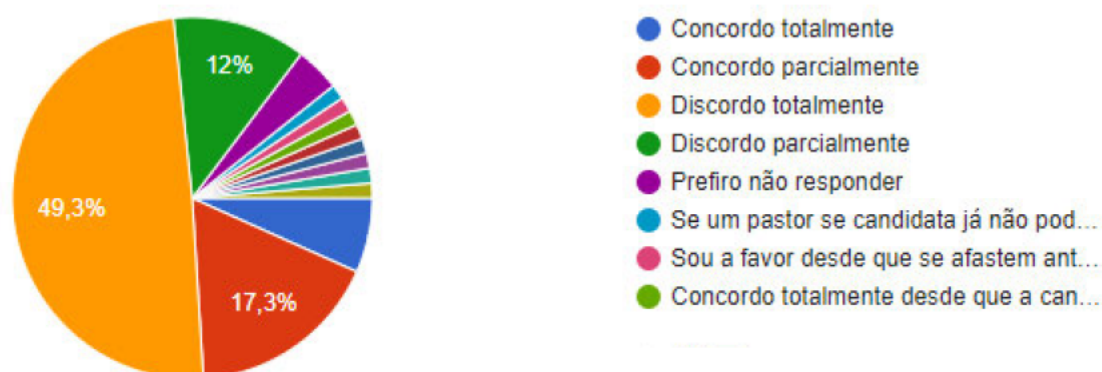


Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Aqui, mais constatação incisiva sobre os batistas. Não há nenhuma resposta que indique que a Denominação Batista faça o proselitismo político da representação institucional na espera do poder político.

Na questão 19, temos: Sobre a candidatura de pastores a cargos políticos:

Gráfico 28: Questão 19 pesquisa de campo – membros das igrejas



Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

Na questão 20, foi indagado: Sobre a candidatura de membros da igreja a cargos políticos:

Gráfico 29: Questão 20 pesquisa de campo – membros das igrejas

Fonte: questionário elaborado e aplicado pelo autor

O maior percentual com respostas discordando totalmente da candidatura de pastores a cargos políticos apresentado no gráfico 27, em comparação com o maior percentual concordando totalmente com a candidatura de membros da igreja no gráfico 28, mostra a restrição à candidatura pastoral e a anuência à candidatura da membresia.

Esses dados confirmam uma inclinação muito comum no meio batista. A de que o ministério pastoral é resultado de um chamado de Deus para cuidar do seu rebanho conforme discussões apresentadas anteriormente. Essa convicção que acompanha historicamente o povo batista, dificilmente cederá espaço para que o púlpito seja de alguma forma utilizado como plataforma de palanque político. Em contrapartida, esse mesmo nível de restrição não acontece com os seus pares membros, ressaltando que mesmo para os membros, o púlpito não é cedido para o discurso político. Como acontece aos sujeitos inseridos nos demais segmentos da sociedade, os membros de uma Igreja Batista são livres para o pleito político que julgar necessário.

Dessa forma, a conclusão desse capítulo reflete a trajetória do povo Batista, sua chegada e inserção no território nacional até o Estado da Bahia e na região sudoeste. Os dados levantados junto aos pastores e líderes, membros das igrejas da Associação Batista do Sudoeste da Bahia – ABASB, repercutem o alinhamento do povo Batista dessa região e sua congruência com a Denominação Batista no território nacional.

VI CONCLUSÃO

Sendo dois componentes recorrentes no contexto do protestantismo brasileiro na atualidade, a teologia da prosperidade e a política mais uma vez é estudada na perspectiva do posicionamento da Denominação Batista em relação à essa temática. Tomadas por um grande crescimento nas últimas décadas, as regiões periféricas passaram a ser alcançadas em larga escala por um número sem fim de igrejas que se apresentam com suas portas abertas a receber tantos quanto estejam dispostos a ouvir e receber as bênçãos prometidas através das prédicas de cura e milagres dispensados por Deus.

O profetismo hodierno tomou um lugar no púlpito marcado pelo empoderamento de pastores e pastoras ao som potente dos microfones onde passaram a atrair adeptos motivados pela confissão positiva e um forte apelo à resolução dos problemas causados pelas diferenças sociais oriundas do ambiente capitalista.

Dois pilares sustentam a teologia da prosperidade: a cura física e o provento dos bens materiais. Nesse sentido, um forte apelo recorrente nas fachadas e placas com informações sobre os horários de cultos, é o convite à contemplação e experimentação da cura divina e dos milagres. Fogo e poder são duas outras palavras comumente vistas nos templos pentecostais. É um convite atraente para quem está desempregado, ou que possui baixa renda, ou mesmo que migrou da zona rural, pequenos distritos, povoados ou cidades menores em busca de novas oportunidades na cidade grande. Não obstante as dificuldades financeiras, essa população é a que mais está distante do acesso aos tratamentos de saúde, e que, portanto, depositar sua fé na cura divina, representa muitas vezes o último fio de esperança de que seus dias possam ser de alguma forma melhor.

E essas igrejas, pertencem a quais vertentes do cristianismo? Como são classificadas? Por que elas crescem tanto? Que tipo de função social exercem na vida de tantas pessoas que frequentam os seus templos?

São igrejas historicamente ligadas ao movimento da Reforma Protestante que ocorreu na Europa no século XVI. E como tal, pela confissão cristã, para a compreensão da sua trajetória histórica, foi que recorremos aos primórdios do cristianismo para identificar a expansão das prédicas sobre o evangelho e o surgimento da igreja desde a sua fase de perseguição pelo Império Romano até a sua junção ao Estado, seus cismas e suas reformas. Capitanizada pela insígnia cristã, a igreja que surgiu enquanto instituição, passou à oficialidade com a composição dos seus dogmas, estatutos e controle social eivada de doutrinamentos e ordenamentos que

mudou definitivamente a sociedade medieval e conseqüentemente com seus impactos em épocas posteriores.

A Reforma Protestante promoveu uma ruptura com a Igreja Católica, promovendo o surgimento de várias outras vertentes religiosas cristãs, comumente chamadas de evangélicas. Expandindo-se pela Europa e América do Norte, as religiões protestantes, embora com tentativas desde a colonização, se instalaram oficialmente no Brasil a partir do século XIX. Sob a alcunha de protestantismo histórico de missão ou tradicional, os Batistas se consolidaram como uma das principais denominações religiosas do país.

Mesmo chegando um pouco depois, na primeira década do século passado, as igrejas categorizadas pelos estudiosos como pentecostais, rapidamente se espalharam pelas terras tupiniquins, e juntamente com uma nova onda que surgiu no final da década de 1970, apontada como neopentecostal, essas vertentes se consolidaram como as que possuem o maior número de membros, as que mais crescem na atualidade, e as que mais alcançam as regiões periféricas do país. Paralelamente aos dados dessa expansão e dos tipos de igrejas apresentadas por diversos teóricos em relação ao fenômeno que acontece no Brasil, no trabalho de campo na cidade de Vitória da Conquista no sudoeste da Bahia, foi possível confirmar esse mesmo tipo de expansão.

É justamente nesses segmentos onde além da prática da teologia da prosperidade, que acontece a maior aproximação com o poder político. Foi então possível encontrar essa junção perigosa, a que oferece um deus sempre de plantão, a serviço da conveniência do bem imediato. Um deus a quem se diz, “eu não aceito”, “eu ordeno”, “eu determino”, e outras coisas mais. Mas, nessa condição determinante de poder, se esconde também um ambiente manipulador. Manipulador da fé alheia onde o fiel é permanentemente levado a contribuir financeiramente atraído pela ideia de que deve fazer o sacrifício para receber as infinitas bênçãos dos céus. Com as técnicas mais persuasivas possíveis, muitos líderes religiosos se arvoram em aumentar seu patrimônio, resultado das muitas ofertas apresentadas diariamente nos templos.

A junção perigosa se complementa na medida em que muitos desses líderes religiosos passaram a utilizar os seus púlpitos como palanque político, e nesse sentido, alcançaram expressiva margem quantitativa, aumentando a cada pleito o número de parlamentares de confissão evangélica. Nada demais se não fosse o número recorrente de denúncias de corrupção envolvendo parlamentares de confissão cristã. Afinal, o cristianismo preza pela idoneidade ética e moral dos que se confessam como tal.

No Congresso Nacional, existe a Frente Parlamentar Evangélica, também conhecida como Bancada Evangélica. A maioria dos deputados dessa Frente são filiados às igrejas

Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus, com os demais ligados a várias outras denominações. Normalmente ao lado de uma agenda classificada como conservadora, são os principais opositores da agenda progressista dos partidos ditos de esquerda.

Diferentemente do segmento pentecostal e neopentecostal, existe a Denominação Batista tradicional, que se opõe ao discurso da prosperidade, bem como à representação política institucional. Essa afirmação se baseia tanto na trajetória dos batistas enquanto instituição religiosa, como nos resultados alcançados na pesquisa de campo. Um dos pilares que sustentam a Denominação Batista em sua história é o princípio da separação entre Igreja e Estado.

Embora haja outras narrativas sobre a origem dos Batistas, nos apegamos aos adventos do separatismo ocorrido na Inglaterra a partir do final do século XVI a meados do século XVII. O separatismo se sustenta exatamente na ideia de separação entre a Igreja e o Estado. No Brasil institucionalmente organizada através da Convenção Batista Brasileira, convenções estaduais e associações regionais, chegamos até a Associação Batista do Sudoeste da Bahia.

Presente em 21 municípios do sudoeste baiano, a ABASB foi o foco da pesquisa de campo quando os dados levantados através dos questionários aplicados, foram utilizados como instrumentos balizadores do posicionamento Batista em relação às igrejas pentecostais e neopentecostais e suas práticas da prosperidade e da representação política nos espaços de poder.

Concluiu-se que existe um alinhamento entre os parâmetros que vão da Convenção Brasileira até a Associação regional. Isso permite entender a organização denominacional como um fator relevante para a preservação da identidade Batista. Os pastores, líderes e membros das igrejas da ABASB, não se identificam com a teologia da prosperidade e reafirmam que tal prosperidade é vindoura, diz respeito à vida eterna, consubstanciada pelas promessas de eternidade proferidas por Jesus Cristo. A cura como ênfase, só se for da alma pois assim, o indivíduo estará liberto da condenação provocada pelo pecado. Admitem que qualquer pessoa no exercício de sua fé, possa alcançar a cura e até mesmo a prosperidade material, mas essa não é a ênfase do seu ambiente de culto nem tão pouco o discurso que norteia a sua teologia.

A Denominação Batista, embora em seu discurso não negue dar o suporte necessário à uma conduta moral e espiritual aos sujeitos membros de sua comunidade, tem por princípio alertar os seus adeptos no tocante a sua responsabilidade enquanto indivíduo diante de Deus e da sociedade. Com isso, ao defender a separação entre Igreja e Estado, não significa necessariamente que enquanto instituição religiosa, esteja alijada do contexto político. Defende o princípio bíblico de respeito e reconhecimento das autoridades constituídas, preza pela paz e pela prática da justiça social, situação levada a termo junto aos seus pares.

Outrossim, do pentecostalismo aos batistas tradicionais, independente dos discursos convergentes ou divergentes que possam ter, seja pela escolha teológica ou pelo posicionamento político, essas igrejas crescem porque proporcionam aos seus membros um ambiente de acolhimento. Um acolhimento muitas vezes negligenciado pelo Estado e até por certos familiares. Uma igreja quando abre uma porta, em geral convida seu ouvinte dizendo: “venha como você está”. E a partir daí, seja o sujeito moribundo, desesperado, desesperançado, ou mesmo o sujeito alegre, de bem com a vida, ou em busca de uma comunidade para convivência, será tratado como “irmão”, será levado a uma convivência social. Como essas igrejas tem em comum a ideia de transformação de vida, elas terminam por exercer um papel social demasiadamente importante na vida de seus adeptos.

No momento em que os partidos políticos de esquerda estiveram à frente do poder, especialmente na época dos governos Lula e Dilma, esses partidos que em tese propagam sua afinidade e defesa das camadas pobres, trabalhadoras e desprovidas da sociedade, não subiram os espaços das comunidades, não alcançaram as regiões periféricas. Estiveram organicamente presentes nos sindicatos, nos movimentos estudantis, nos espaços acadêmicos, nos coletivos dos movimentos sociais, mas, pouco chegaram às populações mais pobres e com maior dificuldade de organização. Embora os movimentos citados reúnam em parte pessoas de camadas pobres da sociedade, sua manifestação é predominantemente urbana, acadêmica, quando torna-se pública, não vai a periferia. Nessa brecha deixada pelo poder público e pelos movimentos políticos sociais organizados, a Igreja encontrou um espaço para ação, abriu as portas e deu atenção ao pobre necessitado.

Torna-se altamente salutar que, em meio ao atual contexto sócio-político, as vertentes religiosas cristãs sejam chamadas a entender que a multiplicação de igrejas e a proclamação do evangelho não pode caminhar ao lado da intolerância religiosa. Para proclamar o evangelho, necessariamente não significa atacar a religião alheia. Até porque, os direitos constitucionais se amplificam nas garantias de liberdade religiosa e de culto das mais variadas matrizes que integram a nação brasileira.

Ademais, propõe-se que novos estudos sejam realizados a fim de se maturar cada vez mais a compreensão do fenômeno religioso brasileiro. As igrejas que diariamente surgem nos diversos espaços desse país, receio que já se permita repensar as suas respectivas categorias. Sugere-se que se amplie as abordagens etnográficas pois muito ainda há que ser identificado nos tipos de discursos apresentados nos locais de culto. Contraditoriamente ao discurso de cura, existe uma população que adoce emocionalmente dentro das igrejas. É preciso que se identifique as causas dessas doenças e possível relação com a vida religiosa.

Se o pastor representado metaforicamente pelo cuidado com as ovelhas, é aquele que cuida do rebanho religioso, como se dá o cuidado sobre ele? Informações jornalísticas recentes dão conta do aumento do número de suicídio cometido por pastores. Quando alguém que tem o título de pastor comete qualquer tipo de conduta que o desabone diante da sociedade, como os mais recentes escândalos de corrupção no Ministério da Educação, por exemplo, quem exerce o pastoreio de forma decente, recebe o peso ainda maior de ter uma conduta ilibada pelo cargo que exerce. Sugere-se estudos junto às lideranças religiosas.

Se a teologia da prosperidade acompanha o neopentecostalismo e desvirtua o que os Batistas chamam de “evangelho da cruz”, um outro campo se apresenta como terreno fértil para novos estudos: a teologia do domínio. Trata-se de políticos que professam ser evangélicos, e compreendem que são os mais capacitados ao governo por entender que possuem a chancela de Deus para tal pleito. A Bíblia pode ser utilizada como livro de regra de fé e prática, como fazem os Batistas, mas não foi feita para ser a Constituição de um país como defendem certo tipos de parlamentares.

Diante desses entendimentos, é importante destacar a importância das pessoas na manifestação de suas crenças. Existe a religião enquanto corpo institucionalizado e existe a religiosidade enquanto crença e prática do indivíduo. As pessoas são importantes, delas e com elas nos ocupamos, com elas e para elas pesquisamos. Finalmente, que o leitor deste trabalho, ao debruçar sobre o estudo das ciências das religiões, compreenda o esforço empregado para tornar viável esta simples contribuição.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AGUIAR, Taylor Pedroso de. Transformações e reconfigurações da música evangélica brasileira: mediações musicais na Brasa Church (Porto Alegre/RS). *In*: TADVALD, Marcelo (org.). **Religião e Sociedade: Estudos, Trajetórias e Desafios**. Porto Alegre: Casa Verde, 2018.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Protestantismo Tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus – 1911 a 2011**. 2. ed. São Paulo: Recriar; Vitória: Editora Unida, 2019.

ALLEN, Douglas. Phenomenology of religion. *In*: HINNELLS, John R. (org.). **The Routledge Companion to the Study of Religion**. New York: Routledge, 2005.

ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma história das mulheres batistas soteropolitanas**. Salvador: Sagga, 2017.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.) **BÍBLIA SAGRADA**. EUA: Editora Vida, 1990.

ALMEIDA, Vasni. Referências e fontes em estudos sobre o protestantismo brasileiro. *In*: VIEIRA, Martha Victor; ALMEIDA, Vasni. **Caminhos da História: sugestões para pesquisa no ensino superior**. Curitiba-PR: CRV, 2013.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

BARTLEMAN, Frank. **A história do avivamento Azusa**. 3. ed. Americana, SP: Impacto Publicações, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**. Da escolha do tema ao quadro teórico. 7. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

BIRMELÉ, André. Igreja. GISEL, Pierre (org.). **Enciclopédia do protestantismo: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política**. São Paulo: Hagnos, 2016.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. 4. ed. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BURKE, Peter. **O Renascimento**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Espiritualidades não-religiosas**: desafios conceituais. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 658-687, jul./set. 2014.

CAMARGO, Cândido Procópio F. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciência das Religiões**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Repensando a Religião).

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARNEIRO, Everton Nery. **Mitologia Grega e Bíblica**: narrativas de transgressão. Salvador: EDUNEB, 2018.

CARNEIRO, Everton Nery. **ENSINO RELIGIOSO**: Política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas. Curitiba: Editorial Casa, 2021.

CARVALHAES, Sueli Aparecida Cardozo. Glossolalia: O Dom Incluyente do Espírito Santo. **REVER** – Revista de Estudos da religião. Junho/2010/ pp. 42-61. ISSN 1677-1222.

CARVALHO, José Jorge. O encontro de novas e velhas religiões: esboço de uma teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: RJ, Vozes; Bragança Paulista, SP: Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade de São Paulo, 1994.

CASTRO, Flávia Lages de. **História do Direito Geral e do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora, 2006.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e Ambiente**: a metodologia da pesquisa da história oral. Bíblos, Rio Grande, 16:7-24, 2004.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma cultura da ciência humana. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, Carlos A. Macêdo; NASCIMENTO, João Batista V. “Foi Deus Quem Me Deu – Quando Deus Quer é Assim...”: Pentecostalismo e Neopentecostalismo na Bahia do **Tempo Presente**. Revista Lusófona de Ciência das Religiões - ISSN: 1645-5584 - v. 22 (2020).

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política**: teoria bíblica e prática histórica. 2. ed. Niterói, RJ, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CESAR, Elyeser Barreto. Evangelho. *In*: FILHO, Fernando Bortolletto (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Revista das revistas**. Estudos Avançados, 1991.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros Conceitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. v. XXIV, 2012, p. 171-193.

CRABTREE, A. R. **História dos Baptistas do Brasil Até o Anno de 1906**. v. I. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1937.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Petrópolis: Vozes, 2005.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. *In*: PASSOS João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 37-50.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do Estado**. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

DANTAS, José Guibson Delgado. **Dinheiro**: o passaporte para a graça neopentecostal. As representações do dinheiro no programa “Show da Fé”. Maceió, Al, Edufal, 2015.

DANTAS, José Guibson Delgado. **Crentes, mas nem tanto**: o comportamento dos telespectadores diante dos programas televisivos das igrejas neopentecostais. Maceió, Al, Edufal, 2016.

DAWSON, Christopher. **A Formação da Cristandade**: Das Origens na Tradição Judaico-cristã à Ascensão e Queda da Unidade Medieval. São Paulo: É Realizações, 2014.

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. v. I. Lisboa: Estampa, 1994.

DIP, Andrea. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DREHER, Martin N. **Bíblia**: suas leituras e interpretações na história do cristianismo. 2. ed. São Leopoldo: CEBI: Sinodal, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael. Metodologia em Ciência da Religião. *In*: PASSOS João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 63-74.

FALCON, Francisco. História e poder. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. **Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERREIRA, Delson. **Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FILHO, Fernando Bortolletto (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

FILORAMO, Giovanni. **Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação**. São Paulo: Hedra, 2005.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FONTES, Luiz R. Salinas. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Col. Tudo é História).

FRESTON, Paul. **Fé bíblica e crise brasileira: posses e política; esoterismo e ecumenismo**. São Paulo, ABU Editora, 1992.

FRESTON, Paul. **Religião e política, sim; Igreja e estado, não**. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Introdução à Filosofia**. Barueri, SP: Manole, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. **Política: história, ciência, cultura e etc**. Estudos Históricos: Historiografia. Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, 1996.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Repensando a Religião).

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HAYKIN, Michael. **Os primeiros batistas: redescobrimos a nossa herança inglesa**. Rio de Janeiro: Pro Nobis Editora, 2020.

HERMANN, Jaqueline. História das Religiões e Religiosidades. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HILL, Christopher. **A Revolução Inglesa de 1640**. Lisboa: Presença, 1977.

HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOLLENWEGER, Walter J. GLOSSOLALIA. *In*: GISEL, Pierre (org.). **Enciclopédia do Protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. São Paulo: Hagnos, 2016.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio e Janeiro: LTC, 1986.

HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard, J. **História do pensamento econômico**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. Igreja e sociedade. *In*: FILHO, Fernando Bortolletto (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LANDERS, John. **Religiões Mundiais**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**: Estudo de Eclesiologia e História Social. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LÉONARD, Émile. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. **Pentecoste**: o fogo que não se apaga. São Paulo: Hagnos, 2017.

MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre (orgs.). **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MCALISTER, Walter. **O fim de uma era**: um diálogo crítico, franco e aberto sobre a igreja e o mundo dos dias de hoje. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2009.

MEDEIROS, Gracilene Felix. A literatura e seu caráter religioso. *In*: POSSEBON, Fabricio; MEDEIROS, Gracilene Felix. **Leituras de textos helênicos**: introdução a Homero e Hesíodo. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a Inserção do Protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do (et al.). **A contribuição dos evangélicos para Vitória da Conquista nas décadas de 80 e 90**. 1996. Artigo (TCC em História) Departamento de História, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 1996.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. **Com cantos piano e regência**: história, memória e educação musical na trajetória do Conservatório de Música de Vitória da Conquista (1964-2014). Colóquio do Museu Pedagógico – ISSN 2175-5493, v. 11, Nº 1, 2015a, p. 491-506.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. Canto coral, história e memória de igrejas batistas em Vitória da Conquista. *In*: BRITO, Paulo César; SILVA, Sandra Célia, C. G. da. (orgs.). **Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo**. v. II. Goiânia: Kelps, 2015b.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. O pensamento político da Europa moderna e algumas interfaces com o Brasil do tempo presente. *In*: GUIMARÃES, Alex; NASCIMENTO, Jairo C.; RIBEIRO, Márcia Cristina L. (orgs.). **Pesquisa em História e Educação**: ensino de história, literatura e cultura audiovisual. Curitiba: CRV, 2017.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. Religião e Religiosidade Cristã: abordagens, fontes e possibilidades de pesquisa. *In*: SILVA, Genilson F. da; LIMA, Iracema O.; PASSOS, Maria Sigmar C. (orgs.). **Pesquisa em História e Educação**: desafios teóricos e metodológicos. Curitiba: CRV, 2019.

NETO, João Oliveira Ramos. **Convicção e Persistência**: uma introdução à história dos batistas. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo? Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Valdomiro de. **Memórias de um Pastor**. Belo Horizonte: Editora Betânia S/C, 2001.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Batistas. *In*: FILHO, Fernando Bortolletto (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo**: dinheiro e magia. ILHA. Florianópolis, v. 3, n. 1, novembro de 2001. p. 71-85.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. – (Coleção filosofia).

POSSEBON, Fabricio. Prefácio. *In*: LUNA, Sandra. Drama Social, **Tragédia Moderna**: Ensaio em Teoria e Crítica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p. 15-27.

PRANDI, Carlo. As religiões: problema de definição e de classificação (Apêndices). *In*: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 253-275/282-284.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, William R. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo social, revista de sociologia da USP**, v. 29, n. 2, agosto 2017.

QUEIROZ, Carlos. **Em busca da espiritualidade**: o mercado da fé e o evangelho da graça. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2013.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: 2. ed. FGV, 2003.

RIBEIRO, Antônio Lopes. A Igreja Católica em diálogo com a pluralidade e diversidade religiosa. *In*: MARTINS, Paulo Cezar B.; OLIVEIRA, Sandra Célia, C. G. da S. S. (orgs.). **Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo**. Goiânia: Kelps, 2013.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888):** Aspectos Culturais da Aceitação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira Editora, 1973.

RIES, Julien. **A Ciência das Religiões:** história, historiografia, problemas e método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ROCHA, Gerson. **O romance de uma construção.** 2. ed. Local e Editora não informados, 1984.

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Educação. In: RÖHR, Ferdinand. (org.). **Diálogos em educação e espiritualidade.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 13-52.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça:** esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Editora Candeia, 2013.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os mascates da fé:** história dos evangélicos no Brasil (1855 a 1900). Curitiba: CRV, 2017.

SCOFIELD. **Bíblia de Estudo** - Texto bíblico Almeida, corrigida, Fiel (ACF). São Paulo: Holy Bible, 2011.

SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contra-Reforma:** o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993.

SÉGUY, Jean. Seitas. In: GISEL, Pierre (org.). **Enciclopédia do Protestantismo:** teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. São Paulo: Hagnos, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento.** 6. ed. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SIEPIERSKI, Paulo D. A emergência da pluralidade religiosa (1). Ano I n. 1. Recife: **Revista Reflexão e Fé** – STBN Edições, 1999, p. 59-75.

SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In: DIAS, André L. M.; NETO, Eurelino, T. C.; LEITE, Márcia Maria da S. B.(orgs.). **História, cultura e poder.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

SILVA, Elizete da. Os Batistas no Brasil. In: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de A.; ALMEIDA, Vasni de (orgs.). **“Fiel é a Palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Elizete da. Religião e movimentos sociopolíticos: entre a devoção e a insurreição. In: SILVA, Elizete da; NEVES, Erivaldo Fagundes (orgs.). **Cultura, Sociedade e Política:** ideias, métodos e fontes na investigação histórica. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria:** anglicanos e batistas na Bahia. Salvador: Sagga Editora, 2017.

SILVEIRA, Éder da Silva. História oral e memória: pensando um perfil etnográfico. **MÉTIS:** história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SILVEIRA, Emerson Sena da; MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro. ***A dimensão teórica dos Estudos da Religião: Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião.*** São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

SOUZA, Jaqueline. ***A Primeira Igreja Protestante do Brasil: Igreja Reformada Potiguar [1625-1692].*** São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

SOUZA, Silas Luiz de. ***Pensamento social e político no protestantismo brasileiro.*** São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

SOUZA, Sueli, Ribeiro Mota. Reflexões sobre protestantismo e pentecostalismo no Brasil contemporâneo. In: MARTINS, Paulo C. Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia C. G. S. S. (orgs.). ***Diversidade Religiosa no Brasil Contemporâneo.*** Goiânia: Kelps, 2013.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. ***Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador.*** São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TANAJURA, Mozart. ***História de Conquista: crônica de uma cidade.*** Vitória da Conquista – BA: Brasil Artes Gráficas, 1992.

TEIXEIRA, Marli Geralda. “...nós os batistas...”: um estudo de história das mentalidades. Salvador (BA): Sagga, 2017.

TILLICH, Paul. ***Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX.*** 4. ed. São Paulo: ASTE, 2010.

TILLICH, Paul. ***História do Pensamento Cristão.*** 5. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

TIMM, Alberto R. Teologia da prosperidade. In: FILHO, Fernando Bortolletto (org.). ***Dicionário Brasileiro de Teologia.*** São Paulo: ASTE, 2008.

TOGNINI, Enéas. ***História dos Batistas Nacionais.*** Brasília – DF: Publicação da Convenção Batista Nacional, 1993.

TORRANO, J. O que é mito, em sentido originário. In: CARDOSO, Zélia de A. (org.). ***Mito, Religião e Sociedade*** (Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos). São Paulo: SBEC, 1991, p. 371-374.

TORRES, João Carlos Brum. ***Figuras do Estado Moderno: representação política no Ocidente.*** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

TRABUCO, Zózimo. ***A seara e os ceifeiros: educação teológica, narrativas de conversão e identidade batista (1960-1990).*** Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D; USARSKI, F. (org.). ***Compêndio de Ciência da Religião.*** São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 51-61.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). ***Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.*** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

VEDDER, Henry C. ***Breve História dos Baptistas.*** Recife – PE: Prelo da Faculdade Theologica Baptista do Recife, 1934.

VELASCO, Juan Martín. **Introducción a la Fenomenología de la Religión**. Madrid: Trotta, 2006.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria, e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, c1980.

VIEIRA, Henrique. **O amor como revolução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2015.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Petrópolis: RJ, Vozes, 2016.

WISE, Werner. Bíblia. In: FILHO, Fernando Bortolletto (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou rei**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova reforma**: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar? São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TESES E DISSERTAÇÕES

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República**: Evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Batista (1901-1922). 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Do púlpito ao baquiço**: religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALBUQUERQUE, Bruno da Silveira. **Política, púlpito e poder**: a relação entre as dimensões cültica e sociopolítica da fé nas Assembleias de Deus no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Teologia) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ALMEIDA, Fábio Py Murta de. **LAURO BRETONES**, Um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956. 2016. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, Luciane Silva de. **“Missionários do Inferno”**: Representações anticomunistas dos batistas no Brasil (1917-1970). 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. **Os Batistas em Movimento**: um estudo da dinâmica sociorreligiosa de batistas no Brasil: o exemplo de Macaé-RJ. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos T. dos. **Educação Feminina Batista no Nordeste**: A ação educacional de Martha Elizabeth Hairston no Seminário de Educadoras Cristãs de Recife (1953-1979). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

BITENCOURT, Daiane R. de Oliveira. **A salvação do mundo na Igreja Batista**: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

CORRÊA, Vitor Hugo Quima. **Evangélico**: contribuição à semântica histórica (1858-1917). 2017. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e Política**: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DIAS, Caroline Luz e Silva. **Os Neopentecostais em Feira de Santana**: “Da Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel”. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: Da Constituinte ao Impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MARTINS, Paulo Cezar Borges. **Entra, Entra, “Inda Há P’ra Ti Lugar”**: pentecostalismo e cidadania do negro no Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

MELLET, Luiz Ernesto. **A Retórica do Sobrenatural na TV**: um estudo da persuasão no neopentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

QUEIROZ, Marcos Oliveira de. **“Quando os Justos Governam, o Povo se Alegria”**: Uma análise sobre a Assembleia de Deus e a política em Eunápolis (1988-2016). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. **Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social**: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva. 2021. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

RODRIGUES, Kleber Fernando. **“Vida e Vida com Abundância” – Teologia da Prosperidade, Sagrado e Mercado:** Um estudo de afinidade eletiva entre TP, o Mercado e a Ética de Consumo da Igreja Universal do Reino de Deus. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SANTOS, Adriana Martins dos. **A Construção do Reino:** A Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002). 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Edjaelson Pedro da. **Súditos e Protestantes:** O impacto da propaganda protestante no sistema jurídico do Brasil Império (1835-1889). 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu Reino não é Deste Mundo”** - A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. **O movimento de renovação espiritual no Brasil e a cisão entre os batistas brasileiros.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes da. **Romaria do Bom Jesus da Lapa:** reprodução social da família e identidade de gênero feminina. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVEIRA, Marcelo. **O Discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais.** Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VILELA, Márcio A. Ferreira. **Discursos e Práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970:** Diálogos entre religião e política. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho Batista no Brasil:** Uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009.

PÁGINAS DA INTERNET

Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

CAPLER, Rodolfo. **Por que milhões de evangélicos estão abandonando suas igrejas?** Disponível em: www.bandab.com.br. Acesso em: 13 mai. 2022.

Convenção Batista Baiana. Disponível em: www.cbbaiana.org. Acesso em: 16 jan. 2022.

Decreto Nº 119-A, de 7 de Janeiro de 1890. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DORNELLES, Amaro Augusto. **Há uma Frente Evangélica pelo Estado de Direito.** Nem todo evangélico é de direita. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/61422/ha-uma-frente-evangelica-pelo-estado-de-direito-nem-todo-evangelico-e-de-direita>. Acesso em: 20 mai. 2022.

Emancipação de Vitória da Conquista. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/historico>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Estrutura administrativa da CBB. Disponível em: www.convencaobatista.com.br. Acesso em: 03 jan. 2022.

FAGUNDES, Quico. **Com jeito de Pimenta e com sabor de Deus.** Disponível em: <http://monergismo.com>. Acesso em: 10 set. 2020.

GRUBER, Arthur. **Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença.** São Paulo: Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. (14.04.2020). Acesso em: 03 jun. 2020.

Grupo Record. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Record. Acesso em: 16 nov. 2021.

História Rádio Melodia. Disponível em: www.melodiaconquista.com.br. Acesso em: 18 dez. 2020.

Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/nossa-historia/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Igreja da Rua Azusa. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/herois-da-fe-william-seymour-o-pioneiro-do-avivamento-da-rua-azusa.html>. Acesso em: 23 mai. 2022.

Impeachment de Dilma Rousseff. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

Letras musicais. Disponível em: www.letras.mus.br. Acesso em: 10 dez. 2020.

Lideranças políticas. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/silas-lima-malafaia>. Acesso em: 03 dez. 2021.

Mapa Estratégico da CBBA. Disponível em: www.cbbaiana.org. Acesso em: 03 fev. 2022.

PASSARINHO, Nathalia. **Como pensam evangélicas, que podem definir eleição para presidente.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61338823>. Acesso em: 02 jun. 2022.

Primeiro Templo da Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <http://templosassembleianos.blogspot.com/2009/08/fotos-antigas-de-templos-da-assembleia.html>. Acesso em: 24 mai. 2022.

Quem somos como batistas. Disponível em: www.convencaobatista.com.br. Acesso em: 19 abr. 2021.

Rede Gospel. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Gospel. Acesso em: 16 nov. 2021.

Rede Mundial. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Mundial. Acesso em: 16 nov. 2021.

Silas Malafaia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas_Malafaia. Acesso em: 03 dez. 2021.

Tripallium. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tripálio> Acesso em: 29 abr. 2020.

VEIGA, Livan Chiroma. “Eu”vangélicos? Disponível em: <https://lchiroma.blogspot.com/2015/04/euangelicos.html>. Acesso em: 15 abr. 2015.

Vitória da Conquista. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/vitoria-da-conquista.html> Acesso em: 26 set. 2019.

VPC. História dos Vencedores Por Cristo. Disponível em: www.vpc.com.br. Acesso em: 16 nov. 2020.

OUTRAS FONTES

Agenda ABASB biênio 2020/22

Canal Gospel Igreja Renascer – Projeto Gideão.

Canal do You Tube Silas Malafaia Oficial

Depoimento de Vivian Nascimento Moraes de Santana

Documento de Genor Calixto Moreira

Google Maps

Rádio Melodia Conquista 87.9 FM

APÊNDICES

APÊNCICE A

PESQUISA DE CAMPO

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Centro de Educação

Doutorado em Ciências das Religiões

Aluno: João Batista Vicente do Nascimento

Período: 2022

Realizada na Associação Batista do Sudoeste da Bahia - ABASB, Com igrejas filiadas à CBB

Questionário – Líderes das Igrejas

Critério de escolha: Liderança do corpo diretivo da Denominação Batista no sudoeste da Bahia – ABASB (Pastores e missionários/as)

Abordagem: membros acima de 18 anos

Questionário desenvolvido no Google Forms, conforme link abaixo:

https://docs.google.com/forms/d/1PBf1ktkZHM9hlzYZckXa2Cq_hNc3aXEFmyWZbSpT3o/edit

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX: DO PENTECOSTALISMO AOS BATISTAS TRADICIONAIS NO SUDOESTE BAIANO, desenvolvida por JOÃO BATISTA VICENTE DO NASCIMENTO, aluno regularmente matriculado no DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Dr. CARLOS ANDRÉ MACÊDO CAVALCANTI.

Os objetivos da pesquisa são: identificar a trajetória histórica e a dinâmica das relações entre a Denominação Batista ligada ao movimento histórico tradicional e, pentecostal e neopentecostal no que concerne à representação política e o doutrinamento da teologia da prosperidade, tendo como espaço de observação Vitória da Conquista e/ou cidades do sudoeste baiano.

Foi escolhida a liderança (pastores e missionários/as) da Associação Batista do Sudoeste Baiano – ABASB; bem como membros de igrejas vinculados à ABASB, representando a Denominação Batista, com idade acima de 18 anos integrantes da Convenção Batista Brasileira – CBB.

A participação do(a) sr.(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor. Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

O aceite também corresponde à sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o seu nome será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Ao aceitar, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos da pesquisa.

Pesquisador Responsável: Prof. Me. João Batista Vicente do Nascimento

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Marcelino Rosa, 49 – Bairro Recreio – Vitória da Conquista-Ba – CEP: 45020-520 – Fone: (77)98808-4420 – E-mail: joabatistahistoriauneb@gmail.com.

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br. – Fone: (83)3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa – PB – CEP: 58.051-900.

1. Concordo

☐ Sim ☐ Não

2. Sexo:

☐ Masculino ☐ Feminino

3. Qual a sua faixa etária?

☐ Entre 18–25 anos ☐ Entre 25–35 anos ☐ Entre 35–45 anos ☐ Entre 45–55 anos ☐ Entre 55–65 anos ☐ Entre 65–75 anos ☐ Entre 75–85 anos ☐ Acima de 85 anos

4. Qual o seu grau de escolaridade?

☐ Primeiro grau incompleto ☐ Primeiro grau completo ☐ Segundo grau incompleto ☐ Segundo grau completo ☐ Nível superior incompleto ☐ Nível superior completo ☐ Pós-graduação ☐ Prefiro não informar

5. Tem formação em Teologia?

☐ Sim ☐ Não ☐ Cursando ☐ Prefiro não informar

6. Possui outra Graduação ou Pós-Graduação?

Informar:

7. Tempo de ministério como pastor e/ou missionário/a na Denominação Batista?

☐ Entre 01–10 anos ☐ Entre 10–20 anos ☐ Entre 20–30 anos ☐ Entre 30–40 anos ☐ Entre 40–50 anos ☐ Entre 50–60 anos ☐ Acima de 60 anos

8. Como pastor Batista, e/ou missionário/a, que cargo ocupa na Igreja?

☐ Pastor titular ☐ Pastor auxiliar ☐ Pastor da juventude ☐ Líder de igreja ☐ Líder de congregação ☐ Vice-presidente ☐ Comissão de finanças ☐ Conselho fiscal ☐ Líder de projeto social ☐ Ministro de música ☐ Líder de departamento infantil ☐ Líder da escola bíblica dominical ☐ Outros(citar):

9. Você conhece a respeito da teologia da prosperidade?

☐ Sim ☐ Não

10. Se sim, poderia falar a respeito? (Pode usar o espaço necessário abaixo):

11. Qual o grau você considera a ênfase dada pela igreja da qual é membro em relação à cura de doenças?

- () Muito elevado () Elevado () Médio
() Baixo () Baixíssimo () Outros

12. Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à cura de doenças, qual o seu posicionamento?

13. Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à prosperidade financeira (condição financeira e bens materiais), qual o seu posicionamento?

14. Um dos princípios históricos da Denominação Batista é a separação entre Igreja e Estado. Sobre esse aspecto:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
() Discordo totalmente () Discordo parcialmente
() Prefiro não responder () Outros

15. Sobre A Denominação Batista ter representantes eleitos para mandato no Congresso Nacional (pastores e/ou membros da Igreja), você:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
() Discordo totalmente () Discordo parcialmente
() Prefiro não responder () Outros

16. Sobre denominações ligadas ao movimento pentecostal e neopentecostal que costumam ter representantes na política?

- () A igreja deve se envolver pois precisa influenciar o estado () A igreja não deve se envolver pois precisa ser separada do estado () A igreja deve ter seus representantes para defender os seus interesses () A igreja não deve se envolver pois essa não é a sua função () Outros:

17. No Congresso Nacional, você se sente representado/a pela Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica?

- () Sim () Não () Às vezes () Outros

18. Você costuma votar em candidatos que se apresentam como evangélicos?

- () Sempre () Quase sempre () Raramente () Nunca

19. Sobre a candidatura de pastores a cargos políticos:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
() Discordo totalmente () Discordo parcialmente
() Prefiro não responder () Outros

20. Sobre a candidatura de membros da igreja a cargos políticos:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
() Discordo totalmente () Discordo parcialmente
() Prefiro não responder () Outros

APÊNCICE B

PESQUISA DE CAMPO

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Centro de Educação

Doutorado em Ciências das Religiões

Aluno: João Batista Vicente do Nascimento

Período: 2022

Realizada na Associação Batista do Sudoeste da Bahia - ABASB, Com igrejas filiadas à CBB

Questionário – Membros das Igrejas

Critério de escolha: As igrejas utilizam o batismo como critério para tornar-se membro

Abordagem: membros acima de 18 anos

Questionário desenvolvido no Google Forms, conforme link abaixo:

https://docs.google.com/forms/d/1BegA2lSYADQFzB8siTnC9kONFdsdIPf_YtqnIHNnkrQ/edit

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E POLÍTICA NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX: DO PENTECOSTALISMO AOS BATISTAS TRADICIONAIS NO SUDOESTE BAIANO, desenvolvida por JOÃO BATISTA VICENTE DO NASCIMENTO, aluno regularmente matriculado no DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Dr. CARLOS ANDRÉ MACÊDO CAVALCANTI.

Os objetivos da pesquisa são: identificar a trajetória histórica e a dinâmica das relações entre a Denominação Batista ligada ao movimento histórico tradicional e, pentecostal e neopentecostal no que concerne à representação política e o doutrinamento da teologia da prosperidade, tendo como espaço de observação Vitória da Conquista e/ou cidades do sudoeste baiano.

Foi escolhida a liderança (pastores e missionários/as) da Associação Batista do Sudoeste Baiano – ABASB; bem como membros de igrejas vinculados à ABASB, representando a Denominação Batista, com idade acima de 18 anos integrantes da Convenção Batista Brasileira – CBB.

A participação do(a) sr.(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor. Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

O aceite também corresponde à sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o seu nome será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Ao aceitar, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos da pesquisa.

Pesquisador Responsável: Prof. Me. João Batista Vicente do Nascimento

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Marcelino Rosa, 49 – Bairro Recreio – Vitória da Conquista-Ba – CEP: 45020-520 – Fone: (77)98808-4420 – E-mail: joabatistahistoriauneb@gmail.com.

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br. – Fone: (83)3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa – PB – CEP: 58.051-900.

1. Concordo

☐ Sim ☐ Não

2. Sexo:

☐ Masculino ☐ Feminino

3. Qual a sua faixa etária (idade)?

☐ Entre 18–25 anos ☐ Entre 25–35 anos ☐ Entre 35–45 anos
☐ Entre 45–55 anos ☐ Entre 55–65 anos ☐ Entre 65–75 anos
☐ Entre 75–85 anos ☐ Acima de 85 anos

4. Qual o seu grau de escolaridade?

☐ Não alfabetizado/a ☐ Primeiro grau incompleto ☐ Primeiro grau completo
☐ Segundo grau incompleto ☐ Segundo grau completo ☐ Nível superior incompleto
☐ Nível superior completo ☐ Pós-graduação ☐ Prefiro não informar

5. É membro de qual igreja? (Informar o nome da igreja)

6. Desde quando é membro da igreja?

☐ Membro fundador ☐ Anos 1970 ☐ Anos 1980 ☐ Anos 1990
☐ Anos 2000 ☐ Entre 2000 e 2015 ☐ Após 2015

7. Sobre a motivação para tornar-se membro dessa igreja?

☐ De forma espontânea ☐ Questões doutrinárias ☐ Influência familiar
☐ Influência de amigos/as ☐ Pela localização (moradia) próxima da igreja
☐ Influência de algum pastor da igreja ☐ Outros:

8. Você participa de alguma atividade da igreja?

☐ Apenas frequento os cultos ☐ Escola bíblica dominical como ouvinte ☐ Coral
☐ Escola bíblica dominical como professor/a ☐ Grupo musical ☐ Grupo de teatro
☐ Grupo de oração ☐ Campo missionário ☐ Grupo de louvor ☐ Recepcionista
☐ Ornamentação e arrumação ☐ Som/iluminação ☐ Projetos sociais ☐ Outros:

9. Você conhece a respeito da teologia da prosperidade?

☐ Sim ☐ Não

10. Se sim, poderia falar a respeito? (Pode usar o espaço necessário abaixo):

11. Qual o grau você considera a ênfase dada pela igreja da qual é membro em relação à cura de doenças?

- () Muito elevado () Elevado () Médio
 () Baixo () Baixíssimo () Outros:

12. Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à cura de doenças, qual o seu posicionamento?

13. Sobre igrejas (pentecostais, neopentecostais ou batistas) que dão ênfase constante à prosperidade financeira (condição financeira e bens materiais), qual o seu posicionamento?

14. Sobre A Denominação Batista ter representantes eleitos para mandato no Congresso Nacional (pastores e/ou membros da Igreja), você:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
 () Discordo totalmente () Discordo parcialmente
 () Prefiro não responder () Outros

15. Sobre denominações ligadas ao movimento pentecostal e neopentecostal que costumam ter representantes na política?

- () A igreja deve se envolver pois precisa influenciar o estado () A igreja não deve se envolver pois precisa ser separada do estado () A igreja deve ter seus representantes para defender os seus interesses () A igreja não deve se envolver pois essa não é a sua função () Outros

16. No Congresso Nacional, você se sente representado/a pela Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica?

- () Sim () Não () Às vezes () Outros

17. Você costuma votar em candidatos que se apresentam como evangélicos?

- () Sempre () Quase sempre () Raramente () Nunca

18. A sua escolha política através do voto é feita por?

- () Minha igreja não faz indicação política () Indicação da coordenação geral da igreja
 () Indicação estadual da igreja () Indicação regional da igreja () Indicação da igreja local
 () Indicação do pastor da igreja () Indicação de outros membros da igreja
 () Escolho o meu voto independente do posicionamento da igreja

19. Sobre a candidatura de pastores a cargos políticos:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
 () Discordo totalmente () Discordo parcialmente
 () Prefiro não responder () Outros:

20. Sobre a candidatura de membros da igreja a cargos políticos:

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente
 () Discordo totalmente () Discordo parcialmente
 () Prefiro não responder () Outros: